

GUNNAR STAALESEN

ESTAVA ESCRITO

O que
realmente
sabemos
sobre nossos
filhos?

VESTÍGIO



GUNNAR STAALESEN

ESTAVA ESCRITO

O que realmente sabemos sobre nossos filhos?

Traduzido do inglês por Elisa Nazarian

VESTÍGIO

*Meu editor dinamarquês e amigo, Erik Vagn Jensen,
morreu antes que este livro estivesse terminado.
Dedico-o, respeitosamente, à sua memória.*

*Ainda que eu chamasse, e ele me respondesse,
não poderia crer que estivesse escutando a minha voz.*

Jó 9.16

Um

Quando numa sexta-feira à tarde, em fevereiro, o juiz H. C. Brandt, de 70 anos, foi encontrado morto em um dos melhores hotéis da cidade, vestido apenas com roupas íntimas femininas bem ordinárias, os boatos logo começaram a circular.

Cada nova descoberta provocava ataques de riso desenfreados nas mesas dos jornalistas do Wesselstien Pub, e não se economizavam detalhes, enriquecidos além da conta. Da mesma maneira, eu tive direito à minha cota de especulações, vindas do meu velho colega de escola, Paul Finckel, ele também um repórter, quando nos encontramos no Exchange para uma cerveja e um sanduíche alguns dias depois.

O fato de o juiz ter sido encontrado em roupas íntimas femininas por si só já era ruim o suficiente. Não se pouparam suposições quanto à cor que as peças ordinárias teriam. As favoritas eram, de longe, o rosa e o vermelho, embora algumas pessoas defendessem ferrenhamente a ideia de que seriam verde-limão. Por fim, chegou-se ao consenso de que o mais provável era que fossem pretas.

Especulava-se também, intensamente, sobre quem teria estado com ele no quarto do hotel. Ninguém acreditava que ele estivesse ali sozinho.

Um grupo estava convencido de que deveria ser um homem, já que era o próprio juiz quem usava as roupas femininas. Mas como ninguém jamais tinha ouvido o nome dele associado a qualquer comunidade gay, e uma vez que era casado e avô, caso ele fosse realmente gay, o fato de ser enrustido tinha sido escancarado sem dó. E quem poderia afirmar que seu suposto companheiro não pertencesse ao mesmo grupo? Se assim fosse, não faltavam suspeitas quanto à sua identidade nas mesas da imprensa, mas não havia nenhuma prova concreta.

Alguns estavam convencidos de que o juiz estava tendo um caso há anos com uma de suas colegas, e quando o nome dela foi mencionado, um murmúrio de escândalo abafado percorreu o ambiente.

Nas mesas onde havia apenas repórteres homens, alguns nomes de

mulheres de seu próprio círculo pessoal foram mencionados; entre eles, o de uma proeminente jornalista de um dos jornais de Oslo, e outro, não tão conhecido, do programa *Hoje*, da Corporação Norueguesa de Radiodifusão.

Outros se limitaram a dar de ombros, sugerindo que o juiz simplesmente estivera ali com uma prostituta, ou um prostituto, que importava? Mais uma cerveja, por favor.

Ninguém foi além, especulando sobre a verdadeira causa da morte.

Provavelmente, a maioria deduziu que tinha sido algo relacionado ao coração.

Dois

Quando voltei do enterro, ela estava sentada na sala de espera.

Era um desses dias de fevereiro que existem às dezenas, apesar de ser o mês mais curto. Fevereiro é um parêntese no ano. A declaração do imposto de renda já foi entregue, o movimento dos turistas ainda não começou, e nada acontece. Um sufocante frio úmido se estendia sobre uma Bergen coberta de neve, fazendo tal pressão que só se conseguia caminhar ereto sob a força da depressão. Nas sarjetas, depositava-se uma neve derretida, barrenta, e as montanhas que circundavam a cidade mal apareciam através de um nevoeiro denso, tão persistente que não se dispersou mesmo depois das rajadas de vento previstas. Como os botões de latão no colete de um esquecido boneco de neve, mal se podiam entrever as luzes do teleférico subindo a encosta da montanha, e a iluminação da rua ficava acesa até o meio-dia.

O funeral também não havia sido exatamente um acontecimento. Ninguém tinha dançado sobre o caixão de Lasse Wiik, ainda que, em alguns dos momentos mais tenebrosos da minha vida, eu pudesse ter me imaginado fazendo justamente isso. Mas haviam se passado anos demais desde minha separação de Beate, para que a morte de seu novo marido agora me tocasse mais a fundo. E, de qualquer modo, ele também não era uma grande novidade. Estavam casados desde 1975, e ela tinha vivido com ele muito mais tempo do que comigo.

Depois do enterro, fiquei bem no fim da fila de cumprimentos. Ao lhe dar um abraço formal murmurando um pedido de desculpas, ficamos por um momento evitando nos olhar.

– Pelo menos foi rápido – eu disse.

– Ele ficou afastado por doença durante quase um ano – ela contra-argumentou.

Seu rosto continuava quase igual, talvez um pouquinho mais pontudo na área do queixo, quase como uma caricatura.

– O que você está pensando fazer agora? – perguntei.

Seus olhos resvalaram por mim em direção ao lago Store Lungegårdsvann, e à silhueta dos edifícios em Nedre Nygård. A ampla intersecção da rodovia, finalizada em 1989, parecia uma espécie de instrumento enorme que algum dentista gigante tinha inadvertidamente deixado para trás.

– Não sei ao certo, na verdade... talvez só voltar pra casa.

– Pra casa? Você quer dizer... pra Stavanger?

– É.

Aproximei-me de Thomas e Mari, ficando próximo a um grupo de pessoas que eu não conhecia.

– Quando é que vocês dois vão voltar? – perguntei.

– Vamos pegar o trem noturno no final do dia. Tenho que estar em um seminário amanhã – respondeu Thomas.

– Vocês teriam um tempo pra dar uma chegadinha em casa antes de irem embora? – perguntei.

Os olhos dele voltaram-se rapidamente para a namorada.

– Poderia ser ótimo mesmo. O que você vai fazer agora?

– Acho que vai haver uma reuniãozinha para os mais chegados... – respondi.

Fevereiro é um mês miserável, com uma luz tão débil quanto o desejo de não fazer nada. Lasse Wiik tinha, de fato, acertado na escolha do porto de onde zarpar. O inverno ainda se estendia como uma película sobre o fiorde. A primavera era só um vislumbre distante de uma vida da qual, de qualquer modo, como um doente cardíaco, ele não poderia participar. Por um momento, quase o invejei.

Depois, me despedi formalmente dos enlutados com seus trajes negros, e desci caminhando para Møllendalsveien, onde o carro me esperava gelado e inamistoso, bem de acordo com o mês. Dirigi até a cidade, estacionei na esquina de onde eu morava, e fui até o escritório. Se precisasse do carro não levaria mais de dez minutos para voltar até ele, e considerando o padrão desenvolvido pelo tráfego da cidade nos últimos anos, aquele era o melhor ponto de partida para qualquer lugar que se quisesse ir.

Comprei alguns jornais e quase os deixei cair ao ver alguém sentado na minha sala de espera. A maioria das pessoas me contatava por telefone, e os que apareciam quando eu estava fora raramente se arriscavam a esperar. A

única conclusão era que se tratava de alguma coisa urgente.

Quando entrei, ela rapidamente colocou de lado a revista de papel brilhante de 1974, e se levantou. Ao ver a revista, pensei que talvez devesse me propor a visitar o livreiro antiquário mais próximo, e sair de lá com todo o estoque. Pelo menos compensaria algumas revistas da década de 1990.

– Olá. Sou Veum – eu disse ao me apresentar. – Estava me esperando?

– Bom, estava torcendo pra isso, quero dizer, que o senhor aparecesse. – Ela me olhou com ar de interrogação, mas com certa distância no olhar. – Sou a senhora Skagestøl.

Apertamos as mãos, abri a porta do escritório e a convidei a entrar. Ela usava um perfume que cheirava a limão. Tinha optado por um aroma com toque outonal: uma paisagem que se olhou à distância, com tempo claro, mas onde nunca se penetrou.

Ao entrar no meu escritório, ela rapidamente deu uma olhada em torno. Indiquei-lhe a cadeira de visitantes, perguntando-lhe se deveria acender a chaleira para preparar um café.

– Não, obrigada... Não é preciso.

Contornei a escrivaninha, sentei-me, abri a gaveta superior, tirei um caderno e algo com que anotar. Por alguns segundos ficamos ali sentados, olhando um para o outro, como dois oponentes políticos num encontro cara a cara na TV, trinta segundos antes de ir ao ar.

Ela estava no começo da casa dos quarenta e tinha cabelos claros. Usava uma jaqueta esporte marrom e bege na altura da cintura, um jeans novo desbotado, e botas pretas de cano curto. Trazia uma bolsa marrom avermelhada a tiracolo. Seu rosto era destacado, com sobrancelhas claras arqueadas, maçãs do rosto protuberantes, e uma boca que perdera o sorriso fácil que já tivera, a julgar pelas linhas ao redor dos olhos. Usava maquiagem discreta, e uma corrente simples de ouro ao redor do pescoço fino. Entrelaçou os dedos e esticou os braços, com as palmas das mãos voltadas para mim – uma demonstração bem clara de que não tinha realmente vontade de começar.

Empurrei o caderno para o lado, como que para lhe dar um pouco mais de segurança.

– Não entendi seu... primeiro nome...

– Sidsel. Com um “d”.

– E em que posso servi-la?

Ao me olhar, seus olhos novamente assumiram um ar de distanciamento.

– Nunca... nunca pensei que me veria numa situação em que precisaria recorrer aos serviços de, ah... de alguém como o senhor.

– Vamos dar nome aos bois, a senhora quer dizer um detetive particular. – Coloquei a mão sobre o lado esquerdo do meu peito e reclinei para trás com um sorriso. – Mas no fundo, no fundo, sou um sociólogo.

– É mesmo? É essa a sua formação?

Assenti.

– Não contei ao meu marido que eu... Bom, de qualquer modo... estamos separados.

– Entendo.

– Não acho realmente que ele iria... Talvez o senhor tenha ouvido falar nele. Holger Skagestøl.

– O jornalista?

– É, agora ele faz parte do conselho editorial.

– Ah, entendo. Bom, conheço o nome e sei quem é, mas acho que nunca o encontrei.

– Não, bem... – Ela abriu a bolsa e remexeu em busca de alguma coisa, antes de olhar ao redor com ar de interrogação. – Posso fumar?

Abri a segunda gaveta e tirei um pequeno cinzeiro de cerâmica que Thomas fizera uma vez na escola.

– Claro.

– O senhor mesmo não fuma?

– Não, meus vícios são outros.

Ela deu um ligeiro sorriso, colocou o cigarro na boca e o acendeu.

– Eu também não fumo muito, mas...

– Mas a senhora não veio aqui pra me dizer isso, não é?

Ela me olhou, surpresa.

– Não.

Acenei para ela, encorajando-a a ir em frente.

– Temos três filhos: Torild com dezesseis anos, Vibeke, quinze, e Stian,

dez.

– Hum. Talvez o assunto tenha a ver com um deles?

– Tem, Torild. Com “d”.

– Uma tradição familiar?

Ela nem mesmo esboçou um sorriso:

– É, pode-se dizer que sim.

– E o que aconteceu com ela?

Ela tragou o cigarro com um jeito nervoso, e exalou como se quisesse fumar o cômodo.

– Ela desapareceu. Faz quase... uma semana que está fora de casa!

– Hã?

O fato de o gato ter finalmente mostrado o rabo também parecia ter soltado sua língua.

– Não pude deixar de notar que depois que nós, bom, depois da separação, ela não estava, hum, feliz, por assim dizer, mas nunca, não, algumas vezes ela chegou um pouco tarde em casa, mas nunca fiquei de pé esperando por ela, até que chegasse em casa, mas na última quinta-feira nem cheguei a ir pra cama, porque ela não voltou pra casa!

– Hã? Onde ela estava?

– Bom, o senhor vê, eu pensei que, mas ela também não tinha ido pra escola. Acontece que ultimamente ela andou faltando muitas vezes, sem que eu soubesse. Eu... É claro que pensei que ela estivesse na casa de alguma amiga, então dei uns telefonemas, mas ela também não estava na casa de nenhuma delas. Então eu pensei, bom, ela vai voltar pra casa quando tiver fome; aí o tempo foi passando, anoiteceu, e ela simplesmente não apareceu.

– Então, o que a senhora fez?

– Bom, de qualquer modo, naquela sexta-feira não era pra ela estar na escola. Era dia de reunião dos professores. Então eu telefonei pro Holger.

– E o que foi que ele disse?

– Bom, é óbvio que ele começou a me fazer as mesmas perguntas, se eu tinha falado com tal e tal pessoa, e por que eu não o tinha deixado a par de que ela estava um pouco alterada, e que talvez ela tivesse um namorado...

– E tinha?

– Um namorado? – Sua expressão era a de que mal soubesse o que a palavra significava. – Um namorado fixo não. Não que eu saiba. Mas agora eu percebo, bom, também tenho os outros para cuidar e não é tão fácil, com tudo que aconteceu com Holger e todo o resto, não tenho culpa de que as coisas dessem errado!

– Não, sei que não.

– O que o senhor quer dizer?

– Bom, eu... Não existe um namorado, certo?

– Não que eu saiba.

– A senhora perguntou às amigas dela sobre isso? Geralmente elas sabem mais do que...

– Pelo menos nenhuma delas disse nada!

– Alguma vez ela teve alguma coisa a ver com... Bom... Drogas, álcool, polícia?

– Não, ela... – A mulher afastou o olhar momentaneamente. – Bom, claro, na verdade houve vezes em que ela veio pra casa cheirando a cerveja, e faz tempo que ela fuma. – Olhou para seu próprio cigarro com desgosto; agora metade dele já tinha ido embora.

– Mas não posso de fato dizer que ela estivesse sempre, hã, bêbada...

– Isso não parece tão raro, infelizmente. A senhora disse que ela tem dezesseis anos?

– É. O aniversário dela foi em janeiro.

– Então ela está no nono ano?

– Está. Na Escola Nattland. Moramos em Furudalen, deste lado da montanha Natland.

– Entendo. – Eu tinha começado a tomar notas.

Ela me olhou escrevendo. – O nome da professora responsável é Sandal. Helene Sandal.

– Já anotei. Ela tem alguma amiga especialmente próxima?

– Bom... Åsa.

– Hã?

Ela deu uma olhada no meu caderno.

– Åsa Furebø. Ela e... seus pais, eles eram amigos nossos, meus e de Holger, antes... Mas no começo Holger e Trond é que eram amigos, então depois... Mas eu encontro a Randi na cidade, pra um café, a gente conversa, quero dizer, eu e ela.

– E onde eles moram?

– Em... Birkelundsbakken. Não muito longe de onde ficava a igreja de madeira, antes de pegar fogo...

– Mas a senhora falou com ela? Com a Åsa?

– Foi a primeira pessoa a quem eu telefonei.

– E ela também não sabia de nada?

– Não, ela não estava na casa deles.

– Mas... quinta, sexta... Agora já faz quase uma semana.

– É. Primeiro eu pensei, bom, o fim de semana, com certeza ela vai voltar no fim de semana; mas depois eu pensei, tudo bem, a escola recomeça na segunda-feira, mas...

– Olhe, pra ser franco, uma garota que nunca sumiu desse jeito antes – ou sumiu?

– Torild? Sumir? Não, desse jeito não.

– Desse jeito não?

– Não, algumas vezes ela voltou tarde.

– Tarde quanto?

– De manhã, mas foi quando vinha de festas, e eu, bom, na primeira vez ela ficou de castigo, mas depois, veja bem, não dá pra trancar os jovens, dá?

– Não, acho que não. Onde ela havia estado das outras vezes? Vocês duas conversaram sobre isso?

– Não, ou melhor, sim, em baladas e coisas na cidade, e de vez em quando em festas.

– Recentemente, ou antes?

– Ah... Neste último ano, pelo menos.

– Em outras palavras, quando ela ainda tinha quinze anos?

– É! – Houve um brilho de irritação nos olhos dela, então. – O senhor vê, não era sempre que Holger estava em casa antes da meia-noite, isto é, depois que ele assumiu a responsabilidade no trabalho, como ele delicadamente colocou. Mas por quem ele era responsável?, eu me pergunto. De qualquer modo, eu tinha os outros dois pra me preocupar. Vibeke é um tipo completamente diferente, muito mais caseira, e Stian, bom, ele ainda é pequeno, e a gente só quer fazer o melhor que pode pelos filhos, não é?

– Claro que sim.

– O senhor tem...

– Tenho, um filho. Mas agora ele já está crescendo.

– E ele está se saindo bem?

– Está. Está estudando em Oslo.

– O senhor acha que vai conseguir encontrá-la?

– Ah, eu... Tem uma coisa que preciso perguntar... A senhora entrou em contato com a polícia, não entrou?

– É, nós... isto é... Fiz Holger ligar todos os dias do escritório pra ver se tinha alguma novidade, o senhor sabe, do jeito que as pessoas fazem.

– É, compreendo, mas então... nada a ver exatamente com uma investigação?

– Não, no atual estado de coisas, Holger achou que ela fosse aparecer.

– Então, a senhora não falou com eles?

– Com a polícia? Não.

– Mas se seu marido não quis a polícia envolvida, como acha que ele reagiria se eu...

– Mas o senhor não precisa conversar com ele, precisa?

– Talvez logo de cara, não, mas... Não posso garantir.

– Desde que a encontre... As coisas entre mim e Holger estão... bom, seja o que for. Não é importante.

– Claro que vou fazer o possível. Afinal de contas, tenho muita experiência, especialmente em assuntos desse tipo.

Ela voltou a abrir a bolsa.

– Quanto isso...

– O custo? Ah... Olhe, a senhora não me disse nada a seu respeito. A senhora trabalha?

– Não, não trabalho mais. Mas tenho prática como professora de jardim da infância, então, eu deveria *saber*, não deveria?

– Sobre crianças, é o que quer dizer?

– Hum, hum – ela concordou.

– Mas nunca se sabe, não é? Crianças são como adultos, só que ainda menos previsíveis, é isso.

Ela retirou um talão de cheques.

– Quanto devo preencher?

– Se levar alguns dias, logo chegará a cinco ou seis mil coroas.

Reparei que seus olhos se arregalaram ligeiramente.

– Mas olhe, coloque apenas dois mil, como um adiantamento. Se tivermos sorte, isso deve bastar.

Ela começou a preencher o cheque, destacou-o e o empurrou para mim por sobre a mesa, junto com um cartão do banco. Olhei a foto. Seu cabelo era então mais comprido, e suas maçãs do rosto não eram tão pronunciadas, mas não fiz qualquer comentário.

Devolvi o cartão para ela.

– A senhora não tem uma foto dela, tem?

– Claro que tenho. Trouxe... – Ela exibiu uma página arrancada de jornal, e a entregou para mim com um ligeiro ar de desculpa. – Foi Stian quem mandou.

Olhei a página. Era uma dessas colunas de cumprimentos, que a maioria dos jornais tem tido agora nos últimos anos, para onde a pessoa manda uma foto de alguém a quem ela deseja parabenizar, muitas vezes com uma trovinha que faria até o mais humilde poeta de ocasião parecer um gênio literário.

No caso em questão, o texto era bastante sóbrio: *Parabéns no décimo sexto aniversário de nossa irmã mais velha, Torild, dos pequenos trolls Vibeke e Stian*. A foto mostrava uma garota de expressão dura, olhando direto para a câmera em uma foto de cabine automática.

– É a mais recente que nós temos – disse Sidsel Skagestøl, se

desculpando.

– Qual é a cor do cabelo dela?

– Claro. Mas mais escuro do que o meu.

– E quais são suas outras características?

– Ela é bem delgada, mas... – ela corou ligeiramente –, mas bem-formada.

Depois que ela saiu, fiquei sentado ali por um tempo, olhando a pequena foto do jornal. Não havia indícios de curvas ali; no entanto, seu olhar era bem confiante, como se ninguém precisasse lhe contar como as pirâmides foram construídas, quem fora Vasco da Gama, ou qual a fórmula do sulfato de ferro.

Olhei para fora da janela. Já escurecia. Dei-me conta de que fevereiro era um mês perigoso para ficar vagando a esmo sozinha, especialmente quando se tem apenas 16 anos, e ninguém para lhe dizer o que fazer.

Justo quando eu estava para sair do escritório, o telefone tocou. Voltei rapidamente para a minha mesa, tirei o fone do gancho e disse:

– Sim. Alô? – Ninguém respondeu.

– Alô? Veum falando.

Ainda nenhuma resposta. Mas bem fraquinho, como se fosse uma interferência de fundo, pude perceber... O que seria? Uma espécie de música digital de órgão?

– Alô? – tornei a dizer com irritação.

E a melodia... Havia algo de familiar na melodia...

Era... – “Comigo habita”... Como em um funeral.

– Alô? – eu disse, desta vez com um pouco mais de cuidado, como se a chamada viesse direto da capela. – Tem alguém aí?

Mas continuei sem resposta. E então, a ligação foi cortada.

Três

A família Furebø morava em uma casa semigeminada, naquela parte de Birkelundsbakken onde nunca se sabe que marcha engatar quando se passa por lá. A mulher que abriu a porta da frente era corpulenta, com pouco mais de um metro e meio de altura, e cabelo escuro, cortado bem rente. Tinha o rosto redondo, olhos castanhos, e linhas de preocupação nos cantos da boca.

– Sim? Não queremos nada, se for...

– Senhora Furebø?

Ela assentiu. Vestia uma saia marrom, uma blusa verde-claro, e um colete folgado de camurça marrom avermelhado. Atrás dela pude ver um *hall* claro, com paredes amarelas.

– Me chamo Veum. Sou detetive particular. Fui contratado por Sidsel Skagestøl para tentar encontrar sua filha Torild, e gostaria de ter uma palavrinha com... Åsa sobre este assunto.

– O senhor quer dizer que ela ainda não apareceu? Sidsel me telefonou... Era...

– Acho que foi na quinta-feira passada.

– É. – Ela me olhou com ar cético. – O senhor tem alguma identificação?

Entreguei a ela minha carteira de motorista. Ela a manuseou como se fosse uma nota falsa.

– Aqui não diz nada sobre um... detetive particular.

– Não. Mas posso lhe dar alguns nomes para onde a senhora pode telefonar pedindo referências.

Ela devolveu minha carteira de motorista.

– Não, tenho certeza que está ok. Mas Åsa não está em casa agora.

Dei uma olhada no relógio. Eram 4h20.

– Mas... ela ainda está na escola?

– Não. Trond, meu marido, a pegou na escola. Eles... tinham que resolver

uma coisa juntos.

– Quando é que eles voltam, então?

– Bom...

Ela não precisou responder. Uma Mercedes branca fez uma curva para a entrada de carros, e estacionou no canto mais distante do pequeno gramado. A ignição foi desligada, e uma garota abriu a porta, saindo do lado do passageiro. À direção, vislumbrei um rosto magro, sob uma mecha de cabelo prateado, mas jovial.

A garota era muito bonita, com um cabelo escuro e sedoso, e lábios naturalmente vermelhos. Era esguia, usava jeans e uma jaqueta de couro vinho muito cara. Trazia uma mochila marrom claro a tiracolo, e calçava tênis brancos. No entanto, não se movimentava como um tipo esportivo, e sim como uma exausta estagiária de escritório. Seus olhos azuis registraram o fato de que eu estava lá, mas não demonstraram a menor curiosidade.

– Mas... – ouvi Randi Furebø dizer às minhas costas.

A outra porta bateu. Um homem magro e rijo veio em nossa direção. Usava calça de flanela cinza, um pulôver colorido, e uma parca bege aberta. A juventude de seu rosto era enfatizada pelo cabelo prematuramente grisalho, como se ele já tivesse passado pelo choque de alguma perda profunda. O olhar que me lançou era bem mais inquisitivo do que o da garota.

– Aí vêm eles – disse Randi.

A garota passou direto por nós e entrou no vestibulo, com nada além de um seco “oi” para sua mãe, que a seguiu com uma expressão bastante enigmática, antes de me lançar um olhar com um quê de resignação: *Adolescentes...*

O homem parou à minha frente.

Ela disse:

– Trond, este é Veum, uma espécie de detetive particular, e...

O rosto dele ficou cor de beterraba.

– O quê? Mas acabamos de vir de lá! Está tudo em ordem. Tudo resolvido.

– Não estou entendendo – comecei a dizer.

– Levamos a jaqueta de couro de volta, e eu mesmo comprei uma nova pra ela!

– É, eu reparei – disse Randi.

– A gerente disse que estava mais do que satisfeita com essa solução. Assim, ela disse que não tinha motivo pra procurar a polícia.

– Mas não é por *isso* que ele está aqui, Trond!

– Não?

– É por causa da Torild! Ela ainda não voltou...

– Hã? – Ele relaxou visivelmente.

– Ouça, Veum – ela disse –, isto foi uma coisa bem diferente; com certeza só um mal-enten...

– Não é preciso entrar em detalhes – interrompeu Furebø –, já que não se trata disso.

Ele se voltou para mim. – Sidsel já andou conversando com a Åsa. Duvido que ainda tenha alguma coisa que a gente possa contar pra você.

– Mas sua filha e Torild eram muito amigas, não eram?

– Muito amigas... Elas frequentam a mesma escola desde o primeiro ano, e a gente tem se encontrado socialmente com os pais dela há anos. O pai dela e eu somos colegas, mas talvez o senhor deva perguntar... – Suas palavras foram sumindo.

– Era exatamente o que eu estava pensando.

Ele tornou a olhar para sua mulher.

– Temos que *ajudá-lo*, Trond! Pobre Sidsel, ela deve estar ficando louca. E quando eu nem mesmo...

– Tá, tá... – Ele se voltou para mim. – Mas só se nós também estivermos lá.

– Ah, entendo.

Era óbvio que eu não parecia muito entusiasmado, porque ele acrescentou rapidamente:

– O senhor decide. Ou fala com ela na nossa presença, ou não fala de jeito nenhum!

– Ok, agradeço a oferta. – Olhei na direção da porta. – Bom, talvez nós possamos...

– Sim.

Randi abriu a porta e entrou à minha frente.

– Pode ir buscá-la? – ele disse. – Podemos conversar com ele aqui embaixo. – E me encaminhou para uma porta à direita.

Entrei numa salinha de televisão com um conjunto gasto de sofás de couro, fotos de família nas paredes, uma prateleira com livros aleatórios, e uma pequena lareira com uma cesta de lenha e uma pilha de jornais ao lado. Parecia frio e abafado, com paredes levemente pintadas com cal.

Depois de pendurar seu paletó no hall, Furebø me seguiu.

Virei-me para olhá-lo.

– Então, quer dizer que você também é jornalista?

– Não, trabalho com a parte gráfica. Trocando em miúdos, lido com a aparência do jornal.

– Entendi. Você é aquele que transforma os conflitos em guerras e as colisões em catástrofes, pelo menos no que diz respeito à apresentação?

Sua reação sugeriu já ter ouvido aquilo milhares de vezes.

– Errado – retrucou asperamente. O que ele mais me lembrava era um treinador de futebol num encontro com a imprensa no vestiário, logo depois de seu time ter perdido a Copa. – Essas escolhas são feitas por pessoas com um pouco mais de gabarito.

– Pessoas como Holger Skagestøl, talvez?

– Por exemplo.

Alguém pigarreou à porta, e Randi impeliu a filha para dentro do cômodo.

– Cá estamos nós. Este é o homem que gostaria de falar com você, Åsa.

Ela se livrou do braço da mãe sem abrir a boca.

Sorri e estendi a mão:

– Oi, Åsa! Me chamo Varg. Varg Veum.¹

Furebø reprimiu um bufo.

Ela apertou minha mão educadamente, mas praticamente sem qualquer vigor.

– Oi.

Ficou ali, à minha frente, parecendo confusa. Tinha tirado a jaqueta de couro, e a camisa branca fazia o possível para disfarçar a forma de seus

jovens seios.

Afastei-me de lado e olhei para o sofá, mas ninguém sugeriu que nos sentássemos.

Furebø olhou para o relógio e sua esposa disse:

– Sim, o jantar está pronto.

– Não vou tomar muito tempo. Você sabe do que se trata, não sabe, Åsa?

Ela assentiu.

– Sua amiga Torild. Ela não aparece em casa desde quinta-feira. Você tem alguma ideia de onde ela possa estar?

Ela sacudiu a cabeça.

– Não.

– Nada de nada?

Ela tornou a sacudir a cabeça, mas dessa vez em silêncio.

– Ela é amiga de algum menino, ou tem algum namorado que não quer que seus pais saibam?

Ela baixou o olhar.

– Não.

– Tem certeza?

Ela tornou a levantar os olhos.

– Pelo menos ninguém que eu saiba!

– Você tem absoluta certeza disso?

– Olhe aqui, Veum – interrompeu Furebø –, se vamos repetir cada pergunta pelo menos duas vezes, isto aqui vai levar um tempo enorme!

– Talvez vocês dois devam subir e começar, já que a pressa é tanta. Começar a jantar, é o que eu quero dizer.

Seu rosto ficou sombrio.

– Como eu disse lá fora, Veum! Você tinha duas escolhas!

– Está no forno – disse sua esposa, procurando tranquilizá-lo.

Ele lhe lançou um olhar irritado, mas não disse nada.

– Tudo bem, Åsa. Acredito em você. Mas me diga só uma coisa... Você e

Torild passaram muito tempo juntas, ultimamente?

Ela olhou para o lado.

– Não mais do que o normal.

– E o que isto quer dizer?

– Ah, algumas noites por semana.

– E o que vocês duas fazem, então?

– Ah... A gente fica em casa, conversando, vai à cidade assistir a um filme, coisas assim.

– Coisas assim. O que mais?

– Ah, talvez sair para um hambúrguer, quando temos dinheiro. – Deu um olhar velado para o pai. – Andarmos por aí dando uma olhada nas coisas, nas vitrines de roupas, lojas de disco, lugares assim.

– Em outras palavras, vocês vão pra cidade?

– Claro. Aqui não acontece nada!

– Só vocês duas?

– Não, quase sempre tem outras meninas, também.

– Quem, por exemplo?

– Ah, várias pessoas que a gente conhece, meninas da nossa classe, ou algumas que a gente conhece de antes, das Bandeirantes, essas coisas.

– Você é bandeirante?

– Não sou mais.

– Eu também não, quero dizer, não sou mais escoteiro.

Ela me olhou sem interesse.

– Então, são só meninas?

– Não. Algumas vezes a gente se encontra com alguns dos meninos.

– Da classe de vocês?

– Não, bom... eles são tão idiotas!

– Meninos mais velhos, então?

– É.

– Mas vocês os conhecem?

– A gente acaba conhecendo gente, né?

– Conhecem o suficiente pra saber o nome deles?

Ela deu de ombros.

– Alguns deles, talvez? – insisti. – E sabe onde eles moram?

Ela parou para pensar.

– Pode ser.

Sua mãe tamborilou os dedos, inquieta. O pai observou atentamente, com os lábios travados. Mas nenhum deles disse uma palavra.

– Torild estava saindo com algum desses meninos mais velhos?

Ela olhou no vazio.

– Não que eu tenha reparado.

– Mas ela *podia* estar saindo?

Ela tornou a dar de ombros.

– Huumm, bom... pode ser.

– De onde eles eram, esses meninos?

– De onde?

– É, quero dizer, eles eram da escola ou...?

– Alguns deles frequentam a Escola Católica – ela deixou escapar.

– E os outros?

– Dois deles são da Técnica. E outros não frequentam escola.

– Desempregados?

– Sei lá. Não perguntei pra eles. Já deu por hoje?

– Acho que sim – disse o pai. – Não parece que vamos conseguir muito mais do que isso.

Voltei-me para Åsa.

– Você não consegue se lembrar de nada que poderia nos ajudar a encontrar Torild, consegue?

Ela balançou a cabeça em silêncio.

– Ela nunca mencionou uma ida pra algum lugar? Oslo? Ou Copenhagen?

– Nem pensar! Onde é que ela ia arranjar dinheiro pra isso?

– Ah, não sei... Ela podia ir de carona... Não fica tão caro...

– Åsa está terminantemente proibida de pegar carona! – observou a mãe secamente.

– De qualquer modo, ela nunca mencionou nada desse tipo! – interrompeu Åsa.

– Nesse caso... – Escrevi meu nome e meu número de telefone no meu bloco de anotações, arranquei a página e entreguei a ela. – Se você se lembrar de qualquer coisa, por favor, entre em contato. Isto é, a não ser que você fale com a mãe dela diretamente.

Ela pegou o papel e o enfiou no bolso sem olhar.

Enquanto se dirigia para a porta, eu disse:

– Tchau!

– Tchau – ela murmurou e saiu, deixando a porta escancarada.

Randi fez um gesto vago, com uma expressão no rosto que mostrava que não tinha certeza do que fazer a seguir; olhou para o teto e disse:

– Humm, acho que é hora de jantar.

Acenamos um para o outro numa breve despedida.

Trond Furebø me acompanhou até a porta. Antes de sair, virei-me para olhá-lo:

– Talvez fosse uma boa ideia você e sua esposa conversarem sobre essas coisas com a Åsa. Pode ser que ela se abra mais com vocês.

Ele não respondeu.

– Se for o caso, ficaria agradecido se entrasse em contato comigo.

Ele concordou, com um curto aceno de pouco caso.

– Aquela história da jaqueta de couro...

– Eu disse que não era da sua conta, Veum!

– Mas...

– Até logo!

Por um momento ficamos nos encarando. Mas ele cerrou os lábios, e percebi que chegaríamos à violência física se tentasse arrancar mais dele

sobre o assunto.

Assim que passei pela porta, ela foi batida com tal violência que senti a lufada de ar passando pela minha nuca.

Antes de ir para casa, fiz um retorno pela Sædalsveien, subindo para Furudalen.

Demorei um pouco para achar o endereço. Era uma casa isolada, alta, escura, de madeira, que se alçava à beira de uma área agreste, bastante íngreme, com um terraço na face que não pegava muito sol num fim de tarde de inverno, mas que claramente era muito bem servida de maio a setembro.

A entrada ficava nos fundos, e Sidsel Skagestøl deve ter me visto de alguma janela, porque abriu a porta antes que eu tivesse tempo de tocar a campainha.

– Pois não? Já descobriu alguma coisa?

– Infelizmente não, mas conversei com Åsa e tenho mais algumas perguntas.

– Ah? – ela saiu, deixando a porta entreaberta. – Vibeke e Stian estão em casa. O senhor se incomoda se tratarmos disso aqui fora?

– Não, não... Só queria saber se podia me dar o nome de outras amigas próximas de Torild, além de Åsa.

– Outras amigas? Não, não sei... É claro que tem algumas, mas não acho que nenhuma seja... mais próxima.

– Não consegue se lembrar de nenhum nome?

– Posso lhe dar uma lista, é lógico, mas teria que parar um pouco pra pensar. Pode esperar até amanhã?

Concordei.

– A outra pergunta era... Talvez pareça um pouco estranha. Mas... a senhora não reparou se ultimamente Torild estava vindo pra casa usando roupas especialmente caras, reparou?

– Roupas especialmente caras! O senhor com certeza não está insinuando que...?

– É só uma pergunta.

Ela me olhou ligeiramente intrigada.

– Bom, pelo menos eu acho que posso dar uma resposta bem clara a essa

pergunta. Não, não reparei nada disso. E eu *teria* reparado! Todas as roupas dela são compradas por mim, ou na verdade por nós duas, juntas, a não ser que seja um jeans ou alguma coisa do tipo, que ela pode comprar sozinha. Mas fora isso... não, nada.

– Ótimo.

– Por que a pergunta?

– Bom, tive a impressão de que houve um... um incidente entre Åsa e os pais dela.

– Åsa! Nunca teria pensado nisso.

– Não. Bom, na verdade tudo não passou disso. A não ser que a senhora tenha se lembrado de mais alguma coisa.

– Não, infelizmente não.

– Estou pensando em ir até a escola amanhã. Posso passar pra pegar a lista enquanto estiver lá?

– Vou prestar atenção pra estar lá. A que horas?

– Entre dez e meio-dia?

– Ótimo. – Ela ficou ali, com a mão no trinco da porta. Com a outra, deu um aperto no meu ombro. – Espero que a encontre.

– Eu também.

Ela abriu a porta, e me sorriu levemente antes de desaparecer para dentro da casa.

Voltei para o carro e fui para casa.

Thomas telefonou mais ou menos às 8h30, perguntando se ele e Mari poderiam dar uma passada antes de irem para a estação.

Isso mal nos deu uma hora, pouco tempo para uma xícara de chá e um copo de cerveja. Não fizemos a mínima menção ao funeral ou a Stavanger. Eu não sabia o quanto Beate havia lhes contado sobre seus planos.

Por fim, eu os acompanhei e fiquei conversando na plataforma até quase na hora de o trem partir. Quando o vagão-dormitório marrom claro começou a

se mover deslizando próximo a mim, lentamente, eles se debruçaram para fora da janela e acenaram.

Ao deixar a estação, passei por um grupo de meninas adolescentes que caminhavam pela sala de espera, todas segurando uma garrafa de Coca-Cola e com um cigarro pendurado na boca. A maneira como pelo menos duas delas andavam sugeria que haviam misturado a Coca com alguma coisa mais forte.

As crianças vêm e vão. Antes que você se dê conta de onde está, elas já cresceram e deixaram o ninho. Algumas levam um tempo, outras, apenas um piscar de olhos. Algumas pegam o trem para a capital, outras se limitam a pegar o ônibus até a cidade. Mas o sentido geral é o mesmo. Elas vão embora e os pais são deixados para trás, especulando sobre o que realmente aconteceu. Ou contratam alguém como eu para descobrir o motivo.

¹ Em norueguês, “*varg*” significa “lobo” e “canalha”. Também existe um trocadilho norueguês no nome completo do personagem: Varg Veum, porque a expressão “*varg i veum*” significa “*persona non grata*”, “fora da lei”.

Quatro

No dia seguinte, o ar trazia um frio cortante, saudando-o imediatamente com um abraço gelado e úmido.

O motor do carro mal tinha tido tempo para esquentar o suficiente, e eu já estava estacionando na Escola Nattland e descendo. O prédio atarracado da escola ficava no final do vale estreito que liga Sædalen a Sandalsbotn, e fevereiro havia esboçado seus misteriosos símbolos em preto e branco, no declive íngreme do lado oposto. As estradas até aqui têm nomes como Passagem de Marte, Passagem de Mercúrio, como se esperassem visitantes de outro planeta do sistema solar, e tivessem feito o possível para que se sentissem em casa.

Era hora do recreio, e no *playground* era fácil diferenciar os alunos do Fundamental 1 daqueles do 2. Os primeiros estavam entretidos com brincadeiras; os outros rondavam entre si, as meninas de braços dados, os meninos com as mãos afundadas o máximo possível dentro dos bolsos.

Encontrei o caminho até a sala dos professores e perguntei por Helene Sandal.

Uma morena na casa dos trinta, com o rosto ligeiramente marcado de acne, usando óculos ovais, um suéter vermelho e jeans, veio até a porta.

Apresentei-me e disse do que se tratava.

Ela assentiu solene.

– Venha. – Deu uma olhada para uma porta aberta que dava para um pequeno escritório. – Podemos entrar aqui.

O escritório compunha-se de uma escrivaninha, duas cadeiras e um telefone. Ao lado da escrivaninha, havia uma pilha de uns 30 cadernos para serem corrigidos.

– Quem me contratou foi a mãe de Torild – expliquei.

– Entendo.

– Minha formação tem a ver com supervisão infantil, então, já estive em

casos desse tipo.

Ela deu uma olhada no relógio.

– No que posso ajudar?

– Em primeiro lugar, gostaria de uma opinião sua sobre Torild, como aluna e como... pessoa.

Ela apertou os lábios, num gesto de quem está pensando a respeito.

– Bom, ela mudou.

– Há quanto tempo a senhora é professora dela?

– Desde o sétimo ano. Quase três anos.

– E...

– É um período importante na vida de um jovem, é claro. O senhor sabe disso tanto quanto eu. Mas... – Ela me olhou com hesitação. – Não sei se a senhora Skagestøl lhe contou sobre o que se passa na casa dela?

– Contou. Estou a par. Torild sofreu com isso?

– É bem difícil dizer. Tive a impressão de que ela estava à beira do precipício antes que isso acontecesse.

– O que quer dizer exatamente com “à beira do precipício »?

– Bom... quando ela passou para o sétimo ano, era só uma menina comum de doze anos, que fazia parte da metade mais avançada da classe sob o ponto de vista acadêmico, não há dúvida. Era animada e alegre, como eu disse, absolutamente normal. No oitavo ano... a transição é bem delicada. É o ano em que as crianças com tendência a enjoar da escola fazem isso com espírito de vingança. A escola primária ficou definitivamente para trás, os professores tornam-se mais exigentes, mas, ao mesmo tempo, não existe de fato nenhum exame importante, e o final do nono ano, quando eles terão quatorze ou quinze anos, ainda parece longe demais. Não quero dizer que a própria Torild estivesse farta da escola. Ela fazia os deveres de casa com cuidado, pelo menos a parte escrita. Eu tinha a impressão de que, em casa, eles prestavam bastante atenção nela. Mas seu trabalho oral às vezes deixava um pouco a desejar. O mais preocupante era a impressão de que ela... como posso explicar?... desligava. Era desatenta em classe e... Muitas vezes, pelo seu olhar eu sabia que ela estava a quilômetros de distância. – Ela deu uma olhada pela janela. – Ela simplesmente ficava sentada ali, olhando pela janela.

Acompanhei seu olhar. As árvores do vale que dava para Sandalen

estavam brancas de cristais de gelo. Havia algo de permanente e imutável naquela vista, como se o tempo tivesse parado e o gelo fosse durar para sempre.

– Imagino que todos nós fomos treinados para... A senhora tinha a impressão de que ela estava usando drogas?

Ela concordou com delicadeza.

– Eu não descartaria esta hipótese.

– A senhora informou os pais a esse respeito?

– Informei. Conversei com a mãe.

– Com o pai não?

– Não. Ele não tinha tempo sobrando.

– Alguma coisa mudou depois disso?

– Houve uma melhora por um tempo. Ela pareceu se recompor. Mas depois... começou de novo.

– E a senhora teve nova conversa com os pais?

– Tive, mas... Dessa vez foi só por telefone. Afinal de contas, existe um limite quanto ao tempo que posso destinar a cada aluno. Existem alguns, por exemplo, que têm muito mais problemas com suas lições. E outros, com situações familiares precárias. Temos algumas crianças imigrantes, e uma que é fisicamente deficiente, mas integrada. Trocando em miúdos...

Um sino da escola tocou. Ela levantou-se.

– Preciso ir agora. Algo mais?

– Sim, com certeza. Pode me dar mais alguns minutos?

– Ok, então. – Ela permaneceu de pé, mostrando que não podia dispor de muito tempo.

– Só queria saber... Ela tinha alguma amiga próxima, alguém que pudesse tê-la influenciado, a senhora notou a mesma atitude em outras meninas?

Seu rosto endureceu ligeiramente. – Não posso ser tão explícita em relação a outras meninas sem a permissão dos pais.

– Já conversei com Åsa Furebø. Tive a impressão de que elas perambulavam bastante juntas.

– É, acho que sim.

- Alguma outra menina?
 - Astrid, talvez. Astrid Nikolaisen.
 - Como ela é?
 - Como eu já disse, não posso... Mas... – Apontou para seu relógio:
 - Preciso voar.
 - A senhora poderia trazer Åsa e Astrid até aqui, para eu conversar com elas?
 - Åsa talvez. Astrid faltou hoje.
 - Hã? Faz alguns dias que ela não vem?
 - Ontem ela também faltou. A semana toda – ela respondeu secamente.
 - Torild também não veio pra escola no dia em que desapareceu. Isso é uma coisa que acontece com frequência?
 - Às vezes. Mas ela sempre trouxe uma justificativa depois. – Com um sorriso amargo, ela acrescentou:
 - Mas acontece que eles eram falsos, pelo que eu acabei de ouvir.
 - Entendo. Tudo bem se eu usar este escritório?
- Ela deu uma olhada em torno.
- Já que ninguém está usando... Claro, tudo bem. Se esperar um pouco, vou fazer com que Åsa venha. – Saiu com um rápido aceno de cabeça.

Fiquei esperando à porta.

A sala dos professores estava praticamente vazia. No canto de um sofá estava sentado um rapaz de camisa de flanela xadrez, e calça de veludo marrom, lendo *Dagen*, um jornal diário. Nas mesas estavam espalhados vários periódicos e alguns outros jornais diários. Elas tinham toalhinhas de centro bordadas e sobre elas uma vela quadrada apagada. No canto de uma delas havia uma xícara de café largada às pressas. Até onde eu sabia, devia ser de Helene Sandal.

O homem que lia o diário cristão olhou em minha direção com o cenho franzido, como se suspeitasse que eu pudesse ser um agente secreto russo, que tinha se infiltrado na escola com os bolsos cheios de camisinhas, para dar início a uma campanha maciça voltada para os jovens espíritos suscetíveis.

Alguém bateu e abriu a porta que dava para o corredor. Åsa entrou com o

rosto tomado pela curiosidade. Ao ver do que se tratava, não conseguiu esconder a decepção.

– Oi de novo, Åsa! – eu disse com afetada animação, como quando era assistente social.

Ela olhou para o professor no canto do sofá, como se esperasse que ele a salvasse daquela situação embaraçosa.

– Eu estava pensando... Talvez haja coisas que pra você seria mais fácil falar sem seus pais presentes.

– Hã?

– Venha aqui, podemos nos sentar...

– Posso recusar?

Levei um tempinho para responder.

– É o que você gostaria de fazer?

– Bom, ah...

– Então você tem algo a esconder?

– Como o quê?

– Não tem? Será que existiria algum outro motivo pra não responder às minhas perguntas?

Ela despencou na cadeira e ficou ali sentada, largada, meio de lado, o que com certeza não ia ser bom para a sua coluna, caso se tornasse um hábito.

– Estou pensando naquilo... naquilo que eu perguntei pra você ontem. Você pode ser sincera comigo, Åsa. Não vou repetir uma palavra do que você disser para os seus pais. Tudo o que preciso é de alguma informação que me ajude a descobrir o que aconteceu com a Torild.

Ela me lançou um olhar agressivo.

– Ah, é mesmo?

– Então... Quando foi que você a viu pela última vez?

Ela ficou ali sentada, com a boca aberta.

– Quando eu a vi pela última vez? Foi no dia em que... Ela... – Mudou de ideia.

– Então?

- Um dia antes de ela sumir.
- Na última quarta-feira?
- É, acho que foi isso.
- Onde foi que você a viu?
- Onde? Em que sentido?
- Ok, vou mudar a pergunta, então... O que vocês duas estavam fazendo?
- Ela deu de ombros.
- Fomos... pra cidade. Ficamos andando por lá como a gente faz normalmente.
- Sei. Você se lembra de onde é que vocês foram?
- Hummm, não... Nenhum lugar em particular.
- Não foram ao cinema?
- Não.
- Foram em algum lugar tomar uma Coca?
- Não, acho que não.
- Se tivessem ido tomar uma Coca, onde seria?
- Não sei... Burger King... Ou alguma outra lanchonete.
- Mas você não se lembra de onde foi?
- Não.
- Estavam só vocês duas, ou tinha outras pessoas?
- Outras pessoas.
- Quem?
- Hã...
- Astrid estava lá?
- Astrid Nikolaisen?
- É.
- Talvez.
- Vocês duas passaram muito tempo com ela?
- Muito tempo? Por que você quer saber? A Helene disse alguma coisa?

– Como o quê?

– Hã...

– Você sabe por que a Astrid não veio pra escola hoje?

Ela soltou uma risadinha de repente.

– Não é a primeira vez.

– A primeira vez do quê?

– Ela vem pra escola quando quer.

– É mesmo? Entendi.

– Não, não entendeu.

– Talvez não. Então, o que foi que eu não entendi?

Ela me olhou com ar de desafio, sem responder.

– Vocês duas foram pra casa juntas? Você e a Torild?

– Não, nós... Fui pra casa antes.

– Você tinha alguma hora pra voltar pra casa?

– Tinha. Dez e meia.

– E o que ela fez depois?

– Não se... Não me lembro.

– É mesmo?

– Não.

– E você tem certeza de que era quarta-feira e não quinta?

– Te... tenho, acho que sim – ela respondeu, desviando o olhar.

Tentei outra jogada.

– Aquela história da jaqueta de couro que o seu pai...

– Bom, qual o problema?

– Foi uma que você... roubou?

Seu olhar pareceu evasivo, e seus lábios se moveram em silêncio, como se ela estivesse ensaiando o que dizer. Por fim, limitou-se a dizer:

– Foi.

– Isso era uma coisa que vocês estavam acostumadas a fazer?

- Não. Pelo menos não coisas caras como aquela.
 - Só pequenos furtos?
 - Não é o que todo mundo faz?
 - Faz?
 - Nossa! Você é idiota ou coisa parecida? Se ouviu...!
 - O que aconteceu em casa?
 - Ah... Eu fui estúpida o suficiente pra ir com ela pra casa. Daria muito bem pra ter deixado ela...
 - Deixado?
 - É!
 - Onde?
- Ela não respondeu.
- Ok, então seus pais descobriram a história. E então...
- Ela hesitou.
- Meu pai... ficou maluco. Disse que eu ia ter que devolver, que a gente tinha que voltar na loja e contar pra eles o que eu tinha feito, e então... Bom, foi o que a gente fez.
- Que loja foi?
 - O Centro do Couro.
 - E ele comprou uma nova pra você?
- Ela fez que sim:
- Hum-hum.
 - Como uma espécie de recompensa?
 - É, veja só. Uma recompensa por eu ir com ele de livre e espontânea vontade, contar o que aconteceu, e porque ele... ele entendeu que eu precisava de uma, imagino!
 - Uma nova jaqueta de couro?
 - É!
 - Entendo...
 - Ah, é? – Mas dessa vez ela se interrompeu. – É só isso?

– Não exatamente.

Fiquei calado e ela me olhou com impaciência.

– Tenho que voltar pra classe!

Dei um sorrisinho vago, como se fosse a primeira vez que ouvia um aluno do Fundamental 2 dizendo isso.

– Foi na quinta-feira, não foi? A última vez que você a viu?

Ela corou.

– Pode ser que sim! – Ela se levantou e caminhou em direção à porta. Sem se voltar, acrescentou:

– Se você está dizendo!

Tentou bater a porta depois de passar, mas seus gonzos estavam muito duros. Ela apenas deslizou com um suspiro baixinho, como um professor cheio de resignação.

Cinco

Sidsel Skagestøl abriu a porta rapidamente, como se pensasse que era Torild quem tocava a campainha. Ao ver quem era, abriu caminho:

- Entre. – Olhou para mim com ar de interrogação:
- Você não...?
- Infelizmente não. Ainda nada concreto. Eu...
- Ai meu Deus, estou tão assustada, Veum! Onde ela poderá estar?
- É o que temos que tentar descobrir.
- É... é claro. Me desculpe.
- Compreendo-a perfeitamente. Não me leve a mal.

Sidsel usava jeans e uma blusa branca, da qual apenas a gola e os punhos eram visíveis sob o suéter azul canelado. Seu cabelo estava leve e fofo, como se ela o tivesse lavado e secado com secador. Caminhava com uma espécie de elegância adolescente, uma mistura de timidez e sensualidade.

Apontou um cabideiro.

- Pode pendurar seu paletó ali.

Fiz o que ela dizia, e a segui pelo *hall* em formato de L, através de uma porta que dava para a cozinha, levando para os fundos da casa, e chegando a uma sala de visitas ampla e espaçosa, mobiliada de maneira tão suntuosa quanto um *showroom* em uma loja de móveis. Um conjunto de couro cor de ameixa ocupava o espaço em frente às janelas panorâmicas que davam para o sul e para o leste, enquanto que uma mesa de jantar com cadeiras em carvalho marrom escuro era o foco principal do outro extremo do cômodo, bem em frente à porta da cozinha. No centro do cômodo havia também um sofá em formato de L e três cadeiras, todas num material verde escuro, em torno de uma mesinha de centro preta. O fato de que o cômodo não parecesse muito cheio dava uma ideia do seu tamanho, e ainda restava muito espaço para as crianças brincarem. Naquele exato momento, o lugar estava tão fresco e limpo quanto uma sala de cirurgia.

Um rádio, no centro de uma grande e escura estrutura modular na parede, emitia agradáveis sons matinais.

Sidsel havia preparado a mesinha de centro para dois.

– Fiz alguns sanduíches e a chaleira está no fogo. Estava indo preparar um café, portanto... posso lhe oferecer um?

– Sim, por favor.

– Tem alguns jornais... – Ela apontou para os dois jornais de Bergen que estavam dobrados ao lado do aparelho branco de café, como se fosse minha secretária e tivesse preparado um almoço para o chefe.

Folhee um deles, enquanto ela preparava o café na cozinha. Tinha havido uma batida policial contra drogas em Møhlenpris e dois garotos de 15 anos haviam roubado uma agência de correio em Åsane, às 3h30 do dia anterior. A batida resultara em dez pessoas acusadas de posse de várias quantidades de drogas, principalmente haxixe e comprimidos. Os dois adolescentes haviam sido presos uma hora e meia depois, tendo gastado apenas oito coroas em hambúrgueres e Cocas, em um café à beira da estrada. Dois novos casos de aids haviam sido registrados em Bergen no ano anterior, ambos em círculos de drogados, e as autoridades de saúde enfatizavam que os heterossexuais não tinham motivo para se sentir mais a salvo do que os homossexuais nesse quesito.

Portanto, as tiras de quadrinhos eram muito mais divertidas.

Sidsel voltou trazendo um bule branco de café em uma das mãos, e um pratinho com sanduíches abertos na outra. Pousou o pratinho e serviu café para nós dois, depois de eu ter recusado um pouco de *brandy* no meu.

Ficamos algum tempo em silêncio. Então, ela acenou em direção ao pratinho.

– Sirva-se.

– Obrigado. – Peguei um com queijo de cabra escuro e cobertura de beterraba. – Você não teve notícias dela, suponho?

– Não, não tive... E você? Conseguiu falar com alguém?

Fiz que sim.

– Åsa e seus pais, e Helene Sandal.

– E alguém disse alguma coisa?

– Até agora, tenho mais perguntas do que respostas.

– Tipo...

– Aquela lista da qual falamos na última vez, das amigas. Você fez alguma?

Ela olhou através de mim para uma das prateleiras nos módulos da parede, onde havia uma coleção de fotos de família.

– Não... Quando comecei a percorrer a lista das colegas dela, me dei conta de que eu não sabia. Se fosse há alguns anos, na escola primária, poderia lhe dar cinco ou seis nomes logo de cara. Quando ela fazia parte das Bandeirantes. E mais algumas pra completar. Mas agora... De repente percebi como conhecia pouco dela nesse sentido. Quero dizer, com quem ela passava o tempo. Na verdade, não conheço ninguém a não ser Åsa.

– E uma menina chamada Astrid Nikolaisen? – perguntei, dando uma mordida no sanduíche.

– Astrid Nikolaisen... Ah... Pra mim não passa de um nome. Nunca veio aqui. Sei que é uma das amigas de classe da Torild, desde que começou o sétimo ano, quando tinha 12 anos, mas acho que não tenho mais nada pra lhe dizer.

Engoli minha comida.

– Por acaso você tem o endereço dela?

Ela olhou os módulos na parede.

– Tenho, acho que está na lista de classe... Mas por quê...?

– Ouça, Sidsel... Tudo bem se eu a chamar pelo primeiro nome?

Ela concordou.

– Helene Sandal sugeriu que a Torild às vezes parecia estar sob o efeito de drogas...

Ela fez um gesto de pegar sua xícara de café e depois mudou de ideia.

– Ah, isso... Nunca... Nunca chegamos a coisa alguma em relação a isso.

– Mas ela chamou vocês dois pra uma conversa.

– É, mas só eu fui.

– Seu marido...

Ela mordeu o lábio de leve.

– Holger estava ocupado. De qualquer modo, foi à tarde, e normalmente

ele trabalhava até a noite.

– Mas acabou em nada?

– Acabou.

– Mas depois disso você conversou com a Torild a respeito?

– Claro! Mas ela negou com veemência. Disse que era só uma coisa que a senhorita Sandal tinha sonhado, porque não gostava dela. Ou porque não estava satisfeita com seus trabalhos de escola. Eu não podia... – Olhou-me com seus grandes olhos azuis. – Não podia *arrancar* uma resposta dela, podia?

– A professora tornou a procurar você depois?

– Tornou, e ouvimos a mesma conversa da outra vez, com os mesmos resultados.

– Tudo isso não deixou você desconfiada?

– Desconfiada? Fiquei ansiosa, é óbvio! Afinal, a gente tinha... É claro que você sabe como são essas coisas. Passar a noite acordada, pensando se ela vai voltar pra casa ou não, onde está, com quem, pensando o pior, como sempre acontece nessas circunstâncias... Sei lá quantas vezes eu a imaginei sangrando, espancada, vítima de estupro ou de um acidente de carro. E quando ela finalmente aparece, a gente fica tão feliz por nada ter acontecido, que até perdoa o fato de ela ter chegado tarde, de cheirar a bebida e cigarro, e de não ter ideia de onde ela andou. Porque quando a gente pergunta, ela só responde: “Por aí”.

– Por lugares variados, você quer dizer?

– É. Uma festa, uma discoteca, uma lanchonete.

– A esmo?

– É. E se você pensar nela pequena, como a gente ficou feliz quando ela nasceu, afinal de contas, era a primeira! As roupas que compramos pra ela, os primeiros sapatos, os laqueados a ouro, ali, na prateleira...

Olhei para eles. Não eram maiores do que os de uma boneca.

– Todas essas fotos... Devo ter ao todo pelo menos vinte álbuns, Veum! O primeiro dia no maternal, depois na escola primária, sempre alegre e rindo, mas depois... A crisma no ano passado, quando ela insistiu em trocar por uma cerimônia civil, e o Holger ficou tão bravo que mal conversou com ela por seis meses. Quase que dá pra ver na foto que tiramos. O brilho de desafio no

rosto dela. Desafio vitorioso.

Ela se levantou, foi até a estante, pegou a fotografia e ficou ali por um tempo, olhando para ela, antes de trazê-la até mim. Enquanto eu dava uma olhada, ela buscou outras duas e se sentou ao meu lado.

– Olhe esta aqui – ela disse, me mostrando uma delas. Era de uma menina de 3 ou 4 anos, com cabelos loiros levemente cacheados, e um vestidinho de verão estampado de flores, tirada no banco de algum parque, com as perninhas esticadas para cima e um sorriso tão feliz que quase se podia ouvir o barulho de sua risada. – Era assim que ela era. E aqui...

Na outra foto, ela estava mais velha, com 10 ou 11 anos, num uniforme de Bandeirante, com um ar talvez um pouco mais inseguro, o cabelo num tom mais escuro, mas o mesmo sorriso aberto.

– Mas então... – Ela apontou para a fotografia que eu tinha nas mãos. Nela havia uma jovem com aspecto sério, cabelo curto e embaraçado, sem nada que lembrasse um sorriso em torno de seus lábios mal-humorados, e uma sombra nos olhos que não aparecia nas outras fotografias.

Os três estágios da infância, como uma pintura de Edvard Munch. E na última ela era quase um adulto.

Servi-me de mais um sanduíche.

– Acho que já perguntei isso ontem, mas... Ela ainda não teve nenhum namorado, teve?

Ela corou ligeiramente, como se a palavra lhe trouxesse lembranças desagradáveis.

– Nunca teve... Não sei, eles ainda chamam isso de um namorado firme?

– Só Deus sabe. Mas pelo menos nós dois falamos a mesma língua.

– Imagino que ela tenha tido suas paixonites, como todo mundo, mas ela nunca falou delas aqui em casa.

– Ela não é de se abrir com a mãe?

Uma insinuação de frieza passou pelos seus olhos. – Não, veja só, não é.

– Então, não podemos contar com nenhum nome?

Ela balançou a cabeça.

– Na minha visita à casa da Åsa, eu entendi que elas foram bandeirantes juntas, estou certo?

– É, foram. Desde fadinhas até o nível sete ou oito. De repente as duas desistiram.

– Tem alguma ideia do motivo?

– Não. As duas só disseram que estavam fartas daquilo. Que já estavam muito grandes.

– Será que eu poderia falar com uma das chefes daquela época?

– Não vejo como isso possa ter a ver com... com tudo isso!

– Não, provavelmente não tem. Mas tem algum nome que você possa me dar?

– De uma das chefes? A que a gente mais tinha contato no último ano se chamava... Como é que era? Ah, me lembrei! Sigrun Søvik.

Anotei o nome.

– E o endereço de Astrid Nikolaisen, você tem?

Ela concordou, levantou-se, caminhou novamente até os módulos da parede e abriu uma gaveta. Folheou uma pilha de papéis antes de pegar uma cópia e trazê-la para mim.

– Esta deve ser deste ano.

Olhei a lista da classe, percorrendo rapidamente os nomes até encontrar Astrid Nikolaisen. Levantei o olhar.

– Posso ficar com ela um tempinho? Para o caso de surgir algum outro nome?

– Você acha que isso vai acontecer? – ela perguntou ansiosa, como se, de repente, começasse a imaginar se eu estaria escondendo alguma coisa.

– É só pra eu não ter que incomodar você a cada vez.

– Você não está me incomodando! Estou pagando por isso, não estou?

– É, pensando assim, está, mas... – Levantei a lista, repetindo a pergunta com os olhos.

– Claro que você pode ficar com ela! De qualquer modo, tenho a do ano passado. Não houve muitas mudanças.

Terminei minha xícara de café.

– Alguma coisa mais que eu deva saber?

Ela me fuzilou com os olhos.

– Como o quê, por exemplo?

– Ah, eu... Há quanto tempo você e seu marido estão separados?

– Desde agosto. Foi nas férias de verão que as coisas finalmente degingolaram.

– Clássico.

– Não do jeito que você está pensando. Cometemos o erro de nunca sair de férias juntos. Havia muitos problemas no jornal, como você, sem dúvida, se lembra, páginas em branco e outras coisas, portanto ele não podia ir pra lugar nenhum antes que as aulas recomeçassem. Àquela altura a gente já estava... Por fim, ele tirou uma semana em Londres, ou seja lá onde for, sozinho, e quando voltou pra casa... – Ela deu de ombros. – Em todo caso, essas coisas não acontecem da noite pro dia. Elas se formam como uma tempestade.

– E a Torild estava em mar aberto, num barquinho desprotegido?

Ela me olhou perplexa.

– O quê?

– O que eu quero dizer é... como foi que ela reagiu? De algum jeito em especial?

Ela ficou com um olhar pensativo.

– Não, eu... Bom, como eu já lhe disse ontem, acho que ela ficou um pouco mais distante. Foi como se ela tivesse optado por se afastar do que restara da vida em família. Começou a sair mais à noite, nunca trazia ninguém em casa, e ela mesma voltava tarde.

– As outras crianças reagiram da mesma maneira?

– Não, foi só isso. – Ela desviou o olhar para a janela e olhou para fora.

Quando tornou a olhar para mim, dava para perceber o medo em seus olhos. Segurava o punho fechado de encontro ao peito.

– É claro que quando coisas assim acontecem, a gente se pergunta: é culpa minha ou nossa? Onde foi que erramos? Mas os outros foram criados exatamente do mesmo jeito! Stian, bom, ele só tem dez anos, então... Ele é completamente dependente da mãe e do pai. Quanto a Vibeke, ela está se saindo bem, registrou a situação e continua indo bem na escola, como sempre. Então, o que pode ter acontecido?

Levantei as mãos.

– Genes. Ambiente, e não estou dizendo, necessariamente, o ambiente doméstico. Pessoas que se tornam amigas, os professores. Existe uma quantidade absurda de influências possíveis. Portanto, é muito difícil que a culpa possa ser creditada a uma pessoa. Sempre existem diversos fatores interagindo.

Ela concordou.

– É, acho que sim.

– E quanto a seu marido? Falou com ele hoje?

– Falei. Agora converso com ele todos os dias sobre isso.

– Você conversou com ele a meu respeito?

– Não, sim... Ele começou a dizer que nós... que a polícia deveria ser acionada.

– Dá pra entender.

– Mas você mesmo disse...

– Deixe-me explicar. A polícia tem uma coisa que eu não tenho: um aparato completo. Em outras palavras, eles podem emitir um chamado geral para toda sua rede, bem como para os outros países escandinavos, com um alcance que eu jamais chegaria aos pés. Por outro lado... Antes que se chegue à conclusão de que alguma coisa séria aconteceu, dificilmente a polícia disporá de tempo para conduzir um tipo de investigação detalhada como a que estou fazendo agora.

– Então...

– Eu recomendaria veementemente que pusesse a polícia pra investigar o desaparecimento dela, mas me deixasse continuar com o que já estou fazendo. Isto é, a não ser que vocês dois queiram evitar a despesa.

– O dinheiro não é problema – ela respondeu rapidamente. – O importante é ela ser encontrada e... que esteja bem.

– Alguma hora eu vou ter que conversar com seu marido.

– Se ele tiver tempo – ela disse com certa rudeza. – De qualquer modo, acho que quase posso garantir que você está perdendo seu tempo. Não existe nada que ele possa lhe contar sobre a Torild que eu não possa.

– Não? Mas poderia ver alguma coisa pela qual você tivesse passado batido, que ele pudesse achar...

– Hum – ela disse, num tom que indicava que não acreditava muito nisso.

Levantei-me dando uma última olhada nos Três Estágios de Torild, ainda na mesa à nossa frente.

– Bom, neste caso, é melhor eu...

Como as pessoas são misteriosas! Será que alguma vez chegamos a conhecer alguém completamente? Ou sempre haverá alguma coisa ou outra que é escondida de nós, alguma coisa que nós mesmos já soubemos, talvez, mas fomos esquecendo gradualmente ao longo dos anos?

Ela me acompanhou até a porta.

– Você me telefona assim que tiver alguma novidade, não é?

– Claro.

Lá, junto ao semáforo que controla o trânsito na parte mais estreita de Sædalsveien, esperei no vermelho. Dei-me conta de que certas situações na vida são exatamente como aquela. Você fica sentado esperando no vermelho, e quando o sinal finalmente muda para verde, um caminhão articulado, forçando para atravessar no amarelo, vai de encontro a você sem que você tenha a mínima chance de evitá-lo.

Quando o sinal mudou para verde, foi com o maior cuidado que eu contornei o primeiro retorno sem visibilidade.

Seis

As pessoas que moram em Mannsverk nunca gostaram que o bairro fosse chamado pelo seu nome original: Toadsmarsh, ou melhor dizendo, Brejo dos Sapos. Mas no final da década de 1950, quando disputávamos algumas garotas de Fridalen com alguns garotos de lá, só nos referíamos a eles como sapos, o que desencadeou uma reação tão violenta que em pouco tempo tivemos que deixá-las por conta própria e voltar para as partes mais centrais da cidade, onde éramos os reis do pedaço.

Astrid Nikolaisen morava no prédio de 13 andares que funcionava como um marco para todo o bairro. A rua que passava por baixo dele servia para canalizar o vento quando ele soprava daquela direção.

Encontrei seu sobrenome em uma das caixas de correio ao lado da entrada para os elevadores, mas tive que procurar andar por andar pelos corredores externos, até achar o apartamento certo. Além dos dois elevadores, havia uma escada em cada canto do prédio, e ziguezagueei até o sexto andar, onde descobri o mesmo nome em uma porta e toquei a campainha.

A mulher que abriu a porta me pareceu mais nova do que eu esperava. Apesar da maquiagem pesada, não parecia ter muito mais do que 30 anos. Usava *legging*, e um suéter de lã listrado de cores vivas, suficientemente longo para funcionar como uma espécie de minissaia. Seu cabelo era tão escuro e certinho, que quase parecia uma peruca.

- Pois não? – ela disse, e travou os lábios vermelho-escuros.
- Veum. Vim aqui em nome de... É a senhora Nikolaisen, não é?
- Pode deixar o senhora de lado, mas meu nome é, sim, Nikolaisen.
- Astrid Nikolaisen está em casa?

Ela me mediu de alto a baixo. Acrescentei:

- Ela é sua irmã, talvez?

Apesar da camada de maquiagem, notei que corava.

- É, não, é minha filha. Só um segundo. Vou ver se ela está.

Fechou a porta e fiquei lá fora, esperando. De onde eu estava, dava para ver até o armazém da Companhia Bergen de Bondes. O conjunto bastante aleatório de oficinas e prédios altos não fazia de Mannsverk exatamente um modelo para os urbanistas da década de 1950, caso eles se deparassem com algo parecido.

A porta às minhas costas voltou a se abrir. Era a mesma mulher.

– Do que se trata?

– Na verdade, é sobre uma amiga dela, Torild Skagestøl, que há quase uma semana não aparece em casa.

– E o que a Astrid tem a ver com isso?

– Provavelmente nada. Só queria lhe fazer algumas perguntas sobre... a Torild. Com quem ela estava saindo, esse tipo de coisas.

Ela ainda parecia um pouco desconfiada. – Você é da polícia?

– Não.

– Do Conselho Tutelar? Assistência Social?

– Não, nada disso. Estou aqui em nome da família.

– Ela acabou de acordar... Mas então, tudo bem. Entre.

Enquanto eu a seguia, dei uma rápida olhada no relógio: 11h40. Isso fazia de Astrid Nikolaisen um membro do grupo social B ou C?

O *hall* tinha um papel de parede estampado de lírios vermelhos sobre fundo violeta. Uma propaganda em altos brados ecoava de uma estação de rádio local através de uma porta aberta.

Ela bateu em uma porta.

– É a Gerd. Podemos entrar?

Só consegui distinguir um “podem” abafado através da porta. A mulher abriu-a e se afastou de lado para me deixar entrar. Ao passar por ela, senti um perfume carregado, como se fosse de um lírio do vale mantido por tempo demais num quarto abafado.

A menina lá dentro estava terminando de puxar o zíper de seu jeans apertado, não sem alguma dificuldade. A brancura de seu abdômen rechonchudo era enfatizada pelo sutiã preto, que era tudo que ela tivera tempo de vestir. Lançou-me um olhar insolente e provocante, e seu rosto ligeiramente pesado era uma versão mais inflada do rosto de sua mãe. Sua

maquiagem era ainda mais pesada, embora estivesse um tanto borrada, já que era óbvio que fora feita no dia anterior.

– Astrid! Vista alguma coisa! – disse sua mãe por sobre o meu ombro.

Virei-me para ela.

– Posso esperar aqui fora...

– Não precisa. Vista seu suéter!

– Tá, tá, mandona! – disse sua filha. – Tenho certeza de que ele já viu um sutiã antes!

Esperei alguns segundos antes de tornar a me virar. Agora ela tinha enfiado um suéter castanho e estava escovando seu cabelo escuro, com vestígios de uma tintura vermelha.

– O que ele quer?

– Conversar sobre a Torild Skagestøl – respondi.

– Entre. – A mãe me empurrou com delicadeza para dentro do quarto. – Conte pra ele tudo que você sabe, Astrid. Se precisar de mim, estarei arrumando a sala de visitas. – E ela saiu do quarto.

Dei uma olhada em torno. Era um quarto bem pequeno, com uma cama desarrumada e uma mistura de cômoda e penteadeira branca. No chão havia dois pufes. Ao lado da cama, havia uma cadeira Windsor fora de moda, e sob a janela, no chão, uma pilha de quadrinhos, revistas pop e de moda, e um punhado de romances baratos. Várias peças de roupa estavam espalhadas pelo cômodo, como se ela estivesse procurando alguma coisa, mas por experiência eu sabia que, com frequência, essa bagunça era apenas uma maneira de os adolescentes marcarem o seu território.

Ela virou seu rosto escorrido para mim, com uma expressão um tanto cínica demais para sua idade.

– Qual o problema com a Torild?

– Você não vai se sentar?

Ela se sentou no canto da cama, e acenou com a cabeça em direção aos dois pufes.

– Acomode-se ali.

– Na verdade, acho que prefiro ficar em pé – respondi, recostando-me no batente da porta.

Ela fez um ruído entre dentes, e deu de ombros, sem insistir.

– Vocês duas são amigas, não são?

– Ah, eu não diria tanto. A gente se encontra de vez em quando na cidade, mas não passa disso.

– Na cidade?

– É, no Jimmy's, esse tipo de lugar.

– O Jimmy's é um fliperama, não é?

– É. Se você quiser, pode jogar nas máquinas. Eu só vou lá pra comer um hambúrguer e pra encontrar o pessoal. Sempre tem alguns caras legais por lá.

– É? Você sabe o nome de alguns deles?

– Não, por que eu saberia? O que você tem a ver com isso?

– Mas a Torild costumava ir lá também, não?

Ela concordou.

– E a Åsa?

– Ela também. Um *monte* de nós vai lá.

– O que... – Pensei melhor. – Ouça, esses lugares não são caros?

– Bom, o que é de graça, a não ser café e bolo na igreja, coisas assim?

– Onde é que vocês conseguem dinheiro?

Ela me olhou com desprezo.

– Em casa, claro. Dinheiro de mesada. Algumas de nós trabalham meio período. De vez em quando eu faço um bico, aos sábados, no Mecca.

– No caixa?

– Não, nas meias de nylon.

– Você às vezes rouba coisas?

– Qual é a sua? Pensei que você fosse me perguntar sobre a Torild!

– A Åsa teve que devolver uma jaqueta de couro que ela roubou ontem.

Sua expressão perdeu um pouquinho da arrogância:

– Hã?

– O pai dela foi com ela até lá.

– Que cretino!

– Você acha que estava certo?

– Bom, eu mesma nunca roubei nada! – Mas ela evitou os meus olhos ao dizer isso.

– E quanto a drogas, vocês conseguem drogas por lá?

Lá onde? No Jimmy's? Nos banheiros dá pra comprar o que quiser, até no Hotel Norge!

– A Torild toma droga?

– Toma droga? Não me faça rir! Aquela vaca esnobe!

– Na escola eles disseram que...

– Ah, na escola pode ser! Com quem você falou? Spotty?

– Mas os pais dela também acharam...

– Bom, então provavelmente ela estava tomando drogas, só pra experimentar, como todo mundo faz. Mas ela não é uma drogada, ponho minha mão no fogo!

– Hum?

– Tô falando sério.

– Você sabe onde ela está?

– Não. Nem sabia que ela tinha sumido!

– Quando foi que você a viu pela última vez?

– Última vez? Hei, inspetor Morse, o que você pensa que eu sou, um elefante? Não tenho a mínima ideia. Provavelmente algum dia da semana passada.

– Quinta, sexta?

– Sexta não foi, tenho certeza. Eu estava numa festa.

– Então, quinta?

– É... Não posso garantir que ela não tenha aparecido no Jimmy's nesse dia. Ela e a Åsa. E um cara ou outro.

– Um... cara?

Ela tornou a ficar evasiva.

– Sei lá. Posso estar imaginando coisas. De qualquer modo, ninguém que eu conhecesse.

– Pode ser importante, Astrid!

De repente, tocou a campainha: três toques curtos.

Ela revirou os olhos:

– Ai, Cristo, que som de merda!

Ouvimos a porta sendo aberta e, imediatamente, o som de uma voz masculina.

– Estou fora! É o Kenneth. Vai ter festa – disse Astrid.

– O que você quer dizer?

– Eles vão estar na função! A rua inteira pode ouvir! Entendeu? Arrumando a sala, foi o que ela disse? Me poupe. Aposto que depois de ontem ela vai trocar os lençóis...

– Então o Kenneth também estava aqui ontem?

– Não, era algum outro cara, não era?

Na porta, alguém limpou a garganta. A mulher que me convidara a entrar olhava de mim para a filha.

– Acho que está na hora do seu amigo ir embora, Astrid.

– Está na minha hora também – resmungou Astrid.

– Mas... Você não quer comer alguma coisa?

– Pego um hambúrguer ou qualquer coisa assim na cidade!

– Ok, se prefere... – Sua mãe abriu caminho para eu passar.

No *hall*, um homem de porte atlético, bem constituído, numa camiseta preta, calça escura, e com os braços tatuados, tinha acabado de pendurar sua jaqueta preta de couro em um cabideiro. Estava na casa dos 30 anos. Tinha o cabelo esticado para trás, reluzente de gel. Seu rosto era musculoso, com linhas profundas descendo das narinas.

– Tudo bem, Astrid? – ele perguntou com um sorriso arrogante.

– Tudo bem – ela respondeu num tom breve e neutro.

– Ela está de saída! – disse sua mãe rapidamente.

– Por mim, ela pode ficar o quanto quiser.

– Eu disse que ela está de saída.

Ele me lançou um olhar duro.

– E quem é este cara? O amante dela?

Olhei-o diretamente nos olhos:

– A diarista.

Ele avançou para mim, com o punho fechado.

– Espere só, diarista!

Gerd Nikolaisen entrou no meio de nós.

– Ele está de saída! Ele também... Ele é só um cara do...

– Um cara do...?

– Um cara que está procurando uma amiga da Astrid que não voltou pra casa.

– Torild Skagestøl – eu disse. – Será que você sabe alguma coisa?

Por um instante ele ficou inseguro.

– Saber alguma coisa? Eu... O que você quer dizer?

– Não sabe? Nesse caso, você pode ir direto pra sala de visitas. Não temos nada pra conversar.

Ele se voltou para as outras duas.

– Vocês viram o jeito que ele falou comigo? Quem é que não está batendo bem, *ele* ou eu?

Gerd Nikolaisen tomou-o pelo braço.

– Vamos, Kenneth! Vamos pra sala de visitas... Seja como for, eles estão de saída.

Ele se soltou.

– Eu ouvi! Se você não tomar cuidado, eu também posso me mandar.

Eu podia sentir meus músculos do estômago se contraindo. Caminhei até a porta, e me dirigindo à mãe de Astrid, disse:

– Se alguma de vocês souber de alguma coisa sobre a Torild, ficaremos agradecidos se entrarem em contato.

– Duvido... Mas onde é que eu posso...

O camarada chamado Kenneth acendeu um cigarro com um movimento rápido da mão, os olhos reluzindo de ódio.

– Você pode ligar pra casa dela. Elas estão na lista de classe. Skagestøl. Em Furudalen.

– Parece mais Fodadoalém – murmurou Kenneth.

Passei tão próximo, que senti no rosto a baforada do cigarro dele. É claro que eu poderia ter enfiado o cotovelo bem no meio das suas fuças, mas tinha mais coisas para fazer do que passar as horas seguintes na sala de espera do Pronto Atendimento.

– Desculpe algum transtorno – eu disse, e saí.

Astrid me seguiu. A caminho do elevador, ela disse:

– Que cretino! Pensa que é um presente de Deus só porque...

– Só porque...?

– Ah, esqueça.

Ao sairmos do prédio, perguntei se eu podia lhe dar uma carona para algum lugar.

Ela me olhou como se eu tivesse sugerido alguma coisa a mais do que uma mera carona de amigo.

– Pra onde?

Suspirei.

– Bom, pra onde você está indo? Pra cidade?

– Pode ser. É, seria legal.

Destravei a porta do lado dela antes de dar a volta até a minha. Quando entrei no carro e me sentei à direção, ela já estava instalada no banco da frente ao meu lado.

– Se você tentar qualquer coisa, abaixo o vidro e grito feito louca! – ela disse com um sorriso letárgico, que fez com que aquilo parecesse mais um convite do que uma ameaça.

Sete

Peguei a via expressa sobre Leitet e Brattlien, com o centro de Bergen como uma incisão profunda na área à nossa esquerda. Ao estacionar em Øvre Blekeveien, ela olhou em torno, desconfiada.

– O que estamos fazendo aqui?

– Estacionando o carro.

– Por que você não disse logo de cara que estava indo pro interior, assim eu podia ter pegado o ônibus?

– Só vai levar cinco minutos pra andar até a Doca dos Peixes.

– Eu não estava indo pra Doca dos Peixes!

Inclinei-me sobre ela e abri a porta ao seu lado.

Ela se retraiu no banco.

– Tire as mãos!

– Relaxe. Eu não tocaria você nem com luvas de borracha.

Com um bufo, ela saiu do carro. Enquanto eu trancava a porta, ela ficou ali, olhando em torno.

– Que rua é esta?

– Você nunca esteve nas montanhas antes? – Apontei em direção a Telthusmauet. – Este é o caminho mais rápido. Mas se quiser aproveitar a vista... – apontei a rua que subia –, ...sempre dá pra ir pela Skansen.

– Enfia! – Com um olhar de desprezo, ela seguiu a primeira opção.

Não procurei acompanhá-la. Andava com os joelhos caindo ligeiramente para dentro, como uma garotinha que tivesse faltado a todas as aulas de educação física nos últimos cinco anos. Nem o aposentado mais coitadinho, andando contra um vento forte, teria qualquer dificuldade em acompanhá-la. Mas tive a sensação de que ela já não estava tão ansiosa pela minha companhia.

Quando cheguei às dependências do jornal, perguntei por Holger

Skagestøl na recepção do andar térreo. O recepcionista era um cavalheiro educado, com uma barba grisalha bem aparada, e uma agenda de visitantes aberta à sua frente.

– O senhor tem hora marcada?

– Não, não tenho.

– Pode me adiantar o seu nome?

– Veum.

Ele teclou um número interno, falou com alguém, e respondeu ao interrogatório com muita eficiência. Depois, olhou para mim:

– Skagestøl está perguntando do que se trata.

– Da filha dele.

Isso fez com que eu atravessasse a barreira. O recepcionista me deu um crachá de plástico para prender na lapela do meu casaco, e me indicou o andar onde eu deveria ir. Ao chegar lá, Holger Skagestøl estava parado em frente ao elevador, me esperando.

– Veum? Investigador particular? O que é que você tem a ver com Torild?
– ele vociferou, antes mesmo que a porta se fechasse às minhas costas.

– Fui contratado por sua esposa para procurá-la.

– O quê? – Ele me olhou como se fosse dizer que aquela era a coisa mais ridícula que já tinha ouvido. – Nesse caso... É melhor você me acompanhar.

Segui-o por um longo corredor com uma iluminação contínua desagradável e ofuscante, símbolo do brilho poderoso que a atividade frenética nos escritórios do jornal deveria projetar na vida lá fora. No entanto, ainda deveria haver algumas moscas mortas ali em cima, como pintinhas nas luminárias.

Skagestøl era um homem magro e desajeitado, com mais de 1,80 m. Sua calça marrom claro de *terylene* era segura por um cinto de couro apertado, e sua gravata cinza prateada fora afrouxada no colarinho da camisa branca com listrinhas azuis. Tinha o cabelo castanho, mas completamente branco nas têmporas e em torno das orelhas, como se fosse um *Irish coffee* com excesso de creme.

Ele me fez entrar em um pequeno escritório estreito, com vista para o outro lado da Nygårdsgaten, onde um grupo de mulheres jovens fazia algo entre exercícios de balé e de ginástica em um saguão bem iluminado, com

janelas amplas que davam para a rua.

– Podemos usar este emprestado – ele disse, como que para enfatizar que não estava me levando para o seu próprio escritório. – Sente-se – acrescentou, apontando uma cadeira do outro lado da escrivaninha.

Antes de voltar a falar, ele me olhou, balançando ligeiramente a cabeça.

– Telefonei para a polícia, mas Sidsel... Ah, bom...

– Então você notificou o desaparecimento dela?

– Não, não oficialmente. Mas a gente tem contatos. Fiz algumas perguntas, por assim dizer, e dediquei um tanto de atenção ao problema.

– Ao problema?

– É. Que a Torild fugiu de casa, é óbvio.

– Fugiu de casa? É esse o seu jeito de descrever o que está acontecendo?

– É. Em que outros termos eu poderia colocar?

– Fugiu para onde, segundo a sua opinião?

Ele passou a língua pelos lábios finos.

– Bom... Não sei.

– Mas está preocupado com isso, não está?

– Claro que estou. Não acabei de dizer que contatei...? Olhe, o que você quer, de fato?

– Ouça, Skagestøl, sua mulher me colocou neste caso, e até agora andei juntando pequenas peças para ter uma ideia da vida da Torild antes do desaparecimento, quem eram suas amigas, os lugares aonde ela ia, coisas assim. Ligado a isso, deduzi que o pai dela...

– Sei, sei. A última coisa de que eu preciso é de um sermão. Já tive até as tampas, em casa. Então... O que você quer saber?

– Bom, o que você pode me dizer sobre ela?

– Dizer pra você? O que está procurando? A história da vida dela? Provavelmente Sidsel já te contou.

Senti meu plexo solar começando a se estreitar, e tive que fazer um esforço para manter a mesma calma no tom de voz.

– Diga qualquer coisa! Seja lá o que for.

– Bom, ela... – Ele olhou pela janela. – Na minha profissão... Ela sempre foi uma boa menina. Houve alguns contratemplos na escola nesses últimos anos, mas não foi... Não acho que tenha sido nada mais grave do que tudo que todo mundo passa. Eles se enchem daquilo, né? Se a escola não consegue manter o interesse deles, como é que os pais vão conseguir?

– Mas vocês dois ficavam de olho no que ela fazia?

– Para ser franco, Veum, Sidsel é quem lidava com as crianças. Eu me encarregava de ganhar nosso pão com manteiga e tomava as decisões práticas mais importantes...

– Ah, mais *importantes*?

Ele me olhou irritado.

– É, como quando compramos a casa, sobre dinheiro em geral, o verão em que fomos para a Disneylândia, coisas assim. Mas tudo que tinha a ver com a casa, quero dizer, todo o lado doméstico, incluindo as crianças, era assunto da Sidsel. Tem que haver alguma divisão de responsabilidades, não tem?

– Tem, mas...

– Olhe, não banque o moralista sexual comigo. Nós dois concordamos em dividir as responsabilidades desse jeito. E também não me venha falar sobre crianças largadas, porque a Torild teve muito mais atenção do que muita gente. Olhe só à sua volta, Veum! Olhe os pais solteiros. Quanto tempo você acha que eles têm para seus filhos?

– Alguns filhos podem precisar de mais atenção.

– Não é o caso da Torild.

– Não?

– As coisas estavam razoavelmente bem na escola. Ela tinha uma porção de *hobbies*, jogava *handball*, era bandeirante...

– Mas ela desistiu disso, não?

– Tá bom, então. Mas só neste último ano, não foi?

– Foi? Então, por que você acha que ela quis largar?

Ele levantou as mãos.

– O que uma pessoa consegue saber de verdade sobre seus filhos?

– Exatamente.

– Mas ela agora está na fase da rebeldia. Vai ver que ela bateu de frente com a mãe. Ela pode muito bem estar usando... Você sabe como são as crianças, principalmente as meninas, talvez...

– O que você, particularmente, está pensando?

– Nessa idade, Veum? Mais... emocional, hã?

Na academia do outro lado da rua, o grupo de balé tinha terminado sua aula prática. Agora, as participantes conversavam em grupo em pequenas rodas, mas algumas já estavam saindo para o vestiário. Tornei a desviar o olhar de volta.

– Então, em outras palavras, você acha que é resultado de uma revolta da puberdade?

– Acho. – Ele me olhou com distância. – E, logicamente, a situação atual familiar. Bom, deduzo que você esteja a par.

– É, sei que você e sua mulher se separaram.

– É claro que isso não ajudou.

– Não. O que a polícia diz?

– Bom, você sabe como eles falam... Desde que ninguém tenha sido oficialmente declarado desaparecido, então...

– Com quem você conversou na polícia?

– Ah, não sei se quero divulgar meus contatos pra você.

– Tem medo de que eu os roube de você?

– De qualquer modo, são pessoas em postos muito importantes, Veum.

– Então, trocando em miúdos, você não tem mais nada pra me contar?

– Nada que eu me lembre.

– Você sabe o nome de algum amigo da sua filha?

Ele sacudiu a cabeça.

– De alguma amiga, então?

– Não, eu... a não ser Åsa. Elas são amigas desde muito pequenas.

– É, soube disso. E uma menina chamada Astrid?

– Não, não consigo me lembrar dessa...

– Bom, nesse caso, não vou mais incomodá-lo. – Levan-tei-me.

Ele me acompanhou até a porta.

– Você não está me incomodando, Veum! Não me leve a mal... Estou tão preocupado quanto a Sidsel com o desaparecimento da Torild.

Tão preocupado quanto?, pensei.

– Mas eu... Não faz parte das minhas responsabilidades, como eu disse. Simplesmente não dá. Tem um mundo de outras coisas que eu tenho que... E no fim tudo vai dar certo, não vai?

– Provavelmente vai.

– Quem... A Sidsel tem o suficiente pra pagar por isso? Quero dizer, seus honorários...

– Tem.

– Porque se ela não tiver... Vou conversar com ela. Não se incomode com isso, Veum.

– Pra falar a verdade, Skagestøl, essa é a menor das minhas preocupações.

– Ah? – Tínhamos parado em frente ao elevador. – Bom, então, boa sorte. Se houver mais alguma coisa, me procure!

– Obrigado.

Ele me sorriu rapidamente, e já estava de volta para o seu escritório antes que o elevador chegasse.

Ao chegar à calçada, notei uma mulher saindo de uma porta do outro lado da rua, com o rosto vermelho e o cabelo todo despenteado. Olhou furtivamente para ambos os lados antes de abotoar a gola do casaco junto ao pescoço e de caminhar apressada quase como se estivesse saindo de um encontro secreto. Mas provavelmente era apenas o fim da aula de balé.

Oito

A butique de couro dividia-se em duas seções. Uma estava voltada para jovens e pessoas com renda média, com ofertas especiais abaixo de mil coroas. A outra era superexclusiva e literalmente num nível mais alto do que o restante da loja.

A garota a quem expliquei o motivo da minha visita estava na parte mais baixa; balançou a cabeça dizendo não saber nada a respeito, e me encaminhou rapidamente para a gerente, que ficava na esfera superior.

O cheiro característico de camurça e couro ficava mais forte a cada passo que eu dava na loja. Conforme subi os quatro degraus para o reino das classes superiores, notei outro cheiro menos identificável que me trouxe uma vaga lembrança de formol, provavelmente vindo das peles dispostas em várias araras por ali. Localizei a gerente em uma mistura de vitrine de vidro e escritório, na extremidade dessa parte da loja.

Era uma dessas mulheres bem vestidas, de pele clara e reflexos ruivos no cabelo, que nunca parecem chegar aos 50 anos. Parecia que ela tinha nascido e crescido num salão de beleza; uma criatura de luxo destinada, na verdade, a ficar estendida em um sofá, com um casaco de pele casualmente pendurado no ombro e uma taça de champanhe na mão, em vez de passar o dia em algo tão vulgar quanto uma butique. A saia de couro marrom avermelhado e a blusa de seda verde claro levavam a crer que, provavelmente, ela também tinha um gosto bem exclusivo para roupas íntimas. Talvez tenha sido por isso que, repentinamente, me lembrei do juiz Brandt... Onde é que ele comprava suas peças?, me perguntei.

O olhar com o qual ela me avaliou classificou-me imediatamente na categoria de um entregador de meia-idade. Sua voz soou clara e fria, quando ela se levantou por detrás da estreita escrivaninha marrom escuro e disse:

- No que posso servi-lo?
- Meu nome é Veum. Varg Veum.

Estendi a mão e ela me cumprimentou com um aperto mecânico, frio como o seu olhar, e nem ao menos se deu ao trabalho de se apresentar.

– É sobre o roubo na boutique...

Ela levantou as sobrancelhas.

– A que, exatamente, você se refere?

– Ah, um pai esteve aqui ontem, não foi? Para acalmar as coisas, depois de um roubo feito por sua filha?

– Ah, o senhor deve estar pensando em... – Duas minúsculas rosetas apareceram em suas maçãs de rosto salientes. – Foi extremamente desagradável. E ainda mais difícil de entender.

– Difícil de entender?

– O senhor veio aqui... Quem denunciou isso? Em hipótese nenhuma nós...

– Na verdade, é sobre outra menina do mesmo meio...

Um franzir pensativo surgiu em sua testa e permaneceu ali, quase como o símbolo do infinito. Ela parou em frente a uma das araras de roupas.

– Olhe pra isso. Tendo em vista o valor do que temos exposto aqui, instalamos as medidas de segurança mais sofisticadas. – Pegou uma peça de roupa, uma jaqueta curta de couro verde, com uma costura aparente extremamente delicada na cintura. Com dedos longos e brancos e unhas pintadas com o mesmo tom avermelhado da saia, ela me mostrou como a peça ficava presa à arara. – Fazemos isso de modo que ninguém possa simplesmente vir, agarrar uma roupa e sair correndo. Além disso, cada item tem uma etiqueta de segurança, que dispara um alarme caso alguém tente sair sem pagar.

– E ele continua ali mesmo quando a roupa está sendo experimentada?

– Claro. Além disso... sempre avaliamos nossos clientes. – A essa altura, ela me olhou com dureza. – Neste ofício, logo se aprende a discriminar as pessoas.

– Então, como é que a Åsa conseguiu? A menina a que eu me referi.

– Ah, é de se perguntar, não é?! – Ela me olhou com ironia, as sobrancelhas levantadas.

– Pois é, estou perguntando... à senhora.

– Com toda certeza não foi um roubo.

– Não foi?

– Conversamos com a vendedora que tinha lhe vendido a jaqueta. Ela a reconheceu imediatamente. Tinha ficado chocada que uma garota tão jovem andasse com tanto dinheiro.

– Então, em outras palavras, ela comprou?

– Comprou.

– Mas como... O que ela comentou sobre o caso?

– É isso que é incrível. Ela negou! Ela disse que não tinha comprado, que tinha roubado. E o pai insistiu que ela estava certa! – Seus olhos cinza pérola reluziam. – Dá pra imaginar?

– Mas eles voltaram pra casa com uma jaqueta nova?

– É, que o pai pagou! Além do fato de eles devolverem a outra...

– Mas por quê... Não bastava eles pagarem aquela que ela dizia ter roubado?

– Ela queria fazer isso, mas o pai não concordou. Se ela queria uma jaqueta, tudo que precisava fazer era escolher outra. – Ela abaixou a voz. – Ainda que, na verdade, fosse mais cara. Bom, pra nós, não fez nenhuma diferença – ela acrescentou –, afinal de contas, recebemos duas vezes.

– Hum.

– É, é estranho, não é? Mas de qualquer modo, não dá pra ser um caso de polícia, dá?

– Não, não desse jeito. Nesse caso, teria que ser no departamento financeiro...

– Departamento financeiro?

– É, para ver como é que tudo isso aparece nos livros...

Dei um sorriso gentil e saí. Na falta de coisa melhor, pelo menos, eu tinha dado a ela algo para pensar.

Nove

O lugar chamado Jimmy's ficava numa viela no centro da cidade, próxima a um dos trechos mais congestionados do Central Ring, e a menos de cinco minutos do principal pulgueiro do Bergen Cinemas, no Concert Palace, que agora não tinha nada que lembrasse concerto ou palácio, mas se destacava por sua estilosa abreviatura CP acrescida de números que iam do 1 ao 14.

Eu tinha uma vaga lembrança do lugar como uma lanchonete ligeiramente datada das décadas de 1960 e 1970; de qualquer modo, pelo menos uma década perdido no tempo para atrair a moçada de hoje. Foi somente no final da década de 1980, quando eles arriscaram tudo nas novas máquinas de jogos eletrônicos, que o lugar começou a parecer que tinha encontrado sua verdadeira clientela: poucas pessoas com menos de 10 anos, mas menos ainda acima de 30. Tinham conservado o antigo nome – originalmente, chamava-se James Dean – tanto nos tempos difíceis quanto nos bons, na verdade, tão arraigado que acabou se tornando um marco. Todo mundo sabia onde ficava o Jimmy.

Ele ainda funcionava mais ou menos como uma espécie de lanchonete, ainda que evitasse essas modernices como *kebabs* e saladas frescas. O que eles tinham para servir eram *hot-dogs* num pão descongelado e hambúrgueres feitos em micro-ondas, brilhando de gordura e lambuzados com mostarda, *ketchup* e cebolas, os únicos acompanhamentos disponíveis. Se você tivesse tempo para esperar, também dava para conseguir uma xícara de café. A maioria das pessoas tomava Coca e outros refrigerantes do gênero.

Apesar de lá dentro ser tão sombrio quanto numa catedral, eu ainda me senti como um canário numa exposição de gatos quando a porta se fechou deslizando atrás de mim, e alguns rostos adolescentes, coloridos pela luz fluorescente, se ergueram para me olhar de seus assentos ao redor das máquinas de jogos chamativas e barulhentas.

Era como se eu trouxesse estampada na testa a marca de alguma casta, o número 50 acendendo e apagando, de modo que todo mundo pudesse ver para que time eu jogava. Os únicos que não se dignaram a me olhar foram os que estavam no meio de um jogo. Os outros logo perderam o interesse, ainda que

me fosse impossível deixar de notar que alguns me lançavam olhares furtivos a cada vez que eu me movia, inseguros quanto à organização que eu pudesse representar.

As máquinas de jogos estavam dispostas em quatro fileiras, duas viradas para cada uma das paredes laterais e duas de costas uma para a outra no meio do espaço. Depois que me acostumei com a luz, logo me localizei no lugar como um todo.

Atrás do balcão, em sua extremidade, havia um cara beirando os 40, que mais parecia um armário, com bíceps que se sobressaíam sob o avental originalmente branco, mas que agora estava manchado de *ketchup*. Tinha um bigodinho castanho claro, uma bituca de cigarro no canto da boca, e uma expressão mal-humorada, exausta, que não era um bom presságio para possíveis encenqueiros. Lia um jornal sob a luz que vinha da abertura da porta dos fundos.

Quando entrei, lançou um olhar de expectativa por sobre a beirada do jornal dobrado, tendo como única reação um ar de desconfiança que causou uma contração involuntária no canto de sua boca, antes que ele pudesse controlá-la.

Em frente ao balcão havia alguns banquinhos altos, e no canto, lá no fundão, pude perceber duas mesas redondas vazias. Algo entre quinze a vinte adolescentes estavam reunidos em torno das máquinas, sendo que quatro ou cinco eram meninas. Uma delas jogava videogame com uma amiga. Era Astrid Nikolaisen.

Sacudi algumas moedas soltas no bolso e fiquei frente a uma das máquinas, observando os *trailers* que exibiam os méritos do jogo, supostamente me tentando para me atirar na batalha de encontrar e libertar a filha sequestrada de um diretor de banco, em algum lugar no gueto de uma grande cidade americana como Nova York.

As letras de forma do título brilhavam em cores chamativas, como num filme B de segunda linha dos anos 1959: *SEQUESTRO!*

– Vai jogar?

Olhei de cima para o garoto que tinha chegado e estava ao meu lado. Tinha o cabelo claro e suave, com cachos compridos e finos.

– É, pode ser. Você pode me mostrar como se faz?

– Você tem dinheiro?

– Por minha conta.

Ele me empurrou delicadamente para o lado e mostrou. Sua jaqueta azul brilhante tinha um grande dragão verde e laranja nas costas.

– Enfie as moedas ali. Um jogador ou dois?

– Hã... um.

Ele sorriu.

– Então vai ser só eu.

– Você vai lutar contra oponentes pesados.

– Bah! Eu sei de onde eles aparecem, não sei?

E sabia. Depois de escolher que personagem ele queria ser, suas armas e que qualidades seriam as mais importantes (força bruta, inteligência, velocidade), ele se viu, subitamente, numa rua remota, no gueto. Gângsteres armados surgiam em toda parte, brotando dos cantos de prédios e lixeiras, de janelas em andares mais altos, e de saídas do subsolo. O moleque abatia-os na maior rapidez, e o total de pontos subia desabalado no canto superior direito, antes que outros bandos aparecessem.

Enquanto ele estava ali jogando e eu fingindo observar, prestei atenção com o canto do olho para ver se algo digno de nota acontecia em algum outro lugar daquela sala.

O homem por detrás do balcão voltou a se absorver no jornal. Dois novos jogadores haviam chegado; alguns outros remexiam o dinheiro que tinham, para ver se dava para mais uma jogada.

Subitamente, dei de cara com os olhos de Astrid Nikolaisen quando, fazendo uma careta, ela se afastava da máquina que agora faiscava para ela *FIM DE JOGO*.

Foram necessários alguns segundos até que ela me reconhecesse. Ela então partiu em minha direção com um grande bocejo, como se estivesse louca para exhibir suas novas obturações.

– Que merda é essa? Você está me seguindo ou o quê?

O homem atrás do balcão levantou os olhos e colocou o jornal de lado.

Calmamente, respondi.

– Relaxe. Isso aqui é um país livre, não é?

– Não pras pessoas da sua laia. – Ela se virou para o balcão. O rapaz que

estivera sentado ali, já estava deixando o balcão. – Hei, Kalle! Temos um penetra aqui!

Um barulho infernal vinha da máquina ao meu lado. Olhei para a tela. Um gigante colossal enchia o final da ruazinha, onde era metralhado pelo meu bravo combatente até que toda sua silhueta entrou em combustão, antes de finalmente desmoronar como uma figura que pulsava no asfalto: *1.000, 1000, 1.000!*

O homem a quem ela chamara de Kalle parou à minha frente. Parecia ainda maior, agora que estava em pé, e seu hálito fedia a cebolas e cigarros.

– Qual é a sua?

– É melhor perguntar pra senhorita, não acha? Vim aqui pra jogar.

O moleque ao meu lado levantou o rosto.

– Ele está comigo! É meu tio, né?

Kalle, desconfiado, desviou o olhar do moleque para Astrid.

– Ele esteve na nossa casa há algumas horas, disse que estava procurando a Torild!

– Tor...

– Pergunte pro Kenneth!

Ele tornou a me olhar. – É verdade?

– Por que não seria?

– Ele é meu tio! – disse o moleque. Agora ele tinha chegado a um enorme armazém e disparado uma eficiente descarga de metralhadora em um dos gângsteres chefe.

– Não diga besteira, Ronny! – retorquiu Astrid. – Você não tem nenhuma merda de tio!

– Quem disse que não? – *Ratatatatata!* Quatro ou cinco gângsteres caíram no chão sob uma saraivada de balas.

Kalle me olhou com o cenho franzido, sua cabeça ligeiramente inclinada para o lado.

– Então, do que se trata, polícia ou serviço social?

– Minha formação é essa última.

– Então, o que a Astrid está dizendo é verdade?

– É, é verdade que fui à casa dela e fiz algumas perguntas sobre uma amiga da mesma classe. Um dos lugares que surgiu na nossa conversa foi este aqui.

Ele olhou irritado para Astrid.

– Ah, é? E o que tem de errado nisso?

Ronny estava exultante. A última imagem na tela mostrava a filha do diretor do banco abraçada com seu salvador, enquanto a mensagem *BÔNUS 10.000, BÔNUS 10.000!!!!*, piscava na tela.

Kalle apontou seu dedo roliço para ele.

– Quanto a você, nunca mais se atreva a mostrar sua cara por aqui!

– Não fale assim com o meu sobrinho! – eu disse.

– O que você disse? Você quer mesmo dizer...? Eu falo o que quiser, estou pouco me lixando pra quem ele é!

– O que é que deixou você tão fora do sério? – perguntei calmamente. – Eu paguei pelo jogo, não paguei? Tem alguma coisa pra esconder? – Exagerando o máximo que podia, lancei um olhar inquisidor em torno do lugar.

Agora, alguns garotos tinham se juntado à nossa volta, a maioria apenas curiosa, mas alguns poucos parecendo estar loucos por uma chance para me acertar, caso ele me pusesse para fora.

– Deu uma boa olhada?

– Foi Astrid quem mencionou o nome dessa amiga, Torild. Você a conhece?

– Não sei o nome de todo zé-mané que aparece aqui!

– Ah, não? – Voltei-me para Astrid. – Talvez você possa explicar pra ele quem ela é?

Ela me olhou hesitante.

– Torild... Aquela menina que... Uma das meninas com quem eu costumo vir.

Ele tossiu de um jeito repugnante.

– Não faz diferença, não tenho nada a dizer sobre ela. Se ela saiu sem pagar, aí... – Ele deu de ombros.

– Eu disse que ela saiu sem pagar?

Ele olhou para os lados.

– Ah, não foi por isso que você...

Astrid olhou para ele sem expressão. Nenhum deles sabia mentir muito bem.

Bonny me puxou pela manga.

– Vai outro jogo, tio?

Balancei a cabeça.

– Agora não, Bonny. Outro dia.

– É um combinado?

– É.

– Então a gente se vê. – Um pouco sem jeito, ele se arrastou de volta aos amigos com quem tinha vindo.

Exatamente nessa hora o telefone tocou por detrás do balcão. Kalle olhou para mim e acenou em direção à saída.

– A saída é lá.

Não me mexi.

– Dá pra ver.

Por um instante ficamos ali nos encarando, e pude ver seus bíceps se enrijecerem. De repente, ele se virou para o balcão.

– Tá, tá, tá, não se estresse!

Fui atrás dele, e o grupo de garotos que nos rodeava começou a se dispersar lentamente. Ao pegar o telefone ele se virou e me lançou um olhar raivoso.

– Jimmy's! É. Não, agora não. Não, eu explico depois. É. Ok. A gente se fala.

Ele atirou de volta o fone e rosnou:

– É só?

– Um *hot-dog* só com *ketchup*, obrigado!

Ele apoiou com força seu enorme punho sobre o balcão, como se fosse saltar por cima dele.

– Pensando bem – eu disse –, acho que vou abrir mão. Não tenho tanta certeza... – Corri meus olhos sobre o balcão. – Faz um tempo que você não recebe a visita da vigilância sanitária, não é mesmo?

– Se você não tirar o seu rabo daqui o mais rápido possível, quem vai receber uma visita deles é você. Deu pra entender?

– Deu... Esta cidade não é grande o suficiente pra nós dois. Isso significa que...

– Eu vi o filme.

– Eu também. Mas você viu os créditos?

– Créditos...

– Eles dizem quem escreveu o roteiro. E com toda certeza não foi você, Kalle!

Com isso, virei as costas e fui para a porta. Mas dei uma rápida olhada para trás para ter certeza de que um míssil com a palavra “FIM” não vinha voando em direção à minha cabeça.

Dez

Depois que saí do Jimmy's, parei um pouco para avaliar a situação.

Até então, eu não tinha feito o que poderia ser considerado um grande progresso. Eu poderia encerrar o dia, ir até o escritório e preencher os brancos no meu formulário com corretivo. Ou poderia ficar num canto na entrada de prédio mais próxima e esperar que o destino interviesse antes que eu apodrecesse.

Olhei em volta. Um céu branco acinzentado se estendia sobre a cidade. Eram apenas quatro e meia e ainda faltava uma hora para escurecer. Em uma esquina a um quarteirão e meio, o brilho dourado de um pequeno café-doceria se tornou convidativo. Decidi conceder meia hora ao destino.

No café, pedi uma caneca de chocolate com creme e um bolinho generosamente salpicado de canela nas bordas, antes de me sentar em uma das mesas junto à janela que dava para o Jimmy's.

Não muito tempo depois de me sentar, Ronny saiu, virou-se para a porta e mostrou o dedo para alguém, antes de olhar em torno e dobrar rapidamente a esquina mais próxima.

Fora isso, não aconteceu muita coisa além do aumento do tráfego deixando a cidade. Ao passar, as luzes traseiras dos carros projetavam listras vermelhas nas vidraças embaçadas e, repentinamente, ao longo da calçada havia lugares vagos para estacionar.

Quando minha meia hora disponível terminou tendo o destino como perdedor, juntei meus pratos e os levei até o balcão, com um sorrisinho torto à senhora rechonchuda que ficava por trás dele, como se tivéssemos um segredo em comum naquela tarde de quinta-feira. O sorriso que recebi de volta sugeria que isso era exatamente o que acontecia; só que eu ainda não tinha percebido isso.

Lá fora o ar estava frio e gelado, e afundei minhas mãos dentro dos bolsos do casaco. Tinha acabado de decidir dar uma nova passadinha em frente ao Jimmy's antes de terminar o dia, quando a porta se abriu de repente.

Saíram duas meninas com as cabeças juntinhas, levemente aconchegadas contra o vento cortante, que forçava caminho como um convidado desagradável pela parte mais estreita da rua. Nenhuma delas era Astrid Nikolaisen.

Ambas usavam jeans justos e impermeáveis um número maior. Uma delas tinha uma faixa vermelha em torno do cabelo escuro; a outra, um chapéu de veludo de aba larga revirada para cima, na frente. Assim que saíram do Jimmy's, pararam sob o brilho branco amarelado de uma lâmpada de rua que balançava. A menina de chapéu exibiu um pedaço de papel. De boca aberta, sua amiga olhou para ela como se não conseguisse conter o choque – ou talvez fosse ansiedade.

A menina de chapéu disse alguma coisa, e a outra concordou. Deram-se os braços, e quando o trânsito deu uma parada, atravessaram a rua.

Uma decisão se fazia urgente.

Resolvi deixar Astrid remando sua própria canoa no momento, esperei até que as duas garotas sumissem de vista ao dobrarem a esquina de um quarteirão de casas, e depois as segui a uma distância segura.

Na verdade, não havia com o que me preocupar. Elas não pareciam ter a mínima suspeita de que alguém as pudesse estar seguindo.

Cinco minutos depois, elas pararam de repente. Tornaram a juntar as cabeças, parecendo estar analisando a frente do grande prédio com luzes acesas do outro lado da rua. A menina com o chapéu pareceu subitamente diferente, mais tensa, e sua amiga olhou em torno com cuidado, enquanto ela falava.

Quanto a mim, permaneci imóvel em frente a uma vitrine, fingindo ler a primeira página de três tabloides diários, dois de Oslo e um local – não que houvesse muito para distingui-los, a não ser as cores.

Então as duas garotas se separaram. A menina de chapéu atravessou a rua, enquanto sua amiga ficou ali, seguindo-a com os olhos por um tempo. De uma hora para outra, ela deu meia-volta e partiu em minha direção.

Examinei com intensidade ainda maior as manchetes sobre os acontecimentos triviais do dia anterior. Um político nacional criticava o tratamento injusto no programa *Today*, e uma estrela da patinação tinha chegado ao topo numa quarta-feira em fevereiro. O Hospital Haukeland estava em crise, e tinha havido um acidente de trânsito em Lindås. Então, o que havia de novo?

A menina passou por mim, mal me dando uma olhada. Respirei fundo, aliviado por ela ainda estar numa idade em que mal notava pessoas acima de 20. Então, saí rapidamente na direção oposta.

Sua amiga acabava de dobrar a próxima esquina, por isso me apressei.

Quando eu também dobrei a esquina, vi-a de costas desaparecendo pela entrada principal de um hotel elegante.

Fui atrás dela. Pelas enormes vidraças que davam para a rua, pude seguir cada movimento que ela fazia, conforme ela passava direto pela recepção e entrava num elevador, mal olhando para os funcionários.

A porta do elevador fechou-se atrás dela, e olhei o número dos andares à medida que eles se acendiam no painel ao lado: quarto, quinto, sexto andar.

Olhei o relógio. Eram 5h20 da tarde.

Dei uma olhada involuntária para cima do prédio, como se quase esperasse que ela surgiria em uma das janelas e me acenasse.

O nome do hotel estava disposto em grandes letras em néon acima da entrada.

Pela segunda vez naquele dia me peguei me lembrando do juiz Brandt. Esse era o hotel onde ele tinha encontrado a morte há apenas uma semana. Na última sexta-feira, não foi?

Mas tinha sido na quinta que Torild Skagestøl tinha desaparecido, pelo menos de casa.

Com a cabeça saturada de pensamentos repentinos, parti em direção ao escritório.

Abri a caixa de correio na entrada, e percorri rapidamente a pilha. Uma brochura, outros três folhetos publicitários, duas contas, e um envelope completamente liso e branco, com meu nome impresso por fora.

Joguei fora o que era lixo, enfiei as contas no bolso, e examinei as costas do envelope enquanto esperava o elevador. Nenhum nome de remetente, mas um carimbo de correio de Bergen.

Saí do elevador no terceiro andar, caminhei pelo corredor e entrei no escritório. A secretária eletrônica estava piscando. Alguém tinha realmente se dado ao trabalho de deixar um recado.

Pendurei meu casaco, sentei-me na escrivaninha, peguei um abridor de carta e abri o envelope branco. Ele continha só uma folha dobrada. Abri-a.



Nosso querido e amado
Varg Veum
Que partiu repentinamente desta vida
Hoje, 24 de fevereiro

Alguém tinha feito uma nota de falecimento simples, padrão, em um computador.

Quase caí da cadeira com o choque, olhando automaticamente para o relógio. Era 18 de fevereiro. O dia 24 era na próxima quarta-feira.

Aí veio a reação retardada. Meu corpo todo começou a tremer, e a mão que segurava o pedaço de papel branco começou a se agitar involuntariamente, como se eu fosse um paciente idoso em uma enfermaria de doença senil. Fui tomado por uma sensação de intensa náusea, e as letras dançaram na frente dos meus olhos antes que, por pura força de vontade, eu conseguisse voltar a focar.

Respirei fundo: um, dois, três...

Obviamente tratava-se de uma brincadeira. Macabra, mas mesmo assim uma brincadeira. Ou também...

Um aviso?

Mas nesse caso, de quem?

E por quê?

Mal conseguindo juntar energia, rebobinei a fita na secretária eletrônica para ouvir que coisas agradáveis poderiam estar me esperando.

Só havia uma mensagem, a mesma música com som digital de órgão da outra vez: “Comigo Habita”... e agora eu tinha uma suspeita de a qual funeral eles se referiam.

Onze

Antes de sair do escritório, telefonei para Karin Bjørge, minha namorada de longa data, no Departamento de Censo Demográfico, e perguntei se ela tinha algum plano para a noite.

Ela tinha.

– Prometi para a Eva... Ela tinha duas entradas para um concerto no Hall de Concertos Grieg, e eu... Acho que ela está precisando de companhia.

– Entendo.

Ela captou o subtom na minha voz e acrescentou rapidamente:

– Mas com certeza eu posso mudar, se você...

– Não, não, claro que não. Pelo amor de Deus!

Ela hesitou.

– A gente pode se encontrar amanhã, não pode?

– Claro que sim. É o mesmo recital com a orquestra de sopro?

– É.

– Bom, espero que você aproveite!

– Obrigada.

Assim, voltei para casa sozinho.

Verifiquei a porta da frente com cuidado antes de entrar, fui com cautela de quarto em quarto abrindo as portas de uma vez, e acendendo a luz antes de entrar.

O apartamento estava tão vazio quanto uma promessa de escoteiro depois de vinte anos.

Preparei um Veum especial: alho-porró frito com tomates picados, ovos batidos e despejados sobre a primeira mistura para fazer uma espécie de omelete, um pouco mal-acabada nas beiradas, mas ficou uma delícia.

Fiz uma xícara de café de coador e sentei para assistir a um debate na TV

tão significativo quanto uma apresentação de graça na Reeperbahn. Depois, me servi de um copo de *acquavit*, pus um CD de Ben Webstere, e fui buscar um livro na pilha esperando para ser lida na minha mesa de cabeceira.

Mas eu não conseguia me concentrar.

Fiquei ali com a consciência culpada, uma sensação com a qual me acostumara durante os anos em que trabalhei no Conselho Tutelar. Na verdade, eu não deveria ficar ali sentado, relaxado. Tinha que estar nas ruas procurando Torild.

O velho camarada no andar abaixo estava quieto como um rato. Tinha enviuvado alguns anos antes, e desde então tudo que eu ouvia lá de baixo era o estalido de uma tampa de garrafa, de vez em quando, quando ele abria uma cerveja, ou o som do rádio, nas raras ocasiões em que ele o ligava um pouco alto demais às 6 horas da manhã.

Às 11h30 houve um súbito toque de campainha na porta de entrada lá embaixo.

Fui até a janela, abri-a com cuidado e olhei para fora. Era Karin.

– Hei – ela disse sorrindo para mim no escuro. – Posso entrar?

Desci e destranquei a porta. Ela entrou e me deu um abraço apertado.

– Me pareceu que você estava a fim de uma companhia.

Subimos e ela pendurou seu casaco escuro no corredor. Usava uma calça preta de veludo cotelê macio, uma blusa branca e uma jaqueta marrom escuro que realçava sua cintura fina.

– Trouxe minha escova de dentes – ela disse com um sorrisinho.

Beijei-a com ternura.

– Uma escova de dentes e animação. Isso ajuda qualquer um. – Uma leve sugestão de vinho tinto persistia nela.

– Posso lhe oferecer alguma bebida?

Sorrindo para mim, ela me beijou de volta com vontade. – Pode...

No quarto, despimos um ao outro lentamente. Deitei-a de costas atravessada na cama, corri minha língua numa linha delicada descendo sobre seu ventre, abri sua vulva com cuidado e tornei a beijá-la com paixão. Ela suspirou, abriu as pernas ainda mais, e me devorou em grandes bocadas como se estivesse voltando de um longo jejum.

Mais tarde ela disse:

– Eva e eu fomos tomar uma taça de vinho depois do concerto. O marido dela a deixou por uma garota que facilmente poderia ser filha deles.

– Um homem mais esperto do que eu disse uma vez: “Quando você envelhece, se for uma pessoa sensata, vai se apaixonar por mulheres que vão envelhecer tanto quanto você.”

Ela se aninhou sob a minha axila, beijou-me debaixo da orelha e disse:

– Então é por isso que as coisas são tão boas entre nós, é isso...?

– Hum.

Na manhã seguinte ela tornou a me beijar e fomos juntos para a cidade. Foi por isso que só vi a primeira página do jornal quando voltei para o escritório. A manchete principal me atingiu em cheio entre os olhos:

GAROTA ENCONTRADA MORTA

EM FANAFJELL

Doze

Sidsel Skagestøl atendeu ao telefone no primeiro toque, como se estivesse ali, esperando. Sua voz estava tensa e aguda:

– Alô?

– É o Veum.

– Ah. – A mudança de tom era tão óbvia que se tornou quase palpável. – Ah, pensei que fosse Holger. – Então, rapidamente ela voltou a se alterar. – Alguma novidade?

– Não, infelizmente. Não a encontrei, se é o que você quer dizer.

– É, eu... Holger está lá agora.

– Com a polícia?!

– É. Ele... – Sua voz foi se apagando.

– Vi a manchete no jornal.

– Mas não está certo que seja *ela*!

– Claro que não. Ela... Primeiro, a menina tem que ser identificada.

– É.

– Posso fazer alguma coisa por você?

– Agora não. – Debilmente ela acrescentou:

– Você conseguiu descobrir alguma coisa sobre ela? Sobre onde ela poderia... estar?

– Não, mas estou trabalhando nisso.

– Acho que vou ter que desligar, Veum, pro telefone não estar ocupado quando ele ligar.

– Se alguma coisa surgir de repente, não se acanhe em me procurar. Se o caso já tiver sido... esclarecido, então eu de fato lhe devo algum dinheiro. Vou fazer uma listagem...

– Está tudo certo, Veum. A gente se fala. – Sem maiores formalidades, ela desligou.

Coloquei o fone lentamente no gancho, e fiquei ali, olhando pela janela.

Alguns esparsos flocos de neve caíam sobre a cidade, como cinzas de uma fogueira gigante de algum lugar lá no alto. A camada de nuvens acima das montanhas também estava acinzentada, sem nem um indício de luz, apesar de o sol já ter nascido.

Tornei a pegar o jornal e reli a curta notícia.

Uma garota, até então não identificada, fora encontrada em um aterro de estrada, mais ou menos a meio caminho entre Fanaseter e Nordvik, na encosta leste da Montanha Fanafjell. Estava parcialmente despida e havia claros sinais de violência. No entanto, ainda era cedo demais para dizer se ela havia sido vítima de um ataque sexual. A causa da morte também ainda não havia sido estabelecida. A pessoa a cargo das investigações, o detetive inspetor Dankert Muus, declarou que, por enquanto, a polícia estava se concentrando em estabelecer a identidade da jovem e em proteger a cena do crime, rastreando as evidências.

Levantei-me, fui até a pia, enchi um copo de água direto da torneira, bebi, voltei para a escrivaninha, sentei-me, afastei algumas pilhas de papel à minha frente, e contei vagarosamente até dez antes de levantar o fone, discando o número da delegacia e pedindo para falar com Dankert Muus.

Ele tinha saído.

Hesitei um pouco.

– É sobre o corpo encontrado em Fanafjell. Você poderia me passar para mais alguém?

Ela podia. Depois de uns vinte segundos, me pôs em contato com Eva Jensen.

– É o Veum.

– Ah, oi...

– É sobre a garota que vocês encontraram. Ela já foi identificada?

– Hã, não. Muus está agora no Instituto Médico Legal, com um homem que...

– ...poderia ser o pai, Holger Skagestøl, certo?

– Isso é uma coisa que eu não posso...

– Ok. O fato é que ando trabalhando num caso, uma garota que está desaparecida há uma semana, Torild Skagestøl. Até agora, encontrei pouquíssimos indícios dela, então, quando uma garota aparece morta eu fico... preocupado, se é que você me entende.

– Nós também ainda não temos muitos detalhes, Veum.

– Quando o Muus voltar, será que você poderia pedir pra ele me ligar?

– Com certeza, Veum.

Depois da nossa conversa, fiquei ali, olhando para o vazio. Era uma hora morta, literalmente falando. Na folha de papel escrevi os nomes que eu tinha anotado em conexão com o desaparecimento de Torild Skagestøl:

Åsa Furebø (Trond, Randi)

Astrid Nikolaisen (Gerd, Kenneth?)

Helene Sandal, Escola Nattland

Sigrun Søvik, chefe das Bandeirantes

Jimmy's: Kalle? (Ronny)

E o hotel para onde eu tinha seguido as duas meninas saídas do Jimmy's? Quase sem pensar, acrescentei um novo nome à lista:

Juiz Brandt.

Então, liguei para Paul Finckel.

Sua voz estava grave, como se ele tivesse acordado cedo – ou já tivesse começado seu fim de semana.

Ele foi mais rápido do que eu:

– Varg? Não me diga! Você também não tem nada a ver com *este* assassinato, tem?

– Não necessariamente. Está sabendo alguma coisa a respeito?

– Ela ainda não foi identificada.

– Eu sei. Mas você tem algum... detalhe? Alguma coisa sobre o estado dela?

Pude ouvi-lo remexendo alguns papéis.

– Você quer saber se foi requintado? Inocente, excelência.

Esperei.

– Uma boa risada faz com que você viva mais, Varg. Nunca ouviu falar nisso?

– Ouvi. Mas meus dias já são longos o suficiente.

– Aqui, vamos ver... Ela foi encontrada ontem à noite, mais ou menos às dez horas. Foi um *jogger*, hã, ele teve que obedecer a um chamado da natureza e desceu da estrada que passava por lá. Só Deus sabe se ele vai continuar fazendo *jogging*.

– Os *joggers* não desistem tão fácil.

– De qualquer modo, ele deu de cara com alguma coisa ali, debaixo de alguns arbustos, foi olhar de perto e, bom, você sabe o resto.

– Não mais do que está nos jornais.

– E também não tem muito mais pra contar. As roupas dela estavam um caos, mas a polícia ainda não consegue dizer se ela foi estuprada ou se foi vítima de algum outro tipo de ataque sexual, como dizem.

– Causa da morte?

– Até agora nada. Você sabe de alguma coisa?

– Ainda não. Mas tenho andado na pista de uma menina por uns dias, e ainda não a encontrei...

– Como é que ela se chama?

– Hã... Mas se *não* for ela...

– Estritamente confidencial, Varg. – Seu tom de voz se endureceu. – Uma mão lava a outra. Na próxima vez que você ligar, pode ser que eu esteja ocupado.

– Estritamente entre nós, então, Paul. O nome dela é Torild Skagestøl.

Soltei o sobrenome dela rápido e sem dar grande importância, mas ele imediatamente estabeleceu a relação:

– Parente do Holger?

– A filha dele.

– Exatamente. – Ouvi-o anotando isso. – Algo mais?

– Ainda não. Mas se eu receber a confirmação de que é ela, posso lhe trazer mais informações.

– Não dá pra ser agora?

– Tenho que dar uma verificada antes, Paul. Pra ser bem franco, mal descobri alguma coisa.

– Está começando a sentir a idade, Varg?

– Espero que não mais do que você. De qualquer modo, muito obrigado.

– Igualmente, meu velho.

Desliguei, e tornei a remexer algumas pilhas de papel. Uma página flutuou até o chão. Enquanto eu me curvava para pegá-la, o telefone tocou.

Agarrei a página, coloquei-a a minha frente, levantei o fone e atendi.

– Alô.

– É o Muus. Soube que você ligou.

– É, eu... Ela já foi identificada?

Ele limpou a garganta.

– Acho que você deveria vir até aqui, Veum.

– Quando?

– Já estou esperando você.

– Chego em cinco minutos.

Enquanto eu desligava, meus olhos deram com a folha de papel à minha frente. Dei um pulo. Com toda aquela confusão, tinha quase me esquecido. O que eu estava olhando era o aviso de minha própria morte, dali a cinco dias.

Treze

Tínhamos nos evitado com tal consistência nos últimos anos, que quando encontrei Dankert Muus naquele dia, fiquei chocado ao ver como ele parecia mais velho.

Não somente tinha engordado muito, como tinha ficado mais grisalho e seu cabelo estava rareando. A disposição severa de sua boca estava mais pronunciada. Por outro lado, parecia que estava tomado por uma espécie de paz. Já não dava a impressão de ser capaz de saltar por cima da escrivaninha e esmigalhar alguém que o contradissesse. Dependendo do caso, poderia até mesmo atirar uma máquina de escrever em você.

Pela porta aberta, ele fez o gesto de um forte aperto de mão.

– Entre Veum, fique à vontade.

Fiz o que ele dizia e dei uma olhada ao redor. O gabinete dava clara demonstração de que dali a um ano todo o departamento se mudaria para a nova ala que estava sendo construída na esquina da rua Allehelgens com a Nygaten. Pelo menos nos últimos cinco ou seis anos não recebera uma demão de tinta. E de certa forma, Dankert Muus também dava quase a mesma impressão.

Ele me olhou desanimado.

– Jensen disse que você andou tentando encontrar essa menina?

– Andei procurando uma certa menina, sim, é isso.

Ele inspirou profundamente e depois expirou lentamente.

– Acho que posso confirmar que é a mesma pessoa... se é que o nome que Jensen anotou está correto.

Fiquei zozzo, como se tivesse estado muito tempo na água depois de um mergulho muito cedo na primavera.

– Torild Skagestøl.

Ele concordou. – O pai acabou de identificá-la. Fui com ele até o Instituto Médico Legal, e conseguimos uma declaração temporária dele antes que ele

precisasse voltar pra casa, pra sua mulher.

Em um *flash*, vi à minha frente Sidsel Skagestøl na grande sala de visitas face leste. Para ela, aquela vista perderia algo do seu charme agora e durante muitas semanas à frente. Na verdade, provavelmente ela nunca o recuperaria.

– Ele disse que ela estava desaparecida desde o último final de semana, e que sua esposa tinha contratado você pra procurar por ela.

– Foi, mas só a partir de quarta-feira, e foi apenas ontem que a minha investigação realmente decolou.

– E o que você descobriu?

– Não muita coisa. Falei com algumas colegas da classe dela. Na última quinta-feira elas estavam juntas na cidade, flanando, vendo vitrines, provavelmente foram a um lugar chamado Jimmy's. Conhece?

Ele assentiu.

– Elas foram vistas lá, sua amiga Åsa, ela, e um... acompanhante.

– Åsa... – A esferográfica dele estava a postos.

– Furebø. Elas eram velhas amigas e ainda saíam juntas. Não acho que a Åsa tenha me contado tudo que sabia. Por exemplo, ela com certeza poderia passar pra vocês o nome desse tal “acompanhante”.

– Mais alguma coisa?

– Tinha outra amiga, também uma menina da classe dela, Astrid Nikolaisen... – Fiz uma pausa enquanto ele anotava o nome e o endereço exato. – Foi ela quem disse que tinha visto esses três no Jimmy's, provavelmente na última quinta-feira.

– E seu acompanhante...

– Isto ainda está em suspenso e eu ainda nem tinha começado a desvendar. Agora, provavelmente, nunca mais vou...

– Não, provavelmente não.

– Não?

– Não! – Ele deu meia-volta em sua cadeira, olhou para um ponto na parede, e indicou com um dedo roliço como uma salsicha. – Está vendo aquele calendário, Veum?

– Estou. – Um calendário anual de aparência tradicional estava pendurado na parede. Não tinha ilustrações e estava dividido em quatro quadrados, como

uma espécie de janela para o futuro, o que, naquela altura do ano, de certa forma não deixava de ser. Um dos dias estava assinalado com um círculo vermelho escuro feito com caneta hidrográfica.

– Está vendo aquela data assinalada ali?

– Primeiro de março?

– Exatamente. – Ele movimentou os cantos da boca para um lado, mostrando os dentes no que remotamente lembrava um sorriso. Para mim, no entanto, parecia mais o esgar malicioso de um lobo.

– Dia da libertação!

– Não é mais no oito de maio?

– Minha libertação, Veum! O dia em que eu chego à idade de me aposentar!

Por um instante me pareceu sentir o bafo do tempo no meu pescoço, como uma fumaça gelada num dia frio de inverno. A vida sem Muus? Será que isso era possível? E como é que eu nem mesmo sentia uma momentânea onda de alegria só de pensar nisso?

– Você quer dizer que tem... sessenta?

– Em 27 de fevereiro! – Ele sorriu orgulhoso, como um garoto de 6 anos.

– Talvez essa também devesse ser a idade da aposentadoria para os detetives particulares.

– Sessenta? – perguntou Muus secamente. – A maioria desiste aos quatorze.

– E o que você está pensando fazer nos próximos anos? Ser oficial de justiça ou arauto?

Uma nova expressão baixou sobre seu rosto, uma expressão mais amena, completamente diferente de tudo que eu já tinha visto nele antes.

– Sempre gostei muito de flores, Veum.

– Ah...

– Na Páscoa, eu e a minha mulher vamos pra Holanda, pra temporada dos bulbos. E depois vou passar todas as horas que Deus me mandar, pelo resto do ano, lá fora, no jardim.

– Parece... ótimo.

Ele me olhou com ar penetrante. Em seguida, a expressão sonhadora sumiu do seu rosto e ele voltou para o que ainda era o tedioso trabalho cotidiano.

– Portanto, o que eu quero dizer, Veum, é isso. Não tenho a menor intenção de ver minhas últimas semanas aqui, na delegacia, arruinadas por você, atrapalhando a gente, e brincando de ser o grande detetive particular às custas da gente, simples funcionários públicos sobrecarregados! Ficou claro?

– Nunca me ocorreu...

– Ficou claro?

– Ficou.

– E também não estou planejando me ver numa situação difícil, como Vegard Vadheim.

– Não, isso dá pra entender.

– Só mais uma coisa antes que você vá, Veum...

– Não estou com pressa.

– Mas eu estou! – Ele pegou um grande envelope branco e tornou a largá-lo.

– Durante a sua investigação... Você descobriu alguma coisa... – Ele hesitou.

– Sim?

– Quero dizer... – Ele parecia quase constrangido. – Alguma coisa que a ligasse a... Você sabe, a esses chamados círculos satânicos?

– Não, absolutamente não, mas... Por que você pergunta?

– Ah, foi só uma ideia. Você vê, o lugar onde ela foi encontrada não fica muito longe do velho monastério Lyse, e... bom, dizem que... como é que eles chamam isso?, que ali são realizadas missas negras.

– É, sem dúvida houve eventos suspeitos que envolviam pessoas vestindo togas, mas... é só por isso que você está me perguntando?

Ele olhou para um ponto alguns centímetros acima da minha cabeça.

– É.

Saí do seu gabinete sem ainda ter me recobrado do choque. Flores? Muus? A única planta que eu poderia imaginar que ele gostasse era o cacto.

Na saída, enfiei a cabeça no gabinete de Eva Jensen. Ela estava ao telefone, fez um gesto rápido com a cabeça, e me virou as costas, mostrando que não tinha tempo sobrando para cavaleiros errantes.

Um cara novo havia se mudado para o gabinete de Vegard Vadheim, um urso grandalhão de cabelo castanho, na faixa dos trinta e poucos, barba escura, um sorriso amigável, e uma visão de vida aparentemente otimista.

Ele me olhou pela porta aberta, me fez uma saudação com o dedo, e eu parei.

Notei que um ar de dúvida baixou sobre seu rosto, enquanto ele tentava me situar.

– Nós... Acho que não fomos apresentados.

– Não.

Ele se levantou e deixou sua escrivaninha.

– Inspetor Atle Helleve – ele disse –, com um sotaque inconfundível de Voss.

Trocamos um aperto de mão.

– Meu nome é Veum. Varg Veum.

– Ah... Foi você que... Ouvi falar de você.

– Era disso que eu tinha medo. Se não fosse por Vadheim...

– Ah, eu... – Seu rosto ficou sombrio. – Eu não o conheci... – Fez um gesto vago com a mão.

Suspirei, e ele recuperou a compostura.

– Mais alguma coisa?

– Não, eu... Só queria dar um alô enquanto passava.

– Oi.

Acenei, dei um sorriso irônico, e saí do prédio. Ninguém veio desabalado atrás de mim para me fazer parar, colocou-me em custódia no porão, ou fez alguma outra proposta que eu não pudesse recusar.

Quatorze

Foi com o coração apertado que estacionei o carro em frente à inclinada área arborizada em Furudalen. Atravessei lentamente o portão e fui até a entrada. Hesitei ligeiramente antes de tocar a campainha.

O próprio Skagestøl abriu a porta. Seu rosto anguloso estava profundamente vincado agora, e a boca trazia uma rigidez que talvez nunca tivesse tido.

– Pois não? – ele perguntou impaciente, antes de me reconhecer. – Ah, Veum.

– Espero não estar sendo importuno.

Ele me olhou sem expressão.

– Só queria dizer o quanto... o quanto eu lamento. É tão horivelmente triste quando isso acontece com uma pessoa tão jovem!

Ele não mexeu um músculo.

– Eu... Poderia dizer a sua esposa que estive aqui...?

Repentinamente ele pareceu ter voltado à vida. Um ligeiro tremor percorreu-o de cima a baixo, ele abriu passagem, escancarou a porta e disse:

– Você pode dizer... Entre de uma vez, Veum.

Entrei com cautela no *hall*.

– Realmente, não quero...

Ele fechou a porta atrás de nós.

– Não, não, tudo bem. Entre. – Ele fez um gesto em direção à sala de visitas.

Sidsel estava sentada no mesmo sofá verde escuro da última vez que eu a tinha visto. Não reparou na cinza do cigarro que tinha na boca caindo sobre seu suéter branco.

Quando entrei no cômodo, ela ergueu os olhos para mim com o olhar vidrado de alguém que tivesse tomado uma grande dose de tranquilizantes e

ainda quisesse mais.

Aproximei-me dela e estendi a mão:

– Senhora Skagestøl...

Ela tirou o cigarro da boca com uma das mãos e me deu a outra como se não tivesse certeza de onde colocá-la.

Sua mão estava fria e úmida, e coloquei as minhas duas ao redor dela.

– Não consigo encontrar palavras para dizer o quanto esta notícia é terrível.

Ouvi Skagestøl se movimentando atrás de mim, um pouco inquieto, como se estivesse em dúvida sobre o que ela poderia fazer.

Ela abriu a boca. Seus lábios pareciam secos, e ela passou a ponta da língua sobre eles antes de falar.

– A Torild, ela...

– É, está certo, Sidsel. Veum sabe de tudo – disse Skagestøl.

– Ela está morta – continuou Sidsel, como se ele não tivesse falado.

– Eu tinha esperança de encontrá-la antes, qualquer coisa assim – eu disse.

– Entramos em contato com você tarde demais, Veum. O dano já estava feito – disse Skagestøl.

Virei-me parcialmente para ele. – Eles lhe deram a hora da morte?

– Não, não! – ele disse apressado. – Mas de qualquer modo, foi há alguns dias. O patologista foi absolutamente categórico quanto a isso.

– Bom, você mesmo foi até lá e...?

Baixei o olhar para Sidsel. Ela ficou ali, tragando seu cigarro com vontade, com uma expressão deprimida no rosto.

Afastei-me alguns passos dela e abaixei a voz.

– Você a viu...

Ele fez que sim e caminhou até a janela.

– Não era bonito de se ver. Não é assim que alguém quer ver sua... – Sua voz falhou e ele teve que recuperar o autocontrole para poder terminar a frase – ...filha.

– Não.

– Ela... – Ele cobriu o rosto com a mão. – Seu rosto estava completamente inchado e a pele tinha hematomas.

Olhei para ele. Lutava para manter o controle dos músculos faciais.

– Foi horrível! Eles me mostraram fotos do local onde ela foi encontrada... Suas roupas... estavam levantadas... a saia, a jaqueta e a calça tinham sido abaixadas, e ela estava nu... não tinha nada por baixo... Estava deitada de bruços, com o rosto para baixo e... Aqui, Veum, exatamente aqui... – Ele colocou a mão atrás do quadril, do lado direito, bem embaixo. O olhar que ele me deu era uma mistura de medo e amargura. – Aqui, alguém tinha gravado uma marca em sua carne!

Um arrepio me percorreu.

– Uma marca?

– Como um ferro em uma vaca!

– Mas o que... qual era o seu aspecto?

– Um pouco como... uma cruz invertida.

– Entendo.

– É mesmo, Veum? De verdade? – Ele quase sibilou as palavras para mim.

Souu tão ríspido, que sua esposa se virou para olhar novamente para nós, e perguntou numa vozinha patética:

– Do que vocês estão falando?

Skagestøl correu para ela.

– Nada, querida, nada.

– Na-da? – ela repetiu, como se fosse uma palavra que ela nunca tivesse ouvido.

Permaneci junto à janela e olhei para fora. Por um momento me perguntei quem estaria cuidando das outras crianças. Talvez elas ainda não soubessem. Talvez ainda não tivessem voltado da escola.

A resposta veio mais rápido do que eu esperava.

– Quero ver! – exclamou Sidsel às minhas costas. – Eu quero, Holger! Eu *preciso*!

– Vamos, vamos, Sidsel – ele disse, tentando acalmá-la. Olhou para mim com uma expressão de desculpa, quando me virei para eles.

- Quero ver o lugar onde ela foi encontrada!
- Mas nós temos que ficar aqui... Vibeke e Stian logo estarão em casa, e nós...
- Não quero ficar aqui! O que vou dizer pra eles?
- Você não precisa... Eu vou...
- Eu... – Ela se levantou abruptamente. – Chame um táxi.
- Um táxi! Mas...

Ela jogou a cabeça para trás. Subitamente, tinha a expressão de uma mulher meio embriagada, em uma festa de muita bebedeira, repentinamente resolvida a ir para casa.

- Você não pode me negar isto, Holger!
- Não, não posso...
- Nós nem somos mais casados!
- Apenas separados – ele murmurou.

Foi como se só então ela se desse conta de que eu também estava lá, e olhando para mim ela disse:

- Você pode me levar, Veum!
- Eu! Mas eu... Você não acha que deveria...? – Olhei para seu marido. – Ela deveria se deitar.

Ele fez o gesto de pegar no seu braço com delicadeza, mas ela se afastou dele dramaticamente.

- Eu disse não! Não, não, não! Vou gritar.
- Talvez o melhor fosse... – Skagestøl disse suavemente. – Pode fazer bem a ela, e eu vou ter chance de conversar sozinho com as crianças, em primeiro lugar.

Ela me olhou com a mesma expressão agitada, como se não tivesse ouvido nada do que ele tinha dito.

- E aí? Sim ou não?

Levantei os braços.

- Está bem, então. Claro que eu levo você lá, se você acha... – Abaixei minha voz. – Mas não tenho muita certeza de que a polícia vá gostar disso.

- A polícia? O que eles têm a ver com isso?
- Bom, de qualquer modo *agora* é um assunto de polícia, não é?
- Mas ela é nossa... é *minha* filha, não é?

Concordei.

- É, claro que é.
- Vamos então?

Sem esperar por uma resposta, ela se virou para a porta e seguiu em frente. Segui atrás dela obediente como um cachorrinho, olhando para trás com um olhar de desculpa para o infeliz treinador que ia ficar esperando os filhos. Os *outros* filhos.

Quinze

Abri a porta do carro para ela. Sidsel entrou e já tinha submissamente colocado o cinto de segurança, antes que eu desse a volta para o outro lado e me sentasse atrás da direção.

Quando dei a partida, ela perguntou:

– Você sabe onde é?

– Mais ou menos.

Ela não disse mais nada até ficarmos esperando o sinal ficar verde na Paradiskrysset.

– Era de se pensar que uma crise como esta deveria consertar uma relação destruída.

Lancei um olhar enviesado para ela.

– Frequentemente conserta.

– Hum – ela disse pensativa, mais para ela mesma do que para outra pessoa.

Virei à direita na Hopskiftet e peguei a via expressa para Rådalen. Os flocos brancos de neve davam à paisagem um tom cinza, como em uma velha gravura em cobre.

Ela ficou ao meu lado quieta como um camundongo, a respiração calma e regular. Parecia ter deixado para trás a histeria reprimida na casa em Furudalen. Agora éramos mais como um casal próximo à meia-idade, com nada mais a dizer um ao outro, a caminho de algum *shopping*.

Em Rådalen, o fedor que vinha do depósito de lixo sugeria que não demoraria muito para que, com quase 30 anos de uso, ele ficaria tão cheio que seu conteúdo começaria a transbordar pelos lados. Depois, chegamos à área rural entre Stend e Fanafjell, onde o vento vindo do mar enviesava os flocos de neve em relação à paisagem, como ornamentos expressivos sobre uma gravura em metal. A igreja de Fana, com seu trabalho em pedra cinza de aspecto medieval, estava ali, ao pé do Fanafjell, como um lembrete sobre a

vida e a morte, e mudei de direção para que o carro enveredasse, suavemente, para a primeira curva fechada que levaria à subida da montanha.

Quando nos aproximávamos do ponto mais alto da estrada, Sidsel repentinamente pôs a mão sobre o meu braço e apontou à esquerda.

– Você pode ir até aquele estacionamento, Veum?

Fiz o que ela me pedia.

Ela pegou no trinco da porta.

– Acho que seria bom um pouco de ar fresco antes...

Concordei e desliguei o motor.

Não havia nenhum outro carro estacionado ali. Estávamos tão absolutamente fora da estação que o café em Fanaseter estava fechado, e mesmo que eles ainda tivessem algum animal naqueles cercados, não haveria nenhuma criança para visitá-los nessa época do ano.

Sidsel caminhou à minha frente, em direção ao velho mirante onde ainda havia a base de um telescópio panorâmico. Há muito que a vista fora obscurecida pelo crescimento acelerado das coníferas. Ela continuou caminhando sobre as rochas que se voltavam para o norte, até sentir que, finalmente, estava numa altura suficiente, e parou. Seu olhar percorreu um arco à sua volta, com o vento lhe agitando o cabelo loiro de tal maneira que ela teve que puxar o casaco verde escuro bem junto ao corpo, para se manter aquecida.

Subi e fiquei ao lado dela, acompanhando seu olhar. A sudoeste, o fiorde de Kors abre caminho entre Austevoll e Sotra, onde se ergue a torre Lia, numa altura de 340 metros acima do nível do mar. A noroeste, no lado oposto do Nordåsvannet, estende-se o conjunto de casas de Bønes, como uma cicatriz na paisagem ao longo da estreita face comprida de Løvstakken, e, além disso, o ponto mais alto de Lyderhorn, a 395 metros. Por detrás das montanhas, o horizonte mal podia ser discernido: uma linha quase imperceptível entre cinza e branco, em algum lugar remoto na garganta do mar aberto.

– A vida é algo que a gente perde – ela disse num tom baixo. – Pouco a pouco.

– É, acho que sim.

– A infância, uma lembrança distante. Você é jovem e cheio de energia, de expectativas, e então... então repentinamente essa fase acaba. Você descobre o amor, ou não descobre, em todas as suas formas variadas. E antes que você

saiba a que ponto chegou, isso também acaba. As crianças que você traz ao mundo... – Ela engoliu em seco e piscou por trás das lágrimas, como se o vento tivesse se tornado muito cortante para ela. – De repente elas também se foram.

– Mas a vida continua, Sidsel.

Pareceu que ela não tinha me ouvido.

– Existem aqueles que diriam que a vida é algo que se constrói pedra por pedra até o dia em que morremos, quando temos o edifício completo.

– Hum.

– Eu poria em outros termos. O edifício é algo que lhe é dado quando você nasce: um belo edifício no qual você é convidado a entrar. Mas não demora muito e eles começam a destruir seu lindo edifício, aos pouquinhos, até que finalmente você está ali, totalmente sozinha, num lugar vazio. E algumas casas – ela acrescentou com súbita veemência –, nem mesmo são demolidas! Ficam ali para sempre, como vidas... incompletas.

Sidsel virou-se abruptamente e olhou para leste, onde o amplo canal no extremo do fiorde de Hardanger se estende como um minúsculo edredom, entre as montanhas de Dusa.

– E lá está o glaciar Folgefonna, exatamente como tem estado há milhares de anos. *Ele* não vai morrer nunca.

– Ah, os glaciares são como gente. Vêm e vão. Só que levam um pouco mais de tempo, não passa disso.

Ela começou a caminhar de volta.

– Podemos continuar, agora?

– Você é quem manda.

Voltamos para o carro.

O vale a leste de Fanafjell é coberto de coníferas até o topo de Lyshorn, e a estrada desce numa sucessão de curvas estreitas rumo a Nordvik e ao Lysefjord. Em uma curva a cerca de 1.500 metros do topo, dois carros estacionaram no acostamento da estrada: um carro de polícia e um carro particular. Um policial uniformizado ficou entre os carros, como se também estivesse estacionado ali.

Ele nos acompanhou com os olhos até eu chegar e estacionar ao lado dos outros dois carros. A essa altura ele imediatamente começou a caminhar em

nossa direção. Ao sairmos do carro, ele disse:

– Sinto muito, mas esta é uma área restrita à polícia.

– Esta é a mãe da menina que morreu – respondi com um pequeno gesto de mão em direção a Sidsel Skagestøl.

O jovem policial corou.

– Ah, entendo... Sinto muito, mas mesmo assim não posso autorizar a entrada... Claro que vocês podem *olhar*... – Ele soltou um pigarro. – Quero dizer... Claro que vocês podem entender... ainda estamos fazendo uma análise técnica no local. Para ter certeza de termos todas as evidências – ele disse, dirigindo-se diretamente a Sidsel.

Ela assentiu, mas não olhou para nenhum de nós. Seu olhar estava voltado diretamente para a descida íngreme no extremo da borda de concreto. Com o olhar de alguém com medo de altura, ela caminhou com cautela até a beirada da estrada, inclinando-se ligeiramente para trás, como se tivesse medo de ser sugada pelas correntes de ar descendentes.

Eu a segui a uma distância discreta, consciente do olhar do policial na minha nuca. Ele ficou mudo, mas com certeza se manifestaria caso fizéssemos qualquer tentativa de ultrapassar o cordão vermelho e branco que a polícia estendera ao redor para preservar a cena do crime.

Da borda de concreto, estendemos o olhar pela descida íngreme, até uma área de coníferas recentemente plantadas. Sob a estrada, fora construído um canal de concreto, para conduzir os cursos de água que desciam da montanha atrás de nós. Na boca do túnel, dois investigadores faziam um exame minucioso do local onde deduzi que o corpo havia sido encontrado, parcialmente abaixo da própria estrada.

Na mesma hora eu reparei. Havia algo que não batia.

Voltei-me e olhei para o outro lado, na extremidade da estrada. Lá, a encosta se estendia gradualmente em direção ao topo da Fanafjell, as árvores parecendo sentinelas escuras chegando até a beira da estrada.

Voltei lentamente minha atenção para Sidsel. Ereta e silenciosa, ela estava ali, quase apática, olhando encosta abaixo, muito semelhante a alguém que pensa em suicídio em uma ponte, decidindo se deve pular ou não. Sob a superfície, estava obviamente com os sentimentos em tumulto, com as ondas batendo continuamente contra os rochedos, com tal força que dava para ver os borrifos em seus olhos. Mas ela não pulou; ficou apenas ali, solitária e digna, como se já estivesse no cemitério dando um último adeus antes que o corpo

fosse enterrado.

Deu uma rápida olhada para o lado, como que para se certificar de que era eu quem estava ao seu lado.

– Não consigo imaginar.

– Tenho certeza de que é melhor assim – comentei com delicadeza.

– Não foi aqui que ela morreu...

– Provavelmente não.

– Aqui é só o lugar onde... seu corpo foi deixado. Ela mesma nunca esteve aqui. Não a pessoa que *era* Torild.

– Você tem toda razão. Agora que você já viu o lugar, acho que deveria dar um jeito de apagar sua imagem, não da sua memória porque não acho que conseguiria fazer isso... pelo menos não por muito tempo, mas da sua consciência, do lugar onde *you* está, e onde, de certo modo, sua filha sempre estará.

Ela se virou para olhar para mim. Pela primeira vez nesse dia, ela me olhou diretamente nos olhos, e uma sugestão de sorriso passou pela sua boca.

– É o sociólogo quem está falando?

Sorri de volta:

– Provavelmente. Mas normalmente é ele quem está certo. No que se refere a mim.

Durante a viagem de volta, um pensamento me era recorrente: *Será que a polícia também notou? Será que notou que algo não batia?*

Levei-a diretamente para casa.

– Quer que eu entre com você?

– Não acho que seja necessário. – Ela olhou para a porta, onde Skagestøl já estava vindo nos encontrar.

– Como está se sentindo Sidsel? – ele perguntou. – Deu pra segurar?

Um crisar involuntário correu pelo rosto dela. Parecia um recorte de papel que alguém tivesse amassado de repente.

– Por que não? É só um lugar, não é? Por que você mesmo não vai até lá? Você não vai achar a Torild... Nem lá!

Ele fez um gesto estranho com a mão e me olhou deprimido antes de

tornar a olhar para ela.

– As crianças estão lidando bem com isso. Alva está com elas agora. Liguei pra ela e pedi que...

– Ah! Eu também vou ter que aguentar *isso*?

– As crianças podem passar a noite na casa deles, Sidsel. Pra você conseguir descansar.

– Quem é Alva? – perguntei.

– Minha irmã – respondeu Skagestøl, seco.

– Talvez, pra Sidsel, fosse melhor ficar com as crianças.

– E o que você tem a ver com isso, Veum?

– Nada, estritamente falando, mas ela estava totalmente calma agora, durante nossa saída.

Ele ficou vermelho.

– Totalmente calma, *agora*! O que você está insinuando? – Apressou-se em minha direção como se estivesse prestes a me bater. Dei um ou dois passos para trás.

– Pelo amor de Deus, Holger! Não seja tão idiota! Ouça, não podemos deixar Alva ali sozinha, podemos? Ela vai deixar as crianças exaustas.

Holger controlou-se, e lançou um último olhar irritado em minha direção antes de me dar as costas e seguir sua esposa lá para dentro.

– Ela está *lendo* pra eles, Sidsel!

Nenhum deles perdeu tempo em se despedir de mim formalmente. Minha tarefa como chofer já estava feita, e eu também não havia sido um grande detetive. Na verdade, o único crédito a que eu tinha direito era que, de certa forma, tinha acontecido de eu estar ali.

Entrei no carro, deixei a casa, e desci lentamente a ladeira íngreme para Sædalen, pensando: *Dá pra ter certeza de que a polícia realmente viu aquilo?*

Dezesseis

Será que eu deveria arriscar e ligar para Muus imediatamente, correndo o risco de levar uma puta bronca assim que abrisse a boca? Ou deveria fazer o que ele havia me dito, cuidar da minha própria vida?

O problema é que naquele exato momento eu não tinha nada para cuidar, e cabeça vazia é armadilha do demônio... A nota de falecimento que eu tinha recebido pelo correio estava ali, ardendo na gaveta da minha escrivaninha, uma espada sobre a minha cabeça, e eu preferia não pensar nisso.

Liguei para Paul Finckel.

– Ai meu Deus – ele gemeu. – Hoje é o dia de “ser bonzinho com o Paul” ou o quê? Ou será que você tem alguma novidade pra me contar?

– Não... É só que eu estive num ponto acima de onde o corpo foi encontrado.

– O quê? Você não desceu direto pra lá?

– Não, não, não descí.

– Não desceu porque se presume que seja uma área interditada a todos!

– É.

– Bom, você foi até lá sozinho ou o quê?

– Não, fui com a mãe da garota. Foi ela quem me pediu que fosse junto.

– Você foi com a mãe, é isso? Como é que ela reagiu? Você percebe que isso poderia dar uma merda de uma manchete, Varg?

– Você me conhece, Paul. Não quero aparecer nos jornais!

– Você em si é uma notícia, Varg! Você não consegue evitar.

– Consigo se você quiser mais alguma coisa de mim.

– Ok, bota pra fora...

– Ela reagiu bem, Paul. Chocada e nervosa, claro, mas bem normal pra uma mãe que acaba de perder a filha. Não há nada a dizer, Paul. Nada pra

contar.

– Então por que raios você me telefonou?

– Pra lhe fazer mais uma pergunta.

– Ah, não é que eu sabia?! – Ele brincou com o fone. – Vamos lá, não se reprima, ponha pra fora e conte para o titio!

– Vocês da imprensa sempre têm alguma informação sobre as testemunhas. Esse *jogger* que encontrou o corpo, você sabe o nome dele?

– O nome dele? Eu nem ao menos sei que tipo de tênis ele usa! A polícia não passou pra gente uma mínima informação sobre ele.

– Mas se trata de um homem?

– Bom, na primeira vez que eu conversei com eles na delegacia, eles se referiram a *ele* como *sendo* um *homem*.

– Mas você deve ter algumas fontes por ali, certo? Nenhum vazamento de informação?

– Nem uma gota, Varg, nem uma... Muito curioso, na verdade, você não acha?

– É. Era exatamente nisso que eu também estava pensando.

Mas no fim das contas me senti mais sossegado. A polícia também tinha reparado naquilo.

A indolência no mínimo me levou a andar para lá e para cá dentro do meu escritório.

Olhei para o calendário de Nordnes na parede. Talvez eu devesse seguir o exemplo de Muus: circular em vermelho a data que Alguém tinha escolhido como o dia em que eu fecharia as cortinas: quarta-feira da próxima semana.

Eu deveria concluir, então, que, conseqüentemente, hoje era a última das últimas das minhas sextas-feiras e fazer dela uma sexta-feira única? Deveria reservar uma suíte no Solstrand Fjorde Hotel e convidar Karin para vir comigo em um final de semana que ela jamais esqueceria? Ou tomado pela paralisia que subjugaria qualquer um que recebesse essa mensagem, eu deveria me deitar e abrir mão de toda esperança...?

Por vários minutos vasculhei o cérebro tentando pensar em quem no mundo poderia ter tido a ideia de me mandar tal mensagem. Poderia ser uma espécie de brincadeira doentia, claro, mas a única pessoa no meu círculo de conhecidos que tinha tanto a imaginação quanto a falta de gosto para fazer tal coisa era o homem com quem eu tinha acabado de falar ao telefone, e se fosse esse o caso, dificilmente ele teria perdido a chance de fazer alguma insinuaçãozinha a respeito. No decorrer de quase 18 anos como detetive particular, era óbvio que eu tinha pisado em vários calos, mas não – eu esperava – com tanta força a ponto de alguém querer ir tão longe para me dar o troco. Pelo menos não a ponto de executar a ameaça. Na minha situação, eu desconfiava que também não adiantaria dar queixa disso à polícia. Provavelmente eles pediriam que eu cuidasse *deste* caso em particular, sozinho.

Pense em alguma outra coisa, é o melhor a ser feito.

No dia anterior, por duas vezes eu tinha me flagrado pensando no juiz Brandt. Muus tinha me proibido expressamente de investigar o assassinato de Torild. Mas ele não tinha dito uma palavra sobre H. C. Brandt, tinha?

Ainda não tinha aparecido nenhum aviso fúnebre no jornal, mas a boca miúda sugeria-se que, dadas as circunstâncias particulares, o funeral seria algo muito discreto.

Uma visita à viúva para expressar minhas condolências dificilmente seria considerada uma atitude sensível ou de boas maneiras. No entanto, ninguém poderia me recusar uma visita ao hotel onde ele tinha encontrado a morte.

Dezessete

Bergen estava atravessando um novo *boom* de construção, não muito diferente do que acontecera na década de 1970. Naquela época, eram os bancos que haviam se multiplicado nas esquinas de cada quarteirão; agora eram os hotéis. Algumas pessoas poderiam se ver tentadas a dizer que o turismo assumira o controle daquilo que o mundo financeiro abrira mão. Mas verificando com mais atenção quem eram os proprietários dos hotéis, ficava claro que, na realidade, era apenas uma questão de trocar seis por meia dúzia. As pessoas por trás daquilo tudo, e o dinheiro com o qual especulavam, eram ainda os mesmos.

O hotel onde o juiz Brandt tinha passado suas últimas horas sempre fora considerado um dos melhores da cidade, ainda que uma série de diferentes proprietários nas últimas décadas tivesse tirado um pouco do brilho da reputação que ele desfrutara em seu apogeu.

Passei pela recepção dirigindo-me ao restaurante no primeiro andar, mas, continuando a subir a escada, passei pela chapelaria ligada às salas de estar do segundo andar e continuei subindo.

Levando-se em conta que era uma sexta-feira, havia bastante movimento nos corredores. Era evidente que os últimos hóspedes executivos da semana tinham ficado o máximo possível em seus quartos, e que um monte de hóspedes era esperado para o final de semana, talvez para um ou outro congresso.

As camareiras passavam apressadas com os carrinhos carregados de roupas de cama limpas e sujas, pilhas de toalhas, e embalagens recém-abertas de material de limpeza. Em pontos estratégicos ao longo dos corredores, havia engradados vermelhos de plástico que eram rapidamente preenchidos com garrafas vazias dos quartos vagos.

Parei uma das camareiras, uma figura robusta, ruiva, sardenta, e um sorriso que logo se transformou numa careta quando, assumindo meu tom mais profissional, perguntei:

– Foi você que encontrou o juiz Brandt morto, não foi?

– Eu? Nem pensar! – ela respondeu, com o tom alarmado enfatizando seu sotaque do fiorde Sogne. – Foi Annebeth, mas hoje ela não está aqui!

– Ah!

– Ela está afastada por doença desde esse dia...

– Mas...

– Converse com a Gro Anita. Elas moram juntas.

– E onde ela está?

– No quinto andar. É uma mulherona morena...

Agradei e sai à procura de sua companheira de trabalho, dois andares acima.

Dei de cara com ela saindo de um dos quartos, os braços carregados de roupas de cama. Não era apenas grande e morena, mas também muito bonita, com um sotaque sulista difícil de definir. Seus olhos castanhos me olharam com uma expressão pesarosa assim que apareci à porta do quarto.

– Este quarto é seu, senhor? Estamos um pouquinho atrasados, mas a recepção me informou que vocês dois não entrariam antes das três.

– Na verdade, não sou um hóspede.

Ela assumiu uma expressão contrariada, projetando ligeiramente seus lábios carnudos. – Então de onde o senhor é? Do Departamento de Recursos Humanos? – Ela se espremeu para passar por mim, chegando ao corredor e virando à direita.

Fui atrás dela. – Não, gostaria de dar uma palavrinha com Annebeth.

– Ela está afastada por doença! – ela disse, desaparecendo por uma porta.

Da entrada eu a vi jogar a roupa de cama suja em um grande cesto, e, com rápidos movimentos das mãos, começar a descer um jogo limpo das prateleiras.

– Eu sei, ela está no hospital?

– Não, está em casa.

– Mas sendo assim, com certeza ela vai poder...

– Cuidado com as costas! – ela ordenou. – Olhe, estou mesmo sem tempo!

Dei passagem para ela e a segui de volta ao quarto de onde ela acabara de sair. Sem nem ao menos me dar uma olhada, ela começou a arrumar a cama.

– É muito importante.

Ela parou por um instante, se aprumou e fez uma careta enquanto colocava as mãos nas ancas.

– Pra quem? Você nem ao menos me disse seu nome!

Sorri como quem se desculpa.

– Não, sinto muito, mas você... Não tive oportunidade. Meu nome é Veum. Represento a companhia de seguros do juiz Brandt, e só precisamos de alguns detalhes sobre a morte...

– Se ele se matou, é isso?

– Bom...

– Assim a velha dele não receberia um centavo, certo?

– É, claro, mas essa regra só se aplica para os dois primeiros anos depois que os papéis foram assinados, mas...

Ela me olhou com ar de desafio.

– Bom, não posso ajudar!

– Nem mesmo me dando o endereço de Annebeth?

– Ah, tudo bem...

Ela me olhou de cima a baixo, na maneira prática de alguém acostumado a evitar os avanços atrevidos de vendedores ambulantes ainda meio sonolentos.

– Dividimos um pequeno apartamento na Steinkjellergaten. – Ela me deu o número e o andar.

Sorri.

– Então somos praticamente vizinhos.

– Espero que isso não signifique que de agora em diante vamos dar com você rondando a nossa porta todas as noites!

– Tem muita gente que faz isso?

– O bastante por ora! – Suspirando, ela tornou a se debruçar sobre a cama, mas não como um prelúdio para qualquer flerte; a julgar por sua expressão, parecia mais que ela estava sob grande pressão.

Saí desabalado pela porta, antes que ela tivesse tempo de me perguntar o nome da companhia de seguro de Brandt e se eu tinha alguma identificação.

A Steinkjellergaten fica no final da velha estrada que vem do norte em direção a Bergen. Foram-lhe atribuídas novas funções, mas as construções ao longo da rua ainda conservavam um ar histórico, e sua inclinação ainda era a mesma.

O endereço que a moça tinha me dado ficava na parte mais estreita da rua. As duas garotas dividiam um apartamento no segundo andar, de acordo com uma tabuleta de papelão escrita a mão que dizia: *Gro Anita Vebjørnsen e Annebeth Larsson*. As três últimas palavras haviam sido acrescentadas depois, com uma esferográfica diferente.

A porta envernizada era mais nova do que a casa. À esquerda havia uma janela estreita. A luz do *hall* interno era visível através do vidro leitoso e ondulado.

Apertei o botão branco da campainha preta.

Passado um tempo, ouvi passos hesitantes e abafados lá dentro, como se a moradora fosse uma senhora idosa. Depois, silêncio. Ninguém fez qualquer menção de abrir a porta. Era como se ela apenas estivesse ali, parada, esperando, torcendo para quem quer que tivesse tocado a campainha fosse embora.

Mas eu já tinha tocado campainhas demais na minha vida para desistir com tanta facilidade.

Dessa vez consegui uma reação.

– Quem é? – perguntou uma voz abafada por detrás da porta espessa.

– Meu nome é Veum. Sou da... companhia de seguros.

Depois de uma pausa, houve um ruído na fechadura e a porta foi entreaberta, revelando um alongado rosto feminino me espiando ansiosamente.

– O que o senhor quer?

– É sobre o juiz Brandt. Precisamos esclarecer alguns detalhes.

Ela tinha o cabelo fino e loiro, na altura dos ombros, despenteado, e me observava por sobre os óculos grandes de aro dourado, que tinham escorregado um pouco além da conta sobre seu nariz. Estava pálida, com as

faces de um rosa levemente febril, e não vestia muito mais do que um *peignoir* acolchoado.

– O senhor tem alguma identificação?

Entreguei a ela minha carteira de motorista, e ela a analisou com cuidado.

– Aqui não diz nada sobre qualquer companhia de seguros – ela observou desconfiada.

Tirei um dos cartões de visitas que eu tinha pedido para um amigo tipógrafo imprimir para mim, antes que ele fosse à falência e pusesse fogo em tudo. Se ela fosse suficientemente precavida a ponto de telefonar e checar o número do cartão, não iria além da minha secretária eletrônica, que gravava com neutralidade tudo que vinha, de hinos fúnebres a trombetas do Juízo Final. Nesse caso, eu esperava que ela compreendesse que a Companhia de Seguros Nêmesis era uma das menores que havia, e que a telefonista estava em hora de almoço naquele momento.

Mas ela não era tão detalhista. Devolveu-me a carteira de motorista e o cartão de visitas, abriu totalmente a porta e murmurou debilmente:

– Espero que não leve muito tempo. Estou afastada por doença.

Entrei no *hall*, esperei que ela fechasse a porta, e a segui até o que se revelou uma cozinha dando para os fundos, onde um pombo bicava desanimado a moldura da janela, na esperança de encontrar alguns insetos que tivessem sobrevivido ao inverno.

Ela estivera sentada à mesa da cozinha com uma revista aberta nas palavras cruzadas, tendo ao lado uma xícara de café pela metade. Puxei uma cadeira de vime, sentei-me e dei uma rápida olhada pelo cômodo, antes de tirar meu bloco de anotações e assumir um ar profissional.

O cômodo tinha um ar feminino pouco alentador, com sinais evidentes de que tinha sido mobiliado por duas pessoas diferentes, com gostos totalmente diversos. Uma delas tinha uma preferência por estampas florais grandes nas cortinas, a outra, por um estilo simples, quase enigmático, representado no papel de parede.

– O senhor está servido de uma xícara de café? – ela perguntou; e quando aceitei, tive o prazer de vê-la se esticar para pegar uma caneca em uma das prateleiras do guarda-louça. Sob o *peignoir*, usava uma calça de pijama justa, própria de uma adolescente, em algodão rosa com florzinhas, e seus pés estavam enfiados em chinelos vermelho escuro, com pompons grandes, emprestados de alguma diva a quem ela se esquecera de devolver. A não ser

que pertencessem a Gro Anita. Eu não tinha a menor dúvida sobre qual delas gostava de flores e pompons e qual preferia o estilo mais simples.

Ela despejou o café de uma garrafa térmica amarelo claro, empurrou a revista para o lado, e me olhou com ar interrogativo.

Acenei com a cabeça em direção às palavras cruzadas não terminadas.

– É exatamente assim que acontece com uma morte súbita. Uma longa fileira de perguntas não respondidas e um formulário que é preciso responder aos pouquinhos, na horizontal e na vertical até, se você tiver sorte e um bom dicionário, conseguir completá-lo. Preencher com o que realmente aconteceu.

Ela se remexeu inquieta. Sentiu a testa com as costas da mão, como que para enfatizar o fato de estar com febre. Tinha os lábios secos e rachados, com manchas brancas sobre a pele mais escura.

– E ainda existem algumas pistas para as quais não encontramos respostas – continuei.

Ela agitou os cílios, não numa tentativa de causar algum efeito, e sim como alguém que repentinamente se vê numa luz diurna muito desconfortável. Ainda assim não disse nada.

– Como eu estava dizendo... indo direto ao assunto... Foi você quem encontrou o juiz, não foi?

Ela fez que sim, desviando o olhar para a janela. O pombo já não estava ali, como se tivesse pressentido o perigo. Os mesmos flocos de neve caíam regularmente sobre a cidade, como se viessem de um estoque infindável, mas não permaneciam porque o termômetro ainda marcava uma fração acima de zero.

– Você pode me contar o que aconteceu?

Quando, finalmente, ela falou, foi tão baixinho que tive que abaixar a cabeça para ouvir o que dizia.

– Não sei o que aconteceu ali... Eu só... o encontrei.

– Sei, entendo, mas... Você sabia que ele estava ali?

– Sabia, tínhamos sido informadas de que o quarto estava ocupado até as duas da tarde.

– Isso era normal?

Ela tornou a desviar o olhar.

– Era. É comum acontecer de os hóspedes precisarem do quarto um pouco mais de tempo.

– Sei, mas o que eu queria dizer... Você já tinha visto o juiz antes, não tinha?

– Tinha, ele... Eles disseram que ele sempre tinha encontros importantes ali... reuniões.

– Hum – olhei para ela, encorajando-a.

– Então... eu já tinha visto ele lá antes.

– E... Você via com quem ele tinha esses... encontros antes?

– Ah, algumas vezes...

– Era com homens?

Ela não respondeu.

– Mulheres?

Ela assentiu.

– Mulheres variadas?

Ela deu de ombros. – Ah, pode ser.

– Garotas?

Ela apertou os lábios.

– *Muito* jovens?

Um concordar mais demorado. – E como!

– E?

– Não, eu só quis dizer, eu não seria pega fazendo isso! Mesmo que me pagassem uma fortuna!

– É. Provavelmente é isso que a maioria das pessoas pensaria.

– O velho porco! Ele só recebeu o que... – Ela se interrompeu abruptamente, horrorizada com o que estivera prestes a dizer.

Tirei o recorte de jornal mostrando uma foto de Torild Skagestøl, coloquei-o sobre a mesa da cozinha, e o empurrei em sua direção.

– Esta garota aqui era uma delas?

Ela deu uma rápida olhada na fotografia, quase como se tivesse medo de

ser reconhecida. Concordou com um gesto débil. Depois, aproximou-se mais e deu uma boa olhada antes de acenar com muito mais convicção.

– Talvez o cabelo estivesse um pouquinho diferente, e o rosto tivesse uma expressão muito mais atrevida, mas... é... – Ela me olhou diretamente nos olhos. – Tenho certeza de que é ela!

Inclinei-me para frente.

– Tem certeza de que era ela também no dia de que estamos falando?

Ela pareceu em dúvida.

– Ah, acho que sim, mas... Eu não vi a garota com tanta clareza naquele dia, mas... quase sempre era ela! Várias vezes. Tenho certeza disso agora... Quando ela passava por mim, bom, por nós no corredor, olhava na nossa cara com o ar mais atrevido que o senhor possa imaginar, como se a gente... como se a gente não conseguisse o que ela ia conseguir ali, como se a gente não soubesse o que ela era!

Senti um estranho zumbido, uma mistura de satisfação e medo. Satisfação pelo que eu já conseguir deduzir; medo pelo que aquilo poderia implicar.

– Mas... Vamos voltar ao dia de que estamos falando... sexta-feira passada, certo?

Ela concordou com um aceno leve.

– Me conte como é que você... que você o encontrou.

Ela empurrou seus grandes óculos de volta no nariz, mas não disse grande coisa até que eles tornaram a escorregar.

– Primeiro eu vi ela... Ela estava... Ela parecia estar com muita pressa, porque, indo pro elevador, ainda enfiava a blusa pra dentro da calça, mas quando ela... me viu...

– Hã?

– Eu estava saindo de um quarto no final do corredor, e... quando ela me viu, voltou pra trás como... – Ela procurou a expressão adequada. – Bom, de certa forma, ela não queria ser vista. Então ela sumiu virando o corredor, onde com certeza deve ter pegado a escada.

– O comportamento dela pareceu anormal?

– Pareceu, mas não nesse sentido...

– Foi aí que você entrou no quarto deles?

– Não, não, ainda não eram duas horas, e eles tinham o quarto... – Ela perdeu o fio do que estava dizendo.

– Entendo. E depois?

– Depois... Eu arrumei os outros quartos.

– Então, que horas eram quando você chegou ao quarto do Brandt?

– Não olhei no relógio, duas e vinte, alguma coisa assim, de acordo com o que a polícia disse. De qualquer modo, eram duas e vinte e cinco quando ligaram pra recepção.

– Me conte o que aconteceu.

– Não *aconteceu* nada. Quando eu cheguei ao quarto, bati na porta e esperei, do jeito que a gente deve fazer. Mas ele podia ter saído enquanto eu estava arrumando outro quarto, então... como ninguém respondeu, abri com a chave e entrei. – Ela cobriu a boca com a mão, como se a lembrança do que tinha visto ali fosse tão forte que, involuntariamente, tivesse que reviver suas próprias reações físicas.

– No começo estava tão quieto que tive certeza de que ele tinha ido embora. Mas daí senti um cheiro, um cheiro que não consegui identificar... E quando entrei no quarto mesmo, ele estava lá, deitado na cama, numa posição muito contorcida, usando só, só... Tive que vomitar, então disparei pro banheiro, mas não saiu nada. Era só meu estômago dando voltas, meu diafragma subindo e descendo, doía muito. Agora, pensando nisso, acho que foi isso que me deixou doente.

– Não é impossível.

– Nunca usei nenhum treco daqueles... Quero dizer, preto, me parece bizarro.

Não comentei esse aspecto.

– Tinha alguma coisa no quarto que indicasse o que tinha acontecido por lá?

– Bom, parecia que tinha havido uma festa. Eles tinham tomado cerveja do frigobar, e tinha travesseiros pelo chão. Uma das cadeiras estava derrubada, e no banheiro...

– Hã?

– Logo atrás da privada, eu vi quando me debrucei pra vomitar, tinha um frasco caído, um frasco de comprimidos vazio.

– O que você fez com ele?

Ela me olhou com os olhos arregalados.

– O que eu fiz com ele? Conte pra polícia, é claro.

– Tinha alguma coisa escrita no rótulo?

– O senhor acha mesmo que eu olhei? Tudo que eu consegui fazer foi me levantar. O que eu precisava era... bom...

Engoli o resto do café.

– Você reparou em alguma outra coisa em especial, no quarto?

– Nada, a não ser o que ele... Ele tentou escrever alguma coisa na parede...

– O quê? Ele tentou escrever alguma coisa?

– Primeiro eu pensei que fosse sangue que ele tivesse lambuzado em volta, mas depois... Não tinha sangue a não ser aquele, e eu... aí eu percebi que era batom.

Ela me olhou com uma expressão de imenso desconforto.

– Ele *tinha se pintado* do pior jeito possível... – Ela percorreu os lábios com os dedos, como que para ilustrar o que estava dizendo.

– Então, ele tentou escrever alguma coisa com o batom?

– Tentou.

– O que foi?

– Primeiro pareciam alguns rabiscos, mas depois... era uma letra.

– Uma letra? Qual?

– Um T bem grande.

Dezoito

No meu ofício, as fontes são mais importantes do que o são para a imprensa, e protegidas pelo mesmo código de confidencialidade. Talvez fosse por isso que eu tinha tantos contatos úteis nos jornais.

O mundo editorial era um labirinto, um labirinto bem iluminado, não tanto porque se presumia ser difícil caminhar por ele, mas para abrir espaço para tantas pessoas quantas fosse possível no que havia disponível.

Encontrei Laila Mongstad em um pequeno cubículo lá no fundo, com metade de uma janela dando para as costas do prédio de Ciências Sociais na rua Fosswinckels, e o colégio católico no prédio vizinho. Agora já fazia quase quatro anos, numa fase surpreendentemente avançada de sua carreira, que ela tinha sido roubada do braço mais radical do jornal, na rua Christian Michelsens, e há muito confirmara sua reputação como uma repórter tão importante em assuntos sociais, que o jornal já estivera duas vezes nos tribunais, para responder a acusações de difamação por causa de algumas de suas revelações.

Talvez por passar o tempo remexendo em toda aquela sujeirada, seu sorriso anteriormente generoso se tornara ligeiramente tenso nos cantos; ou talvez fosse apenas uma questão de idade. Ela tinha se mantido muito atuante em uma carreira de 30 ou 40 anos nos jornais, e apesar de seus olhos cinza-azulados ainda estarem cheios de energia e dinamismo, logo calculei que certamente já tinha passado dos 60 desde a última vez que tivemos alguma coisa especial acontecendo. E nunca, na verdade, fomos além disso.

O sorriso que me deu não revelou nada. Sua blusa de seda azul-cadete enfatizava seus grandes seios, mas reparei que os botões de baixo de seu cardigã vermelho estavam abotoados, provavelmente para camuflar o tamanho da cintura acima da calça justa azul-escuro.

– Como vai você? – perguntei com cautela.

– Você vem como amigo ou é visita de trabalho? – ela respondeu, girando a cadeira para longe do teclado do computador que estava usando.

– As duas coisas.

– Então, é melhor você se sentar.

– Obrigado. Com o que eu começo?

Ela deu um sorriso torto.

– Qual demora mais?

– Tenho certeza de que você sabe sobre a garota que eles acharam no Fanafjell...

– A filha do Holger. É horrível. Mas...

– Ela estava desaparecida há uma semana e eu... eu fui contratado há dois dias para tentar encontrá-la.

– Entendo. Você chegou tarde demais?

– Eu não estava nem perto, mas descobri alguma coisa.

– É?

– Um dos lugares onde eu soube que ela passava um tempão é um fliperama chamado Jimmy's.

Ela fez uma careta.

– Jimmy's...

– Conhece?

Ela abriu uma gaveta da escrivaninha.

– Como é que você descobriu que ela andava por lá?

– Uma das amigas me contou.

– Isso não significa necessariamente nada, é claro, mas...

Ela tinha tirado da gaveta um envelope grande e bege. Abriu-o e cobriu a escrivaninha com cerca de vinte ampliações em branco e preto.

– Um dos nossos fotógrafos tirou essas fotos de um carro estacionado no começo de janeiro.

Empurrou quatro das fotos na minha direção.

Olhei-as. Mostravam a entrada do Jimmy's. Uma garota estava saindo. Na foto seguinte, ela caminhava pela calçada enquanto a sombra escura de um carro em movimento aparecia à direita. Na terceira foto, a menina estava meio debruçada, olhando para dentro do carro, e, na quarta, estava se sentando no banco de passageiros ao lado do motorista.

A placa do carro havia sido retocada e aparecia bem visível. Olhei para Laila.

– Você checkou de quem é este carro?

Ela assentiu.

– E?

Ela olhou em torno e se inclinou tanto que senti o seu perfume, um aroma fresco, como seiva.

– Um político local não totalmente desconhecido... Você sabe quem é Hallstein Grindheim, não sabe?

– O homem do Partido do Povo Cristão?

– Infelizmente, não dá pra ver o motorista.

– Você quer dizer que não sabe quem era o motorista?

– Não.

Olhei as outras fotos.

– Tem mais como essas?

Ela deu uma folheada em algumas fotos antes de tirar três, empurrando-as para mim.

Uma delas era quase igual à primeira que eu tinha visto. Mostrava outra garota saindo do Jimmy's. A próxima mostrava-a andando pela calçada em outra rua. Tive que olhar mais de perto alguns tapumes para identificar onde era. A terceira mostrava-a entrando pela entrada principal do mesmo hotel que eu tinha visitado algumas horas antes.

– E então? – perguntei.

Ela deu de ombros.

– Tem um limite em quanto a gente pode acompanhar isso, mas... um encontro em um dos quartos? – Ela me estendeu uma quarta foto. – Aqui está ela saindo duas horas depois.

– Pra onde ela foi então?

– Para o ponto e tomou o último ônibus pra casa.

– Mas o seu jornal ainda não escreveu sobre isso, pelo que eu me lembre.

– Não. Por enquanto, estamos só reunindo material de fundo. Quando a história vier à tona, precisamos ter provas irrefutáveis para sustentá-la.

– Excelente! O que mais você sabe? Pelo que eu percebo, seu pessoal também anda bisbilhotando no Jimmy's?

– Você sabe quem é o dono?

Hesitei. – Não, mas pelo jeito que você fala... é o Bjørnstjerne Bjørnson, não é?

– Não, mas você está na pista certa. As iniciais são as mesmas.

– Birger Bjelland?

– Hã, hã.

– Em outras palavras, isso quer dizer que finalmente o cara pode ser acusado de alguma coisa?

Ela fez uma expressão cética.

– Hum. Talvez a gente pudesse ver desta forma... Há muito tempo ele mostrou que tinha tantas vidas quanto um gato. É provável que a gente consiga diminuir uma delas nessa contagem, se isso de fato desmascará-lo.

– E Hallstein Grindheim? Você o confrontou com as fotos?

– Ainda não. Mas se pelo menos a gente conseguir pegá-lo de frente, de corpo inteiro, ele vai aparecer na primeira página!

– Com roupa ou sem?

Ela arreganhou os dentes, e eu reparei em como os seus caninos eram pontudos.

– Também sem...

– Mas voltando ao Jimmy's, você não teve vontade de dar uma olhada por lá?

– De qualquer modo, eu sou velha demais e do sexo errado.

– Mas...?

– Claro, eu tenho colegas mais jovens com o calibre certo entre as pernas.
– Ela me olhou provocativa, como que sugerindo que talvez eu não correspondesse aos seus padrões nesse departamento. – Mas é difícil apontar alguma coisa específica. De fora, parece um fliperama normal. A maioria dos que jogam nas máquinas são garotos, e, claro, não descartamos a possibilidade de que possa haver algum tráfico ali também, mas... parece que a especialidade são as garotas, especialmente as adolescentes. Provavelmente eles recrutam as mais velhas em algum outro lugar.

- No bar do Hotel Week End, por exemplo?
- Esse hotel também mudou de nome recentemente, então... sim.
- Ah, verdade? Muito recentemente?
- Alguém comprou da família.
- Alguém?
- E também não é o Bjørnstjerne Bjørnson.
- Entendi. Então, como é que o hotel se chama agora? O Jardim Secreto?
- Faz tempo que você comeu?
- Faz.
- Pastel.
- Então, eles também pintaram o local?

Ela concordou.

- Vou vomitar.
- Foi por isso que eu perguntei...
- Hum. Bom... – Ergui as mãos para o alto. – Trocando em miúdos, você está sugerindo enfaticamente que o Jimmy's funciona como uma espécie de biboca de cafetinagem?

– É, estou, infelizmente.

– E como é que a coisa toda funciona?

– Via chamada telefônica pra quem quer que esteja trabalhando atrás do balcão. Ele escreve alguma coisa num bloco, e depois de um tempo a mensagem é passada discretamente pra garota da vez para um... encontro.

– Então algumas delas são buscadas de carro, enquanto outras vão pra um encontro pré-combinado?

– Uma coisa do tipo.

Tornei a percorrer as fotos, tentando ler a expressão no rosto das duas garotas. Pelo físico, dava para ver que eram duas meninas diferentes, mas as fotos eram muito indistintas para perceber quem eram.

Deixei de lado uma das fotos da série que terminava na entrada do hotel. Depois, empurrei-a para Laila. – Esta poderia ser Torild Skagestøl?

Ela me olhou pensativa antes de pegar a foto e segurá-la à distância.

– Acho que nunca a vi... mas algumas das outras poderiam ser... – Ela tornou a me olhar. – Você acha que existe uma ligação direta entre isto e o fato de ela ter sido morta?

– Não seria a primeira vez que... – Relutei em usar a palavra. – Que alguma coisa dessas acontece com uma prostituta, seria?

– Não, você tem razão quanto a isso. – Subitamente ela pareceu preocupada. – Será que eu deveria informar o conselho editorial a respeito?

– Pelo bem da reputação das meninas, e de seus pais, acho melhor mantermos isto entre nós, por enquanto.

– Vou ter que pensar sobre isso – ela disse, subitamente assumindo um ar profissional.

Apontei para a foto da fachada do hotel.

– Isso não lembra mais alguma coisa?

– Deveria?

– Na sexta-feira passada, no mesmo hotel.

Ela estalou os dedos.

– Brandt! – Seus olhos faiscaram. – Você quer dizer...?

– Disseram que ele tinha recebido uma visita feminina no quarto, não foi?

– E recebeu mesmo, Varg, não há dúvida quanto a isso!

– Exatamente.

– Um juiz municipal, e um membro do Partido do Povo Cristão. Os pontos estão começando a se ligar...

– E não era exatamente um encontro de um clube de leitura, era?

– Mas... estritamente falando, este é um assunto de polícia, não é?

– Claro, mas eu não disse... Quero dizer, eu estava procurando a Torild Skagestøl antes que ela fosse encontrada. Conte à polícia o pouco que sabia, mas agora você conseguiu uma carga muito mais explosiva no Jimmy's...

Ela me olhou em dúvida.

– Mas não tenho certeza de que já queira publicar tudo isso. Além disso, sei muito bem que a polícia verificou essas atividades há muito tempo.

– Verificou e não fez nada?

– Alguma dessas meninas é menor de idade?

– Bom, não, as com quem eu conversei não.

– Exatamente. Então é preciso descobrir uma evidência de que alguém esteja ganhando dinheiro com elas.

Pensei um pouco.

– Quem é que mais entende de prostituição nesta cidade no momento? Estou dizendo, *além* da polícia?

– Neste caso, eu conversaria com alguma das integrantes dos grupos mais ativos do Women's Lib, o Movimento de Libertação das Mulheres.

– Pode sugerir alguém?

– Alguém com quem você poderia conversar e que também tem conhecimento profissional sobre o que está falando é Evy Berge.

– E quem é ela?

– Uma enfermeira no Pronto-Atendimento do Hospital Haukeland.

– Você tem algum número de telefone?

Ela se virou para o computador e clicou o mouse. Conforme a lista de telefones aparecia na tela, ela disse:

– Algumas dessas garotas tiveram que tirar o telefone da lista... Evy também, na verdade. Isso quer dizer que você não pode divulgá-lo. – Ela anotou alguma coisa em um bloquinho de recados amarelo. – Aqui também tem o número do departamento, caso ela esteja trabalhando. Na verdade... – Ela começou a remexer uma pilha de papéis no lado esquerdo da escrivaninha. – Será que ela não me deu...? Ah, aqui está!

Ela me entregou uma circular na qual, sob o título *RECUPERE A NOITE!*, anunciava-se uma passeata para as 11 horas da noite na segunda-feira seguinte na rua C. Sundts.

– Você estará lá? – perguntei.

– Não, ainda estou mantendo distância desse, hã... assunto específico. Mas pode fazer bem a você – ela acrescentou, com um sorrisinho enfático.

– Isso quer dizer que estamos passando para a parte *amigável* agora? É isso?

Ela se inclinou para frente e se aproximou um pouco, olhando nos meus olhos com um brilho bem ambíguo, e dizendo baixinho:

– Ainda restou alguma amizade, Varg? Será que estou vendo uma faísca de amor tardio ali no fundinho?

O pior de tudo foi que ela quase me fez corar.

– Ah, tardio?

– É? – Ela chegou ainda mais perto e pegou as minhas mãos.

Não passamos disso. A porta que dava para o corredor se escancarou e ouvimos o som de passos apressados entrando na sala, antes que alguém gritasse em altos brados:

– Nem fodendo eu vou aguentar isso! O cacete que eu vou!

Pelos gritos, eu imediatamente reconheci a voz. Era Holger Skagestøl.

Dezenove

Laila soltou as minhas mãos como se tivesse se queimado, e nos levantamos ao mesmo tempo, olhando sobre a divisória para a origem do barulho.

Holger Skagestøl estava levando um grupo de oito ou nove colegas para dentro da sala.

Um homem na casa dos 30, com o cabelo loiro ligeiramente despenteado, jaqueta de couro curta, e uma grande maleta de câmera sobre o ombro era o primeiro, seguido por um colega da mesma idade com colete de couro e camisa jeans azul. Era Bjørn Brevik, um dos jornalistas da casa, que fazia o possível para manter Skagestøl longe do fotógrafo. Logo atrás de Skagestøl vinha Trond Furebø e vários outros, alguns empenhados em acalmar a situação, outros movidos por pura curiosidade.

– Quero aquele filme, está me ouvindo?! Quero o filme! – gritava Skagestøl, de modo que toda a redação reverberava.

– Então é melhor levar a escrivania junto! – respondeu o fotógrafo.

– Merda, você não pode me tratar como... como... como qualquer zé-ninguém, joãozinho, ou sei lá! Eu também trabalho neste jornal, você sabe.

– Então isso significa que a gente tem tratamento preferencial? – interrompeu Bjørn Brevik.

– Tratamento preferencial? – Skagestøl pegou Brevik pelas lapelas e o puxou para junto do seu rosto. – Estou falando de proteção normal de privacidade pessoal! O código “Seja Justo” dos jornalistas. Já ouviu falar nisso, seu arrogantezinho? Nem fodendo os assuntos particulares da minha família vão aparecer escancarados por toda primeira página!

Brevik também levantou a voz alguns decibéis. – Me solta!

Skagestøl parecia estar, na verdade, agarrando com mais força.

Trond Furebø pegou-o pelo braço. – Holger...

– Me solta! Está ouvindo? Eu...

Brevik levantou os cotovelos e se soltou com tanta brusquidão que um botão de sua camisa ricocheteou por sobre as mesas.

– Não se trata de escancarar nenhum assunto familiar na primeira página. É notícia!

– Notícia! Eles já prenderam o criminoso. Por que você não usa uma foto dele, então?!

– É uma ilustração perfeitamente normal! – esganiçou o fotógrafo, com a voz atingindo um falsete.

– Ilustração! Quer que eu lhe meta essa câmera goela abaixo, quer?

Furebø interrompeu.

– Holger! Isso não vai dar certo. Vamos conversar com o editor...

Skagestøl estava começando a se acalmar. Houve uma súbita mudança em seu rosto, e quando ele tornou a falar estava à beira das lágrimas.

– Com certeza você pode entender... Bjørn. Trata-se da minha filha.

Bjørn Brevik assentiu.

– Sua filha desta vez, a filha de outra pessoa amanhã. O que você faria no meu lugar?

– Eu teria feito concessões...

– Teria?

Skagestøl estava com lágrimas nos olhos, agora.

– Então?

– E se não dissesse respeito a você pessoalmente?

Furebø veio para junto de Skagestøl, rodeou-o e ficou face a face com Brevik.

– Vamos resolver isso com o chefe, ok?

Brevik lançou-lhe um olhar de desprezo.

– Por mim, tudo bem.

O grupo se dispersou. Os que estavam lá meramente por curiosidade recuaram visivelmente desapontados com o final do drama. O fotógrafo ainda tentava manter Brevik entre ele e Skagestøl, e todos se dirigiram para a porta.

Furebø correu os olhos pelo restante de nós ali de pé, como soldadinhos

de lata em nossas caixas, em uma liquidação bem comum de uma loja de brinquedos.

– Que diabo vocês estão olhando feito idiotas? – vociferou para ninguém em particular.

Ao me ver, mudou levemente de comportamento e levantou a voz.

– Está satisfeito agora, você? Maldito intrometido!

A porta bateu à sua passagem, e os que ficaram se viraram para mim como se acabassem de perceber que um novo espécime fora acrescentado à sua coleção.

Sentei-me e olhei para Laila.

– Tem alguma ideia do motivo de tudo isso?

– Não, mas vamos descobrir no momento certo.

– Mas do que se trata? Eles prenderam alguém?

Ela pegou o telefone.

– Se você esperar um segundo, vou perguntar... – Discou um número, fez a mesma pergunta e ficou ouvindo. – Ah... Entendo... Não, foi só... Muito obrigada.

Recolocou o fone no gancho e acenou com a cabeça.

– Aparentemente foi aquele *jogger* que encontrou ela. Mas até agora ele ainda é uma testemunha.

Exatamente. Então eles tinham notado aquilo.

Quando saí, ela me deu um beijo rápido na boca, como se quisesse mostrar como ainda éramos bons amigos, a não ser que fosse apenas uma expressão de sua enorme generosidade.

Vinte

Sábado pela manhã, desci cedo até a porta da entrada para pegar o jornal. O artigo estava lá. Aparentemente, o editor tinha ficado do lado de Brevik. A manchete dizia:

PAIS EM CHOQUE

Amiga da vítima ajuda a polícia na investigação

Havia uma grande foto mostrando Holger e Sidsel Skagestøl sendo conduzidos à delegacia por um policial uniformizado. Holger estava em primeiro plano, um pouco perto demais do *flash*, e seu rosto superexposto expressava do modo mais claro possível que não estava gostando de ser fotografado. Sidsel estava parcialmente oculta atrás dele, mas olhava diretamente para o fotógrafo, pega desprevenida e ansiosa, como alguém que é atacado em uma ruazinha escura.

Nós nem ao menos sabíamos que ela tinha um namorado”, disseram Sidsel e Holger Skagestøl quando, ao meio-dia de ontem, foram informados que a polícia havia convocado um amigo da vítima, Torild Skagestøl (16), para prosseguir no interrogatório na sede da polícia. O detetive-inspetor Dankert Muus, a cargo da investigação, não fará maiores comentários além de dizer que o jovem foi convocado como testemunha. Outra fonte confirmou a este jornal que a testemunha é simplesmente o jovem jogger que declarou ter encontrado o corpo tarde da noite na quinta-feira. A polícia ainda se recusa a comentar se a vítima foi objeto de um ataque sexual antes ou depois de ser morta. Os amigos e a família de Torild Skagestøl estão profundamente chocados com o assassinato. Amigos e professores descrevem-na como uma boa amiga e uma aluna de atitude positiva. Até agora ninguém conseguiu propor um motivo para o assassinato.

Isso era tudo que havia no artigo, o qual, considerando o fato de ter ido muito cedo para a impressão na noite de sexta-feira, era consideravelmente mais breve do que normalmente seria o caso num dia de semana.

Depois de um café da manhã igualmente breve, telefonei para Karin e perguntei se ela estava pronta.

O final de semana não foi passado em uma suíte no Hotel Fiorde Solstrand, mas num sexo longo e persistente na ilha de Sotra, em um chalé que eu às vezes tomava emprestado de um primo de segundo grau, que, de qualquer modo, não tinha muito uso para ele em fevereiro.

Assim que cruzamos a ponte Sotra, notamos que o vento tinha mudado para noroeste, que o termômetro estava subindo, e que o final de semana seria mais bem aproveitado em atividades internas.

O chalé dava direto para mar aberto, e quando a força do vento aumentava consideravelmente, parecia estar no meio de uma concha gigante, com o ruído constante do mar nos ouvidos. As nuvens que passavam assumiram um tom plúmbeo, e nós mal tínhamos acendido o fogo quando o primeiro clarão de raio lançou espasmos brancos pelo horizonte, onde o céu estava prestes a se romper.

O ribombar do trovão que veio a seguir atirou Karin diretamente nos meus braços, e mesmo quando a tempestade já tinha acabado, não foi fácil fazer com que ela se mexesse. Com um bule de chá esquentando na chapa elétrica, desenrolamos nossos *sleepings*, transformando um em lençol e o outro em edredom, e como dois ursos ainda zonzos pelo longo sono de inverno, e rejeitando a primeira imersão anual no frio, voltamos para a hibernação. Fizemos amor com um casal de 17 anos em seu primeiro acampamento.

Depois, tomamos um pouco de chá, comemos nacos de pão com fatias grossas de queijo, e conversamos. A vantagem de estarmos enamorados a essa altura da vida era que havia muitas pedras para desvirar, muitos galhos para afastar, muita distância percorrida sobre a qual conversar.

Mais tarde naquela noite, com o som delicado da respiração dela ao meu lado, fiquei deitado de costas, pensando. Aquilo era felicidade? Era assim que a vida devia ter sido o tempo todo? E caso fosse, quanto tempo ia durar? Quem era o infeliz que tinha me mandado a nota de falecimento pelo correio?

Vinte e um

Na noite de segunda-feira fui até a delegacia. Fui por minha livre e espontânea vontade, e ninguém me jogou para fora antes de ouvir o que eu queria.

Os jornais de domingo haviam sido muito mais sensacionalistas em suas matérias, sobretudo porque tinham mais detalhes para esmiuçar do que os autores da reportagem de sábado. *OUTRO ASSASSINATO SATÂNICO?*, perguntou um deles. *SACRIFICADA AO DEMÔNIO?*, perguntou outro. Nenhum deles tinha nenhuma foto de Sidsel e Holger Skagestøl na primeira página, mas ambos tinham conseguido um retrato de classe de Torild, e lhe dado um lugar de destaque.

Os maiores motivos de especulação foram a marca feita em sua carne e o fato de o corpo ter sido encontrado perto do mosteiro de Lyse. Os jornais tinham desencavado velhos rumores sobre missas negras e orgias sacrílegas nas ruínas consagradas do monastério. Isso foi misturado numa infusão de certo modo especulativa, sem muitos ingredientes, a julgar pelo que eu mesmo já sabia a respeito do caso.

Os jornais de segunda-feira passaram a focar outro ângulo: *CASO RESOLVIDO?*, dizia uma das manchetes. *“TESTEMUNHA” SENDO QUESTIONADA*, dizia o próprio jornal de Skagestøl, com destacados pontos de interrogação. *MASSACRADA PELO AMANTE?*, perguntava Paul Finckel em seu jornal. (Será que ele tinha tentado entrar em contato comigo durante o final de semana?) Surpreendentemente, nenhum dos jornais deu o nome ou a idade da tão comentada “testemunha”, nem publicou qualquer foto, dizendo apenas que aparentemente era um jovem dentre os amigos mais chegados da vítima.

Muus não estava em sua sala, mas quando procurei Atle Helleve, lá estava ele com uma seleção dos mesmos jornais espalhados em sua mesa. Bati no batente da porta. Ele levantou os olhos, me reconheceu, e gesticulou em direção às manchetes.

– Viu isso? Não daria pra encontrar uma improvisação mais alucinada no Festival de Jazz de Voss.

– Posso entrar?

– Sente-se antes que alguém mais o faça.

– O quanto de verdade tem no que eles estão escrevendo?

– Não muito, posso lhe garantir. – Ele coçou a barba. – Por que está perguntando?

– Pode ser que eu tenha um pouquinho de... informação adicional. Uma coisa que eu descobri.

– É? – Ele me olhou com um ceticismo natural no olhar.

– Mas não entendo como é que esse chamado *jogger* entra na história.

– Não?

Ficamos ali nos encarando por alguns segundos, mas ele não ia morder a isca.

– Você primeiro.

– Bom... quando o juiz Brandt morreu na sexta-feira passada, foi feita uma autópsia?

Ele se empertigou na cadeira.

– Esse caso está sob sete chaves, Veum! Se uma única palavra vazar para a im...

– A imprensa já sabe a maior parte do que tem pra saber sobre esse caso, Helleve. Uma vez que eles ainda não deram nenhuma descrição do juiz em roupas íntimas de seda negra, dificilmente eles vão dar mais tarde, né?

– Mas como...

– Nem tudo aqui é à prova de vazamento. Têm circulado boatos sobre isso há tanto tempo que este caso na verdade já morreu. A não ser que surja alguma coisa nova...

– Alguma coisa nova? O que você quer dizer com isso?

– Bom, foi feita uma autópsia?

– Foi. Um ataque cardíaco fulminante.

– Um ataque cardíaco causado por...

– Você sabe, na idade do juiz, e considerando o que parecia que ele estava fazendo naquela hora... Não vou dizer mais nada, não vou dizer mais nada.

– E investigaram o que estava escrito na parede?

– Escrito... O sinal, ou o que quer que ele tenha tentado fazer... – Ele sacudiu a cabeça. – Não houve nada que sugerisse que algo criminoso tenha se passado ali, Veum. O que as pessoas fazem no seu tempo livre...

– Mas não era hora de trabalho?

– ...e que roupas elas escolhem vestir é problema delas. De qualquer modo, não é assunto da polícia.

– Não foi um grande “T”? A letra que ele escreveu com o batom?

– Pode ter sido.

– “T” de Torild, por exemplo.

Ele refletiu sobre isso por alguns segundos. – Você está tentando insinuar que a menina... que ela pode ter estado...?

– Pode ser... Pra ser honesto, Helleve, eu não sei, mas lamento dizer que tenho algumas pistas indicando que pode ter acontecido isso.

– Que ela e Brandt... Que ele simplesmente era seu cliente?

– Pode ter sido.

– Nesse caso nós... nós precisamos investigar um pouco mais a fundo. E isso não pode vazar para aquele maldito bando de abutres, Veum! – Ele apontou superfluamente para os jornais espalhados à sua frente.

– O frasco de comprimidos encontrado no quarto dele...

– Onde é que você conseguiu *isso*?

Dei de ombros.

– Uma fonte confiável. Vocês descobriram o que tinha dentro dele?

– Acho que ainda não recebemos os resultados da análise. Não parecia tão importante. Quero dizer, sabemos que ele recebeu uma prostituta, e sabemos que elas frequentemente tomam drogas. Quais comprimidos, exatamente, não tem tanta importância.

Acenei em direção aos jornais.

– Esse aspecto satanista, tem algum fundamento nisso?

Ele levantou os braços.

– Ela tinha uma espécie de marca, aqui atrás, em uma das coxas, mas...

– Nenhuma outra marca?

– Não.

– E a causa da morte?

– Ela foi sufocada. Tudo aponta para o fato de que alguém segurou um travesseiro ou alguma coisa parecida contra o seu rosto. Assim como temos certeza de que o juiz Brandt morreu de causa natural, se é que se pode falar de “natural” naqueles trajes, também temos certeza de que aqui estamos lidando com um assassinato padrão.

– Algum indício de ataque sexual?

Helleve deu uma olhada para a porta e se inclinou para frente.

– Muus diz que você é um puto perigoso. Outras pessoas aqui dizem que você é decente.

– Então, trocando em miúdos...

Ele suspirou.

– Não, não houve sinais de estupro. Mas...

– Hã?

– Foi achado sêmen nela, pós uma relação recente.

– O bastante para uma análise de DNA?

– Mais do que isso.

– Quanto tempo vai demorar pra vocês receberem os resultados?

– Não faço ideia, na verdade. É um procedimento que demanda muito tempo.

– Mas neste caso, o sêmen não precisa ser necessariamente da mesma pessoa que cometeu o crime. Quero dizer, se de fato foi Torild Skagestøl quem estava com o Brandt...

– Você está pulando pra conclusões muito apressadas – ele disse, me interrompendo. – Pra começo de conversa, não sabemos se Brandt teve mesmo uma relação sexual; nem mesmo sabemos se ele estava com Torild Skagestøl...

– Vou voltar a isso!

– Nem mesmo sabemos se Torild Skagestøl era uma... prostituta, ou seja lá como podemos chamar isso na idade dela.

- Tem alguma palavra melhor?
- Não, mas francamente, Veum, eu mesmo tenho uma filha. Só faz dois ou três anos que ela era bandeirante...
- É, eu ouvi falar. Mas ela largou.
- A maioria delas desiste no final.
- Ela não tinha marca de agulhas?
- Não que a gente visse.
- Mas um exame de sangue com certeza mostraria se ela estava tomando alguma coisa do vidro de comprimidos.
- Também não chegamos a isso ainda!
- Mas eu não acabei de expor a minha hipótese, Helleve. Porque caso ela tenha feito sexo com Brandt, e esse namorado dela descobriu isso de algum modo, então a ideia de crime passionai provocado por ciúmes ou pura raiva não é tão bizarra, é?
- Você sabe alguma coisa sobre esse namorado, Veum?
- Esse tanto – respondi, mostrando um bocadinho com meu polegar e meu indicador. – Nem mesmo sabia que ela tinha um namorado. Como é que vocês descobriram o cara?
- Uma das amigas deu o nome dele pra gente.
- Åsa Furebø?
- Ele deu de ombros.
- O resto foi só perfumaria. De qualquer modo, ele meio que se expôs.
- Espero que vocês tenham tido a mesma reação que eu tive onde o corpo foi encontrado...
- Que seria...?
- Bom, caso ele precisasse atender a um chamado da natureza enquanto estava fazendo *jogging*, por que é que se arrastaria por uma encosta difícil até um lugar quase sem árvores, quando poderia simplesmente atravessar a estrada e entrar no meio daquele monte de pinheiros?
- Exatamente. Mas o que ele diz é que queria evitar os faróis dos carros que passavam.
- Você quer dizer...? Ele nega?

– Claro que nega! O cara é osso duro de roer, eu te digo! Por que é que você acha que ele ainda é só uma “testemunha”?

– Hum. Você acha que tem alguém com quem eu pudesse conversar? Åsa? Alguém mais? Às vezes as pessoas acham mais fácil conversar com um... leigo, do que com vocês.

Ele me olhou contrariado.

– Bom, só tem... Não, não acho que você deveria fazer mais nada a não ser... Esse aspecto da prostituição, como é que você chegou a isso?

Contei a ele tudo que sabia sobre o Jimmy's e o movimento de garotas em carros e quartos de hotel, com uma alusão a fontes da imprensa que eu não podia revelar, e camareiras, que eu achava que podia expor.

– Essa garota, então, sobre quem você falou além da conta, ficou confirmado que era Torild Skagestøl quem estava com Brandt naquele dia?

– Quase...

– Acho que vamos ter que conversar com ela sobre isso também. A última vez foi um pouco superficial demais.

– Esse lugar chamado Jimmy's – eu disse – lembra um pouco aqueles lugares da década de 1950, 1960, que foram desmascarados como espeluncas de cafetinagem. Sabe quem está por trás dele?

– Não.

– Birger Bjelland.

– Aquele hipócrita nojento de Stavanger! Se a gente pelo menos conseguisse fazer alguma acusação contra *ele*...

– É óbvio que não é tão fácil.

– Ele anda numa linha muito fina entre suas atividades legais e o que todos nós não temos dúvida que sejam as atividades ilegais em que está metido.

– Ele cruzou *meu* caminho mais do que o bastante nesses últimos anos.

– Mas sem que você conseguisse ligá-lo a nada ilegal, certo? Quero dizer, no sentido de alguma coisa que tivesse validade em Corte.

– Não, infelizmente. Mas e se... Al Capone, no fim, foi pego por problemas de imposto, não foi?

– Perda de tempo. Ele tem um contador de primeira, e todo ano manda

imaculadas declarações de imposto de renda e balancetes no prazo certo.

– Mas um desses dias ele vai dar uma escorregada, Helleve, e então...

– Aí nós vamos ficar aqui na porta e desejar a ele uma boa estadia para o Prazer de Sua Majestade, pode apostar, Veum!

– Tudo bem se eu remexer no que você chama de aspecto da prostituição, trabalhando por conta própria?

– Desde que você se mantenha estritamente nisso, e não estou dizendo como cliente, Veum. Mas se você começar a chegar perto do assassinato, mesmo que seja por um tiquinho, então acabou. Aí você tem a obrigação absoluta de comunicar imediatamente – a mim ou à autoridade policial mais próxima, ficou claro?

– Mensagem recebida. Desligo.

– E nem uma palavra para os jornais, Veum.

– Dou a minha palavra, honra de escoteiro – eu disse e saí.

Vinte e dois

O Jimmy's abria ao meio-dia, e era meio-dia e dez quando me aproximei da porta.

Ao olhar pela janela, vi a silhueta de um homem claramente recortada contra a luz forte do quarto dos fundos. Atrás do balcão estava 'Kalle', com a mesma roupa ensembada de chefe, mas um jornal novo, e um café – espera-se que fresquinho – na xícara. Assim que abri a porta e entrei, ouvi o som de outra porta sendo fechada. Quando levantei os olhos, o homem que estivera parado na entrada do quarto dos fundos tinha sumido.

Kalle me olhou de esguelha, com mau humor.

Dei uma rápida olhada em torno. No fundo, debruçado sobre uma máquina, estava um garoto com uma mecha comprida caída sobre os olhos. Olhou em minha direção irritado, obviamente com a consciência pesada, já que estava cabulando aula, e eu poderia ser do Conselho Tutelar.

Kalle pousou sua xícara com força, e se levando atrás do balcão.

– O que você quer?

– Na verdade, eu estava procurando o meu... sobrinho.

– Sobrinho. Uma ova!

– Ronny.

– Ele não se atreveu a dar as caras por aqui. Eu disse pra ele que já chegava. É melhor você ir procurar ele em outro lugar.

Caminhei em sua direção.

– Hã, Kalle... Não entendi seu sobrenome.

– Persen – ele respondeu um pouco surpreso. – O que você tem a ver com isso?

– Na verdade, eu esperava ter uma palavrinha com o Bjelland.

– Bje... – Involuntariamente, ele olhou para as portas do fundo. – Pra quê? Eu é que sou o gerente daqui.

– Diplomado na Escola de Administração de Bergen, imagino? O Bjelland sabe da mutreta que você está dirigindo daqui, ou é uma coisa que você começou por conta própria?

Ele ficou ainda mais zangado.

– Que mutreta?

O garoto no canto olhou para nós por um segundo, antes de enfiar uma moeda e começar um jogo novo. O som metálico e vazio da música introdutória ecoou pelo ambiente.

– Acho que você sabe onde estou querendo chegar. Garotas jovens e... garotos... Fiquei um tempo aí fora na quinta-feira, e não foi difícil descobrir aonde pelo menos uma delas acabou indo. O mesmo lugar que Torild Skagestøl foi na sexta-feira, certo?

Kalle Persen se debruçou sobre o balcão de maneira tão brusca que dei um passo para trás. Ele sacudiu o dedo roliço no meu rosto e rosnou.

– Ouça cara, se não quiser passar o resto da vida com os joelhos esstraçalhados, é melhor ver o que fala. Sacou meu recado?

– Você pode escrever isso pra eu poder levar pra delegacia em Domkirkegaten e mostrar pra eles?

– Você pode é ter uma experiência real numa noite dessas, quando menos esperar.

– É melhor que seja antes de quarta-feira.

– Antes de quarta-feira? O que você quer dizer com isso?

– Esqueça. Em outras palavras, você está me sugerindo que eu deveria falar com o Bjelland em pessoa, né? Onde é que eu posso encontrar ele?

– Ele está na lista telefônica.

– Então ele não é aquele cara que está escondido no quarto dos fundos, é?

Uma espécie de sorriso irrompeu sob o bigode de rato no seu lábio superior.

– Pode entrar e dar uma olhada, se quiser...

– Não é *tão* importante. – Caminhei em direção à porta. – Tenha um bom dia.

– Enfia no...

– Eu não fiz isso da última vez e também não vou fazer agora.

Ao sair, deixei a porta escancarada para que ele tivesse o prazer de sair de trás do balcão e atravessar tudo aquilo para tornar a fechá-la.

Ainda não era hora de visitar Birger Bjelland e talvez nunca fosse.

Em vez disso, voltei para o escritório e com alguma ansiedade fui conferir o correio. Mas dessa vez não havia nenhuma nota de falecimento.

Tentei entrar em contato com Evy Berge. Ninguém atendeu ao telefone em sua casa. E quando liguei para seu departamento no Hospital Haukeland, ela estava em cirurgia. Será que eles poderiam pedir para ela me ligar? Mas preferi não deixar meu nome. Nunca se sabe. Poderia ir parar no banco de dados deles, e na próxima vez que fosse levado ao hospital, eles poderiam descobrir que eu ia tinha doado todos os meus órgãos internos para o Instituto de Patologia.

Eu tinha que falar com uma das meninas.

Astrid era a mais difícil de dobrar, mas Åsa talvez fosse mais difícil de estabelecer contato, pelo menos se eu quisesse evitar a presença dos pais dela.

Tornei a folhear minhas anotações com a sensação de que havia outra pista que eu deveria pesquisar antes...

A chefe das Bandeirantes... *Sigrun Søvik*. Fazia parte das minhas anotações.

Quando liguei para o escritório da Associação das Bandeirantes em Vetrilidsalmenningen, me deram o telefone do trabalho dela: uma companhia de desenvolvimento com escritórios em Søndre. Se eu ainda tinha intenção de ir até a casa da Karin, em Landås, era quase caminho.

O distrito de Mindemyren é o lugar mais frio de Bergen. No inverno, é muito difícil que não esteja envolvido por um nevoeiro gelado. Se você deixar seu carro estacionado por muito tempo, poderá ter problemas para fazê-lo

funcionar.

A companhia de desenvolvimento tinha escritórios no primeiro e no segundo andar sobre um armazém, ocultos por grandes persianas de aço cinza. Encontrei Sigrun Søvik em uma camisa xadrez de flanela e pulôver cinza, totalmente absorvida em uma tela de computador, onde ela girava lentamente uma estrutura com dados técnicos listados aqui e ali, tocando com agilidade algumas teclas. À sua volta, as paredes estavam cobertas por desenhos técnicos. Em dois eles, julguei reconhecer o mesmo diagrama exibido na tela.

Ela me olhou distraída, quando parei à porta de seu escritório minúsculo.

– Pois não? O que... hã...

Era uma mulher robusta, cabelo loiro médio, mais curto atrás do que na frente, olhos arregalados, e a raiz do nariz impressionantemente larga, como se já tivesse sido quebrado. Sua boca – não estava usando batom – parecia um pouco pequena demais para o formato grande do rosto, e quando ela contraía os lábios de um jeito bem afetado, parecia fora do lugar, como um transplante depois de um acidente pavoroso.

– Meu nome é Veum.

– Pois não? Temos hora marcada?

– Não, vim vê-la por causa de uma morte.

Ela rodou a cadeira de volta para o lugar e ficou de pé.

– Uma morte? O que está dizendo?

– Não sei se você viu nos jornais... Torild Skagestøl.

– Ah, Torild... – Por alguma razão ela parecia quase aliviada. – Por um momento tive medo de que... Mas por que você veio me procurar?

– Porque pensei que talvez você soubesse alguma coisa sobre ela, quero dizer, que você conhecesse um outro lado dela que seus pais desconheçam.

Sua boca ficou ainda menor.

– Outro lado? Quem é você de verdade?

– Sou um detetive particular que andou procurando a Torild na semana em que ela sumiu.

– Um detetive particular? Mas eu ainda não estou entendendo... Por que você veio atrás de mim?

– Você não foi líder dela nas Bandeirantes?

– Fui. Fui líder no grupo em que ela fazia parte, mas é... Ela deixou de vir desde a primavera do ano passado.

– Foi aí que ela parou?

– Foi, hã... Pouco antes do verão, pelo que eu me lembre.

– E a Åsa Furebø parou na mesma época?

Ela coçou a testa como se estivesse refrescando a memória.

– É, provavelmente foi isso... Elas eram amigas íntimas, entende?

– Você diz isso como se de certa maneira fosse suspeito?

Ela sorriu de maneira protocolar.

– Suspeito? Eu só quis... Quando elas são muito amigas, a tendência é ficarem juntas no grupo. Seguirem os passos uma da outra, digamos assim. Quando uma delas para, geralmente a outra também para.

– Então, não houve nenhuma razão especial pra elas pararem exatamente naquela época?

– Especial? Elas disseram alguma coisa?

Segurei a resposta de propósito, e vi como a pausa a deixou inquieta, como se tivesse medo do que eu iria dizer.

– Hã, não. Elas não...

Dessa vez ela respondeu de pronto.

– Não, porque pela nossa experiência, essa é exatamente a idade. Ou elas continuam ou elas param, e então elas continuam direto até se tornarem conselheiras. Mas como você bem pode imaginar, muitas delas desenvolvem outros interesses nessa idade.

– É, tenho certeza... Eu mesmo já fui escoteiro e também parei mais ou menos nessa idade.

– Está vendo? É isso que eu...

– Mas, na verdade, não é isso que eu estava tentando descobrir. Durante quanto tempo essas meninas foram bandeirantes?

– Torild e Åsa? – Aquiesci. – Ah, sete ou oito anos. Desde o tempo da escola primária.

– Então você deve conhecê-las muito bem?

– Conheço, tanto quanto... Existe um período em que elas mudam muito, você sabe.

– Claro, mas que impressão você tinha delas?

– Hum... Eram meninas perfeitamente comuns e simpáticas, de boa família.

– Hã. Isso quer dizer que você também conheceu os pais?

– Conheci. Às vezes nós tínhamos uns encontros em que os pais compareciam. Normalmente no Natal, ou quando estávamos planejando uma viagem, ou quando elas prestavam o juramento das Bandeirantes, é claro. Nos últimos anos não os vimos tantas vezes. Quando as garotas começaram a crescer. Ela hesitou um pouco. – A não ser...

– Sim?

– Na última vez que nós estávamos acampando, no feriado de Whitsuntide, ao norte de Radøy, não muito longe de Bøvågen, o pai de Torild e a mãe de Åsa nos fizeram uma visita numa manhã.

– O *pai* de Torild e a *mãe* de Åsa? Isso não foi um pouco... esquisito?

– Não, normalmente eles vinham juntos, todos quatro, mas o pai de Åsa estava viajando, como já tínhamos sido antecipadamente informadas, e a mãe da Torild não estava se sentindo bem, então...

– E qual foi a reação das crianças?

– Nada de especial. Sempre tem um clima bem estranho quando os pais visitam. As crianças também precisam se ver livres da supervisão dos pais, às vezes!

– Também?

– É! – ela respondeu em tom de desafio.

– É, acho que sim... – Acenei com a cabeça para ela continuar. – E depois?

– Bom, oferecemos a eles uma xícara de café feita numa fogueira, fizemos um *tour* pelo acampamento, e descemos até a enseada onde costumávamos nadar. Depois eles foram embora. Foi isso.

– E em agosto daquele ano os pais de Torild se separaram.

– É? Eu não sabia. Mas... as meninas já tinham caído fora, não tinham?

– Então, você não tem mais nada pra me contar que possa jogar alguma

luz no que aconteceu com a Torild?

– Não, eu... Tenho que admitir que fiquei um pouco chocada quando li nos jornais, mas... E se for mesmo verdade que ela andou metida com satanismo, *tenho* que reconhecer que no prazo de um ano ela se afastou bastante das Bandeirantes.

– Se eu dissesse pra você que ela estava usando drogas, e talvez também estivesse envolvida com prostituição, você ficaria surpresa?

Sua expressão foi do choque para a descrença e para mais alguma coisa que não consegui situar. Quando ela por fim respondeu, sua voz tremia levemente.

– Ficaria. Isso com certeza me chocaria, Veum.

– Elas nunca deram nenhuma pista disso enquanto você...

– Elas eram *crianças*, Veum! – ela interrompeu. – Crianças. – Ela se virou de frente para o computador, como se ele pudesse oferecer uma resposta mais completa à minha pergunta, do que ela seria capaz. Mas permaneceu em silêncio. Não compartilhou a resposta comigo, se é que havia alguma.

Sem incomodá-la com mais perguntas, despedi-me com um aceno e a deixei, silencioso como a passagem do tempo, tão silencioso e discreto como a transição, por vezes súbita, de uma jovem de criança para adulto: muito antes do esperado, e completamente espontânea.

Vinte e três

A vista sobre as garagens em Sporveien e as oficinas em Mannsverk era a mesma de antes, tanto que eu nem mesmo podia dizer se algum dos ônibus tinha sido mudado de lugar.

Toquei a campainha de onde Astrid Nikolaisen e a mãe moravam, e esperei.

As cortinas estavam puxadas e passou um bom tempo antes que houvesse uma insinuação de movimento numa delas, como se alguém estivesse espiando com cuidado. Depois, ouvi passos abafados e a porta se abriu um pouco.

Gerd Nikolaisen parecia mais velha do que na minha última visita. Agora ela não parecia longe dos 50. Estava com o cabelo despenteado como se tivesse acabado de acordar, e não usava nada além de um *peignoir* solto, vermelho escuro. A camada espessa de maquiagem não escondia um inchaço feio em volta de um dos olhos, e no outro lado de seu lábio inferior, dando ao seu rosto um trágico ar de palhaço.

Ela me olhou sem expressão. – O que você quer?

– Não se lembra de mim? Sou o Veum. Vim aqui na quinta-fei...

– Me lembro. Astrid não está em casa.

Ela estava prestes a fechar a porta e me inclinei com cuidado para frente.

– Onde é que ela está, então? Na escola?

– Duvido.

– Onde, então?

Ela deu de ombros com ar cansado.

– Não faço ideia.

– A senhora leu o que aconteceu com a Torild?

Ela fez que sim, mas não disse nada.

Dei uma rápida olhada para os lados.

– Ouça... Posso entrar um pouquinho?

Ela tornou a dar de ombros antes de me dar passagem. Não fazia diferença para ela. Aparentemente, não tinha nada melhor para fazer.

Segui-a pelo corredor escuro até a sala de visitas.

Era um cômodo espartano, dominado por uma mobília tubular de aço cromado, com almofadas pretas de um tecido um tanto sujo. Havia uma televisão num canto, e no chão abaixo dela um videocassete, cercado por um bom número de fitas. Um *rack* continha um rádio, um aparelho duplo de fita-cassete, e um buraco aberto onde deveria ter havido um toca-CD. Os fios soltos atrás sugeriam que ele já estivera ali.

Do rádio, uma estação comercial propagava seus anúncios semi-históricos pela sala de visitas.

Gerd cruzou a sala e abaixou o som com um gesto de irritação. Ao se virar para mim, segurou com mais firmeza seu *peignoir* na altura da cintura, mas não rápido o suficiente para que eu não vislumbrasse seus seios nus.

Permaneci em pé.

– Essas meninas... Tem alguma ideia do tipo de pessoa com quem elas andam?

Ela fez um gesto de cabeça em direção a uma das cadeiras, indicando que eu deveria me sentar, e me seguiu, acomodando-se no sofá do outro lado da mesinha baixa. O tampo era de fórmica, com a mesma moldura tubular do resto dos móveis.

– O senhor tem alguma ideia... de onde exatamente quer chegar?

– O que eu estou dizendo é... A senhora sabe que tipo de pessoa elas encontram quando vão pra cidade?

Ela pegou um maço de cigarros na mesa, tirou um, colocou na boca, e procurou em volta algo com que acendê-lo.

Peguei um isqueiro em formato de barril, acendi e o levei em sua direção. Seus dedos magros tremeram, quando ela se inclinou com o cigarro entre eles, e não pude deixar de notar o quanto ela tinha a pele esfolada na base do esmalte rosa.

– Bom, eu... Não dá pra prestar atenção em tudo, principalmente porque tive que criar ela sozinha o tempo todo.

Recostou-se na cadeira, cruzou as pernas fazendo com que seu *peignoir* se

abrisse, e inspirou a fumaça de tal maneira que daria para pensar que logo ela começaria a sair por entre suas pernas. Depois, lentamente, ela foi expirada do jeito normal. Através da fumaça azulada, eu só podia ver os seus olhos. Eram castanho-escuros, quase negros, parecendo não ter nada além de pupilas.

– Mas a senhora não se assusta quando acontecem coisas como o que aconteceu com a Torild?

Houve um tímido movimento no canto de sua boca. – A Astrid sabe tomar conta dela mesmo. Melhor do que eu jamais ensinei.

– O que a senhora quer dizer?

– Nada.

Suspirei.

– Me diga. A Astrid não tinha de fato que ter ido pro Colégio Ulrik?

– Bom... ela discutiu com o professor que eles tinham lá, então ela foi transferida pra Nattland. Isso foi quando ela tinha uns dez anos, no quinto ano, eu acho.

– Então foi aí que ela conheceu a Torild e a Åsa?

– Åsa?

– Åsa Furebø

– Hã? É, provavelmente.

– Ela fez parte das Bandeirantes?

– Bandeirantes, a Astrid? – Seu lábio superior se curvou num sorriso torto que revelou dentes um pouco irregulares. Depois, ela franziu o cenho. – Não, na verdade ela tentou por algumas semanas. – Ela se inclinou para frente e bateu a cinza no cinzeiro que já transbordava.

– Mas quando chegou a hora de comprar o kit, a camisa e o resto, era caro demais. De qualquer modo, ela não estava interessada.

– Então, no que ela estava interessada?

Ela me olhou perplexa.

– Bom, hã... Pelo que as garotas se interessam nessa idade? Durante um tempo ela costumava ir até o centro de equitação, mas nós não tínhamos mesmo... Então, ela só andava ao lado, enquanto as outras cavalgavam, deu uma mão na limpeza no estábulo por um tempinho, e depois também desistiu.

Fiquei esperando que ela continuasse.

– Fora isso... música pop, filmes, e sair por aí à noite. – Com uma expressão um pouco amarga, ela explicou. – Ela começou a sair muito cedo com garotos que eram...

– Que eram...?

– Bom, bem mais velhos do que ela! Acho que foi assim que ela criou o hábito...

– Hábito?

– É.

Toda vez que eu fazia uma pergunta nova, ela me olhava como se eu fosse muito complexo. Agora, ela descruzou e tornou a cruzar as pernas, revelando um pouco mais a coxa. No entanto, não havia nada de sedutor nessa mudança de posição; parecia mais uma expressão de profundo desinteresse.

– Eu e Astrid... nós não somos como mãe e filha uma com a outra, na verdade, somos mais como colegas. É por isso que ela me chama de Gerd. Lembre-se, eu era muito menina quando a tive.

– Menina quanto?

– Dezesseis.

– Mas você estava contando sobre o *hábito*?

Ela me olhou sem expressão.

– Ah, é. Bom... já que nós somos praticamente da mesma idade... – Ela fez uma pausa, como se esperasse pelo meu protesto, mas eu não disse nada. – Às vezes acontecia que os namorados dela também eram meu tipo... e vice-versa.

– Hã?

Rapidamente, ela acrescentou:

– É. Não estou dizendo que nós... não vá pensar que nós trocávamos. Mas às vezes aconteciam situações que causavam ciúmes, certo?

Levei a mão ao olho e acenei para ela.

– Essas marcas que a senhora tem aqui, e aqui... – Movi a mão para meu lábio inferior. – São resultado de uma dessas situações?

Ela comprimiu os lábios e seus olhos faiscaram. Agora, a mão que

segurava o cigarro tremia ainda mais, e antes que ela dissesse qualquer coisa, inalou profundamente pelas narinas.

As palavras escorregaram de sua boca como nojentos animais rastejantes saindo de sob uma pedra.

– Ontem eu cheguei em casa... Eu só tinha ido alugar um vídeo e comprar cigarros... então eles pensaram que podiam dar uma rapidinha...

Esperei.

– Não toquei a campainha, só entrei... então, é claro, ouvi o rangido da cama dela logo daqui na... – Ela apontou com a cabeça para a porta de entrada. – Ela estava pelada e ele só tinha abaixado a calça. Mas eles estavam na função como coelhos... Exatamente como coelhos!

O único som que se ouvia enquanto ela ofegava era o ruído estridente, mas mesmo assim incansável, dos comerciais do rádio.

Ela estava com os olhos cheios de lágrimas.

– Daria pra se pensar que eles teriam vergonha suficiente pra não fazer isso... aqui, na minha própria casa... quando eu podia chegar a qualquer momento. Mas ele é exatamente assim, está pouco se lixando! Quanto a ela...

– O que aconteceu então? – perguntei baixinho.

– Um inferno, é claro. Eu não brinco em serviço quando estou furiosa!

– Não, tenho certeza de que a senhora...

– Ela se vestiu na maior rapidez e desde então não botei os olhos nela. Mas ele... – Uma expressão de dor surgiu nos seus olhos. – Ele simplesmente explodiu, como se fosse eu a errada... Aqui... E aqui... E olhe isto...

Ela abriu abruptamente o *peignoir* e descobriu os ombros, expondo o busto. Ao redor e por entre os seios, tinha grandes hematomas azuis.

Olhou para si mesma. Seus pequenos seios tinham uma aparência quase patética.

– Como é que eu posso evitar se os meus não são... se eu não tenho seios grandes como ela? Se ele estava atrás de garotinhas, não dava pra ter ido a outro lugar?

– Afinal, de quem nós estamos falando?

– Quem? Do Kenneth, é claro!

– Qual é o resto do nome dele?

– Kenneth Persen! Você o conhece?

– Não, mas... Dei de cara com ele quando eu estava saindo na última vez que estive aqui.

– É verdade... – Ela levantou as mãos, antes de se envolver novamente no roupão.

– A senhora acha que a Astrid possa estar na casa dele?

Ela pareceu amarga. – Bom, se estiver, boa sorte pra ela, é o que eu tenho a dizer...

– Sabe onde ele mora?

– Pra quê? O senhor vai atrás dele?

Dei de ombros.

– O que eu queria mesmo era dar uma palavrinha com a Astrid, agora.

– Ele mora num pulgueiro em Nedre Nygård. Na rua Jonas Reins.

– Ouça... A Astrid e a Torild... A senhora ficaria surpresa se eu dissesse que talvez elas estivessem envolvidas com prostituição?

A última centelha de vida aflorou nos seus olhos.

– Não, nada pode me surpreender agora... nada. Acho...

Levantei-me.

Ela foi comigo até o corredor. Só conseguiu olhar no meu peito ao dizer:

– Me fez bem conversar com alguém.

Tirei minha carteira e dei para ela um dos meus cartões de visita onde só constavam o meu nome e o telefone do meu escritório.

– Se pensar em alguma outra coisa, ou precisar conversar com alguém, ligue pra este número. Se eu não estiver, pode deixar um recado.

– Obrigada – ela disse, parecendo que tinha que revolver essa palavra dentro da boca, incapaz de se lembrar quando a usara pela última vez.

– É o mínimo que eu posso fazer – eu disse e saí.

Vinte e quatro

Uma morte súbita nos afeta a todos. No mínimo nos envelhece.

Randi Furebø também exibía sinais dos acontecimentos dos últimos dias, embora não tão visíveis quanto Gerd Nikolaisen. Seu corpo firme parecia, de certa maneira, ter encolhido. Os ombros estavam ligeiramente curvos, como se tivesse feito uma tentativa malograda de desaparecer dentro de si mesma, para manter a realidade à distância.

Vestia a mesma saia marrom, mas dessa vez com uma blusa preta e um cardigã cinza e branco abotoado até em cima. Instintivamente, mas sem que fosse necessário, ela deu um jeito no cabelo escuro de corte batidinho, enquanto me avaliava.

– Veum?

– É. Sinto muito, mas gostaria de dar mais uma palavrinha com a Åsa...

– Ela está na escola – respondeu friamente. – Além disso, achei na verdade que...

– Sim?

– Que a polícia é que estivesse cuidando do caso agora.

– Claro que é. Só estou fazendo algumas investigações de retaguarda.

– E que retaguarda é essa, posso saber? Você não deveria estar visitando a família da Torild?

– Talvez não tão já, mais tarde. Talvez, em vez disso, as pessoas com quem, às vezes, elas costumavam se encontrar...

Um brilho de curiosidade surgiu em seus olhos castanhos.

– As pessoas... O senhor não quer dizer...? Isso tem a ver com...? – Ela olhou colina abaixo, onde ficava a igreja de madeira de Fantoft, antes de pegar fogo.

– Talvez eu possa entrar um bocadinho...

Ela me olhou em dúvida, como se eu fosse uma Testemunha de Jeová e

ela não tivesse certeza de como poderia se livrar de mim novamente. Abriu passagem com um ar ligeiramente irritado.

– Pode pendurar seu casaco aqui.

Dessa vez tive permissão para subir. A sala de visitas era simples e elegante com chão de taco, folhagens nas janelas, estantes com livros e enfeites discretos, e um móvel de aparência ligeiramente formal em mogno e vermelho, que se revelou um assento muito confortável. Em uma das paredes havia um conjunto de fotos de família, incluindo uma que parecia ser o primeiro dia de aula, mostrando Åsa sorrindo com otimismo para o fotógrafo, como se nada de ruim pudesse lhe acontecer.

Olhei para o relógio.

– A que horas a Åsa deve voltar pra casa?

– Trond ficou de ir buscá-la. Temos que ficar de olho nela agora, senão, tenho medo que... Essa coisa com a Torild afetou muito a Åsa, é claro.

– Claro que sim. Até achava que ela deveria ter ficado em casa.

– Bom, nós, e ela também, na verdade!, resolvemos que era melhor continuar como sempre, ir pra escola como se fosse um dia normal, e se comportar como se nada tivesse acontecido...

– É. Não foi uma má ideia, tenho certeza.

Ela parecia uma mulher em pleno controle da situação, então fui direto ao assunto.

– Ouça, senhora Furebø, quando comecei a trabalhar neste caso... rapidamente tropecei em uns círculos onde parecia haver certa quantidade de... prostituição com garotas.

Ela empalideceu visivelmente.

– Com a Åsa não – exclamou em altos brados. – Absolutamente não!

– Não, não descobri nada que apontasse pra isso...

– Ah! – Ela deixou escapar um suspiro de alívio. – Mas por que o senhor... disse como se...

– Mas tudo sugere que a Torild estivesse envolvida, e ela e a Åsa eram amigas íntimas...

– É, *eram*! Mas tive a impressão de que eram bem menos, de que passavam bem menos tempo juntas do que antes. Åsa nunca...

– Houve o episódio com a jaqueta de couro.

Ela me olhou levemente surpresa.

– Jaqueta de cou... É, mas... foi um choque de verdade pra nós, é claro, que a Åsa tivesse se envolvido com furto...

– Furto?

– Está bem, em roubo de loja, se é assim que prefere chamar! Mas daí a... De qualquer modo, esse assunto está encerrado agora!

Corri a mão pela testa.

– Esperamos que sim.

– É, está. Mas aonde o senhor quer mesmo chegar?

– Hã... de acordo com o que a senhora diz, a Åsa e a Torild passavam muito menos tempo juntas agora do que antes.

– É, a Åsa não dizia muita coisa, a lealdade sempre foi importante na nossa família, mas eu entendi que a Torild... que ela estava cabulando muitas aulas, que tinha outras amigas e amigos... bom, meninos muito mais velhos do que ela pelo que percebi... Em outras palavras... ela passou para outros grupos.

– Mas a Åsa também ia pra cidade às vezes, não ia?

– Claro que ia. Em que século você vive, Veum? Por mais que a gente quisesse, não é bom mantê-las trancadas!

– Mas no ano passado, no Whitsuntide, elas foram juntas numa viagem das Bandeirantes.

– É, foram, mas isso aconteceu quando elas ainda eram...

– Então, de repente elas desistiram, as duas. Foi muito de repente, não foi? Que elas pararam de ir?

– É, talvez sim. Mas elas passaram da idade. Tanto Åsa quanto...

– A senhora foi visitar elas no acampamento...

– Fomos?... Acho que sim, a gente geralmente ia... quando não era muito longe.

– E a senhora não reparou nada nas meninas que mostrasse que elas iriam tão de repente...

– Reparar. Não consigo me lembrar, realmente.

– A senhora fez a visita com o pai da Torild.

Sua expressão endureceu.

– Tem alguma coisa de estranho nisso?

– Não, eu...

– Trond estava fazendo uma trilha no Glaciar Folgefonna, em Whit, e a Sidsel não estava se sentindo muito bem naquele dia. Com certeza o senhor não está sugerindo que... Afinal, onde foi que descobriu isso?

Antes que eu conseguisse responder, ela foi em frente.

– Sidsel, Holger, Trond e eu somos bons amigos há quase vinte anos. Passamos férias juntos, passamos várias semanas no mesmo veleiro, fazemos sauna juntos, temos sido amigos íntimos sem que nunca passasse pela cabeça da gente, nem por um minuto, que pudéssemos, que pudesse haver qualquer coisa... Tem alguma coisa de errado nisso? – Ela me olhou com ar de acusação.

– Claro que não! Por acaso eu...?

– Mas hoje em dia tudo é tão fixado em sexo que dois amigos íntimos, como Holger e eu, não podem nem mesmo ir de carro até Radøy visitar nossas filhas no acampamento das Bandeirantes, que as pessoas começam a falar pelas costas. Porque com certeza o senhor não ouviu isso da Sidsel, e se for...

– Não, não, garanto que não...

– Ouça, senhor Detetive Particular! Provavelmente o senhor está acostumado a passar as manhãs visitando mulheres que irão pra cama com o senhor, com a simples visão do seu sorriso charmoso...

– Ora, ora...

– Mas eu, eu não olharia duas vezes pra alguém como o senhor, mesmo que estivesse desfilando e posando aqui neste tapete apenas de maiô! – Ela interrompeu sua explosão agressiva como se de repente se ouvisse e, com as faces afogueadas tentou, minimizá-la com uma risada falsa.

– Não haveria muito sentido nisso, concordo.

– Bom, vamos deixar isso de lado, mas deixe que eu lhe diga *isso*, senhor Veum... Se o senhor estiver procurando uma família à beira do desastre, vá até Furudalen. Foi aquele relacionamento que terminou, não o que existe entre mim e Trond, ainda que nós sejamos os primeiros a lamentar isso, é claro. O

que estou dizendo é que tudo mudou agora. Ainda posso me encontrar com Sidsel, Trond e Holger trabalham juntos, não é? Mas nós quatro nunca mais vamos poder fazer nada juntos, e sinto falta disso, sinto mesmo.

– A senhora não trabalha?

– Não, e também não sinto falta! Mas sinto falta de bons amigos.

Concordei. – Conversou com algum dos dois desde que encontraram a Torild?

– Conversei. Telefonei assim que soube e conversei com os dois. Foi o Holger quem atendeu ao telefone, ele foi breve... Mas o que se pode dizer? Perder um filho, pode existir alguma coisa pior? Eles são tão jovens, ainda estão crescendo, e a gente cuidou deles por tanto tempo, com todo amor e carinho, e aí, de repente, eles não estão mais ali!

Ela olhou para o relógio com ansiedade.

– Em minha opinião, não dá pra imaginar isso até que acontece com você pessoalmente. Eles devem estar passando por um inferno. Só espero...

– O quê?

– Que o criminoso seja preso, é claro!

– Naturalmente. A Åsa nunca mencionou o nome de nenhum desses amigos da Torild, mencionou?

Ela sacudiu a cabeça com delicadeza.

– Não que eu me lembre.

Ela me acompanhou pesarosa até a porta de entrada.

No alto da Birkelundsbakken vi uma Mercedes branca descendo. Percebi Trond Furebø na direção e Åsa sentada ao lado dele.

Por um momento, pensei se deveria dar meia-volta e segui-los, mas decidi que a família dificilmente estaria disposta para mais uma visita de alguém que, estritamente falando, não tinha mais nada a ver com o caso.

Em vez disso, virei à direita e segui para Sædalen.

Vinte e cinco

Sidsel Skagestøl era a personificação da tristeza. Seus traços haviam sido permeados por uma espécie de beleza serena e ela quase parecia mais alta, como se tivesse retesado as costas contra o vento duro que soprava.

Acompanhei-a até a sala de visitas.

Estava curiosamente quieto ali. Não havia rádio, TV, ou toca-CD ligado, e a casa ficava tão longe das ruas principais que não se percebia nem o clamor distante do trânsito. Era como se ela tivesse decidido não deixar que nada abalasse a contemplação do estado em que repentinamente se encontrava.

Quase me senti constrangido, quando me sentei, pelo estalar da poltrona de couro cor de ameixa, enquanto ela se acomodava na extremidade de uma mesinha redonda incrustada no centro com uma placa de latão trabalhada a mão, coberta com uma espécie de hieróglifos.

Sidsel usava uma blusa de acrílico mesclada de cinza, com mangas compridas, e uma calça preta folgada. Com uma rápida olhada para os lados, pegou um cigarro na beirada de um cinzeiro, verificou se ainda estava aceso, e inalou tão lentamente que seus olhos quase pareceram estar assumindo a cor da fumaça.

Com um sorriso triste, ela disse:

– A gente acha que eles são pra sempre, mas é uma lição que temos que aprender. Não são.

– Não.

– Existe alguma coisa especial no filho mais velho. Aquele que, por um tempo, foi o único. Ainda posso me lembrar... Ficava lá, olhando, enquanto ela dormia. Ficava ouvindo sua respiração. Olhava o pequeno volume debaixo do edredom estampado de ursinhos. – Sua voz ganhou intensidade. – Tão inocente! Tão perfeita, sem nenhuma marca! E agora, dezesseis anos depois, cá estou eu, e ela... Ela está... – Ela fez um movimento vago com a mão que segurava o cigarro, criando uma espécie de anel de fumaça, como se sua filha estivesse em algum lugar do cômodo, invisível para nós, mas ainda assim

presente.

– Deve ser uma época muito difícil. Talvez ainda mais difícil, por causa das matérias de jornal.

Ela me lançou um olhar estranhamente distante.

– Ah, esses... Provavelmente foi pior pro Holger. Eu, de certa maneira me fechei pra tudo isso, mas o Holger...

– Foi difícil pra ele?

– Quando saiu a primeira matéria, não sei se você viu, aquela com a foto... ele começou a chorar. E eu estou dizendo chorar, chorar de verdade. Não tinha visto ele assim desde que seu pai morreu, e isso faz quase vinte anos. Ele nem mesmo conseguiu chorar pela *Torild*, mas aquela reportagem chocou-o de tal jeito que... Mais tarde ele falou em dar uma dura neles, me colocou num táxi e foi embora, pro jornal, deduzo. Quando voltou, estava lívido, parecia dez anos mais velho, como se só *então* tivesse percebido o que acontecera.

– Onde ele está agora?

Ela deu de ombros.

– De volta ao trabalho, com a polícia, sei lá.

– Mas ele se ofereceu pra ajudar você. Quero dizer, nos últimos dias, não foi?

– Foi, ele se ofereceu pra dormir aqui. Mas que bem isso ia fazer? De qualquer jeito, está acabado.

– Pra sempre?

Ela concordou em silêncio, inclinou-se para frente e bateu a cinza do cigarro.

– Uma situação como esta muitas vezes pode consertar esses tipos de conflito.

– Não este.

Não era o momento certo para perguntar o motivo. Além disso, estritamente falando, não era problema meu. Em vez disso, comentei:

– Pelo menos a polícia deteve uma testemunha.

– É, Helge... Hagavik, é isso?

– É. Eu ainda não descobri... Isso lembra alguma coisa?

– Não. – Ela dirigiu o olhar para fora da grande janela, onde podíamos ver a face oeste da Montanha Gulfjellet, os novos projetos de moradias em Sandalen e o outro, um pouco mais estabelecido, em Midttun e Øvsttun. – Mas estou começando a perceber que a minha filha... que a Torild tinha uma vida fora de casa, sobre a qual eu não sei nada.

– Alguém disse alguma coisa?

Ela fez um movimento vago com a cabeça.

– Disse alguma coisa sobre o quê?

– Hum, eu estava pensando naquele... rapaz. Aparentemente era alguém que ela conhecia, não era?

– Aparentemente. – Ela suspirou. – Agora, no fim de tudo, você pensa em todas as vezes em que *não* esteve presente. Pensa que talvez seja por isso que a coisa aconteceu; que pelo menos se você tivesse ido ao jogo de *handball*, participado do sorteio de bolos, na eleição para o comitê de pais e mestres da escola, tudo teria sido diferente.

– Como quando você não foi visitar o acampamento das Bandeirantes em Radøy no ano passado?

Ela me olhou intrigada, franzindo o cenho enquanto refletia.

– Radøy... Mas eu estava doente naquela vez, não estava? – Ela colocou a mão no estômago, como se ainda pudesse sentir o desconforto ali.

– Estava...

Repentinamente ela ficou mais concentrada.

– Por que cargas d'água você trouxe isso à tona agora?

– Ah, por nada.

– Pelo contrário, estou pedindo uma resposta! – ela disse secamente. – Isso não é hora de ficar fazendo rodeios.

– Sinto muito. Foi só uma coisa que me veio à cabeça. Conversei com a chefe das Bandeirantes, Sigrun Søvik, e ela acabou mencionando que só o seu marido e Randi Furebø foram visitá-las.

– Ah, é? E com essa sua mente suja de detetive particular, você imediatamente descobriu uma fonte de conflito?

– Ah, não, eu...

Subitamente ela riu. Mas não era uma risada genuína.

– Pra ser sincera, você está parecendo alguém que foi pego com a calça abaixada! Agora estou realmente arrependida de ter entrado em contato com você. Se é este o resultado, então... Posso lhe garantir que se Randi e Holger estavam tramando alguma coisa imprópria durante aquela viagem pra Radøy, alguma coisa que eu não poderia imaginar nos meus sonhos mais loucos – a química entre aqueles dois foi sempre *tão* boa –, juro que, de qualquer modo, isso não teria sido o suficiente pra me levar ao limite. As razões pelas quais eu e Holger estamos nos separando são muito mais profundas do que isso... – Ela tocou a têmpora com o dedo. – Toda a nossa maneira de pensar, nossas personalidades, entende? E isso é tudo o que eu tenho a dizer sobre o assunto. Tudo!

Ela se levantou.

– Agora acho que está na hora de você sair.

Joguei os braços para o alto enquanto me levantava da poltrona de couro.

– Você tem que acreditar em mim quando digo que não tive intenção de...

– Não se dê ao trabalho de voltar, Veum. Espero que esta seja a última vez que eu vejo você, ficou claro?

Meu rosto pareceu congelar, e em vez de um sorriso pesaroso, tudo o que eu consegui fazer foi uma careta grotesca.

No *hall* externo, voltei-me para olhá-la novamente pela última vez.

– Nesse caso, desejo o melhor pra você no futuro...

– A família sinceramente agradece – ela disse com sarcasmo, e fechou a porta ostensivamente às minhas costas.

Enquanto eu caminhava pela curta passagem ajardinada, ouvi um som que não consegui decifrar às minhas costas, como se ela estivesse esmurrando a parede com os punhos, sapateando, ou se contorcendo em convulsões.

Depois, uma porta bateu com tanta força que toda a parede externa tremeu.

Ela não poderia ter enfatizado com mais clareza. *Partir, c'est mourir un peu*, como dizem os franceses, mas isso era uma verdadeira execução.

Cheguei ao carro com uma sensação de que alguma coisa absoluta e irrevogável tinha acontecido. Só que eu ainda não tinha entendido o que era.

Vinte e seis

De volta ao escritório, tentei novamente falar com Evy Berge, mas me disseram que ela se encontrava em reunião pelo resto do dia.

Fiz uma anotação para me lembrar de chamá-la em casa, um pouco mais tarde.

Minha secretária eletrônica estava hibernando. Ninguém tinha tentado falar comigo, nem mesmo para gravar alguma melodiosa música fúnebre.

Abri a gaveta contendo o anúncio fúnebre caseiro. Tornei a virar o envelope e o olhei no verso, como se o remetente tivesse escrito com uma tinta invisível que só pudesse ser lida um ou dois dias depois.

O carimbo do correio era de Bergen, e a data, 17 de fevereiro. Se eu o levasse até a delegacia e pedisse que o pusessem sob o microscópio, eles poderiam encontrar algumas impressões digitais: a minha, a do carteiro, e as da pessoa ou pessoas que tivessem manuseado a correspondência na agência de correio. Se, além disso, eles iriam encontrar uma impressão digital até então desconhecida, eu não tinha tanta certeza.

Com um dar de ombros, coloquei a carta de volta na escrivaninha.

A garrafa estava na gaveta de baixo.

Peguei-a, tirei a rolha, levei o gargalo até meu nariz e respirei naquele aroma incomparável de anis e cominho.

Não podia resistir à tentação, mas me levantei, fui até a pia pegar a taça, voltei e me servi de alguns dedos de *acquavit*, a água da vida:

– O condenado tem um último desejo?

– Um último copo, senhor Carrasco. Concedido (*glubglubglub*)

– Ergo o copo para todos aqueles que ainda estão vivos na terra; ergo o copo para as crianças que têm a vida pela frente e para os adultos que a têm suportado há tanto tempo. Ergo o copo para padres e bombeiros, presidentes e encanadores, para todos aqueles que...

– Era pra ser um trago, não um discurso.

– Ah, me desculpe... (*glubglubglub*)

O resto é simulação. Abençoados os simples, porque na Terra eles são espoliados. Os inescrupulosos é que saem vitoriosos.

Bati meu copo na escrivaninha. Com tanta força quanto Sidsel Skagestøl havia batido a porta para mim pelo resto da vida. Com tanta força quanto alguém havia arrancado sua filha do solo em que havia sido plantada e a erguido como um troféu de caça, em algum lugar, no lado obscuro de uma estrela, onde você pode procurar por ela até que venha o reino eterno e nunca a encontrar. Com tanta força quanto eles carimbam uma carta com endereço errado: *Retorne ao remetente. Destinatário desconhecido.*

Conversei com Karin pelo telefone.

– Tem algum plano pra hoje à noite? – ela perguntou.

– Tenho que ir a uma passeata às onze horas: pessoas que usam prostitutas. Como ela não dissesse nada de imediato, acrescentei:

– Um protesto contra elas, é claro...

– Eu tinha entendido.

– Vou me encontrar com uma senhora que, provavelmente, tem alguma informação sobre o caso que estou... bom, fazendo algum trabalho de fundo no momento... Quer vir?

– Está falando sério?

– Você sabe que eu não gosto de envolver você no lado prático da maneira como ganho a vida, mas... Elas podem achar mais fácil conversar comigo se você estiver lá.

– Então a gente vai jantar antes?

Empurrei meu copo para longe com firmeza.

– Claro. A que horas posso te encontrar?

Combinamos um horário.

Antes de sair do escritório, Sigrun Søvik ligou. Sua voz estava hesitante e nervosa, como se não tivesse certeza de estar fazendo a coisa certa.

– Se você estiver tentando me recrutar para os escoteiros, está um pouco atrasada – falei, tentando tornar o tom mais leve. Não funcionou.

Numa voz cavernosa ela disse:

– É sobre as duas meninas.

– Hã? Torild e Åsa?

– É. Foi uma coisa que eu pensei que talvez, que talvez você deva saber, mas não quero esfregar sal nas feridas... em relação à família... então...

– Você quer me contar pelo telefone ou...?

– Será que a gente poderia se encontrar amanhã, a qualquer hora, pra um café? – ela perguntou rapidamente.

– Claro, por que não?

Combinamos a hora e o lugar, ela desligou, e tomei nota sobre os detalhes.

Sempre alerta: esse não era o *lema* delas? Mas para quê? Talvez fosse essa a questão. Estar ou não alerta?

Pus de lado essas especulações e tranquei a porta com cuidado ao sair para jantar com minha namorada do Departamento de Censo Demográfico.

Vinte e sete

A face leste de Nordnes não é exatamente o lugar mais acolhedor para se passar uma noite de segunda-feira, num fevereiro que já é frio.

Um punhado de participantes havia se reunido no píer Sunnhordlandskes, e estavam amontoados, como se protegessem suas faixas, mas provavelmente apenas tentando se manter aquecidos.

No começo, olharam-nos com desconfiança, mas quando viram que estávamos de mãos dadas, e como também havia algumas pessoas que eu cumprimentava, conhecidas dos meus dias no Conselho Tutelar, ficaram mais amistosos e nos admitiram no grupo.

As faixas que eles carregavam traziam slogans óbvios demais, como: NÃO À PORNOGRAFIA! RECUPERE A NOITE! FIM AO COMÉRCIO DO SEXO E DO CORPO – BASTA! e PORNOGRAFIA = TEORIA ESTUPRO = PRÁTICA.

Uma dupla de meninas com cabelo *punk* espetado, anel no nariz e em várias outras partes, segurava cartazes com o *slogan* muito mais chamativo: BOQUETES DE GRAÇA!, com o qual ninguém parecia se ofender.

Havia pouquíssimos homens. Contei três, além de mim. Um deles tinha um pouco o jeito de um guarda-costas contratado. Os outros dois pareciam ter sido domesticados no começo da década de 1970 e que só lhes era permitido sair sozinhos em ocasiões muito especiais.

As mulheres eram a imensa maioria. Algumas não seriam tocadas nem por um dedo, mesmo que aparecessem completamente nuas numa missa do galo dos Hell's Angels no interior da Noruega. Outras teriam sorte se saíssem de uma reunião matutina da Associação dos Padres sem serem apalpadas. As idades variavam de garotas do nível secundário a avós. No entanto, todas elas fincavam pé em seu compromisso passional pela causa de seu sexo, com uma falta de maquiagem que beirava a humildade.

Naquela noite de segunda-feira, em meio ao gelado vento norte, agitavam punhos cerrados para os veículos ocasionais que desciam a rua C. Sundts, centro do distrito de luz vermelha, entoando “*Abaixo os devassos! Abaixo a*

venda dos corpos das mulheres!”

Evy Berge era uma mulher grande, uns cinco centímetros mais alta do que eu, com traços largos, quase eslavos, e cabelo claro batidinho. Tinha 30 e tantos anos, e o olhar que me lançou era de um azul de aço, com um toque de violeta.

– Laila Mongstad sugeriu que eu entrasse em contato com você. Tentei me comunicar com você o dia todo.

– Estamos com uma terrível falta de pessoal no nosso departamento. Não temos uma folga. – Acenou em direção a Karin, como se fossem colegas de conspiração. – O destino das carreiras das mulheres, certo?

Karin concordou.

– Você tem toda razão.

– Eu sei que tenho. Dê só uma olhada à sua volta! Quem é que está sob crescente pressão, com orçamentos sempre reduzidos? Enfermeiras, professoras, funcionários do correio...

– A polícia! – interferi.

– Ok, mas é a única! E quem você acha que passa as noites de segunda-feira dirigindo carros atrás de prostitutas?

– Enfermeiras, professoras, e funcionários do correio? – perguntei.

– Não dê atenção a ele – Karin começou a dizer.

– Diretores...

– É só uma maneira de ele...

– gerentes de loja, chefes de departamento...

– ...falar.

– cirurgiões-chefes e políticos. *Homens...*

Concordei.

– Eu sei.

– Em outras palavras, o aparato do poder! As pessoas que ocupam postos de poder na sociedade como um todo também têm que estar numa posição de poder quando compram sexo. Elas têm que se sentir seguras e achar que estão no topo, literalmente, pra não serem confrontadas exatamente onde se sentem mais vulneráveis. Entende o que eu digo?

– Você fala com uma clareza exemplar. Não tem como não entender. É exatamente por isso que preciso falar com você.

Ela olhou em torno.

– Aqui? Agora?

– Não está acontecendo grande coisa, está? Vai ajudar a passar o tempo.

– Ok, acho que sim. – Ela deu de ombros e nos afastamos alguns metros dos outros, como um grupo dissidente de três, que, afinal de contas, talvez não fizesse aquilo à toa.

– Qual é o seu verdadeiro interesse?

– Indo direto ao assunto: trabalhei no Conselho Tutelar, e também sou detetive particular há quase vinte anos. Portanto, tenho uma boa noção do perfil tradicional da prostituição nesta cidade. Mas tenho trabalhado num caso que atualizou a questão... A menina que foi encontrada assassinada em Fanafjell...

Ela acenou com a cabeça:

– Entendo.

– Então, estou tentando descobrir se há algum elemento novo nesse negócio, novos lugares onde as pessoas se encontram não exatamente ao som de violinos, mas que fazem com que alguém ganhe muito dinheiro com isso. Por exemplo, fui parar num lugar chamado Jimmy's...

– O fliperama?

– É. E Laila Mongstad está investigando o lugar, como base pra uma grande reportagem no jornal.

Ela sorriu.

– Ótimo! Brilhante! – Abaixou a voz. – É claro que a gente não descobre muita coisa por conta própria. Mas as pessoas nos procuram, até mesmo algumas prostitutas.

– Então, como está o mercado no momento?

– Bom, é óbvio que você sabe o motivo de estarmos aqui nesta noite em particular, não sabe?

Concordei.

– É de conhecimento comum. A prostituição de rua da década de 1950, que agora se mudou pra cá, vinda da Strandkaien. As meninas da Ole Bulls

Plass, que agora se mudaram pra cá.

– Até um ponto, sim. O que é novidade, é claro, é o recrutamento entre as viciadas em drogas, muitas vezes meninas muito novas, funcionando em lugares totalmente novos. A região em torno da estação central, por exemplo, e às vezes no meio da praça Torgalmenningen, pelo menos no verão.

– Nas férias escolares?

– Época difícil para muitos garotos.

Uma van, com o nome de uma grande empresa na lateral, passou bem devagar pelo grupo que agora tinha aumentado para cerca de trinta pessoas. O motorista inclinou-se para fora e nos mostrou o dedo agressivamente.

As vozes subiram num canto lento e irregular.

– Vermes da *sarjeta*! Vermes da *sarjeta*!

Ele afundou o pé, soltando uma nuvem de fumaça do escapamento de sua extremidade enferrujada, cantou os pneus traseiros e desapareceu seguindo para o próximo quarteirão sem nem mesmo olhar para trás.

– Esta é a forma mais crua de prostituição e a mais visível. O cara que leva uma hora a mais pra chegar em casa depois do trabalho, ou simplesmente aparece pra uma rapidinha, enquanto as crianças assistem programas infantis na televisão.

– Tão cedo assim? – perguntou Karin surpresa.

– É. O negócio é animado no mercado pornográfico nessa hora do dia, querida – observou Evy Berge. – Uma rápida ida a Tollbodkaien, o carro estaciona por lá, com o alívio rápido de uma masturbação – ela fez alguns gestos demonstrativos – ou... – ela levou a mão à boca –, talvez até mesmo uma rapidinha no banco de trás, se eles quiserem fazer a festa. – Seu rosto tinha uma expressão de repulsa ao olhar para mim. – Homens!

– Nem todos – eu disse.

– Claro que não, querido. Nem todos!

Parecia que Karin ia dizer alguma coisa, mas cheguei antes.

– Ok, mas as meninas que são contratadas em outros lugares, frequentemente acabam num quarto de hotel, certo?

Ela pareceu repentinamente cansada. Depois estendeu a mão e, no estilo professoral que sem dúvida lhe era típico, contou nos dedos. – Existem os seguintes tipos principais de prostituição nesta cidade. *Um*: este que acontece

aqui. *Dois*: o que funciona através de contatos anunciados em jornais, revistas e salas de bate-papo na Internet. Por exemplo: *Loira curvilínea, 24, procura homem de posses para encontro matinal*. Exige-se e se garante completa descrição. São meninas que moram sós, têm apartamentos lindamente decorados, e pagam seus estudos ou atividades de lazer com prostituição. São elas que aparecem nas entrevistas de jornal onde alegam ter uma atitude profissional em relação ao que fazem, que fazem isso por livre e espontânea vontade, e não têm qualquer escrúpulo a respeito. Elas se veem como as boas samaritanas da vida amorosa de outras pessoas, e também vão se aposentar cedo.

– Talvez elas sejam exatamente isso.

– E talvez a gente viva em uma sociedade depravada! Numa sociedade em que tudo está à venda, inclusive o amor.

– Estamos falando sobre aquilo que algumas pessoas chamam de a mais antiga profissão do mundo, não estamos?

– Os homens são mais velhos, se quiser saber, e também são um bando podre!

– É, imagino que sim, se você for uma fundamentalista no que diz respeito à história da criação.

Ela ignorou essa observação e prosseguiu com sua lista.

– *Três*: prostituição em hotel. Esta é a mais difícil de acabar. Quem é que pode dizer a diferença entre relacionamentos que começam realmente no salão de danças ou no bar de um hotel, e aqueles que são simplesmente parte de oferta e demanda? Quem é que pode de fato controlar o que acontece num quarto de hotel à noite, sem recorrer a um circuito fechado de TV em cada canto?

– Ninguém, isso é verdade.

– E finalmente, *quatro*: como chamar isso? Prostituição institucionalizada, aquela que se esconde atrás de outras formas de atividade econômica. As tão discutidas casas de massagem, das quais também temos alguns exemplos aqui. Elas mudam de endereço a cada seis meses, mais ou menos, mas são administradas pelas mesmas pessoas, e têm as mesmas pessoas por trás, injetando dinheiro. Posso te dar o endereço de pelo menos dois bordéis regulares na cidade.

– Mas e os cafetões ou cafetinas em tudo isso? Aí está uma coisa com que a polícia podia lidar.

Ela olhou para Karin ao responder.

– Posso garantir que, em quase todos os casos, os homens estão por trás, ou pelo menos estão no controle. Todas as meninas deste distrito têm seu chamado protetor. E se não têm, logo arrumam um. Se não arrumarem, são logo despachadas. Simples assim. – Depois de uma pequena pausa, ela acrescentou:

– O pior é que quase todas elas precisam disso. Alguns dos seus clientes são verdadeiros monstros, e nesse caso, pode valer a pena ter alguém por perto a quem chamar por ajuda.

– Deus do céu! – disse Karin com emoção.

– Algumas das que funcionam através de hotéis também têm seus... benfeitores. Às vezes os próprios donos dos hotéis.

Levantei a mão.

– Hã? Existe alguém que esteja ficando famoso nesse quesito atualmente?

– Você se lembra do Hotel Week End?

– Aquele que agora se chama Pastel.

– Ele foi bem decente durante alguns anos com os novos donos. Mas no ano passado ele foi novamente vendido e agora... Agora está de volta à sua velha atividade. Tudo que tem de novo é o nome... e o *barman*.

– O *barman*?

– Um dos nossos contatos, motorista de táxi, contou que, agora, o telefone do momento é uma linha direta com o bar no Pastel. Você só precisa se lembrar de chamar pelo Robert.

– Robert, vou me lembrar disso! Tenha certeza...

De repente, tudo ficou quieto à nossa volta. Evy Berge levantou os olhos, cheirou o ar com suas narinas como um animal tentando reconhecer o odor. – Você fala em baratas, e elas aparecem saindo de debaixo das suas botas! Lá está exatamente o tipo a que me refiro.

Acompanhei seu olhar. Karin imediatamente deu alguns passos para trás, e senti um aperto no meu braço.

Dois camaradas atravessavam a rua arrastando os pés. Um deles tinha o cabelo com pega-rapaz, coisa que eu praticamente não via desde a década de 1950. A camisa branca, o jeans azul-claro, e os sapatos pretos se projetando por sob o longo casaco preto de lã situavam-no seguramente na mesma

década. Era de estrutura pesada e vigorosa, não o tipo que passa a manhã toda se exercitando na academia para poder acabar com você; era mais o tipo que levanta a barriga e faz com que ela despenque na sua cabeça, o que é tão eficiente quanto. O outro tinha um aspecto mais velho. Era menor e andava de maneira mais dura, mancando um pouco, como se tivesse se machucado alguma vez. Seu rosto era ligeiramente roliço e tinha um cavanhaque branco. Seu gorro azul estava bem enfiado na cabeça, e a gola da jaqueta xadrez estava levantada, como se ele de fato não quisesse ser visto.

Os participantes da passeata se juntaram, mostrando sinais de ansiedade, irritação e pura raiva. O homem maior do grupo tinha passado para frente, seguido por um dos asseclas e por uma dupla de recém-chegados que pareciam estudantes. Evy Berge também abriu caminho até a frente.

Estava indo atrás dela, quando Karin me segurou.

– Espere Varg, pode ser...

– Não é a minha primeira saída numa noite de fevereiro, amor.

– Só espere e veja o que acontece.

– Ok.

O grandão no casaco de inverno falou com um sotaque de Bergen surpreendentemente educado, como se tivesse sido concebido sob uma moita de rododendro em Kalfaret, o bairro mais elegante da cidade.

– Podem me informar se vocês têm autorização da polícia pra esta demonstração?

Evy Berge tirou uma carta do bolso e a agitou sob o nariz dele.

– Selada e assinada! Olhe aqui!

Ele olhou para ela com os olhos faiscando de raiva.

– E por quanto tempo vocês pretendem deixar a nós, moradores, acordados?

– Deixar a nós, moradores, acordados! Veja só! – levantou uma voz estridente de algum lugar no fundo do grupo, provocando uma onda de risadas irônicas entre os outros.

– Temos permissão pra continuar até meia-noite – respondeu Evy Berge.

– Por que vocês simplesmente não vão pra casa, assistir um pornô? – perguntou uma das meninas que afirmava fazer boquete de graça.

O homem ficou na ponta dos pés e olhou por sobre as cabeças das pessoas que estavam na frente.

– Quem disse isso?

A própria menina ficou na ponta dos pés.

– Eu.

Ele olhou para ela e depois para o cartaz.

– Isso é uma oferta?

– Venha até aqui e eu arranco a coisa a dentadas!

Ele começou a abrir caminho em direção ao fundo.

– Venha aqui sua chupadora de xoxota, vou te mostrar...

O homem que parecia um guarda-costas contratado barrou seu caminho.

– Vamos com calma.

– E que porra é você? Um eunuco?

– Um oficial de justiça em horário de folga, se pra você tanto faz.

Os dois homens ficaram ali, se encarando com raiva. Tinham o mesmo porte e parecia que nenhum deles era marinheiro de primeira viagem. Eu estava louco para soltar alguma pérola também. Karin agarrou no meu braço ainda com mais força.

O homem com o gorro azul disse:

– Vamos lá, Bernhard, você ouviu o que o cara disse. Não vale a pena. À meia-noite eles terminam.

Fiquei ali ouvindo. *Aquela voz...*

Estiquei o pescoço para tentar dar uma olhada melhor no rosto dele, mas havia cabeças demais atrapalhando. Senti meu saco se encolhendo, uma das últimas reações instintivas que a gente ainda conserva, e um sinal claro de perigo no ar. *Com certeza não poderia ser...*

– Ok, então! Chupador de rola! – ele sibilou para o grande oficial de justiça. – Em troca você vai ganhar uma sessão de graça, imagino?

O oficial de justiça saiu com ele pela rua, mas Evy Berge foi em seu encalço, fazendo-o parar.

– Não caia nessa! Deixamos bem claro. – Ela levantou sua faixa. – Nós voltaremos! Aposte sua última ficha nisso!

– Me dá sossego! – ele gritou do outro lado da rua.

O homem de jaqueta nem ao menos se virou, mas foi na frente, em direção à esquina que dava na Holbergsalmenningen. Fiquei ali espiando a maneira como ele andava. *Era uma vez, há vinte anos...*

– Ai meu Deus! – falei comigo mesmo.

– Hum – disse Karin, aconchegando-se ainda mais. – Você acha que agora podemos ir embora?

Olhei em volta. O grupo já estava se dispersando. – Parece que por hoje o *show* acabou.

Evy Berge chegou até nós.

– Algumas vezes tivemos até que chamar a polícia. Mas hoje, por sorte, terminou bem. Uma demonstração bem boa, hein, Veum?

Concordei.

– Obrigado...

– Vamos! – disse Karin. – Estou congelando...

Mais tarde, na cama, em Fløenbakken, depois de se sentir novamente aquecida, ela levantou a cabeça do meu peito, olhou bem nos meus olhos e disse:

– Não consigo deixar de pensar em Siren, quando ouço coisas como aquela.

Apertei-a ainda mais nos meus braços, num aperto delicado.

– Simplesmente não consigo imaginar a sensação de... fazer isso por dinheiro...

– Posso te afirmar que as meninas que se vendem desse jeito também não se sentem muito bem fazendo isso. Conheci uma porção delas em todos esses anos que tenho feito o meu trabalho.

– E tão jovens...

– Os meninos também, infelizmente. Mas ainda são uma minoria. Afinal de contas, ainda existem menos gays do que héteros, na contagem final dos cromossomos.

– Mas o que leva elas a isso, Varg?

– Dinheiro, simples assim. Muitas delas pra pagar um vício, mas outras só

pra comprar as roupas certas, por exemplo, para acompanhar as amigas. E as feministas radicais que fizeram parte daquele protesto estão erradas quando dizem que é tudo culpa dos homens. A prostituição se trata, acima de tudo, de poder. Você consegue comprar o poder sobre outra pessoa por um período limitado de tempo. Até mesmo o homem mais fraco descobre que existe alguém ainda mais insignificante do que ele. Por que você acha que tantas dessas garotas acabam estupradas e abusadas em seu próprio meio? Prostitutas são párias, Karin, sempre foram.

– E uma delas era minha irmã. Nunca consegui entender isso! Tivemos a mesma mãe e o mesmo pai, viemos do mesmo meio, tivemos a mesma educação... O que fez com que ela acabasse assim, enquanto eu...?

– Quem sabe? Os irmãos e irmãs são diferentes, não são? Os genes não são divididos da mesma maneira. Mas, acima de tudo, acho que é uma questão das pessoas com quem você anda, quem são seus amigos nos anos em que você, finalmente, está definindo o rumo que sua vida vai tomar. A Siren teve azar nesse sentido, você sabe melhor do que eu, enquanto você...

Ela voltou a deitar a cabeça no meu peito e sussurrou:

– Se pelo menos a gente soubesse que ia acabar dando nisso quando éramos pequenas, será que a gente teria feito a coisa diferente? Será que a gente teria conseguido impedir o que aconteceu? Teria, Varg?

Eu não saberia dar a ela a resposta certa. Ninguém saberia.

Foi uma noite inquieta. Quando, finalmente, consegui dormir, embarquei imediatamente num sonho horroroso. Num quarto de hotel que dava para o juízo final, tornei a encontrar o homem de jaqueta. Dessa vez, ele tirou seu gorro de lã e me mostrou seu rosto. Só que não havia rosto, apenas um crânio à mostra, como se fosse a própria morte perambulando pelas províncias e que finalmente tivesse encontrado um bom par de ouvidos.

Fiquei banhado de suor, incapaz de tornar a dormir.

Vinte e oito

Terça-feira estava um dia de céu calmo e claro, com faixas cor de pêssego a leste. Uma lua pálida, sem um pedacinho, pendia sobre as montanhas Damsgårdsfjell e Lyderhorn.

Caminhamos pelo bairro de Kalfaret até a cidade, seguimos as multidões de pedestres por Marken e Strandkaien, demos um rápido beijo de despedida, e Karin continuou para o Departamento de Censo Demográfico em Murhjørnet, enquanto eu subia as escadas até o terceiro andar, com jornais debaixo do braço e chaves na mão.

No dia anterior, o *status* de “testemunha” tinha mudado para “suspeito”, mas o anonimato ainda era mantido. No entanto, de acordo com as matérias de jornal, o “suspeito” se recusava a aceitar que tivesse qualquer ligação com a morte, além de ter encontrado Torild Skagestøl “algumas poucas vezes”. No entanto, um dos jornais citava uma fonte confirmando que o “suspeito” tinha sido visto com Torild “e outra menina” na tarde de quinta-feira no “Jimmy’s, o misto de fliperama com lanchonete no centro de Bergen”.

Folheeí minhas anotações. Astrid Nikolaisen não tinha dito a mesma coisa quando conversei com ela? Tinha, lá estava... Torild e Åsa com “um cara ou outro”... Helge Hagavik, o misterioso “suspeito”?

Fiz três anotações mentais. Tinha que ter uma conversa com Astrid; tinha que ter outra conversa com Åsa, e – se possível – tinha que ter uma conversa com Helge Hagavik.

Isso ia me tomar a maior parte do dia e me ajudar bastante a esquecer que dia era o dia seguinte.

O quarteirão onde Kenneth Persen vivia ficava no lado sombreado da rua, na parte da cidade exposta à sombra dos edifícios da Vetlemanhattan na Nygårdstangen, e que provavelmente nunca mais vai ver a luz do dia.

O nome dele estava em uma das oito caixas de correio na entrada do *hall* no andar térreo, mas ao subir as escadas não havia um único nome em nenhuma porta, como se todo mundo que morasse ali fosse membro dos Alcoólicos Anônimos.

Fui de porta em porta, parando para ouvir qualquer som que pudesse indicar que alguém estivesse em casa; bati em algumas portas onde imaginei ouvir sinais de vida, mas ninguém respondeu.

Por fim, cheguei à conclusão de que já tinha gastado tempo o suficiente nesse aspecto do projeto, e fui embora.

Em frente à Estação Municipal um punhado de jovens se apoiava na parede de concreto na entrada subterrânea de pedestres, com as mochilas jogadas aos pés, e fazendo observações não exatamente elogiosas aos que passavam.

Fui para a sala de espera e olhei em torno. O cheiro de óleo de fritura e de tinta de impressão pairava como um círculo de autorrepulsa em torno da lanchonete de um lado e de uma banca de revista do outro. Os cartazes espalhafatosos em frente às lojas do primeiro andar proclamavam que as liquidações de janeiro continuavam, mas há muito elas tinham perdido o brilho. Não vi sinal de Astrid, mas passados apenas alguns minutos, observei duas transações com drogas sem que houvesse qualquer tentativa em particular para esconder o que acontecia.

Encontrei Sigrun Søvik no café do primeiro andar, como havia sido combinado.

Estava sentada em uma das mesas frente ao lago Lille Lungegård, um perfil bem definido contra a forte luz do dia no lado externo. Usava o mesmo conjunto da outra vez: uma camisa vermelha, jeans azul e um colete cinza de tricô. Na cadeira ao seu lado, havia pendurado uma jaqueta de pele de carneiro marrom-acinzentada, ligeiramente fora de moda, com um *bottom* “Não à Energia Nuclear” em uma das lapelas.

Acenei para ela a certa distância, e peguei uma xícara de café no balcão, antes de ir até lá e me sentar a sua frente.

Desembrulhei dois cubinhos de açúcar, joguei um deles na boca e dei um trago no café queimando de quente.

Sigrun Søvik acompanhou meus movimentos com os olhos, como se eu estivesse fazendo uma demonstração da mais alta habilidade tecnológica, ou por estar satisfeita de poder adiar o momento fatídico.

Dei uma olhada furtiva nela.

Suas faces estavam surpreendentemente vermelhas, como se tivesse corrido para chegar ali a tempo. Os olhos mexiam-se para lá e para cá, do meu café para o meu rosto, sem se fixar em nenhum deles.

– Você tinha alguma coisa pra me contar – eu disse hesitando.

– É, eu disse... Mais tarde... me ocorreu... Pelo que eu disse, você pode ter pensado que alguma coisa aconteceu entre a senhora Furebø e Holger Skagestøl... quando eles vieram visitar a gente em Radøy.

Fiz um leve aceno de cabeça.

– Hum, não necessariamente.

– Mas eu, eu *sei* que não era isso!

– Hã?

Ela me olhou aflita.

– É, quero dizer, eu não *sei*, mas... Aconteceu alguma coisa entre eles, então?

Eu tinha que ter cuidado.

– Não estou entendendo aonde você quer chegar...

– O que eu queria dizer era... De qualquer modo eu sei por que a Torild e a Åsa desistiram, é isso que eu queria dizer.

– E não teve nada a ver com...

– Não! E foi por isso que eu pensei... Você não precisa incomodar ninguém com isso *agora*, depois da coisa terrível que aconteceu com a Torild...

– Entendo... – Fiz um gesto para ela prosseguir. – *Por que* elas desistiram, então?

– Eu... Eu peguei as duas no ato.

– Pegou as duas no ato?

Ela olhou pela janela em direção ao prédio da Companhia de Energia Elétrica, embora ele não parecesse animá-la muito.

– Você sabe, as pessoas dessa idade estão bem... estão no processo de autodescoberta... e naquela sexta-feira à noite, quando tudo deveria estar sossegado, fiz minha ronda de costume em todas as barracas. Ouvi... sons vindos da barraca da Torild e da Åsa... A luz de uma lanterna... Pensei que elas podiam estar lendo ou comendo chocolate, alguma coisa do tipo. Mas quando abri a barraca e enfiei a cabeça...

Esperei.

– Elas estavam nuas e... – Seus olhos se reviraram como uma lanterna. – Tenho trabalhado com jovens há muitos anos, não me choco tão fácil, mas tão jovens e já tão depravadas!

– Em outras palavras, elas...

– É, não vou dizer mais nada! Não vou falar sobre o que elas estavam fazendo!

– Está bem. Mas o que você fez?

– Dei a maior bronca, é claro! Separei as duas e coloquei em barracas diferentes pelo resto do tempo, mas é claro que eu não disse nada pra ninguém, pra ninguém, está entendendo? Até hoje! Eu não queria que comessem a falar que uma coisa daquelas pudesse acontecer quando eu estava no comando! Dá pra entender?

– Dá. Mas eu também não entendo por que tanto drama a respeito. Todos nós já fomos jovens...

– Eu não!

– Não?

– Estou dizendo que eu nunca fiz nada *parecido*...

– Não, tenho certeza que não.

Ela deu uma olhada no relógio.

– Tenho que ir agora. Só queria que você soubesse que esse foi o motivo de elas saírem. Porque ficaram sem graça, é claro! Nenhuma das duas conseguia me olhar nos olhos pelo resto daquele acampamento no Whitsuntide.

Ela se levantou e vestiu sua jaqueta de pele de carneiro. Hesitou por um momento. – Você não vai contar pra ninguém, vai? Agora que você sabe...

Olhei para ela com um ar de segurança.

– Provavelmente... Como você mesma disse, eles têm mais do que o suficiente pra pensar sem que tenham que se incomodar com pecadinhos de jovens...

Depois que ela se foi, bebi lentamente o meu café antes de partir na mesma direção.

Ao redor do lago Lille Lungegård, o bando de patos tinha se reduzido consideravelmente. Apenas as gaivotas onívoras caminhavam oscilantes sobre

o gelo semiderretido, bicando em torno de um dos buracos próximo à borda, na esperança de encontrar algo para comer.

A fachada de vidro do Hotel Norge refletia o céu de inverno em tons pastel. O pavilhão de música no City Park não exibia flores, e os canteiros estavam cobertos de galhos de pinheiro, para manter viva a esperança da primavera. Quem iria querer morrer ou ser enterrado em fevereiro, quando a vida lentamente retomava seu despertar, quando as novas plantas começavam a brotar, irrompendo cautelosamente pela cobertura invernal, e quando em breve o sol teria um calor verdadeiro?

Eu não, nem ninguém.

Vinte e nove

Encontrei Dankert Muus em seu escritório.

Ele levantou os olhos quando bati, com a mesma satisfação em me ver que teria se eu tivesse pisado em seus canteiros de tulipa num sábado de folga.

– Posso dar uma palavrinha com você?

– Só se for absolutamente essencial. – Ele me olhou desconfiado. – Deixei as coisas absolutamente claras, não deixei, Veum?

– Deixou, mas na verdade é sobre outro assunto.

– Que é?

– Vi pelos jornais que você está fazendo um grande progresso.

– E?

– O cara que você está mantendo... Você deve ter uma prova bem boa, já que ele foi promovido a “suspeito”?

– Nos jornais, sim! Você não devia acreditar em tudo que lê. Mas não tenho comentários a fazer nem com você, nem com ninguém fora da polícia.

– Ele ainda não foi acusado, pelo que eu entendi?

Ele me deu uma olhada de muita paciência.

– O que você quer, Veum?

– Você não acha que poderia ajudar se eu desse uma palavrinha com ele?

– Ele está em custódia como testemunha, Veum. Ninguém pode chegar perto dele sem uma ótima razão.

– Quem é o advogado dele?

– Aquele imbecil do Vidar Waagenes. Mas eu estou me arriscando por sua causa, não estou?

Olhei para ele. Apesar de a voz parecer mesmo com a dele, quem estava sentado ali não era o mesmo Dankert Muus. Havia nele algo de resignação e

fatalismo, como se a única coisa que o fizesse ir em frente fosse o círculo vermelho no seu calendário de parede.

Inclinei-me para frente.

– Estive aqui ontem. Helleve me deu sinal verde pra prosseguir em minha investigação sobre prostituição.

– É mesmo?

– O que estou dizendo é que nós sabemos que a Torild Skagestøl...

– Veum! – Ele fechou os olhos ante a simples menção ao nome.

– Ouça, Muus, ouça só o que eu tenho pra dizer.

Ele voltou a abrir os olhos e fez um aceno com a cabeça.

– Está bem, então! – soltou com ar cansado, afundando para trás em sua cadeira.

– Sabemos que ela frequentava vários lugares que podemos associar com prostituição. Conversei com uma pessoa que a reconheceu como a pessoa que estava com o juiz Brandt no dia em que ele...

Ele bateu ambos os pés no chão e se endireitou na cadeira. – Veum!

– E um dos lugares que ela costumava frequentar bastante era o fliperama Jimmy's, que os jornais também mencionam hoje, e que a maioria das pessoas vê como sendo mais ou menos uma casa de programas, e elas não estão falando em programas familiares, Muus, estão falando em *negócios* pra valer.

Agora eu não ia deixar que ele me interrompesse.

– Uma dica que eu recebi de uma das mulheres do Women's Lib, que organizou o protesto na rua C. Sundts ontem à noite, também envolve o bar daquele que era o Hotel Week End, que agora se chama Hotel Pastel, como uma casa de programas semelhante. E quem é o dono *dos dois*, do Jimmy's e do Hotel Pastel, Muus? Quem mais senão Birger Bjelland, o filho pródigo de Stavanger?

Ele me lançou um olhar severo. – Isso pertence a outro departamento, Veum.

– Mesmo que esteja diretamente ligado ao assassinato?

– Bo... bom... não, talvez nesse caso não.

– Não há nada que vocês mais queiram do que indiciar Birger Bjelland, certo?

- Não vai ser no meu tempo.
- Se eu fosse você, teria perguntado a Helge Hagav...
- Quem te passou esse nome, Veum?
- Ah, um contato da imprensa – menti, rápido como um raio.
- Deus do céu! Então os urubus estão de novo atrás de carniça, é? O que você teria perguntado a ele se estivesse no nosso lugar, foi o que você disse?
- O que ele tem a ver com Birger Bjelland. Quem foi que levou a Torild Skagestøl a experimentar drogas, e com quem eles conseguiam essas drogas.
- Tudo bem, Veum, eu vou levar isso em conta. Segundo você, seria esse o motivo do crime?
- Ou isso, ou ciúmes.
- Porque ela... – Ele fez alguns gestos ilustrativos com as mãos.
- Por exemplo.

Muus levantou-se, foi até o calendário na parede, como que para ficar o mais perto possível do dia assinalado em vermelho; depois se virou e me encarou com aquele olhar deprimido.

– Mas você disse que tinha vindo me ver por um motivo completamente diferente, Veum.

Empurrei minha cadeira ligeiramente para trás, para ficar fora do seu alcance.

– É, vim fazer uma queixa contra alguém.

Ele levantou as sobrancelhas.

– Quem?

– Não sei.

– Exatamente. – Ele suspirou fundo, voltou para sua escrivaninha, e tornou a se sentar.

– Como é que se escreve isso?

Enfiei a mão no meu bolso interno, tirei o envelope que continha a ameaça, e o coloquei na frente dele.

– Recebi isto pouco antes do final de semana.

Sem dizer uma palavra, ele abriu o envelope e leu a página com o anúncio

fúnebre. Depois, tornou a levantar os olhos.

– Quando é o enterro? Estou perguntando pra poder estar lá.

Dei um sorriso torto com o canto da boca.

– Com certeza você não está levando isto a sério, está?

– Não deveria?

– Veum... Nos quase quarenta anos em que estou na polícia, não conseguiria contar a quantidade de ameaças que recebi. A maioria era verbal, confesso, mas algumas também eram por escrito. Nunca, nem uma única vez, alguém chegou perto de cumprir a ameaça.

– Então você acha que eu deveria simplesmente esquecer isto?

– De qualquer modo, não podemos lhe oferecer proteção pessoal só baseados nisto. Mas é claro que eu posso pedir pros carros de patrulha passarem um pouco mais pela sua rua, se você quiser. Quando você disse que seria? – Ele deu uma olhada na carta. – Amanhã. Exatamente. Em outras palavras, isso significa que vai ser segunda ou terça-feira.

– Hã, o quê?

– Seu enterro – respondeu Muus sarcasticamente. Depois ele mudou de expressão. – Mas honestamente, Veum. Você tem algum inimigo pessoal, algum inimigo tão ressentido, que poderia lhe mandar... uma coisa dessas?

Hesitei.

Ele notou.

– E?

– Você se lembra do Canivete?

Seus olhos brilharam.

– Teve alguns com esse nome. Mas acho que você está se referindo àquele que você despachou daquela vez. Qual era mesmo o nome dele? Harry Hopsland?

– Acho que o vi na cidade ontem...

– *Ele* deu queixa de você uma vez, não deu?

– Então você se lembra!

– Como se desse pra esquecer, Veum. Estou me referindo ao fato de o caso ter sido rejeitado.

– Até onde eu sei, ele está mais ou menos restrito à Noruega Oriental desde que saiu, não está?

– Você deve estar certo. Se me der um minuto, vou buscar a ficha dele.

Dois minutos depois, ele estava de volta com uma ficha na mão, parcialmente datilografada, mas com acréscimos manuscritos a lápis e esferográfica.

– Agora, vejamos. É, está certo. Ele cumpriu seis anos. Desde que foi solto ficou a maior parte do tempo em Vestfold e algum tempo na região de Oslo. No começo dos anos 1980, ele se meteu com as pessoas envolvidas na venda de pirâmide. Teve duas acusações por agressão, agravadas pelo uso de armas letais. Numa delas ele pegou seis meses. A outra acusação foi arquivada por insuficiência de provas. Depois ele foi preso de novo em Sandefjord, no verão de 1989, por suspeita de cafetinagem em um dos hotéis turísticos de lá, mas isso também não foi julgado, provavelmente pela mesma razão.

– E aquela vez que nós prendemos ele aqui em Bergen? Foi porque ele estava cafetinando e vendendo drogas ao mesmo tempo. Ele era tanto a galinha quanto o ovo, por assim dizer.

– Daquela vez ele escapou de ficar preso. – Muus virou a ficha do outro lado. – Então você acha que ele pode estar de volta a Bergen?

– Não diz nada sobre isso aí?

– Não, a gente não registra absolutamente *tudo*, sabia? – Ele balançou a cabeça. – Mas ele tem família em Bergen.

– Tem?

– Um filho. Ole Hopsland, nascido em 1971. E também tem dois irmãos, ou na verdade devem ser meios-irmãos. Isso também bate. Os irmãos Persen.

Quase pulei da cadeira.

– Persen?

– É. Conhece eles?

– Não, mas eu acabei de...

– Eles têm andado por aqui, na periferia do submundo do crime há quinze ou vinte anos. Kalle e Kenneth, que nomes originais! Kalle trabalha no... – Ele fez uma pequena pausa. – Exatamente, no Jimmy's.

– Precisamente.

– Acho que Kenneth nunca teve um trabalho de verdade. Procurando emprego, não é assim que eles se referem hoje em dia, só pra gente não esquecer que eles estão desempregados, e que alguns deles vão continuar assim pelo resto da vida...?

– Na verdade eu conheci o Kenneth numa ligação com este caso.

– É?

– Na casa de uma das meninas que com certeza você interrogou como testemunha, Astrid Nikolaisen...

– É, devemos ter interrogado. A Jensen é quem está lidando com as garotas.

– Exceto que ela não aparece em casa desde domingo.

Ele franziu o cenho.

– Você está dizendo que ela não apareceu?

– É, eu... Mas existem fortes indícios de que ela esteja tendo um caso com o Persen.

– Meu Deus. Bom, bom, bom. Acho melhor fazer com que a Jensen dê uma olhada nisso.

– Posso mostrar pra ela onde ele mora.

– Só passe o endereço pra nós, Veum.

– Tem certeza?

– Cem por cento.

Dei a ele o endereço em Nedre Nygård. Depois de anotá-lo, ele me olhou ligeiramente em dúvida.

– O que aconteceu realmente entre você e o Canivete naquela vez, Veum? Tinha alguma coisa a ver com uma garota, não tinha?

Trinta

Estacionei bem em frente à Escola Nattland. Ainda faltavam dez minutos para o sinal anunciar o final da última aula.

É, tinha alguma coisa a ver com uma garota. Mas não da maneira que Dunkert Muus sempre tinha gostado de pensar.

Durante os anos em que trabalhei no Conselho Tutelar, houve dois casos a que me dediquei particularmente. Um deles foi o da Siren, irmã da Karin; o outro foi de Eva-Beate.

Não tinha me preocupado demais com Siren. Ela vinha de uma família que se interessava por ela e tinha uma irmã que havia sacrificado parte dos melhores anos de sua juventude para tomar conta dela. Nem a família, nem a irmã podiam levar a culpa de que, no final, tudo tivesse terminado daquele jeito.

Mas Eva-Beate era outra história. Ela vinha de um abrigo infantil. Sua mãe, viciada em drogas, havia se suicidado quando a filha não tinha mais do que 3 anos, e nunca consegui saber se a menina tinha alguma lembrança do primeiro período caótico de sua vida. O pai fazia parte do exército dos desconhecidos. Nem chegou a ser um nome na certidão de nascimento. As tentativas de colocá-la em lares adotivos fracassaram. Ela fugia todas as vezes. O único lugar onde ela se sentia em casa era no abrigo infantil.

Tudo corria bem enquanto a antiga responsável ainda estava lá. Mas quando ela se aposentou, um pessoal novo assumiu. Eles fizeram o possível para dar a Eva-Beate oportunidades que ela ainda não havia tido, tentaram empurrá-la para a escola e para cursos vocacionais. Mas a essa altura, fugir tinha quase se tornado uma maneira de vida para ela. Era uma dessas crianças desesperadas, que nada conseguia segurá-la, que se escondia da luz sempre que podia e procurava as trevas onde quer que estivessem.

Para começo de conversa, ela era um desses rostos fantasmagóricos que sempre apareciam quando íamos vistoriar um prédio que ia ser demolido à procura de outros garotos, aqueles que eram agarrados continuamente quando a polícia fazia uma batida de drogas.

Então, subitamente, comecei a ter acesso a ela, como se a fizesse se lembrar de uma pessoa ou outra. Convidei-a para jantar em casa. Junto com uma colega, fui fazer trilha com ela nas montanhas. Lentamente, mas firme, fui afastando-a do mundo das drogas e descobri quem era seu cafetão. Mas ela não queria que nós o delatássemos. Não podia nem mesmo pensar na hipótese de testemunhar contra ele. Ele mata você com o canivete, ela disse. Uma das meninas que prestou queixa contra ele foi retalhada aqui... aqui... e aqui! Ela apontou primeiro para uma bochecha, depois para a outra, e depois para os seios.

Então, acabei visitando-o pessoalmente em sua mesa costumeira nos fundos do The Owl, num dia de outubro em 1973. Ele me convidou a ir lá para fora com ele, e subimos a rua Olav Kyrres em direção à Nygårdshøyden. Entramos no pátio interno em frente à velha casa onde o Conservatório tinha funcionado, e repentinamente ele puxou o canivete contra mim. Mas eu estava preparado e chutei sua coxa, torci seu braço nas costas, de um jeito que ele teve que soltar a lâmina. Assim que chutei o canivete para longe, fiz um dos meus sermões: “Posso quebrar seu braço, Canivete, ou não. Mas sei tudo o que é preciso a seu respeito, e se você não ficar longe da Eva-Beate, vou contar pra polícia tudo o que eu sei, com uma cópia pro Diabo em pessoa.” Ele falou, ofegante: “Então por que porra você não faz isso?” Torci seu braço um pouco mais, sem responder. “Me solta, seu merda”, ele gemeu. “Vou deixar a *putinha* em paz!”

Afrouxei o aperto e ele caiu. Inclinei-me e peguei seu canivete, enfiando-o no bolso. Com os olhos faiscando como um rato encurralado, ele disse: “Se eu fosse você, trancaria a porra da minha porta à noite, Veum! Um desses dias eu vou te pegar, e estou pouco me lixando se o Conselho Tutelar inteiro estiver montando guarda pra você, segurando na sua mão!”. “Fique à vontade”, respondi, numa época em que era jovem e confiante.

Nesse meio tempo as coisas tiveram uma melhora maior do que qualquer um podia esperar em relação a Eva-Beate. Ela voltou a frequentar a escola, encontrou uma família adotiva na qual, finalmente, se sentiu aceita, apaixonou-se e passou pelas tristezas normais, exatamente como deveria ser a vida para uma menina de 15 anos, ainda que ela tivesse lembranças demais para ter a coragem de ficar totalmente à vontade com seus amigos. Acompanhei todo esse desenvolvimento com grande satisfação, como um tio orgulhoso assistindo de camarote, e muitas vezes, quando estava lidando com casos que pareciam igualmente sem esperança, usava-a como exemplo do fato de que existem histórias bem-sucedidas.

Então, do nada, durante o final de semana do feriado nacional de 1º de maio de 1975, ela desapareceu. Sua família adotiva ficou louca de preocupação. Larguei tudo o que estava fazendo, coloquei uma máscara de oxigênio e me afundei no submundo que ela frequentara antes. Num dos dias cruzei com Canivete na rua. Ele me mostrou o dedo, com um indisfarçável brilho de vitória nos olhos, mas quando tentei agarrá-lo, ele escapou.

Uma semana depois do sumiço dela, ouvimos os primeiros boatos de que ela estava novamente sob o controle deles, fazendo programas. Duas semanas depois de ter fugido, ela foi encontrada.

A pista levava para um pulgueiro no centro da cidade. Sem me dar conta, passei por uma das câmeras da polícia contra drogas, subi a escada até o segundo andar, e invadi o quarto em que eles estavam sem nem ao menos bater.

Eva-Beate estava de costas na cama, pernas abertas, com o sexo escancarado como o focinho de um cão farejador. Seu olhar vazio mostrava que estava completamente fora de si. Também não havia muita vida no Canivete, deitado de bruços, usando apenas uma cueca minúscula, um dos braços jogado sobre os pequenos seios dela como um verme flácido e inchado.

Quando entrei, ele se virou com uma expressão sonolenta no rosto. Ao jogar as pernas para o chão e tentar pegar o canivete que estava na mesa de cabeceira, Eva-Beate sentou-se confusa na cama e procurou por ele, como se estivesse tendo um pesadelo e não tivesse certeza de estar acordada ou dormindo.

Primeiro, dei uma joelhada no rosto dele, depois, dessa vez, quebrei seu braço. Arrastei-o para fora da cama, joguei-o no chão e o chutei repetidas vezes até ouvir passos subindo a escada e dois policiais do departamento antidrogas entrarem apressados, me dando uma chave de braço para me acalmar.

O Canivete jazia aparentemente sem vida no chão à minha frente, enquanto Eva-Beate tinha voltado à mesma posição de quando eu entrara, seu sexo como uma galinha amarrada entre as pernas.

Tivemos que recomeçar do início. Mas dessa vez com outras pessoas para ajudá-la. Nunca fui realmente chutado do Conselho Tutelar. No entanto, alguma instância superior sugeriu que eu deveria tirar uma licença pelo tempo que quisesse. Peguei a dica e nunca mais voltei.

Naquele mesmo outono, abri o escritório na Strandkaaien. Eva-Beate não

estava se saindo tão bem. Morreu de overdose em Mølenpris, alguns anos depois, sem nunca ter largado o hábito.

E lá estava eu, novamente, quase duas décadas depois, esperando outra menina cujas circunstâncias não eram tão dramáticas. Mas eu tinha medo de que Åsa também estivesse se equilibrando à beira do abismo.

O sino da escola tocou, e não demorou muitos segundos para que os alunos comessem a brotar do prédio baixo. Fiquei de pé ao lado do carro, para que ela pudesse me ver.

Ela saiu num grupo pequeno, mas havia nela algo de solitário e depressivo. Ao me ver, foi quase como se ficasse aliviada por ter uma desculpa para se afastar do grupo. Nenhum deles demonstrou qualquer reação quando ela se despediu

– Oi, Åsa – eu disse.

Ela franziu o cenho.

– Foi meu pai que te mandou?

– Não. Deveria?

– Ele vem me pegar na escola todos os dias desde que a Torild sumiu. – Ela olhou para o relógio. – Acho que ele se atrasou um pouco, então.

– Só queria fazer uma pergunta pra você. Não é melhor a gente entrar no carro?

Ela olhou para a Merkurveien.

– Podemos ficar aqui de pé, se preferir.

– Na última vez que conversamos...

– Hã.

– Você foi completamente honesta, não foi?

– Fui.

– Aconteceu muita coisa desde aquele dia, Åsa. Agora você não deve esconder nada.

– Como o quê, por exemplo?

Indiquei sua nova jaqueta de couro marrom.

– Seu pai sabia que você não tinha dinheiro pra comprar uma jaqueta como a que você devolveu. E acontece que a jaqueta não tinha sido roubada.

Não estou espantado de ele vir buscar você.

Ela desviou o olhar.

– Onde você conseguiu o dinheiro, Åsa?

Ela não respondeu.

Dei um passo à frente.

– Você percebe o que está fazendo com você mesma, Åsa? Com a sua juventude?

Ela se virou para me olhar novamente, com um ar insolente.

– São caras como você que querem tirar proveito!

– Caras como...

– É, não pense que não reparei no modo como me olha!

– Eu estava olhando a sua jaqueta, Åsa!

– Ah, claro, você estava interessado na jaqueta, não estava?

– É melhor você prestar atenção no que estou lhe dizendo, Åsa! Você e a Torild foram ao Jimmy's com o Helge Hagavik na quinta-feira que ela... não voltou pra casa, certo?

– E se a gente tiver ido? Eu disse pra você, fui pra casa mais cedo!

– Então *era* o Helge Hagavik?

– Era, eu... – Quase que imediatamente seu rosto tornou a se fechar. – Ai, merda! – ela disse de maneira quase inaudível.

Deu para ouvir o rangido do motor de um carro vindo em velocidade lá da Merkurveien; pelas curvas fechadas, devia ser alguém na maior pressa. Então apareceu. A Mercedes branca veio em direção à escola e parou logo atrás do meu pequeno Toyota. Trond Furebø puxou o freio de mão, abriu a porta e apareceu ao nosso lado, tudo em um único movimento.

– Que diabos você está fazendo aqui, Veum? – Sem esperar por uma resposta, ele se voltou para Åsa. – Me atrasei cinco minutos. Me desculpe. Quebrei nosso acordo.

Ela lhe deu um olhar como se dissesse que isso era uma especialidade dos pais: quebrar acordos.

Ele se voltou para mim.

– Eu lhe fiz uma pergunta!

– Você não me deu chance pra responder.

– Ele estava me passando uma cantada, papai – disse Åsa descaradamente. Eu a encarei.

– Cantada?! Você quer dizer...

Foi só o tempo de ele dar o primeiro soco por impulso – bumba! – no meu queixo.

Caí para trás, vi estrelas, e quando tentei focar, por uns instantes vi os dois duplicados.

Ainda assim, consegui me desviar do segundo murro, o bastante para assumir uma posição defensiva, e ele não era treinado em luta. A raiva fez com que sua voz subisse várias oitavas.

– Porra, Veum, como pais, a gente faz tudo que pode pra proteger os filhos, sai do trabalho cedo só pra chegar aqui e pegar ela todos os dias, com todo o impacto que isso causa no trabalho, nessas horas cruciais do começo da noite, e aí você chega e...

– Com certeza você não está acreditando nela, Furebø, está? Você acha que eu sou algum idiota ou coisa parecida? Não dei nenhuma merda de cantada nela de jeito nenhum! Fiz algumas perguntas, e se você não acredita em mim, então nós três podemos ir até a delegacia e repetir as perguntas lá!

Agora ele começava a se acalmar. Ficou olhando para a filha.

– Åsa?

Ela olhou para ele com ar de desafio.

– Perguntei se não era verdade que ela e o Helge Hagavik estavam entre as últimas pessoas que viram a Torild antes que ela desaparecesse. Ela confirmou. Helge Hagavik foi levado em custódia, dizem que como “testemunha” no caso. Um dos motivos é que ele sabe muito mais do que está inclinado a dizer. O que me leva a suspeitar que a Åsa também sabe mais...

Ele havia abaixado os punhos. Seus braços pendiam dos lados, como se não fizessem parte dele.

– Åsa...

– Já disse tudo o que tinha pra dizer. Eu e a Torild estávamos no Jimmy’s e ficamos conversando com esse cara. Não sei quem ele é, nem como se chama, e aí a Torild recebeu... aí veio... Mas eu fui pra casa.

– Aí a Torild recebeu o *quê*? – perguntei.

– Um telefonema.

– De quem?

– Como é que eu vou saber? Ela disse que tinha que ir pro Hel... pr'aquela cara, e daí a gente saiu.

Na maior calma que consegui, eu disse:

– A pior coisa numa mentira, Åsa, é que fica impossível se lembrar do que foi dito, e do que não foi dito. Você está começando a se atrapalhar.

– Pro inferno que eu estou! Estou te contando exatamente o que aconteceu! A Torild foi embora e eu fui pegar o ônibus pra casa. É só perguntar pra mamãe a que horas cheguei em casa!

– Isso é verdade, Veum – observou Furebø calmamente. – Minha mulher confirmou que naquela noite ela chegou em casa surpreendentemente cedo.

– Mas isso ainda não explica... O que eu quero dizer é que acho que você sabe perfeitamente bem onde a Torild estava indo naquela noite!

– Não, não sei! Não sei! – Ela se virou para o pai. – Podemos ir pra casa, agora?

– Podemos, nós... – Furebø se recompôs. – A rigor, você também não tem nada com isso, Veum. Entre no carro, Åsa. Nós estamos indo.

Soltei um longo suspiro.

Se ela estivesse contando a verdade, só duas pessoas poderiam confirmar isso. Uma delas estava morta. A outra era Helge Hagavik. E ele estava em custódia.

Trinta e um

Vidar Waagenes tinha um escritório localizado nas dependências de uma firma de advocacia, no quarto andar de um edifício em Strandgaten. Ele era menor do que parecia nas fotos que eu vira nos jornais. Uma mecha escura de cabelo insistia em lhe cair nos olhos, e ele havia desenvolvido um gesto automático de jogá-la para trás.

Tinha apenas pouco mais de 30 anos, mas, apesar de sua juventude, impressionara fortemente a bancada. Assim sendo, fiquei surpreso que ele causasse tão pouca impressão ao vivo, sendo mais amistoso e mais cooperativo do que um corretor ao perceber a oportunidade de um bom investimento.

Já eram quase 3 horas quando ele pôde me atender. A audiência da qual participava tinha terminado “um pouco cedo”, como ele mesmo colocou, chegando apressado do tribunal. Sua simpática secretária, que havia me oferecido uma grande caneca de café enquanto eu esperava, lhe entregou uma pilha muito maior de documentos legais, que, a julgar pela expressão dele, seria levada para a cama naquela noite.

Ele fez um gesto para que eu entrasse na sua sala, descartou a pilha de documentos na escrivaninha cor de ébano, pendurou seu casaco cinza e o cachecol de lã cor de vinho em um cabideiro, e me convidou para sentar numa cadeira absurdamente confortável.

Ofereceu-me um cigarro de uma cigarreira elegante e, quando recusei, serviu-se de um.

– No que posso ajudar, Veum? – perguntou, acendendo o cigarro.

– Helge Hagavik.

Ele inalou a fumaça pensativamente antes de expirá-la com a mesma lentidão.

– Sei. Em que sentido, então?

– Gostaria de ter uma palavrinha com ele.

– Sobre?

– Sobre o que ele fez depois que a Torild Skagestøl desapareceu, entre outras coisas.

– Pelo menos, nada que tenha a ver com o caso – se é pra gente acreditar na declaração que ele fez pra polícia.

– E pra você?

Balançou a cabeça.

– Também não tenho mais nada pra lhe dizer, Veum, mesmo que pudesse. É só isso que você quer?

Fui tomado por uma súbita desconfiança.

– Me diga, quem na verdade o contratou pra assumir este caso, Waagenes?

– Fui designado oficialmente. Por que pergunta?

– Bom... Ele não mencionou o Birger Bjelland pra você, mencionou?

– Não.

– Os irmãos Persen?

– Não. Ele teima em manter que encontrou a garota por puro acaso.

– E você acredita nele?

Quando ele não respondeu, acrescentei:

– Ele *conhecia* a garota pessoalmente, Waagenes! Eles foram vistos juntos no dia em que ela desapareceu de casa.

Ele passou a mão na testa, parecendo cansado.

– Não, só o que acontece é que eu ainda não consegui que ele falasse.

– Vai ver que é aí que eu posso ajudar. Se pelo menos eu pudesse ter uma conversinha com ele.

– Dá pra você me dizer o que sabe? Assim eu posso discutir o assunto com ele.

– Eu preferia que fosse cara a cara. Tenho fama de fazer as pessoas falarem. Pode ser que ele baixe mais a guarda se pensar que sou só uma pessoa comum do público...

– Não posso deixar você falar com ele a não ser que eu mesmo esteja presente, Veum. A gente não tem permissão pra fazer isso nunca.

– Claro que não! Mas devo entender que você está louco pra

experimental?

– Primeiro vou perguntar pro Hagavik. Amanhã de manhã, vou telefonar agendando um encontro com ele. Dá pra você tentar me ligar lá pelo meio-dia, durante a pausa pro almoço?

– Muito obrigado.

– Não me agradeça cedo demais.

Liguei para Karin do meu escritório.

– Pessoal ou trabalho? – ela perguntou.

– Os dois... mais ou menos.

– Então vamos tratar de trabalho, primeiro.

– Ok. É sobre um camarada chamado Harry Hopsland, mais ou menos da minha idade, talvez um pouquinho mais velho. Estou tentando descobrir se está registrado que ele voltou pra Bergen, e onde é que ele mora, se for o caso. Ele já morou aqui antes, entende? E depois tem o filho dele, Ole Hopsland, nascido em 1971. Se dá pra você descobrir o endereço dele.

– Ok.

– A segunda coisa pode ser um pouco mais complicada. É sobre um cara da região de Stavanger, Birger Bjelland, que também deve ter em torno da minha idade. Até onde eu sei, ele veio pra Bergen há uns vinte anos.

Sua voz assumiu um tom um pouquinho mais distante, ao dizer:

– Era ele quem estava por trás naquela vez que eles quase... te liquidaram, não era?

– Era.

– O que você quer saber sobre ele?

– Queria te pedir pra entrar em contato com Stavanger, se não tiver acesso direto aos arquivos deles via rede.

– Nós temos. Dentro de certos limites...

– Só quero saber se ele tem algum parente próximo aqui.

– Só isso?

– Não. Só mais uma coisa. Agora vamos entrar na parte pessoal. Você vai direto pra casa depois do trabalho?

– Estou pretendendo.

– Estou indo ver o Birger Bjelland agora.

– Não!

– Se eu não tiver ligado pra você até as cinco horas, pode me fazer um favor e chamar a polícia?

A resposta dela foi um silêncio sinistro.

– Não tem perigo, Karin. O cara é um homem de negócios respeitável, investindo pra que isso tenha a melhor aparência possível. Só quero conversar com ele, talvez jogar algumas bombas. Mas não se preocupe, vou estar longe antes de elas detonarem.

– Tem certeza?

– Absoluta.

Mas esse trabalho tinha me ensinado uma coisa. Nunca se podia ter certeza absoluta. Especialmente ao se visitar pessoas como Birger Bjelland.

Trinta e dois

Os escritórios da Birger Bjelland & Cia. localizavam-se nos velhos armazéns de frente para o mar em Sandviken, e alguém, talvez o próprio Birger Bjelland, tinha investido uma nota para que eles tivessem uma boa aparência.

Entre o cheiro de algas e alcatrão de um lado, e de fumaça de exaustor e óleo do outro, ficava o armazém caiado como uma espécie de barreira entre o tráfego em Sjøgaten e as gaivotas subindo e descendo nas águas de Skuteviken.

O nome da empresa estava pintado na frente do prédio em grandes letras negras, mas a porta verde do andar térreo estava trancada, e não havia nada, além de uma campainha sem identificação e um interfone, para sugerir que alguém pudesse dizer:

– Entre.

Toquei a campainha.

Uma voz feminina respondeu.

– Pois não?

– Estou procurando Birger Bjelland.

– E o senhor é?

– Veum. Varg Veum.

Silêncio.

Depois de um pouco, o interfone tornou a estalar.

– Tudo bem. Segundo andar.

A porta zumbiu e eu entrei.

Uma pessoa nunca se livra do cheiro de peixe seco. Apesar do fato de o trabalho de madeira do teto parecer novo, todas as paredes internas estarem recentemente pintadas, e o revestimento dos degraus ainda não demonstrar sinais de uso, o cheiro do propósito original do armazém ainda perdurava por

ali. De certa maneira, Birger Bjelland havia escolhido as condições certas para o lado oficial de suas atividades empresariais. Aquele era o cheiro das ligações comerciais da velha Bergen como cabeça de ponte entre o norte da Noruega e a Europa, Brønnøysund e Rostock.

Dois andares acima, a escada terminava em uma porta pertencente a um período bem diferente. Sua superfície áspera tinha uma tintura em mogno, e uma placa dourada com as palavras BIRGER BJELLAND & Cia. gravadas em negro poderia ser a entrada para qualquer agência em meados da década de 1960.

Abri a porta e entrei numa espécie de antecâmara, de teto baixo e iluminação fraca por toda parte, exceto acima da minúscula escrivaninha onde uma forte luz fluorescente sinalizava a mulher com quem eu tinha falado pelo interfone. Tinha 60 e poucos anos, e era tão arrumadinha e bem composta, que poderia facilmente ser uma escriturária no Exército da Salvação, e ninguém jamais sonharia em pôr a mão nela ou no dinheiro.

O olhar que ela me lançou era do tipo que reservava para alguém que devia dinheiro, e fez um gesto com a cabeça em direção à próxima porta.

– Pode entrar direto. Ele está esperando.

Bati na porta assim mesmo, e esperei alguns segundos antes de abri-la.

O escritório de Birger Bjelland dava para o Byfjorden. O velho armazém estava posicionado de tal jeito, que se ele abrisse a janela, poderia jogar uma linha e pegar o que comer para o jantar, a não ser que fizesse objeção ao alto teor de mercúrio, é claro.

Agora ele estava sentado atrás de sua escrivaninha, com uma mão escondida sob ela, como algum bandido esperto num filme de James Bond, esperando para apertar o botão secreto que abre o alçapão e manda a visita indesejada diretamente para os jacarés, no porão.

Não estava só. Junto à janela, como se estivesse realmente apenas admirando a vista, estava um dos “armários” que Bjelland praticamente tinha sempre por perto. Em outro contexto, eles seriam chamados de guarda-costas. Não sem alguma ironia, Bjelland os chamava de seus “gerentes de escritório”. De qualquer forma, aquele espécime parecia ter aberto mais frascos de esteroides anabolizantes do que livros de contabilidade.

O próprio Birger Bjelland tinha uma leve semelhança com um peixe fora d’água. Sua boquinha estava semiaberta, e seus olhos impressionantemente claros tinham um olhar vítreo inexpressivo. Exibia um bigodinho caprichado,

seu cabelo era castanho claro com grandes entradas e alguma coisa no topo que deduzi ser uma peruca. Ainda que fosse bem magro, havia algo de arredondado e aerodinâmico nele, o que traía o fato de que, provavelmente, ele se sentisse mais confortável no banco traseiro de um táxi do que numa bicicleta ergométrica.

Sua requintada voz de pregador de Stavanger tinha voltado para me assustar em meus piores pesadelos desde a primeira vez que a ouvi, quase seis anos antes. Eu o tinha encontrado em Travparken um dia em outubro passado, quando trocamos alguns desaforos. Na próxima vez que o encontrasse, ficaria mais feliz se sentisse que estava em posição vantajosa.

– Sente-se, Veum – disse Bjelland apontando com sua mão livre a grande cadeira de couro vermelho que tinha a aparência de um trono e ocupava a posição do cliente frente à escrivaninha.

Enquanto me sentava, olhei para seu gerente de escritório.

– Estou interrompendo alguma coisa?

– Não, não. Fred e eu estávamos só batendo papo. Está quase na hora de ir pra casa.

Fred... Senti as palmas das minhas mãos se molharem de suor.

O homem a quem ele se referia como Fred tinha o mesmo tipo de bigode do seu patrão, embora o cabelo estivesse tosado até o couro, e seu nariz parecesse ter levado algumas cabeçadas. Quando cruzei os olhos com ele dessa vez, foi com um senso de entendimento mútuo que nós dois sabíamos em que pé estávamos, mas que eu nunca conseguiria alguma prova de quem teria me visitado em meu escritório na vez em que me encheram de bebida quando meu organismo já estava inundado de Antabuse. Mais tarde, tudo o que eu conseguia me lembrar era do sotaque de Birger Bjelland e o nome de seu colega: Fred.

Olhei convincentemente para o relógio.

– É, também tenho um compromisso... às cinco.

Bjelland me olhou com uma antecipação ácida. – Então não há necessidade de enrolação, né?

– Não. – Tentei me reclinar na cadeira, como se só tivesse aparecido para uma conversa casual. – Me contaram – comecei –, que você é o dono de um fliperama no centro da cidade chamado Jimmy's...

Ele levantou as mãos.

– Isso não é segredo, Veum.

– Você sabe o que acontece por lá, imagino?

Ele se inclinou um pouco para frente.

– Nã... o. O que você estava pensando?

– Bom, tanto eu quanto outros temos reparado que garotas vêm sendo recrutadas pra certos encontros... dá pra você adivinhar de que tipo estou falando... em certos hotéis da vizinhança. E que elas são recrutadas no Jimmy's.

– E como é que isso acontece?

– Aparentemente ligando pro gerente, Kalle Persen – acrescentei para mostrar como estava bem informado.

Birger Bjelland fechou os dedos e olhou para suas unhas com desinteresse.

– Sem comentários, Veum. A princípio, como o meu pessoal administra os estabelecimentos onde eu tenho participação não me interessa, desde que não deem prejuízo.

– Você também comprou o antigo Hotel Week End, não comprou?

– Não tenho razão pra negar. De qualquer modo, saiu nos jornais.

– O mesmo tipo de coisa acontece por lá, centrado no bar, e com os quartos do hotel ainda mais disponíveis, imagino.

Ele franziu o cenho como se tivesse acabado de lhe ocorrer alguma coisa.

– Quer dizer que você também não está preocupado com o tipo de reputação que seus hotéis possam ter, está?

– A reputação pode assumir muitas formas diferentes, Veum.

– Exatamente. O juiz Brandt era um dos clientes, pelo visto?

– Faço negócios com tanta gente – ele disse em tom neutro –, mas esse nome em particular é um que não posso dizer que eu...

– Não? Com certeza você leu as notícias nos jornais sobre a menina que foi encontrada morta, lá em Fanafjell... Torild Skagestøl. O nome significa alguma coisa pra você?

– Não, não significa.

– Bom, não. Talvez não o nome em si, mas como um dado de receita nas

suas contas?

– Você vai ter que falar com...

– Seu contador, talvez? – Olhei rapidamente para Fred.

– É, ele é um homem de muitas funções.

– Tenho certeza disso. Helge Hagavik era uma presença habitual no Jimmy's. Você se lembra dele?

Com a paciência de um santo, Bjelland explicou.

– É muito raro eu visitar esses lugares onde sou dono, Veum, e quando faço, é sempre pra conversar com a equipe, raramente com algum dos frequentadores. Quais são suas fontes pra todas essas afirmações?

– Contatos na imprensa e representantes de um grupo da Women's Lib chamado Ottar, embora eu não tenha muita certeza do motivo disso.

Ele franziu a boca como se sentisse um cheiro ruim sob o nariz.

– Women's Lib?

– Alguma coisa do gênero.

– São o pior de todos, Veum. Se der na telha, pintam o diabo na parede de uma capela.

– Sem nenhuma razão?

– Absolutamente sem nenhuma razão, Veum!

Hesitei por um momento. Depois disse:

– Me conte uma coisa que eu sempre quis saber, qual é a principal atividade desta sua companhia, Bjelland?

Ele mal levantou as pálpebras.

– Finanças, investimentos de um tipo ou outro, e empréstimos de todos os tipos e tamanhos... Você não está atrás de um pequeno empréstimo, está? Os juros estão baixos agora...

– Um joelho em vez de dois?

– Isso não teve graça, Veum. Nosso negócio é totalmente legal, dentro dos limites precisos estipulados por lei. Nossa contabilidade é impecável, não pode ter um erro, e nossas relações com o pessoal do imposto de renda não poderia ser mais cordial. – Como se estivesse me dando as boas-vindas a Nova Jerusalém, ele jogou os braços e disse numa voz untuosa e moralista:

– Sou a ovelha mais imaculada na terra de Deus, Veum. Não existe uma mancha na minha reputação. Meus negócios são administrados dentro dos mais altos princípios morais.

– Amém, aleluia – eu disse.

– Não seja desrespeitoso – disse Bjelland com um sorriso meio idiota.

Endireitei o corpo.

– Então como é que o seu nome sempre aparece ligado a toda espécie de negócio ilícito? Como é que nove entre dez investimentos em que você coloca seu dinheiro estão ligados a prostituição e vendas ilegais de álcool, jogatinas, e outras belas artes? Como é que você explica isso?

– Dá pra você me mostrar o caminho pra Sodoma e Gomorra, Veum?

Olhei em torno.

– Pensei que fosse aqui onde estamos.

– Os caminhos do Senhor são inexplicáveis.

– E que escola dominical você frequentou? A dos Agnósticos Anônimos?

Ele levantou a mão com indolência.

– Veum, deixe eu te dar um conselho de amigo.

– Por favor, faça isso – murmurei.

– Não abuse da sorte, meu velho. Não pense que, de alguma forma, você seja intocável. Não tem nada mais triste do que ver um vinho bom azedar, digamos.

– Assim falou também a esposa de Canaã.

Ele suspirou alto, olhou para Fred e disse:

– É quase certo que a senhora Helgesen já foi pra casa. Pode acompanhar Veum até a saída, agora mesmo?

Levantei-me e caminhei em direção à porta.

– E não se esqueça do que eu disse – ele falou às minhas costas, em tom autoritário.

Fred já estava com a mão na maçaneta quando me virei para Birger Bjelland.

– Não se esqueça de tomar cuidado, também. Preste atenção onde pisa. Eles também não lhe ensinaram esse hino na escola?

Ele não se deu ao trabalho de responder, limitando-se a sorrir aquele sorriso indolente, que me fez pensar num tubarão à espera de atacar.

Fred me acompanhou até a saída, sem mais. E nem mesmo me disse “*Au revoir*”.

Trinta e três

Telefonei para Karin bem antes das cinco, e deixei claro que estava tudo bem. Não havia ninguém atrás de mim na cabine telefônica apontando um calibre 12 para minha cabeça, e ninguém tinha me convidado para um passeio que eu não podia recusar.

– Você vem pra cá?

– Ainda preciso fazer uma coisa. Mas se o convite estiver de pé até perto da meia-noite, então...

– Mas mais tarde do que isso, não – ela disse num tom resignado.

– Mais tarde de jeito nenhum – eu disse.

O Hotel Pastel destacava-se das outras construções do quarteirão como um dente da frente pintado de rosa.

O Hotel Week End tinha sido um desses *bed and breakfast* anônimos, com bar, dança à noite, e um pátio nos fundos do qual eu tinha as lembranças mais desagradáveis. Os novos donos haviam retirado todos os ornamentos anteriores da fachada – não que isso tivesse sido uma grande perda. Por outro lado, eles a tinham pintado com um rosa claro indefinido, que servia ao novo nome como uma luva.

Eram quase 7h30 da noite quando, refrescado por uma chuva e usando uma gravata com um nó displicente, passei pela recepção em direção ao bar, onde não havia quase ninguém, além de dois homens de meia-idade e uma senhora não tão de meia-idade.

Caminhei sem pressa até o balcão do bar, subi em um dos banquinhos e pedi uma cerveja sem álcool e uma *acquavit*.

– Levantou com o pé esquerdo? – perguntou o barman com um sorriso torto.

Dei uma rápida olhada nele. Aparentemente, o bigode era o símbolo do clube, ainda que parecesse um pouco mais espetado do que o de Birger Bjelland.

– Você é o Robert? – perguntei quando ele voltou.

Ele pousou o copo de *schnapps*, despejou a cerveja sem álcool diretamente num outro copo antes de colocá-lo ao lado do primeiro, pegou um pano e enxugou uma mancha invisível no balcão entre nós.

– Quem é que quer saber?

Empurrei o dinheiro para ele.

– Wilhelmsen.

Ele olhou para o dinheiro como se fosse falso.

– E por quê?

– Seu nome foi recomendado...

Ele me olhou desconfiado.

– ...como alguém que poderia me indicar onde achar um programa decente numa noite de folga.

– *Strip-tease* e coisas do gênero? Vai ter que procurar outro lugar pra isso.

– Estava pensando num programa mais particular, vamos dizer assim.

Ele me olhou com desprezo.

– Sei que você não é da polícia e que seu nome não é Wilhelmsen. Quem é você, então, porra? Um jornalista? Um assistente social? Alguém do fundo de assistência da igreja?

Dei uma olhada no ambiente.

– Abaix a voz, Robert. Minha esposa não sabe que eu estou aqui.

Ele se afastou um pouco, pegou alguns copos e começou a lavá-los ostensivamente.

Levantei a voz:

– Está um pouco calmo aqui esta noite, não está?

Não respondeu.

– O movimento diminui à noite, é?

Ele voltou em minha direção. – Olhe Wilhelmsen, ou seja lá qual for o seu

nome, beba o que você pagou e vá se arrumar em outro lugar, ok?

– Alto e bom som. Mensagem recebida. Câmbio e desligo.

Uma mulher perto da casa dos 40 entrou no bar, deu uma avaliada em torno, resolveu que não havia muita escolha, e se colocou estrategicamente dois banquinhos depois do meu.

Com um aceno para o barman pediu o *de sempre*.

Encontrei seu olhar no espelho acima do bar, e ela não desviou os olhos, tão disposta a não deixar escapar quanto uma criança segurando bolinhas de gude valiosas.

O barman veio com o de sempre, que parecia ser apenas uísque com gelo. Ao colocar o copo a sua frente, ele disse alguma coisa que não consegui entender, e depois de uma pausa adequada, ela lançou outro olhar em minha direção, aparentemente casual.

– Saúde! – eu disse, erguendo meu copo de *acquavit* para ela. Depois de devolver o meu gesto, ela desceu do banquinho e veio até mim. – Sozinho?

– Eu não rejeitaria um pouco de companhia. – Acenei em direção a uma mesa com algumas cadeiras, a alguma distância do balcão do bar. – Podemos sentar ali, que é mais confortável?

O barman nos seguiu com os olhos, enquanto íamos até a mesa.

Por um instante houve silêncio, enquanto nós dois tentávamos decidir que sentido a situação estava tomando. Ela usava um pretinho social que parecia um pouco amarfanhado, talvez de visitas anteriores. Tinha o rosto magro, o cabelo tingido de loiro, e mais de perto eu seguramente a situei próximo aos 40.

O telefone do bar tocou. O barman atendeu e virou de costas para nós.

– Ele disse alguma coisa sobre mim? – perguntei.

Ela sorriu levemente.

– Que eu deveria tomar cuidado com você. Que ele achava que você era da polícia. Você é?

Balancei a cabeça devagar:

– Não.

– Não que isso faça diferença, se estiver aqui no horário de folga. Conheci um monte de policiais simpáticos aqui na cidade.

– Tenho certeza disso.

O barman virou-se e olhou em nossa direção com o fone ainda na mão. Pareceu-me que ele estava tentando descrever minha aparência, o que me deu uma sensação desagradável na boca do estômago.

– Então o que você faz?

– Trabalho com seguros – respondi, o que não chegava a ser uma mentira. Em algumas épocas do ano era isso. – E você?

Ela deu um gole na sua bebida.

– Comecei como guia no Hotel Old Bergen, entre outros. Mas recentemente eu fui pro... serviço de acompanhantes e coisas do gênero.

Olhei para ela em dúvida.

– Serviço de acompanhantes e coisas no gênero?

– Hum, hum – ela respondeu animada.

O barman desligou, mas depois de alguns segundos o telefone tornou a tocar. Ele atendeu, escutou e deu uma olhada no ambiente. Depois cobriu o bocal com a mão, olhou diretamente para mim e disse:

– Veum? Tem alguém querendo falar com você.

– Eu... É óbvio que você não ouviu... O nome é Wilhelmsen! Deve ser pra outra pessoa...

O barman encontrou os meus olhos, sorriu enviesado, disse alguma coisa ao telefone e desligou.

Ela olhou para mim. Qual é o seu nome além de Wilhelmsen?

– Svein Vegard, e o seu?

– Meus amigos me chamam de Molly.

– É mesmo? Ouvi falar de você.

Ela pareceu subitamente alarmada.

– É?

– *Good golly, Miss Molly* – entoei –, *sure likes to ball*. Não é assim que a música diz? ²

– E você, gostaria de dançar? – ela perguntou, dando uma olhada na minúscula pista de dança.

– Acho muito difícil que a gente dê trombada em alguém – eu disse, me levantando.

Ela me agarrou, a barriga empinada para frente sem nenhuma timidez na maneira de se mover. Agora eu podia sentir o contorno do seu corpo com mais clareza. Suas omoplatas eram como cotos de asas cortadas, e também não havia muito voo nos seus braços magros.

A música vinha de algum lugar no teto, música ambiente para dançar, e o que importava era o ritmo, não a precisão.

– Em que ramo de seguros você trabalha, Svein?

– Trabalho por conta própria. Em grande parte em acidentes de carro. E algumas vezes seguro de vida também.

– Então você também é uma espécie de *freelancer*?

– Pode-se dizer que sim. Você vem sempre aqui?

Ela olhou em volta.

– Venho. Geralmente é bem gostoso aqui, um pouco mais tarde. Bom serviço.

– Que faixa etária normalmente vem aqui?

– Um pouco mais velha do que os bagunceiros que se costuma encontrar em discotecas. E não tão sofisticados quanto na maioria dos hotéis grandes. Na verdade, pra mim é perfeito. Uma espécie de clima meio termo, se é que você me entende.

– Então não vêm garotas?

Ela recuou alguns passos e me encarou.

– Você está atrás disso?

– Não, não. Só estava...

– Ou você *está* trabalhando?

Murmurei alguma coisa que deveria soar como uma negativa e a puxei para mais perto.

Por um tempo, dançamos em silêncio. Parecia que ela tinha voltado a se acalmar. Seu cabelo fazia cócegas na minha bochecha, e sua respiração era delicada junto ao meu pescoço. Então, como que por acaso, uma das mãos dela foi parar no meu pescoço, onde ela começou a me agradar suavemente com seus longos dedos frios.

– Se você quiser... – ela disse baixinho.

– O quê?

– Tem um quarto que eu posso usar no terceiro andar...

Dei uma olhada no bar. O barman já não estava sozinho. Dois outros colegas estavam junto. Estavam ali, encostados discretamente no balcão do bar, olhando em nossa direção.

Um deles eu não conhecia. O outro era Kenneth Persen.

2 *Uau, senhorita Molly/ é óbvio que gosta de dançar (duplo sentido com transar)... referência a rock cantado por Little Richard. (N.T.)*

Trinta e quatro

– Não é uma má ideia – sussurrei em sua orelha, enquanto sentia todo o meu corpo se enrijecer.

O terceiro homem no bar tinha cabelo escuro e estava bem-vestido, com um ar ligeiramente de doninha. Era o tipo de pessoa que eu sempre suspeitaria que usa uma faca. Essa impressão foi reforçada pelo fato de que ele estava com a mão direita no bolso da jaqueta, como se ela tivesse criado raízes ali.

Quando eles viram que eu tinha reparado neles, Kenneth Persen virou-se e disse alguma coisa para o barman, que concordou com um gesto de cabeça e me olhou com um *O que foi que eu disse?* estampado no seu rosto.

– Quanto custa?

Imediatamente sua voz assumiu um tom profissional.

– Depende do que você quiser. A partir de mil coroas.

Puxei-a mais para perto.

– Tem algum outro jeito de subir sem passar pelo bar?

– Eles não se preocupam na recepção. Tenho um acordo.

– Mas e se eu não quiser ser visto?

– Descrição garantida – ela disse, quase sem fazer com que soasse irônico.

– Tem algumas escadas no fundo, é claro, uma saída de incêndio. Mas...

Agora, Kenneth Persen e o doninha bem-vestido tinham entrado na pista de dança, mas dificilmente para valsarem juntos.

Rapidamente, perguntei:

– Que quarto?

– 412, mas...

– Vá na frente e...

Exatamente quando os dois bailarinos chegavam ao nosso lado, soltei-a e a empurrei em direção à saída.

– Mas...

– Divertindo-se, Veum? – perguntou Kenneth, que tinha trocado sua jaqueta de couro preta por uma com mais jeitão de bar, de camurça.

Fiz sinal para ela seguir em direção à porta, mas ela não entendeu, continuou parada ali.

– Onde está Astrid? – rosnei, para dominar a ofensiva.

Foi minha imaginação, ou os olhos dele momentaneamente moveram-se de um lado para o outro, e de baixo para cima?

– Você sabe que a polícia está atrás dela, não sabe?

– Tudo o que sei é que mandaram colocar você pra fora, Veum.

– Não me diga... pra fora, é?

Olhei para a senhorita Molly. De repente, ela não parecia mais tão jovem, e o olhar que me deu não era caloroso nem amigável. Com um pequeno e desdenhoso aceno de cabeça, ela voltou para o bar, aparentemente sondando novos investidores para oferecer suas ações. A partir de mil coroas.

Kenneth e seu companheiro bem-vestido postaram-se cada um do meu lado.

– Eu não o aconselharia a resistir, Veum.

– Nem vocês também – eu disse, e fui até o bar. – Só vou terminar de beber.

Ao passar pelo balcão do bar, o barman vociferou:

– Até mais... Wilhelmsen.

A senhorita Molly tinha conseguido se atrelar a um novo recém-chegado, dez anos mais velho do que eu, e feliz possuidor de uma reluzente carteira estourando de cartões de crédito, que já estava mostrando para ela com o mesmo orgulho que teria se fossem fotos de seus netos.

Na recepção, dei meia-volta tão rápido que os dois camaradas atrás de mim deram uma trombada.

– Que porra! – exclamou Kenneth.

– Em que quarto ela está?

Ele não era tão rápido no entendimento, e novamente levou algum tempo até que dissesse alguma coisa.

– O que você quer dizer?

– Você sabe muito bem. – Virei-me de frente para a recepção, onde havia um jovem pálido, de cabelo claro, que parecia um estudante de teologia. – Astrid Nikolaisen.

– Niko...

Ele começou a procurar no registro dos hóspedes, mas Kenneth interrompeu-o bruscamente.

– Cai fora! Ela não está em nenhum livro de hóspedes!

– Ela está incógnita, é? – perguntei.

O bem-vestido ligeirinho abriu a boca pela primeira vez:

– Kenneth, a ordem foi pra botar ele fora, não pra conversar com ele.

– Que cara esperto! E onde você estudou? Na Escola de Administração de Bergen? – Voltei-me para Kenneth. – Eu poderia chamar a polícia, é claro. Pedir pra eles virem e dar uma geral no lugar.

– Eles não têm direito!

– Eu disse que eles querem conversar com ela! Foi você também que deu heroína pra ela, é? Você deixa a menina dependente de heroína, daí pode dar uma de graça sempre que quiser e tratar da sua velhice!

A mão direita do doninha estava para sair do bolso da jaqueta. Isso me distraiu o necessário para que Kenneth lascasse um soco no meu ombro, me mandando aos tropeções para a saída.

Agarrei-me à parede, mas não tive tempo suficiente para me virar adequadamente antes de receber outro murro, também no ombro.

Kenneth se agigantou sobre mim, enquanto o doninha ainda tinha a mão no bolso.

– Entendeu o recado, Veum? Consegui deixar claro?

Eu não precisava mais ser convencido a deixar as dependências.

– Mais claro do que o A-B-C – murmurei. – Não precisa dizer duas vezes.

Bati a porta atrás de mim e virei ostensivamente à direita, em direção ao centro da cidade. Na primeira esquina, parei e olhei para trás.

Kenneth estava à porta para ter certeza que eu tinha ido embora.

Mas ele não podia ter tanta certeza. Eu era da velha escola, o modelo

Bogart 1956: quanto mais dura a queda, mais terrível a vingança.

Trinta e cinco

Era como um bom e velho trabalho de detetive.

Eu tinha feito um rápido apanhado da área, entrado numa lanchonete e comprado dois *hot-dogs* cheios de cebola para absorver a *acquavit* que eu me permitira no bar, tirado meu gorro de lã do bolso, virado a gola do casaco e assumido uma posição em uma soleira a uns cem metros da entrada principal do hotel. De lá, eu tinha uma visão oblíqua tanto da entrada, quanto da saída, a partir do pátio nos fundos.

O tempo estava mudando. O vento soprava com força do sudoeste, e havia flocos de neve no ar. A vista à minha frente tornou-se granulosa e borrada, como uma foto tirada em movimento.

Numa noite de terça-feira gelada, no inverno avançado, não havia muita clientela. Um punhado de hóspedes, todos homens sós, chegaram com malas. Alguns deles foram até o bar e a pista de dança. Em uma ou duas janelas dos andares superiores, a luz repentinamente se acendeu e se apagou. Talvez fosse a senhorita Molly levando o homem com todos os cartões de crédito até seu quarto. Com certeza ela tinha uma fenda onde ele poderia colocar seu cartão de crédito para debitar a despesa.

Depois de cerca de meia hora, um táxi parou à frente do hotel. A porta se abriu e o doninha bem-vestido correu curvado contra o vento para dentro do carro. O passageiro forneceu o endereço e, com a lanterna piscando, o táxi virou à direita no primeiro cruzamento.

Meia hora depois, alguém surgiu na entrada que dava para o pátio nos fundos do hotel. Depois a figura se curvou, apoiou-se contra a parede e desapareceu de volta lá dentro.

Olhei para ambos os lados, mantive um olho na fachada e atravessei a rua em ângulo, diretamente para a entrada que dava no pátio.

Astrid Nikolaisen estava curvada, vomitando atrás de três latas de lixo. Seu cabelo estava uma bagunça, suas roupas pareciam ter sido vestidas às pressas, e o rosto estava cadavérico. Os sons sufocados que vinham dela pareciam os de um animal sendo estrangulado, e ela estava fazendo alguns

movimentos espasmódicos, quase convulsivos, com as mãos, enquanto encostava o braço e o ombro na parede para se apoiar.

Com cuidado, passei meu braço em torno dela.

– Astrid, eu...

Ela deu um pulo como se eu tivesse batido nela. Seus olhos tinham uma expressão vazia e cega.

– Não me toque – ela sibilou histérica. – Não se atreva!

Do interior do prédio ouvi o som de uma janela sendo aberta, de vozes envolvidas numa discussão acalorada, depois o som da mesma janela sendo fechada com força.

Peguei-a pelo braço.

– Vamos, Astrid! Vou ajudar você! Você não se lembra de mim? O Veum...

Ela tentou se levantar. Enxugou a boca com as costas da mão, cuspiu catarro, e me olhou com novos olhos.

– Lembro – murmurou.

Uma porta bateu ao longe, junto ao pátio.

– Astrid? Você está aí? – gritou Kenneth Persen.

Ela fez uma careta e tornou a se dobrar.

– Vamos – cochichei –, vamos dar o fora daqui!

Dei-lhe um empurrão, e ela me seguiu com relutância até a rua, e em direção à zona mais movimentada da cidade.

Quando estávamos a cerca de dez, quinze metros do hotel, ouvi a voz dele novamente:

– Ve-um! Seu puto!

Empurrei-a à minha frente.

– Vire a esquina e suba a próxima rua. O Toyota cinza no segundo parquímetro. Me espere lá.

Então me virei e me preparei para me defender com os punhos levantados.

Kenneth Persen parou surpreso. Olhou em torno como se avaliasse as chances de me atacar sem ser visto. Mas já havia pessoas do outro lado da rua que tinham parado para nos observar. Do outro quarteirão, um grupo de

moleques gritou:

– Mais sangue! Mais sangue! – depois caíram numa risada estridente.

Em um tom baixo, ele disse:

– Você vai se arrepender, Veum! Ela é *minha*, sacou?

– Mais do que você merece!

– A história ainda não acabou!

– Ah, não?

Ele me olhou com ódio. Depois, fez um gesto violento com a mão direita, como se acabasse comigo, girou nos calcanhares e caminhou de volta ao hotel.

Os moleques que estavam mais abaixo na rua tinham se aproximado e aplaudiam o espetáculo com animação. As pessoas no outro lado da rua tinham começado a se mexer lentamente, algumas delas com ar interrogativo em minha direção, outras com óbvios sinais de desapontamento pelo final do *show*.

Virei-me e parti apressado atrás de Astrid, na esperança de que ela não tivesse aproveitado a oportunidade para fugir.

Para minha grande surpresa, lá estava ela recostada no meu carro, com os braços descansando no capô e a cabeça nas mãos.

Sorri para acalmá-la.

– Está tudo bem. – Peguei as chaves do carro e abri a porta. – Vamos... Entre.

Ela me olhou com as bordas dos olhos vermelhas. Sua maquiagem tinha escorrido em faixas pelo rosto pálido. Suas roupas continuavam desarrumadas. Uma ponta de sua blusa pastel aparecia por debaixo da jaqueta curta, e alguma coisa que parecia o elástico de um sutiã preto saía de um dos seus bolsos laterais.

– Putos nojentos – ela exclamou. – O que eles pedem pra você fazer, você não tem a mínima ideia, tem? Faz você vomitar!

– É, eu reparei.

Ela levantou o polegar e o indicador da mão direita, numa distância de menos de três centímetros um do outro.

– Uns vermezinhas patéticos. Deste tamanho! E daí eles esperam que a

gente, que eu... – Ela voltou a sentir ânsia, mas seu estômago estava vazio. Só o que saiu foram uns grunhidos roucos horrorosos, que mais uma vez me fizeram lembrar um bicho, dessa vez com o pé preso em uma armadilha.

Eu mesmo experimentei uma leve sensação de náusea.

– Quer conversar sobre isso?

Ela me olhou confusa.

– Conversar? Que porra de ajuda isso pode trazer?

– Então, você quer que eu volte lá e arrebente o queixo do Kenneth? É isso que você espera? Vamos lá, Astrid, entre...

Tensa, ela fez o que eu dizia. Tranquei a porta, dei a volta até o lado do motorista, abri a porta e me sentei em frente à direção.

Trocamos olhares. Houve uma centelha de entendimento mútuo entre nós, como um pai e uma filha que finalmente tivessem aceitado uma sina comum. Então, seu olhar turvou, e seu rosto ficou impenetrável.

Olhei além dela.

– Ainda restam dez minutos no parquímetro. Vamos ficar aqui, ou devo levar você diretamente pra casa?

Ela se afastou de mim.

– Casa? Não quero ir pra casa!

– Sua mãe está preocupada com você, Astrid.

– Nem fodendo que ela está. Ela me detesta!

– Ela não...

– Você não sabe o que aconteceu!

– Sei. Sei de tudo.

– O quê?! Ela te *contou*? – Ela me olhou com os olhos escancarados.

Fiz que sim.

– Ela é sua *mãe*, Astrid. Não dá pra você pensar que ela não se preocupa com você.

– Mas depois do que eu...

– Mas ela ainda é muito nova, comparada com... Você tem que entender que foi normal ela reagir daquele jeito, mas ela te perdoou agora, garanto pra

você. Não dá pra você ficar espantada que ela tenha ficado furiosa.

Ela evitou meus olhos.

– Não foi assim que ela... Em todo caso, eu estava dormindo! De repente, lá estava ele na minha cama e... É claro que eu tentei resistir, mas... Não é tão fácil... Ele é forte.

– Você pode dar queixa contra ele por estupro.

– Hah, hah, hah! Quem iria acreditar em mim, hein? Posso ouvir a Gerd no banco das testemunhas...

– Mas *eu* acredito em você, Astrid. E quando você explicar direitinho pra ela, tenho certeza de que sua mãe também vai entender.

– Gerd... – ela disse, quase com um tom de surpresa na voz.

– Ele já fez isso antes, Astrid?

– O que você acha? Assim que ela saía, ele começava a me apalpar! Ele sabia como me conseguir, além de eu fazer parte da lista segura e tudo mais!

– Lista segura?

– É. Por que você acha que as pessoas sempre pediam a gente, hein?

– Você quer dizer... porque vocês estavam na lista?

– Não era só eu! A Torild também!

– E essa lista... No que ela consistia, Astrid?

– Consistia?

– É, o que ela *significava*?

– Que nós éramos seguras, é óbvio! Que a gente não tinha nada que se pudesse pegar...

– Entendi. Tinha um médico que examinava vocês todas?

Ela desviou o olhar. – Uma vez por mês. Eu não suportava aquilo, mas a gente ganhava mais.

A resposta dela me atingiu como um trovão. A maneira como foi dito. *Como se fosse um bico de verão numa loja de lembrancinhas*. Tive que me recompor antes de poder continuar.

– E como é que se chamava o... o médico da empresa?

– Doutor Evensen. Ele é cirurgião em Strandgaten.

- Então, vocês todas iam lá no horário comercial normal?
- Não, sempre à noite. E nunca tinha mais ninguém lá.
- E esse doutor Evensen, ele só examinava vocês ou...?
- Não só. Mas ele nem sempre, hã, nem sempre nós, está me entendendo?
- Acho que sim. E... quem organizava tudo isso?

Ela baixou os olhos.

– Foi o Ken... Kenneth quem me levou pra isso. Ele disse... daria pra ganhar um bom dinheiro se você fizesse. – Uma sombra de repugnância desceu sobre o seu rosto. – Dinheiro certo e fácil... Basta deitar de costas e fechar os olhos.

– Ouça, Astrid! Sei que não é fácil tocar nesse assunto, mas estou a par de quase tudo... Eles ligavam pra você no Jimmy's, não é?

– Eles não ligavam *pra gente*!

– Não, tudo bem, mas você conseguia o trabalho através do Jimmy's, não era? Kalle, o carinha atrás do balcão... Você sabia que ele é irmão do Kenneth?

– Sabia...

– E aí... Você simplesmente aparecia?

Ela concordou.

– Onde?

– Vários lugares.

– Carros?

– É, isso também.

– Outros hotéis, além do Pastel?

– Vários. Mas a maioria era lá. Os clientes alugavam o quarto, e Kenneth levava a gente.

– Como é que eram os clientes?

Seu rosto voltou a se endurecer.

– Alguns deles podiam ser legais. Alguns eu pensei ter reconhecido dos jornais.

– Políticos?

Ela deu de ombros.

– Eu não acompanho esse troço.

– Eles nunca diziam seus nomes?

Ela pensou um pouco.

– Às vezes eles queriam que você os chamasse de uma ou outra coisa. Mas era só o primeiro nome, isso se não fosse só James ou alguma coisa idiota assim.

– James?

– É. Dá pra acreditar? Mas a maioria eram uns putos horrorosos, como o de hoje! Tenho certeza absoluta que ele era um professor, certeza absoluta!

– E como é que vocês eram pagas?

– Dinheiro na mão! Mas... o Kenneth ficava com a maior parte, a gente tinha que dar pra ele, entende? E não adiantava tentar passar a perna, porque ele sempre sabia quanto a gente tinha ganhado!

Senti um nó no estômago.

– Mas Kenneth... Não é coisa dele dirigir por conta própria uma coisa dessas.

– É?

– Por exemplo, era ele quem contatava o doutor Evensen?

– Era ele quem marcava as consultas, de qualquer modo.

– Você nunca sentiu que havia alguém por trás dele?

– Você acha que eu ia ligar se tivesse alguém por trás dele?

– O que você fazia com o dinheiro?

Ela olhou pela janela.

– Comprava coisas. Roupas e CDs. Em parte.

– Drogas?

Ela murmurou alguma coisa.

– O que era?

– Eu costumava dar uma fumada de vez em quando... e alguns comprimidos. Nada mais.

– Nenhuma droga da pesada, então?

– Não! – Ela me encarou, enquanto levantava a mão. – Quer dar uma olhada?

– Não precisa. Acredito em você, quando diz...

– Acredito em você, quando...! Você parece tão idiota quanto um daqueles assistentes sociais malucos do Conselho Tutelar e por aí vai! Você é tão idiota quanto, todos vocês! Vocês não têm a mínima ideia do que é ser jovem nos dias de hoje, não sabem porra de nada... – Repentinamente, seus olhos estavam cheios de lágrimas.

Coloquei cuidadosamente a mão no seu ombro para acalmá-la.

– Relaxe, Astrid. Relaxe.

Mais acima na rua, um carro do departamento de trânsito passou lentamente, à procura de um último abate do dia. Dei uma rápida olhada no parquímetro. Depois, liguei o motor e dei sinal para a esquerda.

– Há quanto tempo acontece isso, Astrid?

– Desde o outono.

– *Antes* de você ter dezesseis, então?

Ela balançou a cabeça com decisão.

– Meu aniversário é em agosto!

– Mas o aniversário da Torild era só agora, em janeiro.

Ela deu de ombros.

– *Ela* estava metida em tudo isso?

Seus olhos faiscaram.

– Ela era tão cretina quanto eu! Não vá pensar que só porque ela vem de uma classe melhor... Ela *gostava* disso, gostava! Eu nunca gostei.

– E ela também ia às festas?

– Ela era a pior de todas nós!

– Fumava maconha e tomava comprimidos?

– Até os olhos dela saltarem!

– Por que você acha que ela fazia isso?

– Pra se vingar do que os pais fizeram pra ela. Não tem a menor dúvida!

– Fizeram? O que você quer dizer com isso?

– Quando eles se divorciaram?

O carro do departamento de trânsito ficou ali, com o motor ligado, esperando que saíssemos. Fiz um aceno cansado para os homens do parquímetro, e subi a ladeira. Nenhum deles acenou de volta.

– O cara que está em custódia pelo assassinato dela, Helge Hagavik, você conhece ele?

– Não faço a mínima ideia de quem seja. Mas aposto que conheço a cara feia dele... Eu disse pra eles que tinha visto ela no Jimmy's com um cara.

Entrei na Nygårdsgaten e peguei a pista local, para não irritar nenhum motorista que estivesse atrás, por dirigir numa velocidade de quem está conversando.

Dei uma rápida olhada para os lados.

– Você tem alguma suspeita, alguma ideia do *motivo* de ela ter sido morta?

– Não! A não ser que... a não ser que fosse como castigo.

– Um castigo bem duro, nesse caso.

– Você não tem ideia do que eles são capazes de fazer, esses caras como o Kenneth.

– Ah, tenho sim, Astrid. Já quase matei um deles uma vez.

– Um dos...

– Um desse tipo.

Dirigi pela ponte Gamle Nygårds e fui para a pista da esquerda em direção a Danmarks plass. Do lado de fora do Fórum Cinema, havia um grupo de jovens da idade de Astrid. Ela mal olhou para eles.

Segui pela Ibsengate até a Haukeland e de lá desci pela Natlandsveien até a Mannsverk. Não havia mais nada a dizer.

Quando estacionamos em frente ao prédio, eu disse:

– Vou acompanhar você até lá em cima.

– Não precisa!

– Não, eu vou de qualquer jeito.

– Então está bem – ela respondeu, batendo a porta do carro com força.

Entramos no prédio, apertei o botão do elevador, e ficamos ali esperando.

– Você gostaria de repetir pra polícia tudo que me contou esta noite?

Ela deu de ombros, mal-humorada.

– Pode ser.

– A gente podia fazer com que ele fosse preso. Já pensou nisso?

Um vislumbre de medo surgiu em seu rosto.

– Mas o que você acha que ele vai fazer com relação a isso?

– Ele não *pode* fazer nada, Astrid.

O elevador chegou e entramos dentro.

Ela apertou o botão.

– E quando ele for solto?

– A gente faz com que seja preso de novo.

– A gente faz com que seja preso de novo! – ela disse, me imitando. – Nessa altura, eu e a Gerd provavelmente estaremos mortas. Você pensou nisso, detetive esperto?

– Isso nunca acontece assim, sabia? Na maioria das vezes as ameaças são furadas.

– Na maioria das vezes, sim. Mas e na vez em que não é?

É, e nesse caso? Isso também não vale para mim?

Chegamos ao andar dela, saímos do elevador e caminhamos pelo corredor externo. Ela mesma tocou a campainha.

– Você não tem chave?

– Esqueci, né?

Gerd Nikolaisen atendeu a porta. Seu lábio estava menos inchado agora, mas ainda dava para ver que ela tinha apanhado. O inchaço em torno do olho tinha descido, mas o hematoma estava mais evidente do que antes, apesar da grossa camada de maquiagem.

Por um instante, só ficamos ali, olhando um para o outro. Então, Astrid exclamou:

– Gerd! Quem foi que...?! Foi o Kenneth?

Sua mãe fez que sim. Seu rosto estava como uma máscara rígida com

lágrimas nos olhos, e seu pescoço começou a avermelhar.

– Ai, Gerd! – Astrid jogou os braços em torno da mãe.

Dei meia-volta, como se aquilo fosse um assunto privado demais para eu me envolver. Se levantasse os olhos, poderia ver além de Landås até Ulriken, onde a antena de TV se erguia como um holofote, apontando para todos nós: o Grande Irmão está observando vocês. Se vocês saírem da linha, serão ridicularizados no *Telejornal*.

À nossa frente estendia-se Mannsverk, um bairro ainda bem aceso às 11 horas da noite em uma noite sombria de fevereiro; um conjunto ao acaso de prédios de apartamentos de vários tipos e tamanhos, não muito diferente de uma formação remanescente da última Idade do Gelo, sendo que esta Nova Idade do Gelo se estendia dentro de nós.

– Vocês ainda precisam de mim pra alguma coisa? – perguntei.

Elas me olharam como se tivessem se esquecido de que eu estava ali. A mãe de Astrid disse:

– Não, mas obrigada por... encontrá-la.

A filha apenas sacudiu a cabeça.

– Vocês duas precisam ter uma conversa franca sobre tudo. – Olhei para Astrid. – Vou contar pra polícia o que você me contou.

A expressão no rosto de Gerd Nikolaisen se alterou subitamente. Com um movimento, ela empurrou sua filha para trás dela e veio decidida até o corredor.

– Não quero a polícia metida nisso, Veum! É assunto particular. Também temos nossa vida particular, você sabe!

– Entendi. Mas a Astrid acabou de me contar que...

– Astrid! – Ela se virou para a filha. – Diga pra ele que você não quer que isso vá em frente!

Astrid olhou com hesitação de sua mãe para mim.

– Nã... não, quando você...

– Não se trata da sua vida particular – eu disse para a mãe. – Trata-se de onde a sua filha andou metida nos últimos seis meses. É importante num caso de assassinato! Não é bom varrer isso pra debaixo do tapete!

– Nós vamos negar tudo! Não vamos dizer uma palavra! Certo, Astrid? –

Ela se virou para a filha procurando apoio.

Astrid concordou debilmente, deu de ombros e, evitando me olhar, entrou no apartamento.

Gerd Nikolaisen me olhou vitoriosa.

– É isso aí! – ela disse, encerrando o assunto de uma vez por todas, seguindo a filha e batendo a porta com tanta força, que quase esperei que os vizinhos saíssem para ver o que estava acontecendo. Mas pensando bem, não, eles não sairiam. Estavam acostumados com isso.

Entrando no carro, tornei a olhar o relógio. 10h55 da noite. Fløenbakken estava à minha espera.

Dei uma boa olhada em torno antes de estacionar o carro em frente ao prédio baixinho onde Karin morava. Mas não vi viva alma. Nem mesmo um gato vira-lata andando à caça.

Karin estava acordada à minha espera, com o cenho carregado. Alguém havia telefonado, convidando-a para o funeral.

Trinta e seis

– Um homem?

– É. – Ela me olhou com tristeza. – Ele disse que estava telefonando da funerária, mas não parecia um agente funerário.

– Ele era de Bergen?

– Era. Talvez de algum lugar perto, mas não tenho certeza. Estou dizendo algum lugar como Kalandseidet, Arna, era uma espécie de... Alguma coisa não estava *muito*...

– Quando foi isso?

– Agorinha mesmo, há meia hora.

– O que ele disse? Você consegue se lembrar o mais próximo possível?

– Ele... O telefone tocou, eu atendi. Uma voz masculina perguntou: “É a Karin Bjørge?” “É”, respondi. “Você é conhecida do Varg Veum, não é?” Fiquei com arrepios, Varg, tive certeza que tinha acontecido alguma coisa! “Ah, sou”, consegui dizer, “com quem eu falo?” “Aqui é da Casa Funerária Nedre Nygård”, ele disse. Quase desmaiei, Varg!

– Nedre Nygård. Não existe nenhuma Casa Funerária Nedre Nygård, isso é certeza.

– De qualquer modo, foi o que ele disse. Poderia ser Irmãos Nygård, é claro...

– Irmãos Nygård?

Ela concordou.

– Bom... – Fiz sinal para ela continuar.

– E então ele disse: “Nos pediram pra telefonar pra todos os amigos e conhecidos do Veum, informando que o funeral vai ser na segunda-feira, à uma da tarde, na Capela da Esperança, em Møllendal.”

– Bem, pelo menos tem uma *esperança*.

– Então, caiu a ficha que era só, que não podia ser... Daí eu perguntei

com a maior calma que consegui, qual era o nome dele...

– E?

– Ele desligou. Fiquei ali, com o fone na mão, completamente zozza. Foi horrível, Varg! Dá pra você me contar o que está acontecendo?

Abracei-a apertado, enquanto cochichava no seu ouvido:

– São só ameaças vazias, Karin. Não pense mais nelas. Coisas desse tipo são normais... nessa linha de trabalho.

– Então, talvez você devesse procurar outra linha de trabalho, né?

– Ouça, vou te contar tudo.

Contei a ela sobre o telefonema com a música de órgão e o anúncio fúnebre que eu havia recebido pelo correio, e conforme eu falava, senti a raiva crescendo dentro de mim, uma necessidade de descobrir quem é que já não se contentava em me ameaçar pessoalmente, mas também ia atrás do meu círculo imediato. Quando descobrisse, era melhor que a pessoa por trás daquilo estivesse em boa forma, porque ia ser uma disputa dura, até o amargo fim.

Ela me olhou com os olhos arregalados.

– Ali dizia realmente... também dizia a data naquele aviso fúnebre?

Dei uma olhada no relógio. Faltavam apenas vinte e cinco minutos para a meia-noite.

– Amanhã – respondi com delicadeza. – No fim das contas, é quarta-feira. Assim, quanto a isso, um funeral na segunda-feira é bem adequado.

– Não brinque com uma coisa dessas, Varg! Você foi... Você conversou com a polícia?

– Conversei. Eles não podem fazer grande coisa a respeito.

– Mas você não poderia arranjar um... alguém que ficasse de olho em você?

– Acho que eles não consideram o risco grande o suficiente pra isso. A própria polícia recebe frequentemente ameaças desse tipo. Se eles forem levar todas a sério, vão passar mais tempo vigiando uns aos outros do que mantendo a ordem nas ruas.

– Mas o que... Você tem alguma coisa especial agendada pra amanhã?

– Tenho que ir pra Stavanger.

- Pra Stavanger!
- Você conseguiu descobrir alguma das coisas que eu lhe pedi?
- Consegui, eu... Está aqui... – Ela foi até a estante na parede e pegou algumas páginas. – Imprimir algumas coisas. Aqui, veja...
- Ela se sentou ao meu lado, e olhei atentamente a primeira página.
- Olhe aqui – ela disse. – A mãe de Birger Bjelland. Kathrine Haugane...
- Haugane?
- É, esse é o nome dela. Nascida em 1912. E olhe aqui: *pai desconhecido*.
- Bom, eu vou...
- Agora ela está em uma casa de repouso. Salvação.
- Soa como Stavanger.
- Birger Bjelland nasceu em 1945. Depois tem, sem dúvida, uma irmã, Laura Haugane Nielsen, nascida em 1948, casada com Ove Nielsen.
- Sei.
- E aqui está o outro sobre quem você perguntou...
- É, aqui está O Canivete. Harry Hopsland, nascido em 1940. Registrado como tendo se mudado em 1981. Voltou no ano passado. Endereço: Nordre Skogveien. Um filho, Ole Hopsland, nascido em 1971. Mãe – o que está dizendo?
- Grete Pedersen mudou-se para Førde em 1978. Eles nunca foram casados, mas o filho ainda vive em Bergen.
- Estou vendo. Você descobriu onde ele trabalha, também?
- Descobri, eu... Digi-Data. Uma firma de computação, é óbvio.
- Anotei tudo no meu caderno, antes de dobrar as páginas e enfiá-las no meu bolso interno. Passei o braço em torno dela e a beijei levemente na boca.
- Assim sendo, *tenho* que ir pra Stavanger amanhã. O avião pode cair, é claro, mas esse é um risco que a gente corre o tempo todo, então... Em vários aspectos, acho que vai ser mais seguro fora de Bergen do que dentro, isso se formos levar esse negócio a sério, Karin.
- Com certeza eu levei muito a sério quando ele telefonou.
- Já estive à solta, sozinho, numa noite de inverno – eu disse para acalmá-la. Mas ao dizer isso, reparei que eu mesmo não estava totalmente relaxado.

Alguém havia semeado geada no meu coração, um gelo cresceu no meu peito.

Não dormi muito naquela noite.

Se fosse para levar aquilo a sério, o que de fato eu poderia fazer?

Será que havia apenas uma pessoa atrás daquilo, ou mais? Se não fosse pelo fato de que o primeiro telefonema tinha sido antes de eu começar a remexer a sério em torno do caso de Torild Skagestøl, seria natural suspeitar de Birger Bjelland e seus asseclas. Mas era mais provável ser um maluco que estivesse fazendo isso só para assustar as pessoas, sem nunca realmente tentar executar a ameaça a sério.

Mas o fato de ele ter telefonado para Karin me preocupou. Significava que ele devia ter um bom conhecimento da minha vida particular, que provavelmente ele também tinha me seguido, ou nos seguido, e descoberto quem ela era. Mas também poderia significar que ele tinha a retaguarda, se não de uma organização, pelo menos de algum tipo de rede.

Karin dormiu inquieta ao meu lado, resmungou uma coisa ou outra durante o sono, e atirou um dos braços para fora.

Toquei o chão ao lado da cama, achei meu relógio, levantei-o e apertei o botão para iluminar o visor: 1h35.

Ok, digamos que eu estivesse realmente em perigo. Nesse caso, no que, particularmente, deveria prestar atenção? Nós não estávamos na Sicília, meu escritório não era na parte norte de Chicago, e até mesmo o Soho tinha um toque exótico para um detetive particular num país alongado, não muito longe do Polo Norte. Em outras palavras, não era muito provável que alguém tivesse colocado uma bomba sob o meu Toyota antes que eu partisse para o Aeroporto Flesland ao nascer do sol. Nem havia qualquer razão para temer que houvesse um mascarado atrás das moitas no jardim da velha escola, esperando para focar sua mira telescópica em mim quando eu abrisse a porta do carro.

O cenário mais provável era que alguém iria tentar me pegar diretamente, com uma pequena arma de fogo ou uma faca. Só de pensar nisso, sentei na cama tão repentinamente que Karin me esticou o braço e perguntou sonolenta:

– É de manhã?

– Não, não – respondi baixinho. – Volte a dormir. Só tenho que... me levantar por um segundo.

Levantei-me, saí do quarto sem fazer barulho, atravessei o corredor e fui para a sala.

Fiquei à janela olhando para fora.

Era uma visão estranhamente calma. Berger às quinze para as duas da manhã, flocos de neve espalhados no ar, o círculo protetor de montanhas escuras com grupos de prédios aqui e ali, a iluminação da rua como o desenho na pena dourada de um pavão na escuridão. O lago Store Lungegård's tinha o aspecto de uma lagoa negra, uma ferradura de gelo na sua superfície, como nata no leite... E nas altas e feias torres em Vetlemanhattan, todos os escritórios estavam no escuro, exceto um, cujo topo irradiava a hora e a temperatura naquele preciso momento.

Não havia muitos carros circulando, e era muito pouco provável que um deles estivesse no meu encalço.

Minha respiração estava calma e regular. Para dentro... para fora. Para dentro... para fora.

Lentamente, senti a tensão nos meus ombros diminuir. O nó dolorido no meu estômago começou a se afrouxar e por detrás das minhas pálpebras o sono acenou suas delicadas asas de elfo.

Voltei para a cama e me deitei enroscado em Karin, meus braços à sua volta em uma espécie de posição fetal a dois.

Não acordei até o rádio-relógio ganhar vida com uma estridente fanfarra da sala de redação, ávida por compartilhar conosco os últimos desastres antes que começássemos mais um dia de trabalho.

Trinta e sete

Até os deuses do tempo estavam insatisfeitos no dia em que era para eu morrer. Intermitentes chuvas de granizo caíram fustigando a cidade, provocadas por um forte vento noroeste. As pedras de gelo batucavam nas vidraças, muito semelhantes ao primeiro desfile de primavera da Brigada dos Meninos de Bergen.

Karin me beijou longamente antes de eu sair.

– Quer que eu vá com você?

– Não, mas você pode me espiar da janela até eu ir embora. – Como um súbito pensamento adicional, acrescentei:

– E não se esqueça de também prestar atenção em você. Telefone quando chegar lá.

Depois de alguns minutos extras, eu disse que agora eu tinha *mesmo* que ir, e, com relutância, ela me soltou como se não estivesse certa de que me veria de novo.

Mais uma vez, estava com os olhos cheios de lágrimas. Eu não sabia se aquilo me agradava ou não. Não gosto de dar motivo para os outros chorarem.

Abri a porta principal no térreo com cuidado. Não havia muitas pessoas por lá ainda. Uma vizinha de um dos outros prédios estava a caminho de Årstadveien, e uma senhora de meia-idade passeava com o cachorro.

Sai rapidamente e fui até o estacionamento, abaixando-me algumas vezes como se estivesse checando os cadarços do sapato. Ao chegar ao carro, tomei cuidado para não me demorar num único lugar por tempo demais. Rodeei-o rapidamente, dando uma limpada nos vidros. As quedas de neve durante a noite pelo menos tinham a vantagem de me assegurar que ninguém havia mexido no carro desde que eu o estacionara, seja nas fechaduras, seja em qualquer outro lugar. Não havia nenhuma pegada em torno dele, fora as minhas. Tudo o que encontrei foi o padrão rendilhado de granizo de Hardanger, da última precipitação.

Enfiei a chave na fechadura, girei, abri a porta, acenei para Karin e entrei.

Tendo visto inúmeros filmes americanos, olhei para o banco de trás para ter certeza que estava vazio. Estava.

Eu sabia que o ponto crítico era o que aconteceria agora. Na maioria das vezes, as bombas de carro estão ligadas à ignição.

Só havia uma maneira de eu descobrir. Sem fechar a porta (como se isso pudesse ajudar), enfiei a chave na partida e liguei o motor. Ele funcionou ao primeiro toque.

Ao sair do estacionamento, voltei a acenar para Karin. Ela acenou de volta, mas sem convicção. Era como se eu pudesse ver o olhar preocupado dela, mesmo lá do carro.

Em Årstadveien, virei para o sul em direção ao Hospital Haukeland. Olhei no retrovisor. Havia um fluir constante de carros na Årstadvollen. Da Fløenbakken veio uma moto, que se posicionou cuidadosamente próxima à calçada, dois ou três carros atrás de mim. Senti os pelos se eriçarem atrás do meu pescoço.

Em Fridalen, desci pelo Christiepark, olhando no retrovisor. Dois dos carros, e a moto, estavam atrás.

Em Inndalsveien, aguardei num sinal vermelho. O motoqueiro esperou obediente, ainda dois carros atrás de mim, embora houvesse mais do que espaço suficiente para ele passar.

Tentei ter uma ideia de quem dirigia, mas ainda estava escuro demais e ele se achava completamente coberto por um conjunto de couro e um capacete com o visor preto.

O motorista atrás de mim tocou a buzina, irritado, e eu arranquei em tal velocidade no verde que meu carro derrapou na superfície escorregadia, embora eu rapidamente recuperasse o controle. O motoqueiro não teve problemas.

Ficamos grudados um ao outro, como irmãos siameses, até o Aeroporto Flesland. Os carros entre nós podiam mudar, mas a distância entre nós continuava a mesma, dois ou três carros. Mas quando entrei no estacionamento de longo prazo para deixar o carro, ele se foi repentinamente,

Estacionei e caminhei rapidamente para o terminal, olhando à minha volta o tempo todo. Era como se eu ainda pudesse ouvir o fraco vrum-vrum da moto, mas deve ter sido minha imaginação. Não consegui ver nada,

No saguão de chegadas, as pessoas se apressavam em todas as direções,

concentradas em seus diversos negócios. Peguei o elevador para o primeiro andar, o das partidas. A meio caminho da subida, tive uma visão perfeita de quase tudo do andar térreo, mas não consegui ver o motoqueiro vestido de preto em lugar algum.

Não demorou muito para que eu estivesse me dirigindo para o avião. Duas ou três cabeças à minha frente, vislumbrei uma figura magra que me pareceu familiar. Mas foi só quando ele se virou no alto da escada que tive certeza de que era ele. Holger Skagestøl estava no mesmo avião.

Ele achou um assento, e parei ao lado dele.

– Se incomoda se eu me sentar aqui?

Ele levantou os olhos e franziu o cenho.

– Veum? Que diabos? Você não está me seguindo, espero?

– Por Deus, não! Estou indo para Stavanger a negócios.

– Bom, nesse caso... – Mas enquanto eu me sentava ele me lançou um olhar furtivo, desconfiado, como se, decididamente, não se sentisse à vontade.

A maioria das pessoas sente uma dor de ansiedade quando as portas se fecham, pedem para você afivelar o cinto, e o avião se prepara para decolar.

Dessa vez, quando as portas se fecharam, senti apenas alívio ao ter certeza de que o homem vestido de motoqueiro não estava entre os passageiros; a não ser que ele tivesse trocado de roupa rápido no banheiro, caso em que poderia ser qualquer um. Inclusive...

Olhei para Holger Skagestøl.

Não, achei que não.

Os músculos faciais dele estavam tão tensos quanto da última vez que eu o tinha visto. Usava um terno cinza e tinha guardado um sobretudo marrom claro no compartimento de bagagem logo acima.

– Negócios? – perguntei, cauteloso.

Ele passou a mão na testa.

– É. Conferência dos Diretores da Associação Nacional de Periódicos.

– Muitos dias?

– Até amanhã. É claro que eu poderia simplesmente ter cancelado, dadas as circunstâncias, mas de certa maneira pode não ser uma má ideia ter alguma outra coisa em que pensar.

– Foi marcada uma data pro enterro?

– Não, a polícia... Mas provavelmente será na próxima semana. Assim que possível, espero. – Como que se explicando, acrescentou:

– Até lá não estará encerrado, é o que eu quero dizer.

O avião decolou, e nós ficamos ali sem conversar até que ele parasse de subir e pegasse sua rota. O sinal de desfivelar o cinto piscou.

– Vocês dois vão se sentir satisfeitos de que o culpado tenha sido preso tão rápido, é claro.

Ele me deu uma olhada.

– É, claro. Mas ele ainda não confessou.

– Não, mas eles nunca confessam de cara. Só quando se sentem perdidos, aí... Aí não dá pra fazê-los parar. É como se tivesse um poder superior a quem eles, de repente, tivessem que se explicar.

– É bem possível que haja, pelo que sabemos.

Uma comissária chegou com uma caixinha de suco de frutas e um sanduíche aberto em uma bandeja de poliestireno.

– Vocês aceitariam um jornal? – perguntou sorrindo.

Balancei a cabeça, mas Skagestøl aceitou. – Os dois, por favor.

Ao recebê-los, ele deu uma rápida olhada na primeira página, colocou um deles no colo, e desdobrou o outro, abrindo-o e folheando rapidamente as primeiras páginas com ar preocupado. A meio caminho, ele repentinamente deixou o jornal de lado, pegou o outro e teve o mesmo procedimento.

Olhando-me de soslaio, e se virando de um jeito que parecia que seu corpo ia desmoronar, ele disse:

– Pela primeira vez na vida, entendo o que é ser carne de canhão, Veum.

– Uma nova experiência, é?

– Horrível! Você percebe que não passa de... Quero dizer, até alguém como eu, metido bem no meio disso tudo, que se poderia pensar ter alguma

influência sobre o que é escrito, fica impotente. Não existe outra palavra pra isso: impotente – ele repetiu, como que para ter certeza que eu entendesse.

Assenti.

– De repente, você percebe que muitas vezes você mesmo foi longe demais. Você passa pelo que os outros reclamaram com você antes, ou seja, que ninguém o ouve, que suas objeções, seus pedidos pra que sua vida pessoal seja protegida... Bom, ninguém ouve, porque de uma hora pra outra você se torna notícia. – Ele fez uma careta ao dizer isso.

Por uma ou outra brecha na cobertura de nuvens abaixo de nós, vislumbramos um fiorde escuro e as charnecas ventosas de Sunnhordland.

– Agora vivo pra lá de assustado quando saio todos os dias pra pegar o jornal da manhã, *meu próprio jornal*, Veum. Os jornais de Oslo são colocados na minha mesa assim que são entregues, e sinto um nó no estômago todos os dias, de medo do que possa aparecer neles, que fotos eles vão querer usar. Só o fato de ver sua própria filha, uma foto de sua própria filha, estampada com o logo do jornal no alto das páginas! Deus do céu!

– Agora que o Hagavik foi preso, isso vai passar. Um caso esclarecido não tem o mesmo valor de notícia que outro a ser resolvido.

– Mas ele não *confessou*, Veum! Isso é que é o inferno! Desde que não haja confissão, eles estão livres pra especular sobre tudo que der pra imaginar, satanismo ou pior.

– Pior?

– É! – Ele baixou a voz, e depois de uma pausa disse:

– Agora, depois do acontecido, sabemos que a Torild estava metida em tudo quanto é coisa. Drogas... – Sentiu dificuldade em pronunciar a palavra:

– Pro... prostituição! – Com uma sacudidela da cabeça, como um pássaro pegando um inseto em pleno voo, acrescentou:

– Mas foi no outono passado que ela saiu dos trilhos! *Depois* que perdi o controle sobre ela!

– Está culpando sua esposa?

– Não estou culpando ninguém! Só estou expondo os fatos... Logo agora, no último Whitsuntide, quando ela estava, estava... quando fomos visitar ela no acampamento das Bandeirantes em Radøy...

– É, soube disso. Mas sua esposa não foi.

Ele me olhou surpreso.

– Do que você está falando?

– Sua esposa não estava com você quando vocês dois foram visitar as meninas. Foram só você e a Randi Furebø, se esqueceu?

– Esquecer? – Ele tornou a passar a mão na testa, seu gesto característico.
– Não, mas... *e daí?*

– Alguns meses depois você e sua esposa se separaram.

Por fim, ele pareceu perceber aonde eu queria chegar. – Você está dizendo que supostamente havia uma conexão entre... Não, francamente, não tinha pensado nisso.

Ele quase girou em seu assento, tentando me convencer do quanto eu estava errado.

– Ouça, Veum. Em primeiro lugar, Randi e Trond, Sidsel e eu somos bons amigos há anos, passamos férias juntos, compartilhamos jantares e cafés da manhã, vamos pra excursões da escola e Deus sabe o que mais. Trond e eu somos *companheiros*, compartilhamos tudo. Se o carro dele quebra, ele pega o meu emprestado. Se o meu vai pra oficina, posso pegar o dele. Mas com as nossas esposas, *não*. Elas nunca foram divididas. Randi e eu poderíamos ter ido de carro até o sul da Itália, poderíamos ter dormido juntos no carro ou num chalé, mas nunca passaria pela minha cabeça ir pra cama com ela!

– É mesmo? Ela não é de se jogar fora.

– Também não estou falando isso! Mas ela é a mulher do Trond, você não percebe? Somos *amigos*!

– E a sua esposa e o Trond, eles também têm ideais tão elevados?

– A Sidsel e o Trond? Se você está se referindo àquela viagem do Whitsuntide, a Sidsel não estava bem e, de qualquer modo, ela nunca foi muito ligada em viagens de carro, e o Trond estava fazendo trilha em algum lugar. Não me lembro exatamente onde. Em segundo lugar, Veum, Sidsel e eu nos separamos depois de muitos anos de desgaste. Não houve nenhum acontecimento que tivesse provocado isso. Foi apenas uma compreensão gradual, principalmente da minha parte, de que ela e eu tínhamos chegado ao fim da estrada, sem dúvida. Estávamos além do último aviso de atenção, se é que você me entende. *Além desse ponto, continue por seu próprio risco*. A partir dali estávamos numa canoa furada. E em terceiro lugar, nada disso tem a ver com o que aconteceu com a Torild!

– A não ser o fato do que você mesmo disse – acrescentei –, que, por causa disso, da nova situação familiar, você já não tinha controle sobre ela.

Ele ergueu as mãos.

– E reafirmo isso. Se estivesse em casa, isso não teria acontecido.

Não fiz mais nenhum comentário sobre esse ponto específico. Para proteger o próprio ego, todos precisam arrumar suas próprias explicações. Essa era a versão de Holger Skagestøl. Sua mulher teria a dela. Minha própria experiência dizia que a verdade está no meio.

Tentei outra direção.

– Então... Não que, realmente, seja da minha conta, mas quem deixou quem?

– Exatamente. Não é da sua conta!

Apesar disso, depois de alguns minutos, ele foi incapaz de deixar a coisa assim. Virou-se para mim, e ostensivamente bateu no lado esquerdo do peito.

– Um coração de pedra, entende? Existem muitos idiotas abandonados por aí, com direito de visitar os filhos uma vez por semana.

– Nem me diga!

– Você não vai me pegar nessa roubada, Veum. Nunca olho pra trás. Nunca!

– “Nunca” é uma palavra forte pra ser usada, Skagestøl. Forte demais pra maioria de nós.

Ele deu uma risada de desprezo, virou-se de lado e olhou pela janela.

Agora, o avião estava se aproximando do Aeroporto Sola, de Stavanger. Afivelamos os cintos, seguindo as ordens, e o avião mergulhou entre as nuvens. O mar estendia-se sob nós, cinzento e mal-humorado, parecendo água suja. As praias se mostravam desertas, lembrando vagamente os ossos limpos de cadáveres gigantescos.

Skagestøl folheou com desinteresse um dos jornais, aparentemente irritado consigo mesmo pelo que havia dito. Aterrissamos logo depois.

Talvez tivesse sido natural que compartilhássemos um táxi para a cidade, já que, apesar de tudo, tínhamos nos dado a conhecer um pouco. Mas nenhum de nós fez as preliminares necessárias, e, por fim, ele pegou um táxi em solitário esplendor, enquanto eu pegava o ônibus do aeroporto para a cidade.

Trinta e oito

Quando se viaja de avião de Bergen para Stavanger, você simplesmente tem que aceitar que vai passar mais tempo no ônibus e no seu carro do que no ar, mesmo quando o trânsito flui tão livre em direção ao centro de Stavanger, como no dia em eu supostamente morreria.

Os campos ao redor da cidade estavam amarelados e desérticos, e o topo das árvores se agitava com o vento. No entanto, mesmo agora já dava para sentir por que a primavera chegava antes ali do que em qualquer outro lugar do país. Não se via um floco de neve, apenas alguns gelos flutuantes nas charnecas de Ryfylke. O sol, penetrando pelas nuvens em um ângulo abrupto, entrava pelas janelas do ônibus e ficava ali, esquentando sua pele. Mas quando desci do ônibus, a rajada marinha foi como o arranhão de uma garra suja no meu rosto, e um arrepio percorreu minha espinha. O inverno ainda estava no controle.

Desci na frente da catedral, acenei discretamente para a estátua de Alexander Kielland, e dei uma avaliada no lugar.

A última vez que estive em Stavanger, ela era uma Klondike ³ moderna, um frenesi de atividades, sua opulência repentina jogando os preços nas alturas. Agora parecia que tudo tinha voltado a se acalmar. O lugar, finalmente, se acostumara com seu novo *status*, um lugar onde Neil Young poderia cantar, de cabeça erguida, “After the Gold Rush”, sem sair vaiado do palco.

Stavanger era um desses lugares esquecidos por Deus. Talvez fosse por isso que haviam construído tantas capelas por lá, numa vã tentativa de restabelecer contato. Quando eles finalmente desistiram, venderam a alma para Mamon, ainda que as velhas letras em néon proclamando que JESUS era A LUZ DO MUNDO ainda brilhassem como um monumento de uma outra era sobre a Água Breiavatnet.

Ao longo dos anos, eu me sentia ambivalente em relação a Stavanger. De 1966 a 1969, frequentei ali a Escola de Estudos Sociais.

Para começo de conversa, vivia em um alojamento miserável, bem além

de Banevigå. Um ano acima de mim, havia uma garota da minha idade, de Jørpeland, um lugar oposto a Stavanger. Chamava-se Beate Larsen, e em um encontro animado numa espécie de comunidade em algum lugar perto de Egeland, terminamos na cozinha como dois *stand-ups* auto-obcecados, alheios ao que acontecia à nossa volta. No dia seguinte, pegamos o ônibus para Sola, e andamos de mãos dadas pela praia, mesmo sendo setembro, e o verão já tendo partido há muito para o sul. Quando voltamos para a cidade, ela me convidou para ir ao seu quarto, onde aprofundamos um pouco mais nosso novo conhecimento. Com suas coxas brancas de cada lado da minha cabeça, e meu rosto ancorado profundamente em seu fiorde, ouvi seu sotaque de Rogaland como um distante *uni-duni-tê*, no ar acima de mim: Ah, assim, assim, ah assim, Varg!

Não muitos meses depois, mudei-me para suas dependências, consideravelmente maiores, na rua Wessels. Seis meses depois, ao terminar o curso, ela foi para Bergen antes de mim, onde conseguiu um trabalho de meio período no Departamento de Bem-Estar Social, enquanto eu viajava regularmente, indo e vindo pelo resto do tempo que fiquei em Stavanger. Casamos no meu último ano, em maio, e dois anos depois Thomas nasceu. Nenhum de nós tinha ouvido falar em Lasse Wiik.

Stavanger tinha sido cenário de alguns dos meus anos mais felizes, e nunca poderia voltar lá sem me lembrar que a felicidade é efêmera, e tão fácil de segurar quanto um raio de luar.

A Casa de Repouso Salvação ficava nas proximidades de Bjersted. Em um moderno edifício de vidro e concreto, dando para o Byfjord, perguntei o caminho na recepção e me mandaram três andares acima, à direita.

– A porta está trancada, é o Departamento de Demência Senil, mas toque a campainha e eles o deixam entrar – me informou a senhora na recepção, prestativa, quando eu começava a subir a escada.

Segui seu conselho, e uma enfermeira pequena, de cabelo escuro, rosto redondo e animado, e grandes olhos azuis, me levou até Kathrine Haugane, perguntando:

– O senhor é da família?

– Não, sou um conhecido... do filho dela.

– O senhor está falando do Birger?

– Estou. Você o conhece?

– Não, mas meu irmão estava na mesma classe no primário – ela disse com um súbito quê de melancolia, como que para enfatizar o tempo que *tinha* passado.

– Com certeza eles são mais velhos do que você.

Seu rosto voltou a se animar.

– É, na verdade são. Aqui estamos.

Kathrine Haugane já estava com uma visita. Na beirada da cama, com um tricô nas mãos e uma revista aberta ao lado, havia uma mulher na faixa dos 40, já grisalha, e com um rosto marcado prematuramente pela vida.

– Visita pra você – disse minha acompanhante com um sorriso alegre.

A mulher na cama tremeu levemente as pálpebras. A outra levantou-se surpresa:

– Hã?

Dei um sorriso amistoso.

– Sou... – Por um instante, hesitei. – Veum, de Bergen. Varg Veum. Sou um conhecido do Birger.

– Ah. – Ela estendeu a mão. – Sou irmã dele: Laura Nielsen. Prazer em conhecê-lo.

– Igualmente.

Vestia-se de um jeito um tanto antiquado, com uma blusa vermelha, saia marrom, e um cardigã branco, simples, tricotado, quase parecendo o prêmio de uma rifa do último bazar da igreja. Não usava maquiagem nem enfeites. Seus olhos eram azul-claros, quase incolores, e tinham as bordas vermelhas, como se ela sofresse de algum problema. Não havia nada nela que lembrasse o irmão, mas pelo que eu me lembrava das minhas anotações no bolso interno, não havia nada que sugerisse o mesmo pai, na verdade, muito pelo contrário.

– Você está... Foi o Birger quem pediu pra você vir fazer uma visita?

– Bom... Só se sobrasse um tempo. E aconteceu de eu estar neste lado da cidade.

– Faz dois anos que ele não aparece! – ela disse, salivando tanto que teve

que engolir.

– É mesmo?

– Não que eu não entenda seu ponto de vista, imagine você! Ela mal fala alguma coisa. – Fez um gesto com a cabeça em direção à mãe, e eu acompanhei seus olhos.

Kathrine Haugane estava deitada de costas, com o edredom puxado até o queixo, de maneira que mal dava para ver seu pescoço. Tinha o rosto magro e enrugado, sendo que o maior destaque estava no nariz, pontudo e aquilino. Seu cabelo branco estava repartido ao meio, e sua pele era de um cinzento doentio, como se estivesse juntando poeira há muito tempo e ninguém tivesse se dado ao trabalho de espanar. Se não fosse pelo quase imperceptível movimento dos lábios, daria para pensar que estivesse morta.

– Faz muito tempo que ela está assim?

– Neste verão, faz oito anos. Completamente alheia.

– Então ela nunca fica acordada?

– Fica, mas quando ela fala é só um blá-blá-blá confuso. Não tem uma palavra com nexos. – Sentou-se e tornou a pegar o tricô. Depois, acenou para a outra cadeira, como um sinal de que eu podia me sentar, já que estava de visita.

Olhei a outra cama. Estava vazia.

Ela acompanhou meu olhar.

– Martha Lovise Bredesen. Morreu há dois dias. Estão esperando uma nova paciente para amanhã. – Arrematou alguns pontos e murmurou, quase consigo mesma:

– Ah, bom, pelo menos *elas* não vão mais ser incomodados...

A forte luz do dia encheu o quarto. Na parede acima da cama de Kathrine Haugane, havia algumas fotos de família. Uma delas mostrava uma mulher sentada com duas crianças pequenas em frente a um muro de pedras, com uma luz de sol tão forte que devia ser o auge do verão.

Apontei as fotografias:

– São vocês dois?

Ela olhou a foto quase envergonhada.

– Somos. Foi num verão, mais ou menos em 1950, estávamos em Nærbø.

- O Birger é o mais velho – observei.
- É. Nunca houve dúvida quanto a isso.
- Então, seu nome também era Bjelland, antes de você se casar?
- Não, hum... Sempre foi Haugane, sempre foi.

Olhei pela janela em direção às ilhas do outro lado do fiorde. – Mas então vocês têm pais diferentes?

Ela apertou os lábios e concordou.

- E o nome do pai de Birger era Bjelland?
- Não, não era...

Ela olhou a mãe deitada ali com os olhos fechados, e as pálpebras tremendo como se estivesse sonhando, ou apenas fingindo dormir. Baixou a voz:

– Birger nasceu em dezembro de 1945. Ninguém nunca descobriu quem era o pai dele, embora seja claro que houvesse fofocas, e em geral o que se dizia era que ele, o pai dele era, bom, alemão, entende? – Uma expressão amarga desceu sobre seu rosto ao se lembrar daquilo. – Na época, minha mãe trabalhava como garçonete em um café, onde logicamente ela conhecia gente decente e gente de outra espécie... Então, poderia também ter sido uma das pessoas em melhores condições na cidade, não poderia?

Concordei com um gesto, tranquilizando-a:

- É claro que podia.
- Então, quando o Birger estava quase adulto, movendo céus e terra para descobrir quem era o pai, poderia também ter sido... poderia também ter sido o cara com quem ele saía. De qualquer modo, ele já estava morto, então quem poderia negar isso?
- Não, eu...
- Tanto eu quanto o Birger sofremos com isso na escola, te digo. Mas principalmente o Birger. “Puto nazista! Puto nazista!”, eles gritavam, correndo atrás dele. De vez em quando ele chegava em casa com o nariz sangrando depois de uma briga. E isso nunca acabou. Não é de espantar que ele tenha saído da cidade assim que pôde. Stavanger é uma cidade pequena, vai por mim!
- Bergen também não é uma metrópole.

– Não, acho que não, mas lá ninguém o conhecia, conhecia?

Levantei a mão apontando sua mãe. Kathrine Haugane havia, repentinamente, aberto os olhos. Olhava o teto com uma expressão dura.

– Birger! Não faça isso! Roger! Ah, não... – Depois seus olhos tornaram a se fechar, como se fossem comandados por algum mecanismo oculto.

Olhei para Laura Nielsen. Ela deu de ombros.

– Esta é uma de suas atitudes padrão. Uma das cenas que ela faz repetidamente. Claramente, era alguma coisa horrível que o Birger estava prestes a fazer, que ela fica revendo de tempos em tempos.

– Tem alguma ideia do que seja?

– Não, a mínima!

– Mas o que foi que ela disse... Roger?

– Roger... Era um dos amigos do Birger naquela época. Provavelmente eles estavam armando alguma coisa juntos, os dois eram uns delinquentes.

– Roger... o quê?

– Hã... Hansen, eu acho. Morreu há vários anos.

– Ah... – Não queria pressioná-la mais. De qualquer modo, provavelmente não era nada importante. – Mas depois que o Birger nasceu... que tipo de vida ela teve?

– Era uma pária. Mesmo que o pai dele não fosse alemão, a criança era ilegítima, e naquela época, em Stavanger... bom, era quase tão ruim quanto! Então, ela apelou para a assistência pública, viveu por um tempo num abrigo para mães administrado pela igreja. Com certeza, ali eles eram bons com ela, mas as regras e o regulamento eram horrorosos para uma mulher na faixa dos trinta!

– Mas quando você nasceu...

– Bom, hã... nessa época ela trabalhava em Nærbø, numa fazenda, e conheceu um marinheiro local. Bom, ele fez um filho nela e partiu numa longa viagem, só voltando dois anos depois. E como é que ele podia saber que a criança que ela tinha parido era dele? Então ela voltou pra Stavanger e passamos a morar aqui. – Suspirou. – Mas não posso me queixar. Tenho um bom marido e me viro bem. O tempo trabalha a nosso favor. Logo não vai restar ninguém que se lembre de Kathrine Haugane ou de seu bastardo nazista. Então, você pode mandar minhas lembranças ao Birger e dizer a ele

que tudo bem ele ficar longe! Ninguém aqui sente falta dele!

– Birger? É você, Birger? – Sua mãe tinha subitamente se sentado na cama.

– Não, mãe – respondeu Laura Nielsen. – *Não* é o Birger, você sabe disso. – Ela me olhou com ar de desculpas. – Isso acontece sempre que ela ouve uma voz masculina. Quando o Ove vem comigo é a mesma coisa. Está claro que ela não se esquece dele!

Kathrine olhou em minha direção com seus aguados olhos azul-claros. Era quase como se olhasse diretamente através de mim.

– Birger! Eu não soltei uma palavra! Pra viva alma! Você esteve em casa o dia todo! O dia todo, certo, Birger?

– Sim, sim, mãe! – Ela levantou os olhos. – É sempre a mesma coisa! Deite-se e descanse agora, mãe! – Ela quase forçou sua mãe a se deitar na cama, e soltou um suspiro de satisfação quando viu os olhos desesperados se fechando novamente.

Olhou para a outra cama.

– Se pelo menos ela também conseguisse encontrar paz... Ai, talvez a gente não devesse desejar uma coisa assim pra própria mãe, mas às vezes... Que Deus me perdoe. Será que é um pensamento não cristão?

– Não cristão... Mas deve ter sido... Deve ter sido um acontecimento muito importante pra deixar uma última impressão tão forte nela!

– É. Não tenho ideia sobre a que ela se refere! – Ela se inclinou para ajeitar o cobertor bem firme sob o queixo da mãe, que parecia ter se voltado a se acalmar completamente. – Então, agora você pode voltar pra Bergen e dizer ao Birger como é a vida aqui pra nós! Como se ele desse a mínima.

– É, o Birger... Você sabe o que ele faz em Bergen?

Ela me olhou surpresa.

– O que ele faz... Negócios, não é?

– Mas de que tipo?

– Ah, hum... Tudo o que eu sei sobre ele é que... Por mim, ele podia fazer parte do Exército da Salvação!

– Existe alguma probabilidade?

– Bom, na verdade existe. Quando minha mãe voltou pra Stavanger, vinda

de Nærbø e da segunda grande decepção da sua vida, pelo menos até onde eu sei, ela foi salva. – Continuou em tom amargo:

– Provavelmente foi um pregador itinerante que a viu como sua Maria Madalena, imagino, mas de qualquer modo ela foi salva, a tal ponto que o Birger e eu passávamos mais tempo na capela do que em casa, dos seis anos até a adolescência. Bom, com o Birger foi até o serviço militar. Eu me afastei mais cedo, mas nessa época minha mãe tinha começado a se desanimar, então não foi uma decisão tão importante.

Olhei para o relógio e me levantei.

– Bom, não acho que deva tomar mais o seu tempo, agora.

– De jeito nenhum! Pelo contrário, fez uma diferença. Apesar de minhas palavras duras, por favor, dê minhas lembranças ao Birger, quando se encontrar com ele.

Não sem uma dorzinha de consciência, prometi fazê-lo antes de deixar mãe e filha em uma espécie de simbiose silenciosa; uma deitada na cama com os olhos fechados, a outra olhando vagamente a cama vazia e a esperança ali representada.

Uma vez no corredor, parei uma enfermeira que passava com uma comadre.

– Me desculpe, mas... Conversei com uma enfermeira há pouco tempo, pequena, cabelo escuro...

– Trude Litlabø?

– É, não sei...

– Tente no escritório. – Apontou na direção de uma porta aberta, próxima ao fim do corredor.

Fui até lá e dei uma olhada. Trude Litlabø levantou-se de sua cadeira em frente ao computador, quando bati levemente no batente da porta. Passaram-se alguns segundos até que ela me reconhecesse.

– Ah, oi! Como é que foi com a Kathrine?

– Ah, não foi tão ruim. De qualquer modo, bati um papo agradável com a filha. Ela está sempre tão distante? Estou me referindo à mãe.

– Infelizmente, sim. Nas condições dela, pode-se dizer que ela entrou num quarto que alguém perdeu a chave e nunca vai ser encontrada.

– Mas de vez em quando ela vê alguma coisa da janela, não vê?

Ela me olhou surpresa.

– Vê. Alguns acontecimentos ficaram gravados em sua memória.

– Ela disse alguma coisa sobre um menino chamado Roger. Você se lembra dele?

– Roger, Roger... Você está falando daquele que morreu afogado?

– Afogado?

– Ah, bom, não tenho certeza. Você devia perguntar pro Einar.

– Seu irmão?

– É.

– Onde é que eu posso encontrá-lo?

– Bom, hã... – Uma sombra baixou no seu rosto. – Não é tão fácil conversar com ele.

– Há? Por que não?

– Ele não está... bem. Quero dizer... Para ser franca, ele está numa clínica de desintoxicação para alcoólatras, em Jæren.

– Gostaria muito de dar uma palavrinha com ele.

Ela me olhou inquisitivamente.

– Não posso dizer. Mas acho que poderia ser muito importante, de fato.

Depois de pensar por alguns minutos, ela se decidiu.

– Ah, imagino que não possa... Se pelo menos pudesse fazer com que ele sentisse, sentisse que ele *vale* alguma coisa, então... Aqui está...

Ela escreveu o nome e o endereço do irmão em um pedaço de papel e o empurrou para mim. Depois, destrancou a porta e me deixou sair do departamento, desejando-me boa sorte. Agradei, desci até a recepção, e tomei um táxi para a estação de trem.

³ Cidade do noroeste do Canadá, onde, no final do século XIX, houve uma Corrida do Ouro. (N.T.)

Trinta e nove

Em nenhum lugar da Noruega o céu é tão pesado quanto em Jæren. Ali não há muito mar. Em dias cinzentos, o céu e o mar parecem uma coisa só no horizonte, como se um pedaço de céu tivesse sido dobrado para debaixo da terra. Nos dias ensolarados, o mar cresce, e antes que se perceba, começa a chover.

Naquele dia, uma fina camada de gelo pairava no horizonte, um golpe de pena que iria permanecer ali mesmo na escuridão da noite.

– A marca de fevereiro – murmurou Einar Litlabø, apontando em direção ao mar.

– O que você quer dizer com isso?

– Que o mar nunca fica mais escuro do que nessa época do ano. É como se a cor de todas as noites de inverno tivesse gotejado aqui, numa espécie de crisol. É por isso que temos as tempestades violentas no final do inverno, para que tudo possa se dissolver antes da primavera. Você não sabia disso?

Ele tinha me convidado para acompanhá-lo em uma curta caminhada ao longo de trilhas estreitas que se estendiam nas depressões mais protegidas da região ventosa, e que se destacavam por sombrios muros de pedra, limites atemporais das áreas rurais norueguesas, sempre um motivo de disputa com um ou outro, origem de centenas de casos na justiça envolvendo testamentos, milhares de discussões entre vizinhos.

Ele parecia gostar dessa quebra na rotina diária, e quando eu contei ao médico de plantão sobre o período que passei em Hjellestad alguns anos antes, eles permitiram que saíssemos das dependências sem uma autorização, acreditando que ele estava em boas mãos.

Sua semelhança com a irmã residia, principalmente, na cor do cabelo. Einar Litlabø tinha cabelo escuro, na altura dos ombros, com mechas grisalhas, como se a vida tivesse passado por ele rápido demais, e ele nunca tivesse tido tempo de ir ao barbeiro.

Seu rosto era magro, com vincos profundos que desciam das narinas

passando pelos dois lados da boca. A testa parecia permanentemente vincada, e a ansiedade que emanava dos olhos me dizia o motivo de ele estar lá.

– Bi... Birger? Você quer conversar sobre o Birger? Por quê?

– Você ainda mantém contato com ele?

– Com o Birger? Ah, não! Por muitas razões, agora. Isso foi quando éramos pequenos, muito antes que ele deixasse Stavanger.

– Mas naquela época você conhecia bem ele, não conhecia? Quando vocês dois eram moleques?

– É, é, conhecia! Éramos muito amigos, o Birger e eu. Muito amigos.

– Então você não se incomodava que os outros o chamassem de puto nazista?

– Deus do céu, puto nazista... Mas o Birger era legal. A gente descende de ciganos, na verdade... A Trude não lhe contou isso? Não, imagino que não. Não.

– Só troquei umas poucas palavras com ela.

– Isso é compreensível. Ciganos que se estabeleceram e putos nazistas, era tudo parecido.

– Você e sua irmã foram vítimas de *bullying* – ou eles *provocavam* vocês, como devia ser o nome disso na época?

– E todos os nossos outros irmãos e irmãs também. Nós éramos em seis, não, sete, mas uma delas morreu quando era pequena.

Tentei retomar o assunto.

– Quem era que provocava vocês na época? Você e o Birger Bjelland?

– Bom, na época ele não se chamava Bjelland, chamava? Era Birger Haugane... É, e quem você pensa que era? Todos os bonitões, os espertos, todos que tinham mãe e pai loiros, dentes bons e um monte de dinheiro no banco. Naquele tempo, nós não tínhamos nem cinco coroas na nossa conta, entende?

– Mas imagino que você tenha dado o troco?

– Dado o troco? Eles iam pra casa com o nariz sangrando, as roupas imundas, cada um deles. Mas quem é que levava a culpa? O que você acha? Eles ou nós? Quem é que era ameaçado com o reformatório se não se comportasse?

– Houve um chamado Roger...

Ele ficou mudo de repente, olhando o mar por sobre o muro de pedra mais próximo. Por um momento, foi como se seus olhos assumissem as cores do que estava vendo, um misto de cinza e branco, com um coração preto pulsante que subitamente batia rápido demais.

– Roger Hansen, não era isso?

Ele parou e apontou o mar.

– Está vendo... aquele navio ali? Quando ando por aqui, frequentemente penso que deveria estar a bordo de um navio como aquele, que navegasse pra longe e nunca mais voltasse. Mas o único problema é que a Terra é redonda, e se você for muito longe, de qualquer modo sempre acabará de volta ao lugar de onde partiu.

Acenei com a cabeça concordando, antes de acrescentar:

– E nossas vidas também são exatamente assim. Achamos que o tempo só se move em uma direção. No entanto, não é apenas o senil que volta à infância. Todos nós temos que fazer isso em alguma fase da vida, Einar.

Ele ficou ali, parecendo pensativo, como se estivesse em algum outro lugar, em um tempo completamente diferente do presente.

– Ele se afogou, não foi? – perguntei baixinho.

– O quê... – Ele deu meia-volta para me encarar. – Por que você veio aqui, Veum? Em nome de quem? O que você quer?

– Você tem algum filho, Einar?

– Se eu tenho algum... – Seu olhar recomeçou a vagar. Baixou os olhos como se procurasse algo onde pousá-los. – Duas meninas e um menino. Dois casamentos. Ainda mantenho contato com o garoto. Não me deixam ver as meninas. Não até eu estar completamente...

– Nesse caso, vou lhe contar uma ou outra coisa sobre seu colega de infância e o tipo de negócios que eu acho que ele está por trás em Bergen.

Contei a ele sobre as garotas no Jimmy's e o tipo de atividades que elas eram recrutadas a fazer. Talvez eu tenha exagerado bastante, especialmente considerando-se o quanto eu estava certo de que Birger Bjelland era a força motriz atrás daquilo tudo, mas fez o maior efeito. Enquanto eu pouco a pouco ia contando para ele, seu olhar gradualmente se estabilizou, e seu rosto de alguma forma se tornou ainda mais vincado e quase emaciado.

– Poderia ter sido um de seus filhos, Einar; poderia ter sido... o meu.

Ele virou as costas para o mar e inspecionou a terra, como se houvesse mais esperança na base norueguesa.

– Acho que agora deveríamos voltar.

Pusemo-nos novamente a caminho.

– Quem contou a você sobre o Roger?

– Kathrine Haugane.

Ele me olhou rapidamente como que para ver se eu falava a sério.

– À maneira dela. – Tentei imitar sua voz:

– *Birger! Não faça isso! Roger! Ah, não...*

– Então ela... – Ele me olhou com os olhos escancarados. – Então ela também viu!

– Viu o quê, Einar?

Ele hesitou por mais alguns minutos. Então saiu, a princípio lentamente, como se precisasse reconstruir aquilo tudo, depois mais rápido, parte por parte, depois que ele pegou o ritmo.

– Nós tínhamos sete anos, estávamos no primeiro ano primário. Fui à casa de Birger para brincar com ele. Mas não havia ninguém em casa. Então fui em direção ao lago Mosvatnet. A gente brincava muitas vezes lá. Isso foi em janeiro, e tinha gelo na água. De repente eu vi os dois, Roger e ele, lá longe. Então, de repente, alguma coisa aconteceu. Acho que eles começaram a brigar. De qualquer modo, Birger empurrou Roger com tanta força, que ele... caiu assim, pra frente, e então... Então o gelo se quebrou e ele caiu lá dentro.

Ele engoliu com esforço. Mas dessa vez eu não ajudei. Essa era uma história que por enquanto ele tinha que contar à sua maneira.

– Eu... Roger voltou à tona de novo, abanando os braços, mas Birger simplesmente virou as costas pra ele e fugiu. No começo eu achei que talvez ele tivesse ido buscar um desses ganchos de salvamento que haviam sido colocados em volta do lago, mas depois... ele simplesmente sumiu, fugiu pra casa, eu acho. E Roger também. Também sumiu, é o que estou dizendo. Não tornou a aparecer. – Ele evitou olhar nos meus olhos, com a expressão de alguém que pede desculpas. – Nós éramos tão crianças, entende?! Tudo aconteceu tão rápido. Em um minuto já tinha acontecido. No minuto seguinte, tudo estava calmo de novo. Só um buraco no gelo. Como se nada tivesse...

– Então você também não disse nada a ninguém?

– Não, eu... Quando a polícia começou a procurar por ele, naquele dia, mais tarde, havia outras pessoas que o tinham visto a caminho do lago Mosvatnet, e quando a polícia descobriu o buraco no gelo... logo encontraram ele. E depois, também não foram feitas muitas perguntas. Afinal de contas, era só uma criança! Apenas um acidente! – Pensativo, ele acrescentou:

– Mas o fato de que a senhora Haugane também... Por que raios você acha que *ela* não fez nada?

Dei de ombros.

– Quem é que pode dizer, depois de tantos anos? Ela tinha experiência em primeira mão de como era ser um pária, perseguida como um cachorro. Talvez ela tivesse reconhecido seus próprios atormentadores naqueles que atormentavam seu filho. Porque o Roger era um dos que costumavam provocá-lo?

– Um dos piores. Não dá pra negar.

Olhei para ele com o canto do olho.

– E você tem carregado isso com você todos esses anos?

A dor estava estampada no seu rosto.

– Não só isso...

– Não só isso. Tem mais coisas? Envolvendo o Birger?

– É só uma teoria. Mas é assim que é, não é mesmo, a primeira vez é sempre a pior?

– Você quer dizer que ele... que houve *outros*?

À distância, podíamos ver a instituição para onde ele estava voltando parecendo uma escola no alto de uma colina.

– Falaram um tanto sobre isso nos jornais, quando aconteceu, mas nunca foi aberto um caso a respeito.

– Hã?

– Foi no ano em que ele fazia o serviço militar. Em Evjemoen. Um soldado foi morto por uma bala perdida, ou o nome que você quiser dar pra isso, quando o cano ficou bloqueado de neve e o rifle explodiu.

– E então?

– Bom, isso não é uma coisa que acontece todo dia. O cara que morreu fazia parte do mesmo grupo que costumava provocar ele na escola. Veja... – Ele abriu a mão esquerda e me mostrou uma cicatriz enviesada em sua palma.
– Ainda tenho uma cicatriz de sua faca portátil! E o Birger estava na mesma companhia dele.

– Você está querendo dizer que foi *ele* quem bloqueou o cano?

Ele fez um aceno com a cabeça:

– Talvez.

– Qual era o nome do soldado?

– Ragn... Ragnar Hillevåg.

– E quando foi que isso aconteceu, mais ou menos?

– Você pode descobrir no jornal, mas... cumpri o serviço militar em 1964. Acho que foi no ano seguinte.

– Mas isso é só uma suposição, certo? Isso nunca foi mencionado mais tarde?

– Bom, muitos anos depois, num bar da cidade, conversei com um dos que estiveram no acampamento na mesma época. E ele disse que o clima era muito tenso entre todos os recrutas de Stavanger que estavam no treinamento básico, porque o Hillevåg ficava remexendo velhas feridas.

– Então não era só com o Birger?

– Certo, mas... Só o Birger já tinha matado alguém! Eu digo e vi!

A essa altura estávamos de volta. Ele olhou as luzes da sala de recreação como se lamentasse nosso passeio, e agora sua única intenção fosse ficar em frente à TV e se esquecer de tudo.

– Você não precisa mais carregar essa carga sozinho, Einar – eu disse, confortando-o. – Como você mesmo disse, vocês eram apenas crianças. Kathrine Haugane não deveria ter agido como agiu. Mas o que não se faz pelos filhos?

Ele concordou.

– As crianças são nossa inscrição na parede, Veum.

Comecei:

– A inscrição na... Em que sentido? A inscrição na parede significa um sinal, um *alerta*.

– E é exatamente isso que nossos filhos são. Se eles saem dos trilhos, o mesmo acontece com a gente. E não estou dizendo que quando as coisas dão errado, a culpa é nossa. Pode muito bem ser que – ah! – a sociedade, ou a época, ou simplesmente alguma coisa na estrutura deles, uma tendência que herdaram de muito longe...

– Os pecados dos antepassados?

– Não sei. Tudo o que sei é que quando as coisas dão errado com aqueles que estão começando a vida, então tudo o mais vai pelo mesmo caminho. *Pesado foste na balança e foste achado em falta*, hein, Veum? Pesado na balança e achado em falta, cada um de nós.

Quarenta

Telefonei para Vidar Waagenes do Aeroporto Sola, em Stavanger. Ele estava em reunião, mas sua secretária tinha um recado para mim: *Quinta-feira, ao meio-dia, na sede da polícia.*

Enquanto esperava pelo primeiro avião noturno, comi um cozido morno no *self-service*, tomei uma xícara de café, e folheei um exemplar amarfanhado de um dos jornais matutinos, onde as notícias do dia anterior eram igualmente mornas.

Os acontecimentos do dia tinham aniquilado qualquer pensamento em relação a que data era aquela. Mas agora, como eu estava prestes a ir para casa, aquilo me voltou feito um bumerangue; com tanta força que até mesmo no saguão das partidas comecei a olhar em volta para ver se havia pessoas que eu conhecia. Não vi nenhuma.

O avião para Bergen estava cheio. Ao meu lado sentou-se um homem na faixa dos 30, com óculos de leitura sem aros, e uma pasta. Dava a impressão de que planejava verificar a contabilidade anual na mera meia hora em que estávamos no ar, e não me dirigiu o olhar uma única vez.

Também ninguém mais detonou nenhum sinal de alarme, e a única turbulência que tivemos antes do Aeroporto Flesland, de Bergen, foi a forte rajada de vento do lado do porto, pouco antes de aterrissarmos.

Eu estava no meio da fila para sair do avião. Ao descer as escadas para o saguão de chegadas, dei uma olhada em toda a área enquanto ainda tinha uma visão geral do espaço. Não havia ninguém à minha espera, nem alguém que julgasse reconhecer.

Como eu só tinha bagagem de mão, fui rapidamente para a saída. E não estava sozinho. A maioria de nós carregava pouco mais do que uma pasta.

Lá fora estava escuro, com um vento cortante, bem mais frio do que Stavanger. Além de mim, várias pessoas haviam deixado o carro no estacionamento de longo prazo. De certa maneira, era confortável ter companhia. Mas por outro lado... quem eram todos eles?

Encontrei o carro e dei uma rápida olhada para verificar as fechaduras e as janelas. Depois, abri a porta do lado do motorista, tirei o raspador de gelo, raspei uma fina camada do para-brisa e entrei. Enfiei a chave na partida e girei.

O Corolla pegou perfeitamente, exatamente como havia feito em todos os anos que fora meu.

Olhei para ambos os lados antes de sair lentamente.

Descendo a saída do aeroporto, mantive uma vigilância constante atrás. Se houvesse alguma motocicleta pela rua naquela noite, com certeza elas não estavam à vista, e se ele tivesse se transferido para um carro, eu não tinha ideia de qual seria.

O rádio não estava bem sintonizado e toquei o botão de sintonia. Uma estação emitiu um aviso sobre as ruas cobertas de gelo em Bergen e nas regiões vizinhas, aconselhando as pessoas a guiarem com cautela, e na velocidade adequada à situação. Enquadrei-me imediatamente, para grande irritação dos motoristas que vinham atrás. Mas também era pouco provável que algum deles tivesse recebido seu próprio anúncio fúnebre pelo correio.

Em vez de pegar a via expressa, peguei a saída para Nesttun e entrei na cidade pela Fanaveien. Entre Nesttun e Paradis, fiquei preso logo atrás de uma grande van azul-escura. Ao longo das pistas ao redor do lago Tveitevannet, as pessoas já estavam fazendo sua rotineira caminhada noturna. Saí pela Hagerupsvei em direção a Landås.

Eram 7h45 da noite quando entrei na Fløenbakken. Contei as lombadas na descida da ladeira, olhando para ambos os lados o tempo todo. No estacionamento em frente ao prédio de Karin, só havia espaço para mais um carro, mas era bem apertado.

Não tenho ideia de onde veio aquele monstro destruidor. Eu estava exatamente em vias de me contorcer para fora do carro, quando ele passou pesadamente sobre a lombada mais próxima com um rugido do motor alto o suficiente para deixar qualquer um nervoso. Desviou-se violentamente para a esquerda antes que os freios fossem acionados com um rangido que reverberou pelos meus ossos. Olhei para o banco do motorista. Lá em cima, atrás da direção, como um *deus ex machina*, vislumbrei um capacete de moto brilhante e preto.

Fechei a porta numa tentativa desesperada de sair, dando a volta no carro. Quando ele alcançou o alvo, minha mão ainda estava na maçaneta.

Houve uma batida ensurdecadora, e fui percorrido por uma espécie de tremor. Enquanto o carro era catapultado para frente através da cerca e para cima no espaço, eu ainda não conseguia entender exatamente o que tinha acontecido. A porta do carro foi arrancada, enquanto meus dedos ainda estavam agarrados à maçaneta, e me desloquei num amplo arco em direção aos espinhosos arbustos Berberis, que cercavam toda a área do estacionamento. Instintivamente, tentei me proteger com a porta, como se fizesse uma aterrissagem forçada com um tapete voador. Pedacos de carro choveram à minha volta.

Quarenta e um

Vieram sons de todos os lados.

Uma mulher gritava histericamente de uma das janelas acima. Um homem soltou um rugido agudo de raiva. Um cão uivou, e ouvi passos correndo de várias direções. Em algum lugar perto, ouvi uma motocicleta sendo acelerada e gradualmente desaparecendo. Depois, à distância, o som de sirenes.

Havia um cheiro forte de borracha queimada, óleo e petróleo.

Uma voz gritou:

– Oi? Tem alguém aí?

Estiquei a cabeça acima dos arbustos, ainda segurando a maçaneta da porta do carro. Por um instante houve um silêncio mortal à minha volta.

Então, Karin emergiu da multidão escura, correndo em minha direção.

– Varg! Você se machucou?

– Não, eu... – Além de uma sensibilidade entre o cotovelo e o ombro, e a sensação de que alguém tinha usado um ralador no meu rosto, eu me sentia surpreendentemente bem. Mas ao balançar a cabeça para dizer que estava tudo ok, ressoou um eco que eu nunca tinha ouvido antes, e com ele dores lancinantes, tão agudas e intensas quanto tinha acabado de soar a minha voz. Inclinei-me para a frente e cobri a boca, tomado por súbita náusea.

– Hei, você – gritou a mesma voz de homem de antes. – Era você que estava guiando aquele caminhão?

– Nã... não – murmurei.

– Não! – gritou Karin, falando por mim.

– Bom, então quem diabos era?

Agora as sirenes tinham alcançado Fløenbakken. Endireitei-me com esforço, e pela primeira vez dei uma boa olhada em torno.

Parecia que uma bomba tinha caído no lugar.

A mulher do vigário de Fana jamais reconheceria seu Toyota agora. Não

era preciso muita imaginação para ver que eles estavam muito bravos, assim como estavam os donos dos dois carros no meio dos quais eu havia estacionado.

É verdade que um deles só tinha uma parte da traseira arrancada, mas eu duvidava que algum dia voltariam a usá-lo. Os outros dois pareciam mais acordeões do que carros, e a batida tinha reduzido o meu a uma bola, agora de ponta-cabeça no meio dos arbustos, a pouco menos de um metro de onde eu mesmo tinha aterrissado. O carro ao lado dele também não estava bonito de se olhar. As portas, os faróis, e o que havia sobrado dos para-choques estavam espalhados por todo canto.

O demolidor se sobressaía imenso sobre toda a cena. A porta do motorista pendia como uma orelha arrancada, mas não havia dúvida sobre quem havia saído vitorioso daquela colisão.

– Veum... é você?

– Sim...

Reconheci os dois policiais de antes. Ristesund e Bolstad eram do tipo que dá para conversar. Os dois vinham do oeste da Noruega, e os dois usavam bigode. O de Bolstad era avermelhado, e o de Ristesund, preto.

– Tem alguma ideia do que aconteceu? – perguntou Bolstad.

Fiz um gesto vago com a mão.

– Alguém tomado de fúria assassina com um caminhão articulado.

Ristesund olhou o assento do motorista do caminhão.

– Não tem dúvida que ele estava com uma fúria assassina. E daí? Simplesmente desapareceu no vazio?

– Eu não estava – exatamente – lúcido...

– Você não está vendo que ele está machucado? – perguntou Karin, irritada.

Bolstad sacou seu bloco de anotações.

– Então você viu o que aconteceu?

– Não. Acontece que moro aqui!

– Algum desses carros é seu, Veum? – perguntou Ristesund.

– Aquele – murmurei. – O que restou dele.

Ele deu uma risadinha.

– Espero que você tenha seguro.

– Seguro total. Será que cobre?

– Eles estavam atrás de você? – perguntou Bolstad.

Olhei em volta e disse baixinho:

– Eu abaixaria o tom de voz se fosse vocês, com todos esses donos de carro aqui por perto.

– E?

– Procurei o Muus há uns dias, pra contar a ele sobre uma ameaça que recebi pelo correio. Pode-se dizer que acabei de receber outra, e desta vez pra me atingir pra valer!

– Tem alguma ideia de quem possa estar por trás disso?

Fiz um gesto vago.

– Não mais do que da outra vez.

Percebi que Karin estava me encarando. Baixei os olhos. Ela me conhecia mais do que Ristesund e Bolstad.

– E você não viu quem fez isso? Quem era?

– Deus do céu, não. Tudo aconteceu muito rápido. Eu tinha acabado de descer do carro, e pá! Se eu ainda estivesse no carro, agora não teria sobrado nem um fiapo meu.

– Nada que possa ajudar a identificá-lo?

– Ele estava de capacete.

– Capacete?

– E... enquanto eu estava lá todo esticado nos arbustos, ouvi alguém ligando uma moto.

Bolstad foi até o carro de polícia.

– Vou fazer uma chamada para que os outros carros fiquem de olho num motoqueiro. E também para darem uma checada no número da placa desta... coisa.

Considerando o frio, a maioria dos vizinhos já tinha satisfeito sua curiosidade. Os únicos que restaram foram os dois infelizes proprietários dos carros e uma mulher, que deduzi ser casada com um deles. Ficaram ali,

sacudindo a cabeça, enquanto conversavam baixinho, de tempos em tempos olhando com ares de reprovação para mim e Karin.

Bolstad voltou.

– O caminhão articulado pertence a uma empresa em Åsane. Eles estão telefonando para o patrão, agora, para descobrir se foi roubado.

Ristesund olhou para mim.

– Acho que você deveria dar um pulo no Pronto Atendimento, não acha?

– É, deveria – disse Karin rapidamente.

Bolstad concordou.

– Podemos chamar um táxi. Infelizmente, ainda temos que continuar aqui mais um tempo. Se você se lembrar de mais alguma coisa, não se esqueça de procurar a gente.

– Não, eu... De qualquer maneira, amanhã de manhã eu tenho um compromisso na central. Daí a gente pode conversar sobre isso.

– Você vai telefonar agora? – perguntou Karin num tom preocupado. Não toquei no assunto, mas me pareceu ouvir o que ela disse duas vezes, como um eco.

No Pronto Atendimento, eles acharam que me saí surpreendentemente bem. O braço não estava quebrado, e quanto à minha cabeça, era um pouco mais do que uma ligeira concussão. Se eu não abusasse durante uma semana, os sintomas desapareceriam.

Não fiz nem que sim, nem que não com a cabeça, porque doía fazer qualquer uma das duas coisas. Também evitei os olhos de Karin.

Uma semana – pelos meus cálculos, era uma eternidade. Em todo caso, eu tinha um compromisso: *Quinta-feira, duas da tarde, na central da polícia.*

Eles cuidaram dos cortes no meu rosto feitos pelos galhos e espinhos, e me devolveram para o mundo sem maiores conselhos.

Enquanto esperávamos pelo táxi de volta, eu disse:

– Acho que vou voltar pra minha casa esta noite, Karin.

– Mas por quê?

– Tenho a sensação de que seus vizinhos não vão ficar muito satisfeitos em tornar a me ver.

– Não acho que você deveria tomar aquela...

– Além disso, não quero expor você a nenhum perigo.

O táxi chegou.

– Vou com você – ela disse.

A ida de táxi para casa foi o suficiente para me deixar novamente enjoado. A porta de entrada lá embaixo estava trancada. Estava tudo escuro no apartamento da viúva no andar térreo.

Quando cheguei lá em cima, abri a porta com todo o cuidado, e dei uma boa olhada antes de entrar. Mas não havia nenhum caminhão na cozinha, pronto para entrar em ação assim que eu aparecesse.

Enquanto nos sentávamos no meu velho sofá – comprado numa liquidação em 1974 –, cada um com uma xícara na mão, ela me olhou preocupada.

– Você parece furioso, Varg.

Fechei o punho.

– Eu estou furioso.

– Por causa do que aconteceu hoje?

– Isso também... Mas principalmente por causa do que acontece com meninas como a Torild Skagestøl... Merda, tem uma rede muito maior de clientes suspeitos lá fora, do que pessoas tentando ajudar, pelo amor de Deus. O pessoal de hotéis, médicos, taxistas, cafetões; e caras como Birger Bjelland, nosso Pôncio Pilatos de Stavanger!

– Você descobriu alguma coisa lá?

– É, na verdade descobri. Desta vez eu pego ele, Karin!

– Mas não antes de uma semana!

– Em todo caso, não antes de amanhã...

Ela me olhou com reprovação:

– Varg...

Cobri a boca dela com a mão. Nossos olhos se encontraram. Então,

aproximei meu rosto do dela, pus as mãos dos dois lados da sua cabeça, e a segurei com firmeza. Eu tinha 50 anos, ela era alguns anos mais nova. Não havia nenhuma paisagem que me desse tanta paz ao caminhar quanto ela.

Como és formosa, meu amor... Teus lábios são como uma fita escarlate... Tuas faces são como uma romã... Teus seios são como dois jovens gamos gêmeos, que pastam em meio aos lírios... Antes de o dia raiar e de as sombras se dissiparem, irei à montanha de mirra e à colina de incenso... Tu és toda formosa, meu amor, não existe mácula em ti...

Mais tarde, quando ela tinha adormecido, mais uma vez fiquei deitado ouvindo o som de sua respiração, mas eu mesmo não consegui dormir.

O sono é o prelúdio da morte. Se você ficar tempo demais na cama, é impossível imaginar o que pode acontecer.

Quarenta e dois

Acordei e a vi em pé ao lado da cama.

Sua voz soava como se estivesse num aquário:

– Varg? Como está se sentindo?

– Como Jonas na barriga da baleia. Já chegamos lá?

– Você estava dormindo tão bem que fiquei com pena de acordá-lo. Mas agora eu tenho que ir.

– Você já tomou café?

Ela fez que sim.

– Você vai com calma hoje, não vai? Promete?

– Vou tentar não me agitar demais. Vou fazer movimentos lentos e inspirar e expirar profundamente. Não posso prometer mais do que isso, não posso jurar, até que o caso esteja completamente encerrado.

Ela suspirou.

– Bom, eu devia estar acostumada com crianças problemas, não devia? Então...

Sorri para ela, tentando acalmá-la.

– Você está terrivelmente pálido.

Eu me sentia pálido também, e mal ela saiu e fechou a porta, eu já estava no armário da cozinha procurando o comprido para dor de cabeça mais forte que pudesse encontrar. E não deixei nenhum lá. Por segurança, pus o vidro todo no bolso e saí.

Não havia ninguém me esperando lá fora. A neve caía leve de um céu opressivo, e estava frio o bastante para que ela se estendesse como uma mortalha sobre os telhados.

Abri a caixa de correio e levei a correspondência comigo, para o escritório, sem olhar para ela.

Ao entrar no escritório, olhei para a secretária eletrônica. Nenhuma mensagem. Então, remexi a correspondência. Nada de interesse.

Como um pós-choque, comecei a perceber que o silêncio é que era a coisa mais ameaçadora. Era como se... Como se eu já não existisse, como se eu já estivesse...

Morto.

Então, chamei a companhia de seguros e contei a eles o que tinha acontecido com o meu carro. Eles não ficaram nem um pouco satisfeitos. Mas, de acordo com o contrato, é lógico que era justo que eu tivesse um carro alugado, *desde que* eu precisasse dele para trabalhar. Eu precisava, e eles me disseram com que locadora eu deveria falar. Depois de desligar, tive certeza de que eles imediatamente acrescentaram meu nome aos clientes da lista negra. Pelo menos, dificilmente estenderiam um tapete vermelho na próxima vez que eu aparecesse.

Tranquei cuidadosamente a porta ao sair.

O carro alugado era um Opel, e eu não estava em condições de ajustar meu modo de dirigir num piscar de olhos. Rodei, então, aos trancos por Nøstet e pela ponte Pudderfjord, antes de ir gradualmente pegando o jeito dos novos pedais.

A Digi-Data era uma das empresas em uma cooperativa instalada em uma fábrica restaurada em Laksevågssiden. A recepcionista lançou uma olhada discreta aos cortes e arranhões do meu rosto, e perguntou se eu sabia qual era o escritório de Ole Hopsland. Não, respondi, e ela me acompanhou até a sala dele, segurando a porta para eu entrar.

Um homem jovem, de cabelo claro, rosto pálido e grandes óculos redondos, olhou distraído para nós, quando entramos. Agradei à recepcionista por sua ajuda, e verifiquei que ela já estava voltando para a recepção, antes de me apresentar.

– Sou Veum. Varg Veum, e não finja que nunca ouviu este nome antes.

Ele ficou cor de beterraba e seus olhos começaram a vagar em torno. Antes de responder, ele os fixou em um ponto no peito da minha camisa.

– O qu... que você quer?

– Até a melhor brincadeira pode ir longe demais, certo?

– Se... sei lá.

– Ah, sabe sim. E se você insistir, podemos chamar a polícia e pedir que mandem alguém com um *know-how* adequado, pra desmontar seu computador, e dar uma viajada de graça pelo seu HD, pra ver o que encontram, certo?

– Nã... não é preciso.

– Não? Ótimo. Então, bota pra fora rapidinho.

Ele deu uma olhadela furtiva no meu rosto, longa o suficiente para ver os cortes e hematomas, e a expressão de fúria contida nos meus olhos, antes de voltar os olhos rapidamente para baixo.

– Nã... não tem nada pra contar.

– Ah, não? Ok. Vou repetir o que acabei de dizer. Posso chamar a polícia e...

– Ok, ok, ok, já entendi. Foi só o velho que... Ele disse que queria passar um trote em você.

– Em mim?

– É.

– Ele lhe disse quem eu era?

Ele deu de ombros:

– Ele disse que era um velho amigo

– Quer dizer que ele tem o costume de mandar avisos fúnebres pros velhos amigos, é isso?

– Era só uma brin... brincadeira.

– É. Quase morri de tanto rir. Será que era essa a ideia?

Ele desviou os olhos sem responder.

– Seu pai ainda dirige moto?

– Dirige, ele... Por quê?

– Ah, só imaginei... Faz muito tempo que não o vejo. Talvez eu devesse fazer uma visita antes do enterro, se é que me entende...

Ele olhou para o seu monitor como se pudesse rastejar para dentro dele e

se esconder.

– Você nunca cumpriu pena, então?

Ele não respondeu, mas se mexeu inquieto.

– Isso logo vai mudar, se eu receber outra correspondência como aquela. Entendeu?

Ele assentiu.

– E se vir o seu pai, não diga que eu mandei lembranças. Vou entregá-las pessoalmente.

Quarenta e três

A sala de espera do doutor Evensen estava com a metade de sua lotação preenchida, mas não havia garotas entre os clientes. A secretária dele me olhou cética, pelo postigo de sua sala. Quando fui até lá, ela correu a abertura para o lado e esperou ansiosa. Era uma mulher na faixa dos 40, com cabelo castanho escuro e o olhar vítreo de quem usa lentes de contato.

- O doutor Evensen está?
- Está, mas não estamos aceitando novos pacientes.
- Só queria dar uma palavrinha com ele.

Ela olhou em direção aos outros clientes que se achavam à espera.

- Como o senhor vê, tem muita gente esperando pra vê-lo.
- Ligue para o doutor Evensen, e diga que é sobre Torild Skagestøl.
- Torild Skage...
- Parece familiar?

Ela apertou algumas teclas e olhou a tela.

- Ela não é nossa paciente.
- Astrid Nikolaisen, então?
- Também não. Do que se trata?

Inclinei-me sobre a abertura e baixe a voz:

– Pode dizer ao doutor Evensen que um homem chamado Varg Veum está aqui, e que ele gostaria de conversar com ele sobre Torild Skagestøl, Astrid Nikolaisen, e todas as outras. E se ele achar que é melhor não conversar comigo, diga a ele que, nesse caso, vou voltar com a polícia.

Ela me olhou assustada, antes de fechar a janelinha a poucos centímetros do meu nariz. Levantou o fone, apertou um número, e depois de um momento de espera, começou a falar.

Ao terminar, parecia que tinha levado uma bronca. Abriu apenas uma

fresta do postigo para me dizer que o doutor Evensen me receberia assim que tivesse terminado com a paciente em consulta.

As outras pessoas na sala de espera, que tinham acompanhado o episódio com uma curiosidade mais ou menos disfarçada, me olharam irritadas. Uma senhora mais velha levantou-se e foi bater no vidro da janelinha. Quando ele foi aberto, ela vociferou:

– O que está acontecendo? Já estou esperando há mais de uma hora!

– Eu sei, sinto muito – disse a recepcionista com evidentes sinais de tensão. – Mas houve um... Infelizmente estamos com um pouco de atraso, e alguns... casos têm que ser atendidos antes! Espero que a senhora entenda...

– Ora! Alguns casos! – Ao voltar para sua cadeira, a senhora me olhou de alto a baixo. – O senhor é um político, imagino? Eles sempre vêm em primeiro na fila, não é? – ela disse para os outros com um olhar que sugeria estar esperando uma salva de palmas. Mas tudo que conseguiu foi o farfalhar nervoso de uma revista e um ou dois acenos de aprovação.

Não muito depois disso, um senhor mais velho, com um nariz surpreendentemente vermelho, e a camisa aberta no pescoço, saiu do consultório. A recepcionista abriu o postigo e me fez um sinal:

– Sua vez.

Considerando os olhares que me seguiram, podia ser que logo eu também precisasse de um médico. Mas nesse caso, eu iria a outro. A única coisa que parecia possível o doutor Evensen prescrever para mim era uma passagem de ida para a casa funerária mais próxima.

Ele sentou-se atrás de sua mesa, o rosto quase tão expressivo quanto uma cabeça de bacalhau de cabeça para baixo no cais de peixes. Era mais ou menos da minha idade, talvez dois ou três anos mais velho, mas com muito mais cabelos grisalhos, finos, e penteados para trás. Usava um jaleco de médico com um estetoscópio apontando em um dos bolsos. Seus óculos eram de um modelo antigo, com aros marrom-escuros, quase pretos. Tinha os lábios finos e uma expressão fria. O único indício de nervosismo era a maneira como batucava, silenciosamente, os dedos na mesa.

– Não entendi o nome – ele disse, repetindo levemente, como se estivesse mareado.

– Veum – respondi, ainda parado junto à porta.

– E o que é que você quer?

– Quero discutir uma coisa chamada “a lista segura”, e algumas garotas, uma chamada...

– E com que autoridade você está aqui?

– Com a maior autoridade do mundo – eu disse. – Com a autoridade de todos que têm filhos!

Ele me olhou taciturno. Depois, fez um aceno de cabeça em direção à cadeira, como se eu fosse um paciente a quem ele tivesse que dar uma sentença de morte certa.

Sentei-me.

– Acho que sabe do que estamos falando. Não tem sentido ficar enrolando. Torild Skagestøl está morta, uma das outras meninas entregou o jogo. A única coisa que poderia ajudá-lo agora, depois que a polícia começou a agir, é o que quer que Birger Bjelland tenha contra você.

Ele não demonstrou a mínima reação ao nome. Seu olhar continuou tão morto e vítreo quanto antes. Então, levantou o fone e teclou um número de oito dígitos.

Ouvi debilmente atender uma voz feminina.

– Aqui é o doutor Evensen. Ele está? É sim. Obrigado.

Ele olhou para a janela. Ainda nevava. O ruído do trânsito vindo da Strandgaten soava estranhamente abafado. Fiquei pensando se seria por causa da neve, ou se ele teria janelas particularmente bem isoladas.

– É... Estou com um camarada aqui chamado Veum. Ele...

Dessa vez, era a voz de um homem, e não parecia muito satisfeita. Notei que algumas gotas de suor apareceram na testa do doutor Evensen.

– O quê? Ele está sentado... Ele afirma que sabe de tudo. Ele até disse... é. Não. Entendo. Vou contar com isso, então. Até lá... – A ligação foi cortada com um estalido do outro lado.

Então ele tornou a me olhar.

– Não tenho nada a dizer. Se a polícia vier, vou insistir pra que meu advogado esteja presente.

– Talvez seu advogado também devesse ter estado presente quando você estava examinando aquelas meninas à noite.

– Já disse que não vou dizer nada.

– Você já disse mais do que o suficiente. Aquela conversa ao telefone... *a lista segura!* – Inclinei-me para frente de modo tão abrupto que uma dor aguda penetrou na minha cabeça como um pingente de gelo. – Ó meu Deus!

Ele me olhou sem a menor simpatia.

– Já esmaguei pessoas como você antes – eu disse –, Portanto não se sinta tão a salvo! Doutor? Não me faça rir! Se Hipócrates tivesse aparecido aqui, teria levado um susto e fugido. Você nunca parou pra pensar, nem por um segundo, que estava lidando com garotas... crianças? Que elas tinham pais preocupados com seu bem-estar?

Seu olhar de constrangimento indicou que era eu quem estava me fazendo de bobo.

– Acho que você deveria ir agora, Veum. Minha sala de espera está cheia de pacientes e...

– E seria ótimo se eu sáísse e contasse a eles que tipo de médico você realmente é, *doutor* Evensen!

– Se fizer isso, vai ter que se virar com o meu advogado, juro! Ficou claro?

– Eu também tenho um advogado, Evensen. Espere só até ver as manchetes dos jornais no dia que você for a julgamento. Pode ter certeza que não sou eu quem vai perder os clientes!

Seus olhos me seguiram até a porta como dedos frios e pegajosos no meu pescoço.

Sua secretária também não parecia muito agradável, e cruzar a sala de espera foi como esquiar pela Groenlândia numa ventania uivante em pleno inverno.

Enquanto eu passava pela indignada senhora de antes, olhei de lado e murmurei:

– Então posso contar com seu voto, não posso? Promete?

Quarenta e quatro

Encontrei Vidar Waagenes na delegacia de polícia.

– Que diabo aconteceu com você? – ele perguntou, fazendo um gesto para o meu rosto.

– Um acidente de carro.

– Sêrio?

– Principalmente pro carro.

Enquanto descíamos a escada para as celas de prisão preventiva, ele disse:

– Você foi recrutado *pro forma* para assistir a defesa em seu trabalho. Mas não estou pensando em lhe pagar nada, assim nós dois sabemos em que pé estamos.

– As coisas estão difíceis assim?

– Não se você conseguir alguma coisa que eu possa usar. Nesse caso, vou adorar conversar sobre isso. É justo?

– *D'accord.*

O sargento encarregado das celas de prisão preventiva verificou nossos documentos com cuidado, antes de permitir nossa entrada na cela onde Helge Hagavik lia uma revista popular masculina, voltada principalmente para caça, pesca, crime e mulheres nuas.

Helge Hagavik era maior e mais impressionante do que eu esperava. Seu cabelo era loiro claro, curto e cacheado, e a pele ainda tinha um resquício de cor do solário. Parecia ter uma boa estrutura: não era um fanático por musculação, mas também não era um corredor magrela de longa distância. Ao se levantar, vi que tinha pouco mais de um 1,80 m, com feições elegantes e regulares. Não era difícil entender que esse era o tipo por quem uma menina de 16 anos se apaixonaria.

– Oi, Helge! – disse Vidar Waagenes com um entusiasmo forçado. – Este é o Veum, que acha que tem alguma coisa a contribuir pro seu caso.

Hagavik me olhou desconfiado:

– Em que sentido, exatamente?

– Sou detetive particular. Fui contratado pra encontrar a Torild quando ela sumiu de casa.

Isso não aliviou nem um pouco a desconfiança dele.

– Com o que você poderia contribuir?

– Com alguns fatos que juntei durante a minha investigação.

– Podemos sentar? – sugeriu Waagenes. Ele tinha entrado com uma cadeira Windsor, que empurrou para mim, sentando-se no beliche ao lado de Hagavik.

– E que fatos são esses?

– Estamos todos de acordo que você conhecia Torild Skagestøl?

Ele olhou para seu advogado e concordou.

– Sim – murmurou.

– Onde você a conheceu?

Ele deu de ombros.

– Em algum canto da cidade, um bar ou uma discoteca. – Seus olhos se toldaram. – Não me lembro exatamente.

– Então, não foi no Jimmy's?

Ele mordeu o lábio de baixo, nervoso.

– Não, não foi lá.

– Mas vocês dois se encontraram lá depois?

– É, mas só porque trabalhei lá um tempinho.

– Fazendo o quê?

– Ah, limpando, lavando o chão, esvaziando as máquinas de jogo, essas coisas.

– Então você não está estudando?

– Não, parei.

– Quantos anos você tem?

– Dezoito.

– Pra que escola você foi?

– Colégio Sexta Forma. Cursando Marketing. Mas me enchi daquilo. Tinha muito dever de casa, e eu estava de saco cheio de escola.

– Então, como foi que você conseguiu esse trabalho no Jimmy's?

– Eu malho bastante. Levanto ferro, corro, pedalo, faço *windsurf*, esquio em montanhas, qualquer coisa que agite. Conheci o irmão do cara que toca o Jimmy's lá na academia...

– Kenneth?

Ele movimentou a cabeça lentamente, de um lado a outro, como se estivesse exercitando os músculos.

– É.

– Tudo isso já está resolvido, Veum – interrompeu Waagenes. – Helge admitiu que conhecia a Torild. E também que eles saíram juntos um tempinho. Mas daí a concluir que...

Eu o interrompi. – Saíram juntos um tempinho? Então tinha terminado?

Hagavik pareceu meio desconcertado.

– Tinha. Pelo menos da minha parte.

– Mas vocês dois foram vistos juntos na quinta-feira passada.

Ele piscou os dois olhos.

– Na última...

– É, na semana que ela sumiu! Você foi uma das últimas pessoas com quem ela foi vista. E foi você que... achou ela. A polícia não é estúpida, sabia? Não é à toa que você está aqui.

– Veum – Waagenes começou a dizer.

– Mas eu não matei a Torild...

– Não, eu também não acho que você matou. – Deixei minhas palavras penetrarem nos dois por um instante, antes de acrescentar:

– É por isso que é ainda mais importante que você diga a verdade! Você não entende isso? Por mais dolorosa ou difícil que seja.

– É... Eu nunca poderia ter matado ela...

– Não? Por quanto tempo vocês saíram juntos?

Ele balançou um pouco a cabeça.

– Uns dois meses.

– Quando?

– No outono passado.

– E vocês estavam *mesmo* saindo juntos? Você sabe o que eu quero dizer, não sabe? Você foi pra cama com ela?

Ele olhou para baixo.

– Ela disse que tinha dezesseis anos! Parecia mais velha!

– Em outras palavras, sim. E quando foi que acabou?

– Bom, não teve realmente um fim, desse jeito. – De repente, ele olhou diretamente para mim. Com um sorriso ligeiramente petulante, falou:

– Não acredito numa grande história de amor. Eu tinha outras além dela.

– Outras garotas? Da mesma idade?

Ele concordou, antes de acrescentar rapidamente:

– E mais velhas! A gente fica conhecendo elas na academia. Quarentonas com jeitão anorético que fazem aeróbica pra manter o físico. Basta olhar pra elas, que caem feito moscas.

Sorri comigo mesmo. Dizem que o caminho para o coração de um homem é pelo estômago. Mas o caminho para o coração de alguns homens é apelar para a sua vaidade. Eu tinha descoberto o calcanhar de Aquiles de Helge Hagavik. Agora, tudo que eu precisava era fazer um pouco de pressão.

– Então você teve várias?

– Nem dava pra contar!

Tentei parecer impressionado e invejoso. Na verdade, não era tão difícil.

– O que você achava da Torild?

Ele assumiu um ar de dono do mundo.

– Pra ela nada bastava. Bom, elas são assim nessa idade, né? Depois que você ensina pra elas. Mas ela não tinha muita experiência.

Contra a minha vontade, comecei a me sentir novamente irritado internamente. – Mas você não foi o primeiro com quem ela fez sexo?

Embora com certa relutância, ele foi forçado a admitir:

– Não, ela não era virgem.

– Ela disse alguma coisa sobre com quem ela havia estado antes?

– Ela falou alguma coisa sobre um garoto da classe. Aparentemente, não foi uma coisa de grande importância.

– Tenho certeza que não. Comparada com você.

Ele tornou a me olhar desconfiado. *Aonde eu queria chegar?*

– Mas voltemos ao dia em que ela desapareceu. Quinta-feira, 11 de fevereiro. Você se encontrou com ela no Jimmy's...

– É, mas a gente só sentou e conversou. Estavam ela e aquela amiga dela, Åsa...

– Você também traçou ela?

– Hã? A Åsa? Não, ela era um pouco... E, além disso, ela não me interessava. Não aceito tudo que está em oferta, percebe?

Inclinei-me ligeiramente para frente.

– Obviamente você sabe o que acontece no Jimmy's?

– Acontece?

– É, já que você trabalhou lá e tudo mais. A polícia sabe e mais um monte de gente. Os telefonemas do bar no Hotel Pastel. As garotas que são mandadas para programas. A Torild também estava envolvida nisso.

Ele fez uma expressão de desagrado para Vidar Waagenes.

– E?

– Tem uma coisa que eu gostaria que você soubesse, Helge. Se é que ainda não... Quem foi que você disse que dirigia o Jimmy's?

– Kalle...

– Mas ele não é o dono.

– Não... – Ele sentiu que agora o terreno estava menos firme.

– Qualquer um pode chamar o Cartório de Registro das Empresas, em Brønnøysund e descobrir em nome de quem ele está registrado, portanto você bem que poderia dizer também.

Seus olhos vagaram a esmo, mas ele não disse nada.

– Birger Bjelland, certo?

Vidar Waagentes olhou para seu cliente:

– Você sabia disso, não sabia, Helge?

– Sabia. Eu dei uma mãozinha pra eles algumas vezes. Eu tirei minha licença de motorista, não tirei?

– Um Ford Sierra. Segunda-mão.

– Apreendido pela polícia para perícia – disse Waagenes.

– Você está dizendo que era motorista do Bjelland?

– Dele também. Eu dirigia pra eles, quando iam jogar pôquer e outras coisas.

– Pro Bjelland e pra quem mais?

– Ah... Fred, Kenneth, Kalle...

Ele deu de ombros e me olhou com desconfiança.

– Ouça... Não, vamos começar por outro lado. Me conte como é que você encontrou a Torild.

Seu maxilar estalou.

– Já dei meu depoimento sobre isso umas cem vezes!

– E pra mim – disse Waagenes, mas eu percebi pelo seu olhar que ele queria ouvir novamente. – Mesmo assim, Helge, não vai doer você também contar ao Veum.

– Ok, então! – Seu olhar tornou a ficar distante. – Então... Eu estava fazendo *jogging* na quinta passada. Eu ainda moro com meus pais, e muitas vezes subo correndo em direção a Fanafjell pra me forçar um pouco em subidas íngremes.

– Parece razoável.

– Mas daí, pode ser que foi alguma coisa que eu comi, ou alguns comprimidos que não caíram bem, entende? Eu tomo uma boa quantidade de... produtos pra ficar sarado. Daí eu tive que... cagar. E eu não estava achando muito legal a ideia de me agachar ao lado da estrada, então desci à direita e lá no meio do mato, de repente, eu vi que tinha alguém deitado.

– Então você ficou espantado quando viu que era alguém que você conhecia?

– Espantado? Fiquei chocado. E na mesma hora percebi o que ia me fazer

parecer. Mas merda, eu disse...

– Literalmente.

– Também não dava pra eu *não* avisar a polícia.

Cocei o queixo.

– Mas você consegue perceber a situação em que se colocou, e eu não estou dizendo frente à polícia, mas em relação a Bjelland e companhia?

– Não, eu...

– Encontrando Torild Skagestøl do jeito que você encontrou significa que, através de você, toda a operação poderia ser exposta.

– Operação?

– E garanto pra você que aquele bando não trata os informantes com luvas de pelica.

– Informantes! Não sou dedo-duro!

– Ah, não? Mas dá pra dizer que se parece muito com isso! E posso garantir... Você não vai ficar a salvo em lugar nenhum. Eles têm seu pessoal, não aqui, talvez, mas quando você for pra prisão cumprir pena... Eles vão pegar você, Helge. Pode apostar!

Ele se voltou para Waagenes:

– Mas eu só *encontrei* ela!

Waagenes suspirou.

– É, esta tem sido a sua história o tempo todo, Helge. Mas se for verdade que você está intimamente ligado a eles... então o Veum tem razão. A única coisa que pode te ajudar é contar a verdade. Se você estiver mentindo, está simplesmente correndo perigo de ser sentenciado por alguma coisa que não fez. Você não percebe? A polícia tem pistas muito fortes, não dá pra negar.

– Você é meu advogado de defesa, não é?

– Sou, mas não estamos no tribunal agora, Helge. Qualquer advogado de defesa diria pro seu cliente que, quando estamos falando entre nós, você tem que pôr todas as cartas na mesa. Entende? É a única maneira de a gente poder te ajudar.

– Se o que você diz for verdade, não faz a menor diferença o que eu disse ou não. De qualquer modo, estou fodido.

– Mas você admitiu que foi chofer deles – eu disse rapidamente. – Então, por que não pode admitir que também fez isso naquela ocasião? Que levou o corpo da Torild até lá de carro, sozinho ou com mais alguém, e largou ela lá, e que mais tarde sua consciência começou a te incomodar... Você andou saindo com ela, ela devia significar *alguma* coisa pra você!... E foi por isso que você fingiu ter encontrado ela. Mas não foi você quem *matou* ela, foi?

Já vi pessoas desmoronarem antes. Isso segue um padrão bem regular. Depois que elas empacam na mesma mentira durante dias, até semanas, alguém finalmente descobre uma fissura no dique e bate com o martelo bem ali, então todo o castelo de cartas vem abaixo, e elas põem tudo para fora, muitas vezes quase numa necessidade de aliviar sua angústia.

A máscara de machão de Helge Hagavik esfarelou-se como argila. Chorou como uma criança, e Waagenes teve que abraçá-lo, fazendo o possível para confortá-lo. Em outras circunstâncias teria parecido cômico: o elegante e pequeno Vidar Waagenes, com seu cabelo escuro de moleque, os braços em torno da criança loira que despejava o que sobrara de seu bronzeado no peito do advogado.

Enquanto isso, permaneci imóvel na cadeira, com um gosto amargo na boca, como sempre acontece em tais ocasiões. Será que a vitória sempre tem um gosto amargo porque você sabe quantos destinos teve que esmagar para conquistá-la?

Quando ele, por fim, voltou a olhar para mim, tinha os olhos vermelhos, o rosto inchado de chorar. Parecia um garotinho de 6 anos, que tinha levado uma bronca por ter sido malcriado na escola.

– Então me diga – eu disse –, o que aconteceu com ela?

– Ela... Eu continuei no Jimmy's depois que ela... Fiquei no quarto dos fundos tomando café com o Kenneth e assistindo à TV. Estavam passando o *Eurosport*. Alguém telefonou. Tinha acontecido alguma coisa, será que a gente podia ir lá e dar uma ajeitada?

– Quem foi que você disse que telefonou?

– Não sei.

– E daí, o que aconteceu?

– Nós fomos e ela estava deitada ali.

– Torild?

Ele acenou com a cabeça, concordando.

– E ela estava morta?

– Estava! Estava morta. Sem a menor dúvida.

– Deve ter sido um choque terrível pra você.

Ele deu de ombros. – Bom, foi...

– Mas... E daí, não tinha mais ninguém no quarto?

– Não, só ela. Estava deitada na cama, nua, e nós – nós vimos na mesma hora, os olhos dela arregalados...

– Vocês dois descobriram o que tinha acontecido?

– Não. Alguns clientes podem ser um pouco brutos, entende? Kenneth disse que com certeza tinha sido alguém que tinha perdido completamente o controle.

– E... Mas quem pôs vocês pra dentro?

– No hotel? Kenneth tem uma chave-mestra.

– Kenneth? Então, que hotel era esse?

– O Pastel, é claro. O que você pensou?

– E em que dia foi isso?

– Quinta-feira! Bom, foi quando isso aconteceu.

– Então não foi na sexta?

– Sexta? Foi na *quinta*! Acredite em mim, eu *sei*!

– Ok. Então, como é que vocês dois se viraram?

Sua boca voltou a tremer.

– O Kenneth tinha um desses sacos de lixo. A pusemos dentro, e levamos até o carro. Colocamos ela no banco de trás e fomos embora. Conversamos bastante sobre o que fazer com ela, se devíamos jogar ela no mar ou... Mas daí resolvemos ir com ela até lá, até Fanafjell, e foi Kenneth quem teve a ideia de que devíamos gravar um símbolo satânico na pele dela, pra desviar a atenção das pessoas. De qualquer modo ela estava morta, pra ela não ia fazer a menor diferença!

– Então foi isso que vocês fizeram? – perguntei, surpreso de como a minha voz soava calma.

Ele assentiu.

– E depois?

– Bom, depois... Levei Kenneth até a cidade, antes de guiar de volta... Ah, é, fiz um retorno via Ulven e Lysekloster dessa vez...

– Preocupado de que, de repente, ela pudesse estar no acostamento pedindo carona, foi isso?

Vidar Waagenes me lançou um longo olhar penoso. – Helge... – Abriu sua pasta e tirou um envelope pardo. Depois, desdobrou um formulário, limpou a garganta discretamente, e olhou em volta de maneira um pouco ativa, antes de prosseguir. – Recebi uma cópia do relatório final do Instituto Médico Legal referente à *causa mortis*, incluindo o resultado de vários outros testes.

Fez uma pausa. Helge Hagavik ficou ali, olhando-o em silêncio. Vidar olhou para nós, passando de um para o outro, antes de continuar:

– Aqui diz que Torild Skagestøl foi morta por sufocamento, provavelmente por alguém que pressionou um travesseiro, ou algum objeto parecido, sobre o rosto dela. O símbolo satânico foi com certeza gravado no corpo dela depois que ela já estava morta, etc., etc. Não precisamos entrar em todos os detalhes. Mas tem uma coisa que você precisa estar ciente, Helge, segundo o que você contou pra gente hoje e antes.

Ele fez uma pausa antes de fixar os olhos em seu cliente, dizendo:

– De acordo com este relatório, Torild Skagestøl era HIV-positivo.

O rosto de Helge foi tomado por puro medo.

– HIV? Mas... mas ela estava na lista segura!

– Exatamente – eu disse –, a lista segura...

Quarenta e cinco

– Deixe-me contar pro Muus – disse Vidar Waagenes, enquanto voltávamos lá para cima –, que meu cliente está disposto a fazer uma confissão completa de cumplicidade depois que a vítima foi morta, mas que ele insiste não ter tido nada a ver com o assassinato.

– Acho que ele vai ficar eufórico... quero dizer, o Muus.

– Mas me diga, Veum, qual é aquele lance de sexta-feira?

– Sexta-feira foi o dia em que o juiz Brandt morreu num hotel no centro da cidade, depois de ter estado com uma garota. Foi uma pista falsa.

Ele parou na escada. – Talvez não.

– Não? Por que não?

Ele cutucou meu peito com o envelope pardo do Instituto Médico Legal. – Se o juiz Brandt tinha o hábito de sair com prostitutas... Se não estiver muito enganado, ele fez parte de uma viagem de intercâmbio para a África Central no ano passado. Uma iniciativa destinada a tentar promover nosso sistema legal ocidental.

– Você quer dizer que ele... Que estamos falando sobre uma fonte de infecção?

– Se não estiver muito enganado, as estatísticas escandinavas mostram que existe um índice consideravelmente alto de incidência de HIV-positivos entre os heterossexuais que fizeram sexo com prostitutas durante viagens à África, incluindo às regiões centrais.

– Então ele voltou com alguma coisa?

– Mas não faço realmente a menor ideia se isso tem alguma coisa a ver com *este* caso.

– Tudo ou nada, provavelmente.

Dankert esperava por nós na Delegacia de Crimes Contra a Pessoa com uma expressão furiosa.

– Então, que diabo vocês conseguiram desencavar? Você tem andado com más companhias, Waagenes? Ou melhor, até com as *piores* companhias?

– Veum me ajudou a fazer meu cliente falar. Ele está disposto a confessar, Muus.

Uma expressão de reconhecimento relutante espalhou-se pelo rosto normalmente duro do inspetor-chefe. – Não acredito!

– Mas não o assassinato em si – acrescentou rapidamente Vidar Waagenes. – Só uma cumplicidade posterior ao crime.

Seu entusiasmo desmoronou como um balão furado. Muus olhou o advogado com desconfiança.

– Isso significa que ele sabe quem matou, então?

– ‘Um cliente’, é o que ele alega.

– É? Mas nesse caso, existe alguém que saiba quem era esse cliente?

– É bem provável – interrompi. – Como você sabe, já fiz uma série de investigações em torno da Birger Bjelland & Cia.

– É? E?

– Se conseguirmos fazer com que Helge Hagavik repita o que ele acabou de nos contar, então tudo que precisamos é chamar Birger Bjelland para uma... como devemos colocar? Conversa? E talvez eu também possa acrescentar alguma coisa.

– Tal como?

Recapitulei a maior parte do que havia descoberto. Sobre os irmãos Persen e o Jimmy's como intermediário. Sobre o cara chamado Robert no bar do Hotel Pastel, e o que acontecia nos quartos dali. Sobre Astrid Nikolaisen e a lista segura. E finalmente, sobre o doutor Evensen, com quem recomendei que entrassem em contato o mais rápido possível, com ou sem um advogado presente. A única coisa que não mencionei foi o que descobri sobre o passado de Birger Bjelland em Stavanger. Aqueles casos há muito tinham passado da data de validade, e de qualquer modo, não era certeza que pudessem ser investigados no presente. Talvez fosse melhor mantê-los sob a manga, como evidência numa acusação formal.

– Com certeza tenho que reconhecer que você não perdeu tempo, Veum. E quanto ao... Ouvi que você sofreu um acidente? – Ele acenou para o meu rosto. – Você acha que tem relação com tudo isto?

– Só indiretamente, se tiver. Eu lhe falei sobre isso na última vez em que estive aqui. E lhe mostrei a correspondência que recebi. Agora, fiz o que dava na pessoa de Ole Hopsland, o filho do Canivete. Não posso provar que o Canivete estivesse na direção, é claro, mas suas impressões digitais são a primeira coisa que vocês deveriam checar. Se forem encontradas, vou ficar muito feliz em entregar a vocês a carta de ameaça, com o envelope e tudo mais, e prestar queixa na mesma hora.

– De qualquer modo, o caminhão foi roubado. Conseguimos chegar a isso.

– Quando foi isso?

– Alguma hora depois das cinco, ontem, de um depósito em Åsane.

– Alguma testemunha que tenha visto ele em Fløenbakken?

– Não, ainda não. Não que isso signifique necessariamente alguma coisa. Naquela hora do dia daria pra estacionar em Fløenbakken sem que ninguém notasse.

– Bom... Já dei o recado. Estou fazendo algumas investigações discretas relacionadas ao caso. Voltando a Birger Bjelland, outra coisa surgiu como resultado do relatório do Instituto Médico Legal.

Seus olhos se estreitaram, e ele olhou para Vidar Waagenes.

– Isso não é confidencial?

– Eu, hã, contratei Veum pra investigar algumas coisas pra mim. Em minha opinião, isso o capacita a examinar todos os documentos referentes ao caso.

– Pode ser que aqui a gente não concorde com isso.

– Não podemos esquecer isso, Muus? Eu *já* estou a par. Ouça. Digamos que o doutor Evensen tenha informado seus patrões que Torild Skagestøl era HIV-positivo, e digamos, cá entre nós, que eles são a Birger Bjelland & Cia. A consequência é que eles têm que se ver livres dela, o que eles fazem.

– Mas... Sem fingir que foi um cliente que fez isso, certo? Isso exporia todo o esquema?

– Quem alegou ter sido um cliente foi Helge Hagavik. Não se esqueça de onde ele a encontrou! Em Fanafjell, com um símbolo satânico talhado em suas costas. Eles fizeram o máximo para distrair a atenção da atividade em que estavam envolvidos. Foi Helge Hagavik quem desmoronou e, de um jeito quase comovente de tão ingênuo, fingiu ter “encontrado” ela enquanto fazia *jogging*! Eles não haviam contado com isso. Uma consciência culpada não

tem muito valor com esse bando.

– Então você mantém que eles se livraram dela porque ela era HIV-positivo?

– Só estou dizendo que existe uma possibilidade. Eles não poderiam deixar que ela continuasse, sendo uma fonte de infecção, dado o risco de exposição. Lembre-se de que agora não estamos falando de um negócio meia-boca de prostituição de rua, Muus. Estamos falando de um serviço de primeira classe com juízes e com certeza muitas outras figuras importantes na lista de clientes!

Ele concordou:

– Vamos dar uma palavrinha com esse médico. E se sentirmos que temos boas evidências, acho que convidaremos Birger Bjelland pra uma conversinha também. – Ele esfregou as mãos, animado. – Não posso dizer que não esteja ansioso por isso. Seria uma boa maneira de me despedir, tirando aquele imbecil de circulação!

– Se despedir? – perguntou Vidar Waagenes.

Apontei para o círculo vermelho no calendário de parede.

– O inspetor Muus vai se aposentar logo. Na próxima vez que viermos aqui, pode ser que ele nos sirva um pedaço do bolo de comemoração.

Quarenta e seis

Voltando ao escritório, telefonei para Laila Mongstad para contar o que tinha descoberto sobre Birger Bjelland. Mas ela estava ocupada com outro caso e não tinha tempo para conversar comigo.

– Ligo pra você à noite, Varg – ela disse rapidamente antes de desligar.

Então, fui até Nordre Skogveien, para o endereço que Harry Hopsland havia fornecido ao censo. O prédio onde ele vivia era baixo e bege, com portas pintadas de marrom. Encontrei seu nome em uma das caixas de correio. Foi o mais perto que cheguei.

Uma vizinha de meia-idade, com grandes bolsas sob os olhos e um cigarro nervoso no canto da boca, confirmou que um Hopsland havia se mudado para lá recentemente.

– Mas normalmente não ouvimos um pio dele. É quieto como um camundongo, salvo quando está regulando sua moto.

– Onde ela fica?

– Nos fundos.

– Não tinha nenhuma moto lá agora.

– Não? Então, ele saiu.

Minha dor de cabeça tinha voltado com violência. Fui para casa, tomei mais uma dose de analgésicos, liguei para Karin e disse a ela que ia me deitar, que ela não precisava se preocupar, e que eu pretendia ir com calma.

Estava escuro quando ela me telefonou me acordando.

Ao ouvir minha voz grave, disse:

– Ah, você ainda estava dormindo?

– Acho que sim. Que horas são?

– Dez da noite.

Mexi lentamente o pescoço, para ter certeza de que ele não estava totalmente travado.

- Devo ter dormido profundamente.
- Bom, tenho certeza de que fez bem pra você.

Depois de garantir que eu planejava continuar dormindo, ela me desejou boa-noite e desligou. Gradualmente, voltei a cair no sono, mas agora mais superficial, como se já não precisasse dele.

Laila Mongstad telefonou às 11 horas. Sua voz estava tensa:

- Varg? Você pode vir aqui? Preciso lhe mostrar uma coisa.
- Ir até o escritório?
- É. No fim das contas, não era Hallstein Grindheim.

Eu ainda estava me sentindo meio grogue, e meu braço começava a doer.

- Não era? Então quem era?
- Você vem?
- Vou, claro. Mas preciso de meia hora.
- Eu espero. Enquanto isso, posso... Até daqui a pouco.
- Tchau.

Tomei uma ducha rápida, vesti uma camisa limpa, fui até a Blekeveien e entrei no carro. Parei na subida ao lado das dependências do jornal, e virei a esquina para chegar à entrada principal. À porta, dei de cara com Sidsel Skagestøl, que estava de saída.

Dei passagem e ela levantou os olhos.

– Ah! – ela disse, levando um susto. – É você. – Continuou parada no meio do caminho.

- Como vão as coisas?

Ela olhou para outro lado.

- Bom... o Holger não está em casa, se é isso que você vai...
- Não, de fato não era. E você?

Parecia que ela sentia necessidade de explicar o motivo de estar lá.

– Tem tantas coisas que precisam ser vistas, e reconheço... Foi uma coisa em que eu pensei, mas ele já tinha ido embora, e eu não vou onde ele está morando.

- Por que não?

– E se tiver alguém lá?

– Uma mulher?

– É. – Ela olhou para a rua. – Bom, eu... – Ela acenou com a cabeça em direção à Sala de Concertos Grieg. – Meu carro está ali. Boa noite.

– Boa noite.

Fiquei ali por um tempo, esperando ela se afastar. Depois, entrei na recepção.

O recepcionista me olhou desconfiado. – O senhor tem hora marcada?

– Tenho. Com Laila Mongstad.

– Ok. Posso interfonar para ela e...

– Ela está me esperando.

– Sei, mas mesmo assim. Olhe. – Ele me estendeu um crachá de visitante, e eu o preendi, prestimoso, na lapela do meu paletó.

Ele ainda segurava o telefone. – Ela não está respondendo.

– Ela não foi embora, foi?

– Ah, não. Espere um pouco. Vou perguntar na Redação. – Ele ligou para outro número, enquanto me olhava com atenção. – Oi, aqui é da recepção. A Laila está aí? Não? Tem alguém aqui dizendo que tem uma hora marcada com ela. – Ele se virou para mim. – Qual é o seu nome? – perguntou.

– Veum.

– Veum. Ok. Tudo bem. – Ele colocou o fone no gancho e acenou para mim. – Furebø está vindo buscar você.

– Furebø.

– Ele disse que o conhecia. À noite, não deixamos as pessoas subirem para os escritórios sem estarem acompanhadas. Já tivemos problemas antes.

A porta do elevador se abriu e Trond Furebø apareceu.

– Veum... Eu acompanho você até lá em cima.

Entramos juntos no elevador, e ele apertou o botão do quarto andar.

– Lamento as formalidades, não temos outro jeito a não ser seguir as regras que foram impostas. – Ele olhou para a porta. – Imagino que não seja sobre a Torild?

– Não, não – respondi com delicadeza. – É sobre um assunto completamente diferente.

A porta abriu-se e saímos do elevador.

– Agora pode deixar que eu sei o caminho.

– Na verdade, eu queria mesmo falar com ela sobre um caso onde ela estava trabalhando hoje, mais cedo.

Ele caminhou comigo pelo corredor vazio.

Uma porta de escritório abriu-se, e um homem saiu com um impresso de computador na mão.

Trond Furebø diminuiu o passo.

– Holger! Que diabos? Você estava no escritório? Sidsel acabou de sair daqui perguntando por você, mas nós... Não conseguimos achar você...

Skagestøl desviou o olhar, constrangido.

– Eu não estava disposto a... Então eu... – Ele acenou em direção ao escritório vazio, de onde tinha acabado de sair. – O que você está fazendo aqui?

– Tenho uma hora marcada com a Laila Mongstad.

– Hã? Referente a...

– Ah... – eu disse, repetindo a afirmativa não totalmente precisa, de que se tratava de outro caso.

– Bom, acho melhor voltar ao trabalho. – Ele passou por nós em direção à escada para descer ao escritório principal da Redação. – Você vem, Trond?

– Vou. Só estou acompanhando o Veum...

Continuamos.

A porta automática fechou-se à nossa passagem. No amplo escritório de plano aberto, a maioria das mesas estava com a lâmpada apagada. Apenas uns poucos computadores continuavam funcionando.

Na mesa de Laila Mongstad, tanto a lâmpada quanto a tela estavam acesos.

– Laila? – chamou Trond Furebø. – Você está aí?

Não houve resposta.

Apressei o passo.

– Laila?

Ele a viu primeiro, e parou de repente, assustado.

– Laila? – repetiu pela terceira vez, como uma espécie de exorcismo.

Continuei andando, incapaz de parar até colocar meus dedos no lado do pescoço dela, para sentir sua pulsação.

Meu coração estava desembestado, e meus dedos estavam tão frios quanto gelo junto à pele dela.

Laila estava caída sobre a escrivaninha, numa posição esquisita e torcida, como se tentasse evitar tocar o teclado.

Olhei para a tela. Uma de suas mãos ainda estava pousada no teclado, pressionando uma das teclas, onde havia escrito uma última mensagem para o mundo:

[illegible]

Virei-me e olhei para Trond Furebø.

Ele ficou ali, olhando, as mãos pendentes, com uma expressão de profundo horror no rosto.

– Ela está, está...?

– Está. Acho melhor você chamar a polícia.

Quarenta e sete

Somente quando fiquei sozinho com ela é que processei o que tinha acontecido.

Fiquei ali com uma sensação de paralisia, impotência e raiva, como se lentamente fosse sendo invadido por uma água suja salobra, um líquido nojento e escuro do qual nunca me livraria.

Sua cabeça estava de lado, os óculos de leitura na mesa, olhos vítreos fixos, ainda mostrando uma expressão de incredulidade. Desse ângulo, dava para ver uma coroa levemente camuflada no alto da sua cabeça, na qual o cabelo crescia numa espécie de rodamoinho. Uma sugestão de prateado nas raízes mostrava que provavelmente ela teria de voltar ao cabeleireiro em breve.

Era impossível dizer se ela tinha sido atacada por trás enquanto trabalhava, ou assassinada depois de uma discussão. Mas não era muito provável, nesses escritórios vazios, que alguém tivesse chegado de surpresa perto dela, sem que ela tivesse ouvido alguma coisa e se virado para ver quem era. Isto é, a não ser que estivesse tão mergulhada no que estava fazendo...

Inclinei-me para frente e li o nome do documento na tela: BJELLAND.DOC

– Ai, não acredito – disse comigo mesmo.

Trond Furebø voltou.

– Eles estão vindo – disse gravemente. – Informei o editor, também.

– Desde que você não tenha passado a informação para outros jornais...

Ele me olhou contrariado.

– Sinto muito, não quis dizer isso... desse jeito.

– Você a conhecia, Veum?

– Conhecia. Éramos... velhos amigos.

A porta que dava para os escritórios da Redação se abriu bruscamente, e

Skagestøl entrou.

– Não consigo acreditar no que acabei de ouvir. Não pode ser verdade!

Não respondemos, mas o observamos enquanto ele via a prova com seus próprios olhos. Ficou ali, em frente a Laila, com uma expressão que espelhava algumas das minhas próprias emoções: fúria, impotência, e um choque difícil de ser captado.

– Não pode ser verdade! – Olhou em torno impotente. – Aqui? Aqui nestes escritórios? – Virou-se para mim. – Do que se trata, Veum? Tinha alguma coisa a ver com... Torild?

– Não sei. – Olhei para Trond Furebø:

– Em que caso ela estava trabalhando? Estou dizendo hoje, mais cedo.

– Um caso de proteção à criança. Era seu assunto preferido. Se alguma vez ela ouvisse falar sobre uma criança que estivesse sofrendo, ia para o trabalho possesca e não descansava enquanto não soubesse a verdade. – Olhou para ela envergonhado, como se sentisse que tinha feito alguma coisa errada. – O que... o que você acha que pode ter acontecido?

– Alguém foi um pouco duro demais com ela – eu disse com mau humor. – Será que ela não concordava com o departamento sobre escancarar tudo na primeira página?

– Veum! – exclamou Skagestøl, seguido por Furebø, que disse:

– Acho que não estou gostando do seu tom de voz.

– Não, existe alguma coisa em relação a mortes súbitas que me faz perder o tato e dizer coisas estúpidas. Simplesmente não consigo evitar.

Skagestøl olhou para o pescoço curto de Laila. – Era uma repórter de primeira linha. Nunca desistia até ter chegado ao fim do caso, e o material que ela entregava era incrivelmente bem estudado.

Ao ouvir vozes altas no corredor, todos olhamos para a porta, por onde entravam Atle Helleve, Peder Isachsen, e um policial uniformizado.

Helleve me cumprimentou rápido.

– Conteí ao Muus. Ele vem de bicicleta.

– Isso deve ser um colírio para os olhos. – Ih, lá estava eu de novo.

Isachsen me olhou furioso:

– A que devemos o prazer desta vez?

Ignorei-o e me virei para Helleve:

– Laila Mongstad. Repórter. Falei com ela pelo telefone há pouquíssimo tempo. Quando cheguei aqui, o homem na recepção tentou localizá-la, mas não houve resposta. Furebø me acompanhou até aqui em cima, e nós... encontramos ela assim.

Furebø confirmou com a cabeça.

– E sobre o que você conversou com ela, Veum?

Apontei a tela do computador:

– Sobre aquele homem ali.

Ele coçou a barba e se inclinou para frente. Depois concordou taciturno.

Isachsen lia sobre seu ombro:

– Quem? Birger Bjelland?

– Você acha que pode haver alguma ligação? – perguntou Helleve.

– Eu não descartaria a hipótese.

Helleve olhou para Furebø.

– Dá pra conseguir um impresso do documento?

– Claro. Posso...

– Mas de preferência de um dos outros computadores – disse Helleve, interrompendo-o. – Primeiro precisamos que este seja checado pra impressões digitais.

– Tudo bem – disse Furebø, olhando para Skagestøl.

– Mas oficialmente temos que esperar até que o editor chegue aqui... e deixar que ele tome a decisão.

Helleve concordou.

– Primeiro cheque a tecla Delete – eu disse.

– Você está dizendo que quem quer que tenha feito isto pode ter tentado apagar alguma coisa?

– É.

– Helleve! – foi o grito repentino, vindo do corredor. Era outro policial uniformizado que tinha chegado. – Uma das janelas que dá para o pátio dos fundos está escancarada, e há pegadas na neve!

Helleve foi até a janela mais próxima.

– Como é que vocês sairiam dali?

Furebø olhou para ele, pensativo.

– Pelo nosso portão dos fundos, mas ele é muito seguro e está protegido contra pessoas que tentem escalá-lo. Depois tem o prédio de Ciências Sociais da Universidade e o Colégio St Paul.

– As pegadas vão para aquele lado – disse o policial, apontando para o norte.

– Então parece ser o St. Paul – disse Skagestøl. – Se você for ágil, é possível subir até o pátio por lá.

– Subir? – perguntei.

– É. É mais difícil entrar neste lugar à noite do que *sair*!

Helleve tornou a interromper. – Então, você acha que quem quer que tenha feito isso deve ter ido naquela direção também?

Skagestøl olhou para ele perplexo.

– Hã? Olhe, eu não tenho a menor ideia!

O inspetor voltou-se para o policial.

– Você deu uma boa olhada nas pegadas?

– Pareciam ser só de uma pessoa. Um conjunto vindo para dentro, e outro de volta para fora.

Helleve olhou para Skagestøl, que murmurou:

– É, isso é mais ou menos o que eu queria dizer.

O detetive fez sinal para que o outro policial se aproximasse.

– Você pode dizer aos carros patrulhas para darem uma checada em qualquer coisa que se mova nas redondezas? Principalmente em direção a Nygårdshøyden, eu acho. É mais fácil escapar por ali – ele acrescentou, como se um de nós tivesse lhe pedido uma explicação.

Depois, ele tornou a se voltar para o primeiro policial.

– Desça e isole as janelas e a área em torno até que a gente tenha feito todas as investigações técnicas necessárias.

O policial bateu continência, virou-se e saiu em direção à porta, onde Isachsen passava por sérias dificuldades, tentando manter a equipe de plantão

da Redação a certa distância.

– Precisamos investigar totalmente a cena do crime, antes de deixarmos pessoas não autorizadas chegarem perto.

– Não autorizadas! – ressoou a voz de Bjørn Brevik. – Isto é caso de notícia, e aconteceu dentro das próprias paredes deste jornal. Aqui *nós* dizemos o que se passa!

– Sobre meu cadáver – retorquiu Isachsen.

– Espere só até o Muus chegar aqui – murmurou Helleve. – Vai comer ele vivo.

Furebø limpou a garganta.

– Vou dar uma palavrinha com ele.

– Você não precisa mais de mim? – perguntou Skagestøl.

– Não – disse Helleve brevemente. – Mas não deixe as dependências até termos registrado quem estava aqui quando isso aconteceu.

– Mas existe realmente alguma necessidade...? – Skagestøl olhou para a janela e para o pátio dos fundos.

– Existe – respondeu Helleve ainda mais secamente.

Skagestøl olhou irritado em minha direção, antes de sair, como que para sugerir que, sem dúvida, era tudo culpa minha.

– Bom, com certeza ele não fez isso pessoalmente – eu disse.

Helleve olhou para mim:

– Quem?

– Bjelland! Ele sempre arruma alguém pra fazer seu trabalho sujo. Mas se você achar quem fez isso vai poder prendê-lo sem problemas desta vez.

Ele ficou ali, com o bloco de anotações na mão.

– Quer esperar até que o Muus chegue aqui, ou você já disse tudo o que tinha pra dizer por enquanto, Veum?

– Você anotou tudo?

– Anotei.

Olhei para a janela. Podia ouvir a batida distante dos tambores de guerra. A mãe dor de cabeça estava chegando.

– Nesse caso, acho que vou pra casa. Você sabe onde me encontrar se alguma coisa surgir de repente.

– Ok, dispensado – disse Helleve e se virou para Laila Mongstad.

Dei uma última olhada nela. Mas não era assim que eu queria me lembrar dela. Queria me lembrar dela como a promessa que uma vez tive nos braços, os olhos calorosos, o grande sorriso, os lábios macios. Queria me lembrar dela como quando era viva, não uma casca vazia. Queria me lembrar dela.

Mas no fim das contas, não saí ileso.

Encontrei Muus no corredor, com o médico da polícia nos seus calcanhares.

– Veum – ele bradou a poucos metros de distância. – Por que você não relaxa um pouco? Espere até que eu me aposente, pelo amor de Deus! Não arrume nem mais um desses pra gente! Quantas vezes vou ter que pedir?

– Taí uma coisa que preferia não ter encontrado, Muus.

– Aplique neste homem uma injeção de fluido para embalsamar – ele disse para o médico, enquanto passavam por mim.

– Funciona para dores de cabeça? – perguntei, mas nenhum deles se deu ao trabalho de responder.

Desci pelo elevador, entreguei meu crachá na recepção, e fui adequadamente dispensado sob o olhar intenso de um policial cuidadoso.

Uma vez lá fora, parei e enchi os pulmões seguida e profundamente.

Tinha parado de nevar. Do outro lado da rua, a Sala de Concertos Grieg parecia mais do que nunca um navio encalhado. Por detrás do prédio, Fløifjellet, Vidden e Ulriken se erguiam como picos de merengue polvilhados com açúcar de confeitiro. A antena de televisão do Ulriken pertencia à mesma família da Sala de Concertos: um foguete que nunca tinha sido disparado, um monumento a um programa espacial com o qual ninguém pôde arcar.

Neve nova com pistas frescas.

Fiquei pensando...

Mas não o suficiente para me impedir de subir a colina, entrar no carro, engolir dois comprimidos para dor de cabeça e voltar para casa.

Estacionei na parte mais íngreme da Blekeveien, feliz por ter encontrado um lugar entre dois outros carros.

Do lado de fora da entrada principal, fiquei mexendo um pouco com as chaves. Talvez fosse por isso que não reparei neles até que estivessem do meu lado. Kenneth Persen agarrou o meu braço, torcendo-o nas costas numa pegada policial. Fred segurou alguma coisa pontuda e gelada contra o meu pescoço, rosnando:

– Um pouco atrasado, não é, Veum? Estávamos começando a pensar que você não ia aparecer.

– O que vocês querem?

– Te convidar pra uma voltinha de carro – disse Fred.

– Seu último passeio – acrescentou Kenneth, dando uma torcida extra no meu braço, de graça, e me fazendo encolher de dor.

Quarenta e oito

– Bem vindo ao Hotel de Curta Temporada – ouvi a voz de Birger Bjelland dizer, enquanto seus dois capangas me soltavam e me mandavam voando de cabeça para o empoeirado chão de concreto. A forte lanterna que ele tinha apontada diretamente para o meu rosto me cegava tanto, que era impossível ver mais do que a sua silhueta.

Virei-me parcialmente.

Fred e Kenneth Persen brilharam suas próprias lanternas nos meus olhos. Estavam em pé, um de cada lado atrás de mim, de tal maneira que me vi no meio de algo semelhante a um triângulo equilátero. Não havia dúvida sobre quem estava no controle da situação.

Tinham me colocado no chão, na parte de trás do carro, mas não fomos longe, e quando eles me levaram do carro para o prédio abandonado da fábrica, eu vi onde estávamos: num distrito industrial em Sandviken, logo na beira do mar, atrás de uma alta cerca de arame, e em alguma coisa que parecia um canteiro de obras, desconsiderando os restos enferrujados de roldanas, guindastes e torres de controle. As janelas do andar térreo da grande construção branco-acinzentada estavam seguramente tampadas com madeiras. Mais acima, buracos negros se abriam onde as janelas haviam sido arrebetadas.

– Vocês checaram se ele está grampeado? – perguntou Birger Bjelland. – Não tem nenhum microfone em nenhum lugar?

– Não – murmurou Fred atrás de mim.

– Façam isso, então!

Kenneth manteve distância, enquanto Fred me revistava com um zelo que sugeria que aquilo o deixava excitado.

– Sai dessa – falei entre dentes. – Você não tem nenhuma chance comigo, você sabe.

– Cale a boca ou eu tiro pra fora! – ele sibilou de volta. Alto, ele falou:

– Ele está limpo, Birger! – Depois se afastou.

A adrenalina bombando nas minhas veias era como um fluxo de maré interior, uma espécie de tontura, quase uma excitação. Senti um leve gosto residual dos comprimidos para dor de cabeça mesclado a alguma coisa nova e azeda, vinda direta do estômago.

Virei o rosto devagar em direção a Bjelland.

– O que você quer?

– Achei que você estivesse interessado em ouvir meus planos, Veum. – Embora ainda soasse tão hipócrita como sempre, aquela era, não obstante, a voz de alguém pronto a me excomungar ou me banir diretamente para o inferno.

– Que planos?

Ele girou a lanterna. O raio varreu as paredes, a escada de concreto que servia o prédio, e as marcas deixadas no chão por uma maquinaria desmantelada, antes de terminar novamente no meu rosto.

– Meus planos hoteleiros. Pensei que tivesse ouvido sobre eles. Achei que podíamos chamá-lo ‘Hotel Beira-Mar’. Vai ser um senhor hotel, juro a você. Uma vista para o Byfjorden, uma piscina interna na cobertura com portas de vidro deslizantes, que podem ser abertas para formar um solário elegante quando o tempo estiver bom...

– Só por uma diária?

– Suítes de luxo e quartos comuns, um restaurante com pista de dança e uma ala *gourmet*, um espaço para jogos no subsolo, tudo na legalidade, é claro...

– É claro.

– Mas não vamos começar os trabalhos até conseguirmos o financiamento, uma licença para servir bebidas alcoólicas, e um respaldo de todos os órgãos locais.

– Não existem problemas pra você quando dá pra pagar *por baixo do pano*.

– Está ficando cada vez mais difícil com você andando pela cidade todo santo dia, espalhando merda a meu respeito!

– Ah, então é sobre isso que você quer conversar!

O cone de luz recomeçou a balançar.

– Todo santo dia em que essa maldita biboca fica vazia, eu perco dinheiro.

– A maioria das pessoas investe mal de vez em quando. Alguns mais do que outros, é claro.

Ele chegou mais perto e a luz ficou mais desagradável.

– Toda vez que você fala mal de mim pra polícia, fica um pouco mais difícil que recomendem a liberação de uma licença pra bebidas alcoólicas. E eu consigo saber quando você vai até lá, Veum, não se preocupe!

– O Isachsen não faz parte da sua gangue de pôquer?

– Cada vez que sai alguma merda a meu respeito nos jornais, fica mais difícil conseguir crédito dos órgãos de financiamento do governo.

– Mas você pode se livrar dos repórteres, não pode? – Como não houvesse reação da parte dele, acrescentei:

– Em todo caso, pensei que você mesmo estivesse no ramo dos financiamentos, cobrando juros muito mais altos do que os joelhos que você costuma estraçalhar quando os empréstimos não são pagos.

– Vamos, continue falando, Veum, de qualquer modo ninguém mais vai ouvir você.

– Ah, não? Não tenha tanta certeza quanto a isso! Você já ouviu falar em cartas, não ouviu?

Depois de uma pequena pausa, ele disse:

– E pra quem você escreveu? Para Sua Majestade?

– Uma coisa que você pode ter certeza é que, se alguma coisa me acontecer, elas vão parar nas pessoas certas.

– Se alguma coisa te acontecer? Não posso ser responsabilizado pelo que possa acontecer quando você tiver saído para caminhar numa noite escura de inverno.

– Colocando em outros termos, Bjelland, você agora é responsável *mesmo*. Porque seja qual for a merda que me acontecer, e quem seja o merda que faça isso, vão colocar a culpa direto na *sua* porta. Portanto, você vai ter que tomar conta de mim de agora em diante.

Houve um claro toque de dúvida na sua voz, então.

– E o que essa carta supostamente contém, Veum?

– Um relatório detalhado, de A a Z. Quer ouvir a versão curta?

Não havendo resposta, considerei como um “sim”.

– Por exemplo, ela se refere à operação que você montou em torno do Jimmy's e do Hotel Pastel. Como você recruta as garotas, como elas funcionam, quem são os clientes...

– Você não sabe porra nenhuma sobre isso, Veum!

– Tem certeza disso? Sei bastante. Sei tudo sobre a sua “lista segura”. Você mesmo estava no telefone quando eu estava conversando com o doutor Evensen. Conversei com Robert, no Hotel Pastel, com o Kalle Persen, no Jimmy's... mas, mais importante do que isso tudo, existem garotas loucas pra falar. Garotas que já estão saturadas, principalmente por causa do que você fez com a Torild Skagestøl. Você as deixou apavoradas.

– Eu... Nós não fizemos porra nenhuma com a Torild Skagestøl.

– Ah, não? Tem certeza?

Espontaneamente, ele baixou a voz.

– Por que diabos você acha que nós fomos tão longe pra camuflar a morte?

– É, e como chofer você escolheu um iniciante que fraquejou muito antes que alguém chegasse a *pensar* em dar uma checada nele!

– Aquele maldito idiota não vai durar muito.

– Ah, não? Você vai cuidar disso, né?

Novamente, ele preferiu ficar calado.

– Então, quem fez isso? Um cliente? Todos vocês devem saber com quem ela estava naquela noite?

Ainda nenhuma resposta.

– Ou será que um dos seus asseclas, como um desses *supermen* atrás de mim, era o cliente, matou a garota, e deixou que outros limpassem a bagunça? Em quem você confia mais? No Fred, que não tem sobrenome? Ou em outros? Um pistoleiro contratado em Oslo, talvez? Um favor comum entre colegas?

– Por que raios eu ia querer ela morta? Se o que você diz é verdade, ela era uma fonte de renda pra mim!

– Porque ela era HIV-positivo, mas ainda estava na lista segura, uma fonte em potencial de infecção e um maldito problema pra toda a organização.

– Isso é tudo bobagem, Veum. Se essa é toda munição que você tem nessa

sua chamada carta, então...

– Ah, não, tem mais, Bjelland. Quer ouvir?

Nenhuma resposta.

– Seu problema, no que diz respeito à polícia, e também à imprensa de certa maneira, é que eles nunca encontraram nada em que pudessem pôr o dedo. Você compra e vende, vai à falência e começa de novo, hotéis, bares, flipperamas, e daí por diante. Todo mundo sabe que você está bem no topo do mercado de dinheiro sujo nesta cidade, com taxas de juros que você *poderia* escrever a Sua Majestade a respeito, mas até agora ninguém conseguiu desencavar alguma merda de verdade sobre você. Até agora.

O silêncio, agora, era mais ameaçador.

Dava para ouvir suas solas indo para frente e para trás, os cascalhos esmagados sob elas, soando como dentes quebrando contra uma calçada à meia-noite, durante uma noite na cidade.

– Aliás, sua mãe mandou lembranças, Bjelland. E sua irmã também. E talvez mais algumas pessoas com quem eu conversei por lá.

– Você esteve em Stavanger? – ele perguntou, como se fosse parecido com escalar o Everest.

– Não leva muito tempo – respondi. – Meia hora de avião, e você está lá.

– Então, que diabo você conseguiu da minha mãe?

– É óbvio que você sabe que ela foi testemunha.

– Testemunha? Do quê? – Confuso, sua fala passou para uma entonação típica de Stavanger.

– Ou será que ela nunca lhe contou isso?

Ele se recompôs, e a entonação de Stavanger desapareceu.

– Do quê, eu perguntei.

– Do que você fez com o Roger Hansen, naquela vez no lago Mosvanet. Ou você se esqueceu disso?

O silêncio se estendeu entre nós como um rastilho de pólvora. Só era preciso uma faísca para acendê-lo.

Quando ele tornou a falar, foi tão baixo que mal era audível.

– Foi um azar, um acidente, e mesmo que não fosse, esse caso é tão antigo

que já criou cabelo...

– Pode ser. Mas ainda é um fator agravante. E quanto a Ragnar Hillevåg, e a bala perdida no Acampamento Militar de Evjemoen? Aquele caso também criou cabelos, imagino?

Ele continuou a falar no mesmo tom baixo, com um subtom gutural:

– Estou percebendo que você foi bem a fundo.

– Eu poderia escrever um livro completo sobre você, Bjelland. Mas preferi um relatório de quatro ou cinco páginas. Além dessas outras coisas...

– Que outras coisas? Já disse que não tive nada a ver com a Torild Skagestøl!

– E quanto a Brandt?

– O juiz? Ah, ele...

– Sim? Ele morreu enquanto estava com uma das suas garotas, não foi? Ou seu bando também o atacou porque ele era a fonte da infecção por HIV?

– Brandt? Não me faça rir!

– E por último, tem a Laila Mongstad, que talvez estivesse à beira de uma descoberta na investigação que ela e seu jornal estavam conduzindo há meses nas suas atividades...

– A puta daquela repórter? O que tem ela?

– Como você disse, o que tem ela, Bjelland? Aquilo era *mesmo* necessário?

– Não vim aqui pra resolver charadas, Veum!

– Não, você disse isso. Mas agora eu vi esse seu hotel. Você me contou seus planos, e eu também lhe contei algumas coisas. – Um golpe gelado de vento entrou pelo meu pescoço. – E agora?

Ele mexeu o corpo, mas o raio poderoso da lanterna continuou em cheio no meu rosto. Sua voz estava rascante.

– Como eu disse, Veum, não posso assumir responsabilidade pelo que acontece quando você sai pra uma caminhada noturna.

– Mas a carta, Bjelland, você está se esquecendo da *carta*!

– Já atravessei muitas tempestades. Meu advogado vai resolver esta também.

O raio agora veio do meu lado. Fiquei imobilizado pela luz.

É claro que eu podia tentar pular para um lado, mas eu estava cego. Eles tornariam a me agarrar com a maior facilidade.

Estavam indo em direção à porta, agora. Virei-me lentamente seguindo a luz.

Sentia-me intimamente inseguro. O que eles estavam tramando fazer?

A porta abriu-se, entrando uma rajada de ar fresco. Apesar do fato de que os penetrantes raios ainda estavam brilhando no meu rosto, pude vê-los então: três silhuetas na porta.

– Está se sentindo sozinho, Veum? – gritou Bjelland.

Agora era a minha vez de não responder.

– Não se preocupe. Um de nós vai ficar. Alguém que está morto de vontade de ver você de novo. Tanto que ele mesmo disse isso!

Uma gargalhada rouca acompanhou-os enquanto saíam. A porta bateu, e ouvi a tranca pesada sendo puxada por fora.

Subitamente, já não havia luz nos meus olhos. Cego, dei alguns passos para o lado. Em algum lugar por perto, ouvi um som.

Quarenta e nove

Debrucei-me, tirei meus sapatos, e saí rapidamente só com meias. Depois parei, prendi a respiração, enquanto massageava cuidadosamente os olhos, tentando apagar a imagem de dois discos brancos na retina.

Parei e ouvi.

De onde havia vindo o som, e o que eu tinha realmente ouvido?

Será que ele tinha uma lanterna como os outros, que estava prestes a acender? Ou estava contando há muito tempo com sua vantagem para executar a sentença, tanto que tudo estaria terminado antes que eu pudesse voltar a enxergar direito?

Será que eu deveria tentar fazê-lo desistir disso?

Mas minha voz não trairia a minha posição?

Tentei me lembrar do jeito do lugar, do que eu pudera entrever à luz da lanterna de Bjelland. Ele estivera em pé por ali, e a escada que dava para os andares superiores se encontravam a dez ou quinze metros atrás dele.

Mas será que tinha corrimão? Ou era apenas uma grande escada aberta?

Com o quê ele estaria pensando em me matar? Uma arma de fogo? Com a arma que lhe dera o apelido? Ou com os próprios punhos?

Ouvi novamente um leve som, um movimento no escuro.

Instintivamente me afastei do som. Tentei sair furtivamente, mas o esmagar do cascalho no chão de concreto traía minha posição.

Escancarei os olhos e respirei o mais calmo que pude. Exatamente quando senti que começava a perceber algumas sombras à minha volta, ficou mais escuro. Repentinamente, ouvi o som de passos pesados muito perto. Automaticamente me abaixei, e me joguei para um lado.

Ele praguejou consigo mesmo, enquanto passava inseguro por mim. Corri na ponta dos pés em direção de onde pensei que a escada estivesse. Um dos meus pés raspou em alguma coisa dura e pontuda... um prego?, levando com ele o objeto de onde se projetava.

Debrucei-me rapidamente, peguei em algo que parecia ser um pedaço de tábua, e corri os dedos sobre crostas de cimento seco até achar o prego. Fui em frente novamente.

– Veum! – ele gritou atrás de mim. – Você não tem chance, Veum! – Ele estava certo. Seu sotaque era de algum lugar fora da cidade.

Também não dei a ele nenhuma chance extra. Fiquei quieto.

Tinha chegado à escada, agora. Meus pés tocavam o primeiro degrau. Movi a mão esquerda, procurando a parede.

Ali...

Com o cotovelo contra a parede, subi a escada até a primeira virada, depois em direção à direita, até dar com outra parede. Depois, novamente à direita.

Lá embaixo, ouvi passos pesados nos degraus.

– Você não vai escapar, seu puto! Agora eu te pego!

Eu estava no primeiro andar. De uma janela alta, um raio fraco de luz incidia num grande cômodo vazio. Logo na entrada, havia um grande tambor de metal. Coloquei o pé contra ele e empurrei. Com uma estridência colossal, ele caiu e rolou para o cômodo abaixo.

Coberto pelo barulho, continuei a subir.

Consegui o efeito desejado. Confuso, ele parou à porta, ouvindo o som do tambor que rolava.

– Veum! Saia! Posso ver você! – ele gritou.

Mas eu não apareci. Não para ele. Já estava no segundo andar, e agora podia ver onde me achava.

Ali estavam as grandes janelas quebradas, expostas à noite. O ar marinho vinha ao meu encontro pelo longo corredor que dava para pequenos cômodos individuais, naquilo que, provavelmente, tinha sido uma ala administrativa da fábrica.

Percorri o corredor, e parei, olhando à minha volta.

Ele devia ter mudado de tática. Agora, eu já não o ouvia.

Fui até o final do corredor, onde uma vidraça inteira de vidro jateado temperado escondia a vista. *Com certeza tem que haver alguma escada dos fundos em algum lugar.*

De repente, lá estava ele no alto da escada, uma sombra enorme na penumbra. Percebi alguma coisa em uma de suas mãos. Na outra, estava pendurada uma...

Ele respirava pesadamente.

...corrente de bicicleta?

Ficamos ali nos encarando como dois boxeadores, cada um num canto do ringue, mantidos à distância por nosso mútuo medo um do outro.

Senti-me profundamente vulnerável, ali, com meus pés com meias, e nada para me defender a não ser um patético pedaço de madeira com um prego pontudo nela.

– Fim da linha, Veum.

– Literalmente. Não podemos dizer que terminou empatado? Aí a gente pode se separar e continuar bons amigos.

– Quando, porra, nós chegamos a ser bons amigos?

– Bom, você pode ser...

– Todos os anos em que estive preso, fiquei louco por este momento, quando nós dois nos encontrássemos de novo, num quarto escuro, com nada pra fazer a não ser acertar velhas rixas.

– Não tenho nada pendente...

– Mas eu tenho! – Ele se aproximou um pouco.

Segurei a tábua com firmeza.

– Então você também fazia parte desta armação, Canivete?

– Não participei de nenhuma merda de armação! Voltei a Bergen pra viver. Mas antes que eu possa ficar mesmo à vontade aqui, tenho que me livrar de uma coisa, um rato que precisa ser exterminado, e se trata de... – Ele acenou a mão para mim, chacoalhando a corrente de bicicleta.

Levantei a tábua.

– Você não devia acreditar em tudo que os caras dizem. Esta cidade é mais do que suficientemente grande pra nós dois.

– Pra mim é tarde demais, Veum.

– Talvez seja. É uma pena que sua pontaria não estivesse melhor ontem à noite.

– É mesmo?

– E o mesmo serve pro seu filho! Ele vai ser preso por cumplicidade!

– Ninguém nunca vai ver a ligação!

– Ah, não? Muus está sabendo sobre a carta de ameaça! E o que vai acontecer quando eles encontrarem suas impressões digitais naquele caminhão que você roubou?

– Bjelland me prometeu um álibi. Ele...

– ...é especialista em coisas do tipo há muito tempo. É, eu sei disso, obrigado.

Repentinamente, do nada, ele avançou. Balançou a corrente no ar na minha frente, enquanto segurava o canivete no alto, ao lado, numa posição mortal, com a ponta levantada para cima.

Protegi-me com a tábua. A corrente ficou presa nela, e dei uma puxada brusca, tentando fazer com que ele perdesse o equilíbrio. Só consegui um parcial sucesso.

Fui em frente, tentando rodeá-lo. Ele puxou a corrente de volta, e então *eu* perdi o equilíbrio. O canivete brilhou, agarrei no batente de porta mais próximo, me segurei e fui atirado de lado no cômodo.

Uma lufada gelada de ar marinho me atingiu. Chocado, percebi que o escritório não tinha parede de fundo. Parei e fiquei ali balançando, tomado por súbita vertigem. Virei-me lentamente.

Ele estava parado na entrada, mostrando os dentes num simulacro de sorriso.

– Agora você caiu na armadilha!

Podia ver seu rosto claramente, agora. Usava o mesmo gorro azul-marinho da noite em que o reconheci na rua C. Sundts. Suas feições eram exatamente as mesmas, pesadas como em 1975, apenas mais tensas e mais marcadas, como uma máscara de borracha descartada como lixo. Seu cabelo batidinho estava completamente branco. Seus olhos tinham um ar febril, como se tivesse tomado alguma coisa, a não ser que fosse apenas um reflexo de sua vida louca.

O cômodo parecia uma longa cela estreita. Ele veio em minha direção passo a passo, segurando suas armas longe do corpo: o canivete numa das mãos, a corrente na outra.

Agora, tudo que importava era a sobrevivência.

Tentei golpeá-lo com o pé na virilha, mas perdi, chutando o interior da sua coxa. Mas foi o bastante para fazê-lo perder o equilíbrio, e ele caiu, primeiro contra a parede, depois na minha direção. Desesperado, bati a tábua na mão que segurava a corrente.

O grito me disse que eu tinha feito um gol.

Ao passar por mim tropeçando, ele jogou o braço para trás com tanta força, que a tábua escapou das minhas mãos.

Por alguns absurdos segundos, ficamos ali balançando, o rosto dele contorcido de dor, e o canivete balançando em sua mão sadia. Na outra, ele ainda segurava a corrente. A tábua com o prego estava caída entre nós. Por um instante, me perguntei se conseguiria alcançá-la.

Depois, quase que num reflexo, dei dois rápidos passos para frente e desferi um chute seco em sua barriga, fazendo com que caísse para trás. Imediatamente, me arrependi amargamente do que fiz.

Ele levantou os braços por um ou dois segundos, tentando se agarrar desesperadamente à sua volta. Depois, mergulhou para trás, através da abertura da parede.

Nossos olhos se encontraram num milésimo de segundo, e eu soube, sem sombra de dúvida, que aquele olhar me perseguiria pelo resto da vida.

– Ve...! – ele tentou gritar.

Confuso, estendi a mão, mas era tarde demais. Ele tinha ido. O grito longo se silenciou abruptamente.

Por um bom tempo, fiquei simplesmente ali. Depois, fui lentamente até a abertura na parede, segurei firme, estendi a cabeça, e olhei para baixo.

Ele estava deitado de costas no píer em frente à fábrica, imóvel.

A roda tinha completado o círculo. O aviso fúnebre fora exato. Só o nome estava errado.

Achei o caminho de volta para o final da escada, mas levei algum tempo para encontrar os sapatos. Depois, foram necessários apenas dez minutos para

passar por uma das janelas quebradas do primeiro andar.

Contornei o prédio até chegar ao píer. Harry Hopsland estava ali, deitado, com a parte de trás do crânio esmagada, e uma mistura de sangue e miolos como um halo tosco ao redor de sua cabeça. Seus olhos estavam vidrados e desfocados, como se estivesse no tribunal, ouvindo a primeira de uma longa lista de acusações que estavam sendo lidas para ele. Não havia necessidade de me apressar em chamar uma ambulância. Ele tinha chegado a seu destino.

Vaguei até a Hellevelen, antes de conseguir achar um táxi. O motorista me deu uma rápida olhada, quando lhe pedi que me levasse à delegacia.

Lá, encontrei um inspetor chamado Paulsen, que eu já conhecia de passagem. Tinha a barba feita, cabelo castanho claro, e não era totalmente desprovido de humanidade.

Quando lhe contei sobre Harry Hopsland, ele imediatamente chamou uma ambulância, e pediu que enviassem um carro de polícia. Quando lhe contei sobre Birger Bjelland, foi a última gota.

– Vou ter que ligar pro Muus pra falar disso – ele disse.

– Você acha que eu posso voltar amanhã pra dar queixa?

Ele me olhou preocupado.

– Precisa de ajuda?

– Não, mas seria ótimo ter uma boa noite de sono. – Escrevi um número de telefone em um bloco. – Você me encontra neste número aqui.

Ele concordou.

– Ok. Tenho certeza de que não tem problema. A gente sabe onde achar você.

– É? Gostaria de poder dizer o mesmo.

Depois, fui para o endereço do número de telefone que tinha anotado. Toquei a campainha antes de entrar.

Cinquenta

– A gente precisa mesmo parar de se encontrar deste jeito – ela disse na manhã seguinte, debruçando-se sobre o meu lado da cama, e percorrendo os dedos nas cicatrizes do meu rosto.

Fiz uma careta.

– Estou falando sério! – ela disse. – Num desses dias, vão me chamar pra remover seus restos do chão.

– Desde que você não perca nenhum deles – eu retruquei, tentando mudar de assunto.

– Não tem graça!

Corri a ponta da língua sobre meus lábios secos.

– Podemos fazer um café?

– Mas não adianta tentar incutir algum bom senso em você! Você é exatamente como... – Ficou quieta, mas eu sabia o que ela quase soltara: *exatamente como a Siren*.

– Aquela repórter que foi assassinada. Você a conhecia muito bem, não conhecia?

– Não tão bem assim.

– Você sabe, eles sabem quem fez isso?

Olhei para o lado. Será que sabíamos mesmo?

– Se acabar tendo sido por minha culpa que ela... Terão sido duas mortes em um dia, sob a minha responsabilidade. – Olhei para ela, desconfortável. – Acho que já sinto o peso delas nos ombros.

A luz do lado de fora de suas janelas era forte e branca. A temperatura tinha, repentinamente, subido um pouco, e a camada de neve da noite anterior havia derretido. Pelas janelas abertas do quarto de dormir, podia-se ouvir o piado dos passarinhos vindo das árvores do jardim da velha escola, e havia uma inconfundível sensação de primavera no ar. Fevereiro chegava ao final.

Março estava virando a esquina, cheio de expectativas, como uma garota a caminho de seu primeiro encontro.

Além disso, era sábado, e podíamos estender o café da manhã o quanto quiséssemos. Fizemos ovos com bacon, fatiamos alguns tomates e deixamos que crepitassem um pouco na gordura, antes de nos servimos. Tomamos leite semidesnatado com café, comemos fatias de pão com mel e geleia de rosa-mosqueta, dividimos o jornal de sábado em dois, e o lemos com tanto vagar que quase parecia estarmos procurando alguma coisa bem extraordinária, um código escondido no texto.

Laila Mongstad era novamente dona da primeira página, mas desta vez sem sua assinatura. Nem mesmo revelaram seu nome. Por enquanto, o caso estava sendo associado ao que eles chamavam “um assalto às dependências do jornal, à noite”. Ainda era cedo demais para concluir se tinha sido um puro azar que um “jornalista do turno da noite” fosse vítima do assassino, ou se o ataque visava pessoalmente a este jornalista.

Tudo o que achei sobre o outro caso foi um pequeno anúncio em uma única coluna, que dizia:

Homem encontrado morto em Sandviken

Um homem dos seus 50 anos foi encontrado morto ontem, tarde da noite, vítima de um acidente num sítio industrial em Sandviken. O falecido já era conhecido da polícia. O oficial de plantão, inspetor Arvid Paulsen, não quis comentar sobre a morte, limitando-se a dizer que serão efetuadas as investigações de praxe.

Karin me empurrou sua parte do jornal sobre a mesa, dizendo:

– Tem um anúncio aqui daquele juiz.

– É?

Virei a página e li:



Meu amado marido, nosso querido pai, avô e irmão

HERMANN CHRISTOFFER BRANDT

deixou repentinamente a vida hoje.

Bergen, 12 de fevereiro

Tora,

Elisabeth – Lars, Henning – Live

Ole-Petter, Terje, Anne,

Elisabeth, Bro Therese,

Hugo Andreas

Não mandem flores. Funeral privado.

– Tora, disse quase comigo mesmo. – T de Tora.

Ela me olhou sobre a caneca de café. – Do que você está falando?

– Ah, só estou pensando alto.

Depois do café da manhã, tomei uma longa chuveirada morna enquanto Karin saía para comprar mais jornais. Nos tabloides de Oslo, a morte de Laila tivera cobertura completa, inclusive com o seu nome. Eles também haviam desencavado uma foto dela de dez anos atrás de um anuário da Associação de Imprensa. Um dos jornais trazia uma entrevista completa com “um colega do plantão noturno”, Bjørn Brevik, que disse que não se poderia descartar uma possível ligação entre o assassinato e o fato de Laila ter andado trabalhando intensamente, há diversos meses, na revelação do que ele se referia como “o submundo de Bergen”. O editor do jornal não ia fazer comentário nenhum sobre a morte, além de dizer que a havia achado “chocante e altamente lamentável”.

A morte em Sandviken não foi mencionada em nenhum dos jornais.

Já passava da uma quando ligaram da delegacia.

– Veum? Muus. Prendemos Birger Bjelland. Você acha que daria pra vir aqui fazer um depoimento completo?

– Agora? Imediatamente?

– Alguma razão pra adiar?

Enderecei um olhar de desculpas a Karin, murmurando:

– Não, acho que não.

Meia hora depois, cheguei à delegacia, onde Muus me encontrou como se tivesse recebido a Real Ordem do Mérito Dourada. Na verdade, nunca me lembro de tê-lo visto de tão bom humor.

– Desta vez a gente o pegou, Veum!

– Tomara.

Acompanhei-o até sua sala, onde Atle Helleve lia um jornal, enquanto esperava.

– Você também não tem sábados de folga? – brinquei.

Com um suspiro, ele dobrou o jornal.

– Longe da multidão insensata num dia como hoje? Improvável!

– Minha nossa, um policial que lê – acrescentei.

– A gente vem em todas as formas e tamanhos, sabia?

Muus pareceu ligeiramente atrapalhado por alguns instantes, mas logo se recobrou.

– Não vamos perder tempo. Sente-se Veum, e vamos aos detalhes.

E foi isso exatamente o que fizemos.

Percorri, novamente, tudo o que havia desencavado sobre a operação de Birger Bjelland, a lista segura, Jimmy's e o Hotel Pastel, o doutor Evensen e outros capangas de Bjelland. Dessa vez, acrescentei o que tinha descoberto em Stavanger, pelo menos para colorir o seu passado.

Helleve tomava nota. Não era apenas um homem lido, mas também um ás no teclado.

Quando cheguei aos acontecimentos do dia anterior, eles realmente começaram a ouvir com interesse. A luta com o Canivete reativou uma lembrança do velho Muus. Ele se inclinou para frente, mostrou os dentes e disse:

– Isso soa como o que o pessoal da lei normalmente chama de “homicídio culposo”, Veum...

– Foi *autodefesa* – eu disse.

– ...ainda mais considerando a história que vocês dois tiveram... estou dizendo, entre vocês.

– Bom, se vamos considerar toda a história de vida deles – Helleve começou a dizer.

Muus interrompeu-o:

– Por outro lado... seria um inferno de trabalho burocrático. – Ele olhou par o círculo mágico vermelho no calendário de parede.

Acompanhei seus olhos. Depois, olhei a data no meu relógio digital: 27 de fevereiro.

– Bom, puxa vida, Muus! Parabéns! Esse é, será que este é mesmo o seu último dia?

Ele me olhou de um jeito equívoco.

– Em princípio é, Veum, mas acho que vai ter uma boa papelada pra lidar na próxima semana, como hora extra, digamos assim. Em outras palavras, acho que podemos agradecer por ver o Canivete fora, mas... – Reclinou-se ligeiramente para o lado e me fixou os olhos. –... se alguma vez eu ouvir que você está metido em qualquer coisa parecida com esta de novo, Veum, vou voltar da aposentadoria, mesmo que já esteja do outro lado, certo?

Aquiesci, sem grande certeza do quanto deveria me mostrar agradecido.

– Mas... E o assassinato de Laila Mongstad? Vocês já descobriram alguma coisa?

– Nada definitivo ainda.

– E a causa da morte?

Muus deixou que seus olhos repousassem em mim por um tempo, antes de se decidir a responder:

– Um golpe contundente atrás da cabeça que deve ter levado ela a nocaute. Depois, ela foi estrangulada.

Um arrepio me percorreu. *Uma pancada na cabeça e estrangulada... O pescoço que eu tinha...*

Muus continuou:

– Estamos investigando o bando de Birger Bjelland por isto também, começando com o documento que estava no computador dela. Mas por enquanto estamos mantendo a mente aberta.

– Foi como um Piccadilly Circus por lá, já tarde, de acordo com o registro do recepcionista – disse Helleve.

– É, encontrei uma das visitantes.

– Quem?

– Sidsel Skagestøl.

– Isso bate. Ela esteve lá, mas saiu de mãos vazias. A mulher e a filha de Furebø apareceram...

– É mesmo? Quando?

– Pouco antes de você. Tinham ido ao cinema, e passaram por lá pra ver se ele estava pronto pra voltar pra casa com elas.

Meio perdido em pensamento, eu disse:

– Foi uma coisa que ela disse quando telefonou...

– Quem?

– Laila Mongstad. No fim das contas, não era Hallstein Grindheim.

– Grindheim? O político? – Muus interrompeu. – Então quem era?

– Era exatamente isso que ela ia me contar. Foi por isso que me pediu pra ir até lá.

– Então, que diabos ela queria dizer?

– Ela estava investigando um caso, e Grindheim... Ela tinha identificado o Grindheim por causa de uma foto do carro dele.

Muus olhou para Helleve.

– Nós não apanhamos um envelope com fotos lá?

– Apanhamos. Estão sob sete chaves. Vou buscá-las.

Enquanto ele saía, Muus me olhou inquisitivamente.

– Grindheim, Grindheim... Tinha a ver com o mesmo caso, Veum?

– Tinha, mas como ela disse, não era ele...

– Não, como ela disse... mas ela está morta, não está?

– Me diga, Muus, você acha que tem mesmo tempo pra se aposentar?

– Não me tente, Veum, não me tente...

Helleve voltou com as fotos. Reconheci-as de imediato, e as percorri

rapidamente até achar a certa. Coloquei-a em cima da mesa na frente deles, e mostrei.

– O número de registro do carro.

– Você acha que ela poderia ter se enganado? – perguntou Muus.

– Se foi pelo número da placa que Grindheim foi identificado, então... O número oito, por exemplo, está tão pouco claro que *poderia* ser um três – disse Helleve.

Olhei para eles.

– Podemos dar uma checada? Comparar com os números de registro?

Helleve já tinha as mãos sobre o teclado, e os olhos na tela.

– Mas aqui só tem Bergen e o condado de Hordaland. Mas era um número de Bergen, não era?

Assenti.

Ele digitou alguns códigos antes do próprio número e ficou esperando, enquanto o computador buscava uma resposta.

Quando o número veio à tela, ele ficou ali, olhando, sem fala.

– E? – perguntou Muus impaciente, começando a se levantar da cadeira. – Quem era?

– Holger Skagestøl – disse Atle Helleve, virando-se cansado para nos olhar, com a expressão de alguém que já viu de tudo.

Cinquenta e um

– Nós mesmos vamos lidar com esta parte do caso – disse Dankert Muus, me olhando incisivo.

Concordei com delicadeza.

– Você nem tinha que me dizer isso.

Muus olhou para Helleve:

– Você sabe onde ele mora?

Helleve procurou entre os seus papéis.

– Ele alugou um apartamento num porão de um colega do jornal... em Bone.

– Então vamos dar uma olhada, quanto antes melhor.

– Nós sabemos o que vamos dizer?

– Bom, pense em alguma coisa.

Levantei-me.

– Tenha um bom dia, Muus. Pelo resto da sua vida.

– Sem você, Veum – ele disse, com um sorriso de êxtase. – Sem você.

No carro, a caminho de Årstadvollen, eu tinha tanta coisa na cabeça, que me sentia completamente confuso. *Holger Skagestøl como cliente de prostitutas, nos mesmos moldes que... Mas como isso se encaixava, e o que tinha a ver com todo o resto? Será que ele, por um mal-entendido, tinha pagado pelos serviços da própria filha? E nesse caso, será que ele... Então, afinal de contas, não tinha sido Birger Bjelland e seus cúmplices? Será que Helge Hagavik estava certo: tinha sido um cliente?*

Ao chegar a Fløenbakken, não virei à direita, continuei em direção ao sul.

Passei pelo edifício em Mannsverk sem parar, e no alto da Birkelundsbakken virei à direita.

Olhei para o relógio: 3h45 numa tarde de sábado.

Será que alguém na família Furebø estava esperando pelos resultados da loteria de futebol?

Estacionei o carro atrás da Mercedes branca, na entrada de carros.

Quem veio até a porta foi Randi Furebø, que apareceu tão imaculada quanto sempre. Desta vez, vestia uma saia cinza simples, com um colete preto na altura da cintura.

Lutou para controlar a expressão do rosto, ao ver quem estava à porta.

– Sinto muito incomodá-la – eu disse –, mas realmente preciso dar umas duas palavrinhas com a Åsa mais uma vez.

– Duas palavrinhas? – ela repetiu, cética.

E de certo modo estava certa. Provavelmente, eu precisaria mais do que duas palavrinhas.

– Ela está em casa?

Ela aquiesceu e me abriu passagem passivamente.

– Está no quarto dela.

– Tudo bem se eu conversar com ela lá?

– Tudo bem...

Lá de cima, ouvi a voz de Trond Furebø:

– Quem é, Randi?

– É... – Ela teve que levantar a voz:

– Veum.

Furebø já estava descendo a escada.

– E que raios ele quer?

– Preciso dar duas palavrinhas com a Åsa – repeti.

Ele estava usando uma espécie de agasalho de um material brilhante azul-escuro, meio aberto. Por baixo, vestia uma camiseta branca com as palavras:

– Corrida de Bergen – e os nomes de alguns grandes patrocinadores.

– Não, a não ser que a gente esteja presente! – ele disse rispidamente.

Lancei um olhar enviesado para sua esposa.

– Se vocês acham que é uma boa ideia...

– Queremos saber tudo! – ela disse rapidamente, parecendo estar à beira das lágrimas. – Agora é inútil esconder alguma coisa.

Furebø fez um movimento abrupto com a cabeça.

– Vamos subir. Você pode buscá-la, Randi?

Ela concordou e eu segui Furebø até a espaçosa sala de visitas. Eu estava certo. A TV estava ligada e Furebø já tinha se instalado numa cadeira confortável, com as apostas, uma garrafa de cerveja, e uma tigela de batatas fritas. Agora, ele deu meia-volta na cadeira, diminuiu o volume, e me olhou com uma expressão irritada.

– Isso é mesmo necessário numa tarde de sábado, Veum?

Suspirei.

– Não, se eu pudesse evitar.

– Quem, diabo, pode evitar, então? Nosso Pai que está no Céu?

– Os dois que você já mencionou.

Åsa e sua mãe desceram a escada. Åsa parecia uma criança emburrada, e a mãe alguém a caminho do eterno martírio.

– Oi, Åsa – eu disse, numa nova tentativa de manter o tom leve. Não estava fácil.

Ela simplesmente fez uma careta, mas não disse nada.

Randi olhou para o marido.

– Faço um café?

Furebø balançou a cabeça, duro.

– Se ele quiser, toma uma cerveja.

– Ele está dirigindo, então ele vai preferir uma Clausthaler – eu disse.

Randi concordou e foi para a cozinha.

– Veum diz que tem umas perguntas pra você, Åsa – disse Furebø.

Ela olhou em minha direção, mas sem realmente me olhar no rosto. Vestia um jeans azul-claro e uma blusa branca, comprida. Parecia que tinha acabado

de lavar o cabelo, porque as pontas ainda estavam molhadas. A única coisa que conflitava era a expressão dura e fechada que tinha no rosto.

– Gostaria de conversar um pouco, mais uma vez, sobre o dia em que Torild desapareceu... e sobre o dia seguinte – comecei cautelosamente.

– O dia seguinte?

– Sexta-feira.

Ela olhou para o pai.

– Eu fiquei de castigo em casa de sexta-feira em diante.

Randi voltou da cozinha com um copo e uma garrafa aberta de Clausthaler numa bandeja branca.

– Bom, não de castigo – ela disse. – É porque estávamos preocupados com você, Åsa!

Ela me olhou pálida, colocando a bandeja na mesa ao meu lado.

– Não tínhamos ideia do que poderia ter acontecido!

– Não... obrigado – eu disse, eu mesmo me servindo de cerveja sem álcool. – E desde quando você ficou de castigo?

– Desde a hora que cheguei em casa, vinda da cidade. Não tinha escola naquele dia.

– Só à tarde, ouvimos que Torild não tinha voltado pra casa – acrescentou a mãe.

Furebø limpou a garganta.

– Ouça, Veum, qual é o motivo disso, afinal?

Mantive os olhos em Åsa.

– Um dia antes, você e Torild estavam no Jimmy's quando ela recebeu uma ligação, não estavam?

Ela se remexeu na cadeira.

– Não estavam? – perguntei novamente.

– Estávamos.

– Você sabia onde ela estava indo, não sabia?

– Não sabia, não sabia? Como é que eu ia saber?

– Você mesma recebeu ligações como aquela algumas vezes, não recebeu?

– Veum! – Agora era a vez de a mãe reagir:

– O que você está insinuando? Isto está indo longe demais...

– Olhe só pra ela! Ela está corando com... – Parei a tempo e me voltei para falar com Åsa num tom bem mais gentil:

– Você podia ganhar dinheiro com isso, não podia? Muito mais do que poderia esperar conseguir em casa, por mais que você insistisse pra que eles subissem a sua mesada.

Furebø bateu o copo.

– Você está tentando...? Como é que você se atreve a vir aqui...

– Foram a Torild e a Astrid que... Só fui lá com elas – disse Åsa debilmente. – Não sou desse tipo.

– Mas elas eram?

Ela concordou.

– Elas usavam drogas, não usavam?

– Não. Só experimentaram.

– Comprimidos?

– Helge arrumou algumas coisas da Inglaterra, algumas pílulas que deveriam dar, fazer você, mesmo quando você...

Ela olhou seguida e alternadamente para o pai e para a mãe.

– Mesmo quando você... – repeti.

– Mesmo quando você fazia sozinho! – ela explodiu.

Olhei rapidamente para Furebø.

– Ecstasy.

– O que é isso? – vociferou sua mulher irritada.

– Comprimidos que supostamente aumentam a libido, pelo menos é o que afirmam. Especialmente populares nas chamadas *raves*. Aqui em Bergen elas não têm acontecido muito, mas em Oslo já existem há alguns anos. – Amargo, acrescentei:

– Mas não aumenta o desejo sexual, Åsa! Essa droga só vai deixá-la confusa, agitada, e tão dopada... No exterior houve vários assassinatos sob a influência de coisas como essa. Então, provavelmente não vai demorar muito pra que tenhamos a primeira por aqui. Se é que isso já não aconteceu.

– Talvez tenha sido *isso* que aquele satanista tomou? – perguntou Randi debilmente, como que para mudar de assunto.

Olhei para ela cético, com um sorriso de lado, não querendo lhe dar muita esperança.

– No dia seguinte, sexta-feira, você estava novamente no Jimmy’s. Mas nem a Astrid, nem a Torild estavam lá. Foi por isso que você disse que faria?

– Eu não sou assim! Não dava pra eu saber!

– Mas eles a tentaram com a promessa de um bom dinheiro, né?

Ela olhou para baixo, depois para os lados, para o teto, para todo lugar menos para os pais.

– Não me diga que foi sua primeira vez!

– Não, claro que não! Eu já tinha feito antes. Mas eu não era desse tipo! Não vivia fazendo isso! Tentei ficar fora disso! – Por fim, ela olhou para os pais:

– Vocês entendem?

Randi ficou simplesmente ali, olhando para ela, pálida e sem vida como uma boneca de cera. Furebø estava lívido. Seu cabelo prateado já não lhe caía bem. Seu ar de garoto desaparecera. Ele parecia ter envelhecido dez anos nos últimos cinco minutos.

– Entender? – ele murmurou. – Como é que se pode “entender” uma coisa dessas? Sua própria filha.

– Åsa! – a mãe gemeu como se estivesse com dor, e a dor lhe tivesse sido infligida pela filha.

– Era você quem estava com o juiz Brandt quando ele morreu, não era?

Ela confirmou com um gesto de cabeça. Ainda se debatia para se agarrar à sua máscara.

– Eles encontraram um frasco de comprimidos no banheiro. Você os tomou pra ficar mais fácil passar por aquilo?

A barreira se rompeu e ela desabou, chorando descontroladamente. Lágrimas jorravam dos seus olhos e narinas, enquanto ela soluçava:

– Ele... Ele era repulsivo! O velho porco! Estava com roupas íntimas femininas, e queria... eu tive que tirar a roupa e colocar uma coisa que ele tinha trazido, de couro e botas militares, e, e uma espécie de chicote, e ele me

fez... ele engatinhava em círculos pelo chão, e eu tinha que chutar e chicotear ele, e no final ele queria... ele deitou de costas com as pernas pra cima, como um bebê, e tinha uma abertura na... era pra eu sentar em cima dele e fazer xixi nele!

A mãe soltou um grito de susto. O pai fechou a boca com tal força que seu maxilar estalou.

– Mas eu não consegui!

– Pelo menos isso! – exclamou a mãe, como se valesse apenas apreender até mesmo a menor fresta de luz.

– E como se isso não bastasse, ele, ele teve algum problema, uma espécie de ataque, e foi isso!

– Você quer dizer que ele morreu.

– É! Na hora eu não sabia disso, mas eu...

– E o que você fez? Pediu ajuda?

– Eu... – Ela balançou a cabeça. – Tirei aquelas roupas horríveis, coloquei as minhas de volta, e dei no pé...

– Pra onde?

– Voltei no Jimmy's e contei pra eles...

– Contou pra quem?

– Kalle e Helge! Eles... eles me levaram pro quarto dos fundos e me disseram pra não me preocupar, disseram que eu deveria esquecer aquilo, e que eles cuidariam de tudo. Depois, eles telefonaram pra alguém, e eu... eu vim pra casa.

– Você veio pra casa – eu disse com pouca convicção –, e ficou de castigo?

Ela fez que sim.

– Sem dizer uma palavra sobre o caso?

– Você não acha que eu ia dizer alguma coisa... – Ela tornou a desviar o olhar. – Sobre aquilo?

– Mas mesmo assim você ficou de castigo.

Randi abriu a boca e tornou a fechar.

Olhei para ela:

– Por quê?

Ela fez um gesto vago e olhou para o marido.

– Bom... Nós não sabíamos o que tinha acontecido com a Torild...

– É, é verdade. Mas mesmo assim, vocês dois não confiavam nela?

– Confiar em Åsa? Você acha que haveria alguma razão pra isso, depois do que ouviu hoje? – Ela voltou a olhar para o marido, como que esperando que ele dissesse alguma coisa.

Mas Furebø apenas olhava para a filha como se ela fosse uma total estranha que tivesse forçado a sua atenção e exigisse ser levada a sério.

– Aquele episódio com a jaqueta de couro...

Furebø olhou para mim e falou bruscamente:

– É. Qual o problema?

– Não estou vendo a ligação.

– Não teve qualquer ligação! Esta... minha filha, que está bem à sua frente, eu quase disse, roubou ela. Eu insisti que ela teria que levar de volta e...

– Mas a gerente tinha certeza de que ela foi comprada e paga.

– Certeza? Ela era uma estúpida completa! Fazia semanas que isso tinha acontecido, como é que ela podia ter tanta certeza?

– Semanas? Fui lá na última quarta-feira pela primeira vez, e naquela ocasião...

– E daí?

Virei-me para Åsa:

– Qual é a sua versão da história?

– Sobre a jaqueta de couro?

– É.

– Ela... – Ela tornou a dar uma rápida olhada no pai. – O que ele diz é verdade. Eu tinha roubado ela.

Olhei para ela com delicadeza.

– Ouça... Todo o resto está em pratos limpos agora, Åsa. Eles *sabem* como você... ganhou um pouco de dinheiro extra. Será que você também não

pode admitir que *comprou* a jaqueta, como a senhora disse, com o dinheiro que ganhou... fazendo aquilo?

– É, mas... Foi só que o papai não tinha visto a jaqueta antes... no dia em que você...

Voltei a olhar para Furebø:

– Foi aí que você percebeu, ou pelo menos suspeitou, no que Åsa estava metida?

– Foi, eu...

Sua mulher lhe lançou um olhar severo.

– Você não me disse nada sobre isso!

– Não, eu não queria que você...

– Mas mesmo assim ela ficou de castigo desde sexta-feira, cinco dias antes.

– E?

Ambos me olharam querendo uma resposta. Até mesmo Åsa concentrou sua atenção em alguma coisa além de sua própria consciência pesada.

Eu não tinha desviado os olhos de Furebø.

– Não, não foi pelo desaparecimento da Torild, mas porque você sabia o motivo de ela ter desaparecido, e talvez até mesmo o que tinha acontecido com ela?

– O quê?

Randi olhou para o marido sem compreender.

– Trond? Do que ele está falando?

Inclinei-me para frente e o encarei. – Onde *você* estava quinta-feira à noite, Furebø?

– No trabalho, como sempre!

– Podemos checar isso. Não é completamente impossível que você também tenha ido para a cidade para uma pequena missão, não é?

– Saído para... Trond!

– A polícia está com Holger Skagestøl neste exato momento. Eles identificaram o carro por uma fotografia. Ele foi pego em flagrante como um cliente na área.

– Que carro?

– Holger! – Randi desviou o olhar do marido para mim. – Agora acho que estou ficando louca. Simplesmente não consigo imaginar Holger procurando uma... prostituta.

– Não consegue? E o seu marido, então?

– Veum! Isso não tem a menor justificativa – interrompeu Furebø.

– É mesmo? – Voltei minha atenção para ele. – Ah, tem. Holger Skagestøl me disse, como um exemplo do quanto vocês são bons amigos, que frequentemente vocês trocam carros, se o carro do outro estiver no conserto. Foi esse o caso numa noite de janeiro, quando você apanhou uma garota no carro dele? Era isto que Laila Mongstad tinha descoberto. Na verdade, pode ser que ela ainda pensasse que era Holger. Será que ela ligou pra você pra perguntar o que você achava? Você percebeu que se Holger fosse confrontado com essas acusações, ele mandaria a bola de volta pra você?

– Ela... Mas e o... Você está se esquecendo do arrombamento... vindo de fora.

– É a manobra mais fácil pra alguém que já esteja no prédio. Um conjunto de pegadas numa direção, outro em outra. Mas ninguém disse que as pegadas poderiam sair e voltar, e não da maneira que deveríamos pensar, para dentro e novamente para fora.

– Essas são acusações sem sentido.

– A polícia vai fazer com que tenham sentido.

– Então, presume-se que eu tenha...?

– Você sabia o que a Åsa, a Torild e as amigas delas estavam fazendo, porque como cliente você teve a Torild na mesma noite em que ela foi morta, e foi por isso que insistiu tanto em que a Åsa deveria ficar de castigo em casa a partir do dia seguinte. Mas não deu pra você impedir que ela fosse pra cidade pela manhã, porque ninguém ainda tinha a mínima ideia do que havia acontecido com a Torild. Mas a partir de segunda-feira você começou a buscá-la na escola, não é?

Agora, as expressões das duas mulheres eram muito diferentes. Åsa olhava para o pai com a mesma espécie de ingenuidade que ele tinha olhado para ela alguns minutos antes. Quanto a Randi, as lágrimas escorriam-lhe silenciosamente pelas faces.

– Trond... É, é verdade... Tudo o que ele diz se encaixa... Você não

estava em casa de jeito nenhum naquela noite. Havia uma espécie de inquietação em você no café da manhã do dia seguinte. Você não se lembra de eu ter perguntado se alguma coisa estava te incomodando no trabalho? Você ficou furioso quando soube que a Åsa tinha ido pra cidade naquele dia, e a partir de segunda-feira... tudo se encaixa!

Recostei-me um pouco na cadeira, tomei a cerveja, e olhei com expectativa para Trond Furebø.

Ele ficou ali, quase apático, lívido, os lábios estranhamente tortos, quase como uma vítima de derrame. Por fim, ele se virou para olhar para as duas mulheres, e disse com voz rouca:

– Vocês podem nos deixar a sós um pouquinho? Podem descer? Preciso conversar sobre isso com ele, sozinho.

Cinquenta e dois

As duas mulheres foram em direção à escada que dava para o térreo. Randi tentou colocar o braço em torno dos ombros da filha, mas Åsa a afastou com um olhar de viés irritado, como se fosse tudo culpa da mãe.

Furebø estendeu o olhar para elas, e não se voltou para mim até ouvir a porta lá de baixo se fechar à passagem delas.

O olhar que ele me deu foi estranhamente distante, como se estivesse no final de um longo corredor escuro, e só conseguisse me discernir na outra extremidade.

Quando, finalmente, falou, foi tão baixinho que tive que me inclinar para entender tudo. Contudo, não havia dúvida quanto à intensidade de sua voz.

– Ai, meu Deus, Veum, que preço um homem tem que pagar!

– Pelo quê? – perguntei calmamente.

– Por esta vida maldita! Por tentar abrir um pouco de espaço para respirar nesta sua vida, para ter manteiga no pão uma vez.

– Tem sido assim tão difícil pra você?

– Difícil? Você não tem a mínima de uma porra de uma ideia! Mas ficar julgando os outros, isso você faz bem!

Sacudi a cabeça lentamente:

– Eu nunca, pelo menos quase nunca, me coloquei julgando ninguém. Posso até aceitar a prostituição como uma circunstância, desde que sejam garotas adultas responsáveis. Mas não tenho tempo pra perder com cafetões que ganham um bom dinheiro – hah, hah! – “protegendo” elas, e também não tenho tempo pra perder com pessoas que comprem garotas que mal passaram da idade limite de emancipação sexual, querendo que elas façam coisas impensáveis com eles!

– Eu não as pegava pra... Tudo o que eu comprei foi simplesmente sexo seguro, pra compensar o que eu já não tinha nem a menor sombra aqui em casa!

– Simplesmente sexo seguro, é o que você chama. Não dá pra comprar amor, é isso?

– Amor? – ele disse com desprezo. – Isso é uma coisa que as meninas leem nas revistas, veem no cinema, ou ouvem nos discos. A realidade é muito diferente.

– A realidade é o pai da sua melhor amiga pagar pra ir pra cama com você... é assim que deve ser, de acordo com você?

Ele desviou o olhar.

– Você me interpretou mal, Veum!

– É mesmo? Então vamos ao que importa, concorda? Foi no Hotel Pastel, não foi?

Ele concordou.

– Eu não tinha muito tempo, no máximo duas horas, mas eu tinha reservado um quarto como eu...

– Costumava fazer?

– Não como eu costumava fazer! Mas como algumas vezes antes. Ela... A recepção me ligou para dizer que ela estava subindo. Quando ouvi uma batida na porta... foi um tremendo choque pra nós dois, mas é óbvio que numa cidade pequena como esta, não é tão pouco provável que um dia você acabe dando de cara com alguém que você conheça nessa prática, não é? Quero dizer, você conhece quem está por trás de todos os contatos das notícias que você vê nos jornais? Hein?

– Sei, e aí, o que aconteceu?

– Ela... Pra começo de conversa ela queria ir embora, mas eu a puxei pra dentro, fechei a porta, e a abracei bem apertado... “Tio!”, ela disse... Era assim que ela me chamava quando era pequena... Eu disse: Esqueça quem é, faça só o que você faz normalmente e eu te dou um extra, você pode ter qualquer coisa que quiser!

Ele examinou atentamente o meu rosto, como se estivesse em busca de alguma compreensão.

– Você tem que entender, era tão estranho... Era como se... – Ele olhou em direção à escada que dava lá pra baixo.

Dei uma força:

– Como se fosse sua própria filha que você...

– É! Ela disse: “Me deixe sair!” Mas eu disse: Você quer que eu conte pros seus pais? Ela ficou ali como uma estátua, enquanto eu tirava a roupa dela. Deitei-a na cama, tirei minhas próprias roupas, fiz com que ela me tocasse, enquanto eu beijava e acariciava ela, antes que eu... – ele apertou os lábios – ...fizesse sexo. Ela...

– E?

– Ela ficou ali, chorando debaixo de mim, foi... horrível.

– Vocês dois eram... Alguém me contou uma vez que a família Skagestøl e os Furebø eram tão próximos que era como se você fosse pai dos filhos deles e vice-versa. Vendo sob esta luz...

– É! Foi exatamente assim. Eu reconheço, foi uma excitação incrível. Mas fez com que eu sentisse uma espécie de autodesprezo que nunca tinha vivenciado antes.

– E aí...

– Aí... – As palavras custaram mais a sair. – Ela só chorou e chorou, e foi como se, como se eu precisasse esconder, destruir o rosto dela...

– E foi o que você fez ao...

– Peguei um travesseiro, cobri o rosto dela e... apertei... Ela resistiu, mas eu pensei: ela vai pôr a boca no mundo, vai contar para uma pessoa ou outra, pra mãe, pra Randi, pro Holger... Eu... Então eu apertei mais forte e mais forte, até ela finalmente ficar quieta... Você entende?

Senti uma dor aguda no peito, uma espécie de espasmo muscular.

– Entendo o que você está dizendo, mas eu... É, psicologicamente até posso entender por que você fez o que fez... Mas entender, entender de verdade, Furebø, implica em tanta coisa... Você não pode esperar que eu entenda. O que você precisa é de um padre, não de um detetive particular.

Ele fez um esforço pra se recompor, sentou-se direito e olhou em volta como que aliviado por estar tudo acabado.

– E depois disso... o que você fez?

Ele me olhou surpreso, como se achasse uma pergunta estúpida.

– Liguei pro bar, expliquei a situação pro Robert, contei que tinha acontecido... um acidente, e que obviamente eu estava disposto a pagar qualquer despesa extra que recaísse sobre o hotel... Ele disse que não havia absolutamente necessidade, que era um dos contratemplos daquele negócio...

Depois não ouvi mais nada sobre isso até que eu, bom... Você conhece o resto.

– E você não teve mais notícias deles?

Ele sacudiu a cabeça com firmeza:

– Nem uma palavra... – Ele parecia evasivo. – Mas eu... Devo confessar que também não esperava escapar disso sem uma punição. Existe um preço pra tudo – ele disse com um sorrisinho cínico, como se, apesar de tudo, tivesse realmente valido a pena.

Levantei-me.

– Bom... Imagino que seja melhor você ficar aqui até a polícia chegar. – Olhei para ele pensativamente. – Você descobrirá qual será o seu castigo na hora certa.

– Castigo?

– A primeira coisa que eles vão fazer é colher uma amostra de sangue.

Ele empalideceu.

– O que você está dizendo? Uma amostra de sangue?

– Bom... – Não entrei em detalhes. – Talvez você deva primeiro contar a Åsa e à sua mulher?

– Contar a elas *o quê*, pelo amor de Deus?

– Tudo, tudo que você puder.

Ele me lançou um olhar cansado.

– Você pode... Pode pedir pra elas subirem?

Fiz que sim. Antes de sair, dei uma última olhada nele. Encheu o copo de cerveja e se sentou na cadeira em frente à TV, onde o jogo de futebol tinha começado havia muito. Mas ele não aumentou o som, e agora não parecia muito interessado no resultado. Em todo caso, ia demorar muito até que ele desfrutasse de alguma vitória nas loterias.

Desci e bati na porta do cômodo onde Åsa e a mãe estavam sentadas, Åsa no sofá e a mãe em uma das cadeiras, ambas parecendo deprimidas e sem trocar uma palavra. No rádio, um programa de sábado discutia um livro que elas nunca leriam e em que, de qualquer modo, mal estavam interessadas.

– Ele quer conversar com vocês agora – eu disse, e elas se levantaram mecanicamente, como se fosse uma consulta com um ginecologista.

Ao passar por mim, Åsa disse bruscamente:

– Foi tudo culpa da Sigrun!

Olhei para ela.

– Sigrun Søvik? A chefe das Bandeirantes? O que você quer dizer? Porque ela surpreendeu vocês duas?

– Você sabia disso?

– Sabia. Ela me contou que pegou vocês duas em... Bom...

– Pegou a gente! A gente não estava fazendo nada de errado! Não somos desse tipo, a gente só queria, só estava examinando uma à outra, sentindo como é quando outra pessoa, onde é bom se uma pessoa... Ela contou *tudo* pra você? O que aconteceu depois também?

– Depois? Ela disse que deu uma bronca em vocês e colocou cada uma numa barraca.

– Só isso?

– Tem mais coisa?

– Ah, tem! Ela disse na nossa cara que ou ia contar pros nossos pais ou... Bom, ela ia ter que dar um castigo pra gente, ela disse, com um sorrisinho nojento!

Voltei a experimentar aquela estranha sensação de pontada no peito.

– E aí...

– Tivemos que ir até a barraca dela, primeiro a Torild e depois eu, e fazer a mesma coisa com ela que tínhamos feito com... enquanto ela... como castigo, certo?

Randi abriu e fechou a boca como um peixe.

– Puxa vida, Åsa! – Ela olhou para mim. – Dá pra acreditar que aconteça esse tipo de coisa?

Massageei o recalcitrante músculo do coração com os nós dos dedos.

– Então foi assim que vocês duas aprenderam a barganhar o corpo?

Ela me olhou em desafio, mas não disse mais nada.

Randi puxou com delicadeza a blusa da filha:

– Åsa... Acho que é melhor... – Ela olhou para cima.

Com um último olhar para Åsa, resmunguei:

– Vou indo.

Nenhuma delas me acompanhou até a porta, mas ficaram me olhando como que para ter certeza que eu ia mesmo embora, sem ter mais surpresas debaixo da manga.

Uma vez do lado de fora, dei de cara com Helleve e Muus. Muus me olhou como um trovão, como se estivesse prestes a gritar *Veeeeeeeeum!* Mas quando se lembrou de que dia era, pensou melhor, levantou as sobrancelhas e disse calmamente:

– Veum?

Tão calmo quanto consegui, falei:

– Ele confessou tudo. Tenho certeza de que pra você ele também vai.

Eles ficaram ali, olhando a casa.

– Furebø?

Confirmei:

– Furebø. – Depois, me virei para Helleve:

– Você não poderia mover seu carro só um pouquinho, pra eu poder sair?

No alto da Birkelundsbakken, Bergensdalen se abria na sua largura máxima. Era época da limpeza de primavera. A cidade precisava de uma limpeza em um banho cáustico de luz branca primaveril. Mas o problema com a primavera é que ela escancara todas as janelas dentro de você, inclusive as que você preferiria deixar fechadas para sempre.

Em Mannsverk, algumas garotas esperavam o ônibus, em pequenos grupos fechados, íntimos. O que elas pretendiam fazer? Onde estariam indo? Encontrar-se com um namorado da mesma classe, com o melhor amigo do pai, ou com um velho em roupas íntimas femininas, andando de gatinhas, e pedindo a elas que...?

Mas a vida é como a primavera, vem e vai. E de repente é outono e você vai morrer. Será que elas pensaram nisso por um instante, enquanto estavam lá rindo? Será?

Uma delas olhou para o meu carro e apontou. Outra me mostrou o dedo, enquanto uma terceira ficou com as mãos no bolso da jaqueta e me olhou pensativa, enquanto eu passava tão devagar quanto se estivesse a caminho de algum funeral, tão devagar quanto se um ou outro tivesse acabado de morrer.

Em Fløenbakken virei à esquerda. Não era outono. Ainda não.

Títulos da Vestígio

... ..

Sete dias em river falls | Alexis Aubenque

Algumas garotas escondem terríveis segredos...

Tradução: Fernando Scheibe

Meu primeiro assassinato | Leena Lehtolainen

Uma estreia de tirar o fôlego para Maria Kallio...

Tradução: Salma Saad

Os sete crimes de Roma | Guillaume Prévost

Roma, 1514. Leonardo da Vinci conduz a investigação...

Tradução: Fernando Scheibe

A fera interior | Lotte & Søren Hammer

Podemos fazer justiça com as próprias mãos?

Tradução: Márcia Guimarães

Estava escrito | Gunnar Staalesen

O que realmente sabemos sobre nossos filhos?

Tradução: Elisa Nazarian

na mente, o veneno | Andrea H. Japp

Diane Silver inicia sua caça ao serial killer...

Tradução: Vinicius Carneiro

vestido de noivo | Pierre Lemaitre

Ninguém está a salvo da loucura...

Tradução: Zéfere

Copyright © Gyldendal Norsk Forlag AS, 1995 [All rights reserved.]
This Portuguese edition is published by agreement with Gyldendal Norsk
Forlag AS and Vikings of Brazil Agência Literária e de Tradução Ltda.
Copyright da tradução © 2013 Editora Nemo/Vestígio

título original

Skriften på veggen

capa

Diogo Droschi (sobre imagem de Dennis Brekke)

tradução

Elisa Nazarian

preparação

Lizete Mercadante

revisão

Lúcia Assumpção

diagramação

Tristelune Production

Coleção dirigida por Arnaud Vin

Revisado conforme o Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa de 1990,
em vigor no Brasil desde janeiro de 2009.

Todos os direitos reservados pela Editora Nemo. Nenhuma parte desta publicação poderá ser reproduzida, seja por meios mecânicos, eletrônicos, seja via cópia xerográfica, sem a autorização prévia da Editora.

VESTÍGIO

Av. Paulista, 2.073, Conjunto Nacional, Horsa I, 23º andar,
Conj. 2301, Cerqueira César . São Paulo . SP .
cep 01311-940 Tel.: (55 11) 3034 4468

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil

Staalesen, Gunnar

Estava escrito / Gunnar Staalesen ; tradução Elisa Nazarian. — 1.
ed. — São Paulo: Vestígio, 2013.

Título original: Skriften på veggen

ISBN: 978-85-8286-005-2

1. Ficção norueguesa 2. Ficção policial e de mistério I. Título.

13-06378 CDD-839.823

Índices para catálogo sistemático:

1. Ficção policial e de mistério: Literatura
norueguesa 839.823